

F

de
Falcão



**Helen
Macdonald**



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



F de Falcão

Helen Macdonald

Tradução de Maria Carmelita Dias



Copyright © Helen Macdonald 2014

TÍTULO ORIGINAL
H is for Hawk

PREPARAÇÃO
Rodrigo Rosa

REVISÃO
Ulisses Teixeira
Juliana Souza

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
© Chris Wormell

ADAPTAÇÃO DE CAPA
ô de casa

REVISÃO DE EPUB
André Marinho

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-8057-921-5

Edição digital: 2016

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



Para minha família

PARTE I

- 1 Paciência
- 2 Perdida
- 3 Pequenos mundos
- 4 Sr. White
- 5 Segurando firme
- 6 A caixa de estrelas
- 7 Invisibilidade
- 8 No interior de um Rembrandt
- 9 O rito de passagem
- 10 Escuridão
- 11 Saindo de casa
- 12 Foras da lei
- 13 Alice, caindo
- 14 A linha
- 15 Por quem os guizos...
- 16 Chuva
- 17 Calor

PARTE II

- 18 Voando livre
- 19 Extinção
- 20 Esconderijo
- 21 Medo
- 22 Dia da Maçã
- 23 Homenagem
- 24 Drogas
- 25 Lugares mágicos
- 26 O voo do tempo
- 27 O novo mundo
- 28 Histórias de inverno
- 29 A chegada da primavera
- 30 A Terra em movimento

PÓS-ESCRITO

NOTAS

AGRADECIMENTOS

A quarenta e cinco minutos a nordeste de Cambridge existe uma paisagem que passei a amar de todo o coração. É o local onde o charco úmido dá lugar à areia seca. Uma área de pinheiros retorcidos, automóveis queimados, placas de sinalização de estrada salpicadas de marcas de tiros e bases da Força Aérea dos Estados Unidos. Há fantasmas aqui: ruínas de casas em quarteirões numerados. Há espaços construídos para ogivas nucleares em túmulos cobertos de grama por trás de cercas de três metros e meio, estúdios de tatuagem e campos de golfe da Força Aérea. Na primavera ouve-se vários barulhos desordenados: tráfego aéreo constante, armas de ar comprimido sobre plantações de ervilhas, cotovias pequenas e motores a jato. A região é chamada de Brecklands — *broken lands*, terras partidas — e era lá que eu me encontrava certa manhã, sete anos atrás, no início da primavera, em uma viagem que não tinha sido nada planejada. Às cinco da manhã, eu estava com os olhos fixos em um reflexo de luz de rua projetado no teto, escutando um casal bater papo na calçada do lado de fora de alguma festa. Sentia-me esquisita: exausta, esgotada, com uma sensação desagradável, como se meu cérebro tivesse sido removido e meu crânio preenchido com uma substância semelhante a papel-alumínio colocado no micro-ondas, esturricado, em curto-circuito, lançando centelhas. *Argh. Tenho que sair um pouco*, pensei, livrando-me das cobertas. *Sair!* Enfiei a calça jeans, as botas e um blusão, queimei a boca com café escaldante, e apenas quando meu velho e gélido Volkswagen e eu estávamos no meio da autoestrada A14 resolvi pensar para onde iria e por quê. Ao longe, além das faixas brancas e da cortina de nevoeiro, ficava a floresta. A floresta partida. Foi para lá que segui. Para ver os açores.

Sabia que seria difícil. Açores são difíceis. Alguma vez você viu um falcão capturar um pássaro no seu quintal? Eu nunca vi, mas sei que já aconteceu. Encontrei provas. Sobre as lajotas do pátio, algumas vezes, vi fragmentos minúsculos: uma pequena pata, como a de um inseto, de um pássaro canoro, firmemente apertada onde os tendões foram arrancados; ou — de maneira ainda mais repulsiva — um bico desarticulado, a parte superior ou inferior do bico de um pardal, um pequeno cone cor de prata, ligeiramente translúcido, com algumas penas pálidas dos maxilares grudadas. Mas talvez você tenha visto: talvez tenha dado uma espiada pela janela e visto lá, no gramado, um enorme falcão sanguinário assassinando um pombo, ou um melro, ou uma pega, e parece o maior e mais impressionante exemplo de brutalidade a que você já assistiu, como se alguém colocasse um leopardo-das-neves na sua cozinha e você o flagrasse comendo o gato. Pessoas já correram na minha direção no supermercado, ou na biblioteca, dizendo, com os olhos arregalados, *Vi um falcão pegar um pássaro no meu quintal hoje de manhã!* E estou pronta para abrir a boca e falar, *Gavião-da-europa!*, quando acertam eles prosseguem *Pesquisei no livro de aves. Era um açor.* Porém, nunca é; os livros não acertam. Quando está lutando com um pombo no seu gramado, um falcão se torna maior do que a vida, e as ilustrações dos livros de aves nunca são fiéis à memória. Esse é o gavião-da-europa. É cinzento, com a frente listrada em branco e preto, olhos amarelos

e uma longa cauda. O açor é parecido com ele. Também é cinzento, com a frente listrada em preto e branco, olhos amarelos e uma cauda longa. Você pensa: *Humm*. Você lê a descrição. Gavião-da-europa: de trinta a quarenta centímetros de comprimento. Açor: de cinquenta a sessenta centímetros. Pronto. Era imenso. Devia ser um açor. Parecem idênticos. Açores são maiores, só isso. Apenas maiores.

Não. Na vida real, açores se assemelham aos gaviões-da-europa da mesma proporção que leopardos se parecem com gatos domésticos. Maiores, sim. Mas também mais corpulentos, mais sanguinários, mais letais, mais assustadores e muito, muito mais difíceis de se encontrar. Aves de região de vastas florestas, não de jardins, eles são o graal negro dos observadores de aves. Você pode passar uma semana em uma floresta cheia de açores e jamais avistar um, apenas sinais de sua presença. Um sussurrar repentino, seguido pelos gritos de pássaros da mata aterrorizados, e uma sensação de algo se movimentando além do alcance da visão. Talvez você descubra um pombo semicomido esparramado em uma explosão de penas brancas no chão da mata. Ou você pode ter sorte: ao fazer um passeio durante um amanhecer nublado, você vira a cabeça e capta um vislumbre, em um milésimo de segundo, de uma ave se movendo, em uma velocidade estonteante, para longe, imensas patas providas de garras mantidas em um aperto suave, olhos fixos em um alvo distante. Um milésimo de segundo que grava a imagem de maneira indelével em seu cérebro e o deixa ávido, querendo mais. Procurar açores é como procurar um milagre: ele vem, mas não com frequência, e você não consegue definir quando ou como. Porém, há uma chance um tanto maior em manhãs claras e silenciosas do início da primavera, porque é nessa época que os açores escapam do mundo sob as árvores para se cortejarem a céu aberto. Eu tinha a esperança de ver exatamente isso.

★ ★ ★

Bati a porta enferrujada e saí munida de binóculos para atravessar uma floresta banhada de cinza com a geada. Partes daquela área haviam desaparecido desde minha última visita. Encontrei porções de terra devastada; longos terrenos desbastados e podados, com raízes retorcidas e folhas ressecadas espalhadas na areia. Clareiras. Era disso que eu precisava. Aos poucos meu cérebro foi reativando pontos que há meses não eram usados. Durante muito tempo, eu vivi em bibliotecas e salas de universidade, franzindo o cenho diante de telas, avaliando ensaios, procurando referências acadêmicas. Este era outro tipo de caçada. Aqui eu era um animal diferente. Alguma vez você já observou uma corça sair do esconderijo? Elas dão um passo, param e permanecem imóveis, focinho empinado, olhando e farejando. É possível que um estímulo nervoso contraia seus músculos. E então, com a certeza de que estão seguras, saem de trás da moita para pastar. Naquela manhã, eu me sentia como uma corça. Não que estivesse farejando, ou paralisada de medo, mas, como a corça, eu estava dominada por formas muito antigas e emocionais de me movimentar por uma paisagem, experimentando modos de atenção e postura além do controle consciente. Algo dentro de mim me impelia na maneira de caminhar, e onde fazê-lo, sem que me desse conta exatamente de o que era. Talvez fosse um milhão de anos de evolução, talvez fosse intuição, mas, em minha caçada ao açor, sinto-me tensa ao caminhar ou ficar parada na luz do sol, vejo-me, de forma inconsciente, me movimentando em direção à luz, ou deslizando para as sombras frias e estreitas ao longo dos amplos vãos entre os pinheiros. Hesito se ouço o grito de um gaio ou um corvejar raivoso, reverberante. Esses sons poderiam significar *Perigo, humano por perto!* ou *Perigo, açor por perto!* E, naquela manhã, eu tentava encontrar um ao esconder o outro. Essas antigas intuições espectrais que durante milênios ataram músculos e alma

tomaram o controle, cumprindo sua missão, deixando-me desconfortável sob a radiante luz solar, pouco à vontade no lado errado de um morro, de alguma forma precisando caminhar por cima de uma elevação descorada de relva para conseguir algo do outro lado, onde, afinal, havia um lago. Passarinhos se elevaram em nuvens da beira do lago: tentilhões-comuns, tentilhões-monteses, um bando de chapins de caudas longas que se empoleiravam nos galhos de salgueiros como cotonetes animados.

O lago era uma cratera provocada por uma bomba, uma das que foram lançadas por um bombardeiro alemão sobre Lakenheath durante a guerra. Era uma anomalia, um lago nas dunas, cercado por espessas moitas de carriço-da-areia a muitos, muitos quilômetros do mar. Balancei a cabeça. Era esquisito. Aqui é de fato muito esquisito, e caminhar pela floresta faz com que você se depare com todo tipo de coisas que não espera. Amplas extensões de musgo, por exemplo: estrelas pequeninas, florezinhas e traços de uma flora antiga crescendo em terra exaurida. Crespo sob os pés no verão, parece uma porção do ártico caída no mundo no lugar errado. Por toda parte, há saliências acentuadas e lâminas de pedras. Nas manhãs úmidas, você consegue pegar fragmentos talhados a partir de lascas de pedra dos artesãos da era neolítica, pequeninos flocos de pedra brilhando em finas superfícies de água fria. Esta região era o centro de uma indústria de lascas na Era Neolítica. E, mais tarde, ficou famosa pela criação de coelhos destinada a produção de carne e pele. Antigamente, coelheiras fechadas, gigantescas e delimitadas por cercas de plantas com espinhos se estendiam em frente à paisagem arenosa, batizando os locais da região — Coelheira Wangford, Coelheira Lakenheath —, mas os coelhos acabaram provocando um desastre. Ao se alimentarem da vegetação do local, assim como as ovelhas, reduziram o gramado baixo até ficar apenas uma crosta fina de raízes sobre a areia. Nos locais mais utilizados como pasto, a areia formou dunas e se espalhou pelo terreno. Em 1688, fortes ventos sudoeste levantaram a poeira do solo irregular. Uma vasta nuvem amarela ocultou o sol. Toneladas de terra se movimentaram, mudaram de lugar, se soltaram. Brandon ficou cercada de areia; Santon Downham foi tragada, o rio que ali corre, completamente obstruído. Quando a ventania cessou, as dunas se estendiam por quilômetros entre Brandon e Barton Mills. A região se tornou famosa pela extrema dificuldade de locomoção: com dunas fofas, escaldantes no verão e infestadas de salteadores à noite. Nossa *Árabis deserta* particular. John Evelyn descreveu-as como “Areias viajantes”¹ que “tanto danificavam o terreno, viajando de um lado para outro, como as Areias nos Desertos da Líbia, praticamente tomando conta de propriedades inteiras de alguns cavaleiros.”

Aqui estava eu, parada nas Areias Viajantes de Evelyn. A maior parte das dunas está escondida pelos pinheiros — a mata foi plantada na década de 1920 com o objetivo de nos fornecer madeira em guerras futuras — e os salteadores já desapareceram há muito. Mas o local ainda traz uma sensação de perigo, semienterrado, danificado. Eu o adoro porque, de todos os lugares que conheço na Inglaterra, este me parece o mais selvagem. Não se trata de uma natureza silvestre intocada, como o topo de uma montanha, mas uma natureza selvagem em ruínas, na qual as pessoas e a terra agiram juntas para torná-la singular, estranha. É uma região rica no sentido de uma história alternativa do interior; não somente os sonhos grandiosos e despretensiosos das propriedades rurais, mas uma história de indústria, silvicultura, desastre, comércio e trabalho. Eu não conseguiria pensar em um lugar melhor do que este para encontrar açores. Eles combinam com essa estranha paisagem de Breckland à perfeição, porque a história deles tem os mesmos ingredientes.

A história é fascinante. Antigamente, os açores viviam por toda parte nas Ilhas Britânicas. “Existem diversos tipos e tamanhos de açores”, escreveu Richard Blome em 1618, “diferentes em bondade, força e

vigor, de acordo com os vários *condados* em que habitam; mas nenhuma região propicia espécimes tão bons como aquelas da *Moscóvia*, *Noruega* e do norte da *Irlanda*, principalmente no condado de *Tyrone*.”² Porém, as qualidades dos açores foram esquecidas com o advento da lei dos cercamentos de terra, que restringiram a possibilidade de pessoas comuns caçarem com aves de rapina, bem como o surgimento de armas de fogo precisas, que colocaram a caçada com armas na moda, em detrimento da falcoaria. Os açores se tornaram animais nocivos, e não eram mais companheiros de caçadas. Passaram a ser perseguidos pelos couteiros, o que constituiu o tiro de misericórdia para uma população de açores já se debatendo contra a perda de seu hábitat. Por volta do final do século XIX, os açores da Grã-Bretanha estavam extintos. Tenho uma fotografia do cadáver empalhado de uma das últimas aves a serem abatidas; uma foto em preto e branco de uma ave proveniente de uma propriedade na Escócia, suja, empalhada, com os olhos vidrados. Acabaram-se todos.

No entanto, nas décadas de 1960 e 1970, os falcoeiros iniciaram um projeto silencioso, não oficial, para trazê-los de volta. O Clube Britânico de Falcoeiros se empenhou para que, pelo custo de importar um açor de outro país europeu para a prática da falcoaria, se conseguisse a permissão de trazer um segundo e libertá-lo. Compre um, liberte outro. Não era algo difícil de se fazer com uma ave tão autoconfiante e predadora como um açor. Era preciso apenas escolher uma área de mata e abrir a caixa. Falcoeiros com opiniões semelhantes começaram a fazer isso por toda a Grã-Bretanha. As aves vieram da Suécia, da Alemanha e da Finlândia: a maior parte delas era grande, pálida, oriunda de florestas boreais. Algumas foram soltas de propósito. Outras simplesmente se perderam. Sobreviveram, encontraram-se e procriaram, em segredo e com êxito. Hoje há cerca de quatrocentos e cinquenta casais de descendentes. Esquivos, espetaculares, inteiramente à vontade; a existência desses açores britânicos me deixa feliz. A presença deles mostra como é falso o pensamento de que a vida selvagem é sempre algo intocado por mãos e corações humanos. A vida selvagem pode ser obra de uma ação humana.

★ ★ ★

Eram oito e meia em ponto. Eu observava um pequeno rebento de arbusto brotando da relva, as folhas de um vermelho escuro como couro de porco. Levantei o olhar e então avistei meus açores. Lá estavam eles. Um casal, bem alto na abóbada celeste, no ar cada vez mais quente. Havia algo como um toque quente e plano na minha nuca, mas eu sentia cheiro de gelo ao ver aqueles açores voando. Senti o cheiro de gelo, de samambaias e de resina de pinheiro. Coquetel de açor. Eles planavam. Quando vistos no céu, os açores têm uma coloração cinzenta. Não um cinza da cor da ardósia ou de um pombo. Uma espécie de cinza cor de nuvem de chuva, e, apesar da distância, eu conseguia detectar o grande chumaço branco das penas sob a cauda, abertas em leque, com a cauda larga, firme, por trás, e aquelas soberbas curvas e dobras das rêmiges secundárias de um açor em voo, o que os diferencia totalmente dos gaviões-da-europa. Estavam sendo atacados por corvos e não se importavam, talvez pensassem *Deixa para lá*. Um corvo se arremessou rapidamente contra o macho, que ergueu uma asa para deixar a outra ave passar. O corvo não era estúpido, e não mergulhou por baixo do falcão por muito tempo. Esses açores não estavam se exibindo de maneira plena: não deram nenhum mergulho no ar, movimento sobre o qual eu havia lido nos livros. Porém, adoravam o espaço que formavam entre si, e o esculpavam em toda espécie de belos trajetos e linhas curvas concêntricas. Duas batidas de asas e o falcão macho se posicionava acima da fêmea, cortava

para a direção norte e depois deslizava para baixo, veloz, como uma faca cortando, um rabisco suave por baixo dela, e, então, ela baixava uma asa e os dois se elevavam para o céu de novo. O casal estava acima de uma aleia de pinheiros, logo ali. Em seguida, já tinham desaparecido. Em um minuto, minha dupla de açores desenhava linhas dignas de manuais de física no céu e, no minuto seguinte, não estava mais lá. Não me lembro de ter olhado para baixo ou de ter deixado de acompanhá-los. Talvez tenha piscado. Talvez fosse simples assim. E naquele mínimo intervalo de tempo em que o cérebro oculta a visão, eles mergulharam na direção da mata.

★ ★ ★

Sentei-me, cansada e satisfeita. Os açores foram embora, o céu estava vazio. O tempo passou. As ondas de luz ao meu redor se reduziam. O dia construía a si mesmo. Um gavião-da-europa, leve como um brinquedo de madeira balsa ou um lenço de papel, passou feito uma flecha na altura do meu joelho, ascendendo por cima do aglomerado de espinheiros e se afastando na direção das árvores. Eu o observei ir embora, perdida em meus pensamentos. Era uma recordação incandescente, irresistível. O ar emanava resina de pinheiro e odor acre de formiga vermelha. Eu sentia meus pequenos dedos de menina presos em uma corrente de plástico e o peso de um binóculo fabricado na Alemanha Oriental em volta do pescoço. Estava entediada. Tinha nove anos de idade. Meu pai estava de pé, perto de mim. Estávamos procurando gaviões-da-europa. Eles faziam o ninho por perto, e, naquela tarde de julho, tínhamos a esperança de conseguir uma visão que às vezes eles nos oferecem: uma ondulação submarina através dos topos dos pinheiros quando um deles passa rapidamente entre as árvores e se afasta; o vislumbrar de um olho amarelo; um peito listrado contra as folhas em movimento ou a rápida silhueta imprimindo uma sombra negra contra o céu de Surrey. Durante algum tempo foi emocionante encarar a escuridão entre as árvores e o laranja-sangue e o preto onde o sol esparramava sombras entrecortadas no meio dos pinheiros. Quando se tem nove anos, porém, esperar é difícil. Chutei a base da cerca com minhas galochas. Eu me contorci e me remexi. Suspirei. Pendurei-me na cerca pelos dedos. E então meu pai olhou para mim, meio irritado, meio entretido, e me explicou algo. Ensinou-me o que era *paciência*. Ele disse que era a coisa mais importante de todas para se lembrar, dessa maneira: quando você desejava mais do que tudo ver algo, às vezes tinha que ficar imóvel, parado no mesmo lugar, lembrar-se de quanto você queria aquilo, e ser paciente. Quando estou no trabalho, tirando fotografias para o jornal, disse ele, às vezes tenho que ficar sentado no carro durante horas, a fim de conseguir a foto que quero. Não posso me levantar para pegar uma xícara de chá, nem mesmo ir ao banheiro. Tenho que apenas ser paciente. Se você quer ver os falcões, também tem que ser paciente. Ele falou de forma séria e circunspecta, mas não irritada; o que ele fazia era comunicar uma Verdade dos adultos, mas concordei com a cabeça, amuada, e olhei para o chão. Soava como uma lição, não como um conselho, e não captei exatamente o que ele estava tentando me dizer.

Você aprende. Hoje, pensei, não mais aos nove anos e aborrecida, *fui paciente e os falcões apareceram*. Levantei-me devagar, as pernas um pouco dormentes por ficar estática durante tanto tempo, e percebi que estava segurando uma pequena quantidade de musgo em uma das mãos, um pouco daquele líquen verde-claro ramificado que consegue sobreviver praticamente a qualquer coisa no mundo. Trata-se de um manifesto genuíno de paciência. Mantenha o musgo no escuro, congele-o, resseque-o ao máximo e ele

não morre. Fica entorpecido e aguarda até que as coisas melhorem. Impressionante. Avaliei o peso da pequenina esfera ramificada na minha mão. Mal dava para sentir. Em um súbito impulso, guardei no bolso do casaco esta lembrança roubada do momento em que vi os falcões e voltei para casa. Coloquei-a em uma prateleira perto do telefone. Três semanas mais tarde, era para o musgo que eu estava olhando quando minha mãe telefonou e me contou que papai havia falecido.

Eu estava para sair de casa quando o telefone tocou. Atendi. Já pronta, chaves na mão.

— Alô?

Uma pausa. Minha mãe. Ela só precisou dizer uma frase. Foi essa:

— Recebi uma ligação do Hospital St. Thomas.

Então eu soube. Soube que meu pai tinha morrido. Soube que ele estava morto porque essa foi a frase que ela falou depois da pausa e usou uma voz que eu nunca ouvira antes. Morto. Eu estava no chão. Minhas pernas cederam, dobraram, e me sentei no tapete, o telefone pressionado contra a orelha direita, escutando minha mãe e fitando a pequena bola de musgo na estante de livros, incredivelmente leve, um emaranhado de caules cinzentos rígidos com pontas empoeiradas, afiadas, e espaços vazios que eram o ar entre eles, e mamãe estava dizendo que não havia nada que pudessem fazer no hospital, foi o coração, acho, nada pôde ser feito, você não precisa vir hoje à noite, não venha, é longe, e está tarde, e a viagem é muito longa e você não precisa vir. Claro que isso não fazia sentido; nenhuma de nós sabia que diabo poderia ou deveria ser feito, ou o que estava acontecendo, não sabíamos de nada a não ser que nós duas, e meu irmão também, todos nós estávamos nos agarrando a um mundo que já não existia mais.

Desliguei o telefone. As chaves ainda estavam na minha mão. No mundo que já não existia mais, eu ia sair para jantar com Christina, minha amiga australiana, filósofa, que estava lá comigo, sentada no sofá, quando o telefone tocou. Seu rosto claro me fitava. Conteí a ela o que acontecera. E insisti que fôssemos ao restaurante porque tínhamos reservado uma mesa, claro que deveríamos ir, e fomos, fizemos o pedido, a comida veio e eu não comi. O garçom ficou incomodado, queria saber se havia algo errado. Bem...

Acho que Christina contou para ele. Não me lembro vê-la fazendo isso, mas ele fez uma coisa extraordinária: desapareceu, e depois reapareceu na mesa com uma expressão bastante preocupada e um brownie de chocolate duplo com sorvete e um raminho de hortelã no topo, por conta da casa, polvilhado de chocolate em pó e açúcar de confeitiro. Em um prato preto. Fitei o prato. *Isso é ridículo*, pensei. E logo depois: *O que é isso?* Puxei o ramo de hortelã do sorvete, segurei-o, olhei para as duas pequenas folhas e seu minúsculo caule sujo de chocolate e pensei: *Isso não vai crescer de novo*. Tocada e perplexa pelo garçom pensar que bolo e sorvete de graça iriam me confortar, olhei para a extremidade cortada da hortelã. Lembrou-me de algo. Tentei recordar o que poderia ser. Então voltei três dias antes, em Hampshire, um jardim em um fim de semana radiante de março, assustada porque tinha visto papai com um corte horrroso no antebraço. *Você se machucou!*, eu disse. *Ah, isso*, ele retrucou, amarrando outra linha na cama elástica que estávamos construindo para minha sobrinha. *Aconteceu outro dia. Não consigo lembrar como. Em alguma coisa. Mas vai ficar tudo bem. Vai cicatrizar logo, já está sarando*. Isso foi quando o mundo antigo se inclinou, sussurrou uma despedida e acabou. Corri para a noite. Tinha que viajar de volta a Hampshire. Eu precisava ir *naquele momento*. Porque o corte não cicatrizaria. Não cicatrizaria.

Aqui está um sentimento. *Perda. Perda por luto. Privação. Bereavement*, palavra com origem no inglês arcaico *bereafian*, que significa “privar, tirar, confiscar, roubar”. Tirada. Roubada. Acontece com todo mundo. Mas você vive o luto solitariamente. Uma perda impactante não pode ser compartilhada, não importa quanto você tente. Imagine, eu disse na época a alguns amigos na franca tentativa de explicar, imagine sua família inteira em uma sala. Sim, todos eles. Todas as pessoas que você ama. Então, o que acontece é que alguém entra na sala e dá um soco no estômago de cada um. Em todos. Muito forte. Então vocês caem no chão. Certo? O que acontece é o seguinte: vocês compartilham o mesmo tipo de dor, exatamente o mesmo, mas estão ocupados demais experimentando uma agonia total para sentir qualquer outra coisa além de completa solidão. É *assim!* Terminei meu pequeno discurso de forma triunfal, convencida de ter encontrado a maneira *perfeita* de explicar como me sentia. Fiquei confusa com os rostos piedosos, horrorizados, porque não me ocorreu de maneira nenhuma que um exemplo que colocava as famílias dos meus amigos juntas em salas, apanhando, pudesse carregar um sabor de loucura total.

Não consigo, mesmo agora, organizar tudo na ordem certa. As memórias são como pesados tijolos de vidro. Posso arrumá-los em lugares diferentes, mas eles não formam uma história. Um dia, estávamos andando de Waterloo para o hospital sob nuvens. Respirar parecia um ato de disciplina. Mamãe se virou para mim, com a expressão fechada, e disse: “Haverá uma hora em que tudo isso parecerá um pesadelo.” Os óculos dele, cuidadosamente dobrados, pousados na mão esticada da minha mãe. O casaco dele. Um envelope. O relógio. Os sapatos. E quando saímos, carregando um saco plástico com os pertences do meu pai, as nuvens ainda estavam lá, uma faixa de cúmulo estática sobre o Tâmis, plana como uma pintura fosca em um vidro. Na Waterloo Bridge, nos inclinamos por cima das pedras de Portland e olhamos a água lá embaixo. Sorri pela primeira vez, acho, desde o telefonema. Em parte porque a água estava indo em direção ao mar e essa física simples ainda fazia sentido quando o restante do mundo não fazia. E em parte porque, uma década antes, papai inventara um glorioso projeto excêntrico de fim de semana. Decidira fotografar cada uma das pontes sobre o Tâmis. Eu fui com ele, algumas vezes, nas manhãs de sábado, dirigindo até as Cotswolds. Meu pai tinha sido meu pai, mas também meu amigo, e um cúmplice quando se tratava de pesquisas desse tipo. Da nascente coberta de grama perto de Cirencester, andamos e exploramos, seguimos um riacho lamacento, tortuoso, invadimos propriedades para tirar fotos de tábuas sobre o córrego, fomos advertidos por fazendeiros e ameaçados por rebanhos de gado, examinamos mapas com concentração intensa. Levou um ano. Ele conseguiu, no final. Todas as pontes. Em algum lugar nos arquivos de slides na casa da minha mãe está um registro fotográfico completo de maneiras de se cruzar o Tâmis da nascente ao mar.

Em outro dia, eu, minha mãe e meu irmão ficamos em pânico por não encontrarmos o carro dele. Meu pai o estacionara em algum lugar perto da Battersea Bridge e, óbvio, não havia retornado para buscá-lo. Procuramos por horas, cada vez mais desesperados, vasculhando em vão as ruas nos arredores e os becos sem saída, ampliando nossa busca para ruas a quilômetros de distância de qualquer lugar em que o carro pudesse estar. Conforme o dia foi passando, percebemos que, mesmo que achássemos o Peugeot azul do papai com o passe de imprensa enfiado no retrovisor e as câmeras na mala, ainda assim nossa procura seria inútil. É claro que tinha sido rebocado. Encontrei o número, liguei para o depósito e disse ao homem ao telefone que o proprietário do veículo não poderia retirá-lo porque estava morto. Ele era meu pai. Que ele não pretendia deixar o carro lá, mas que tinha morrido. Que ele realmente não

pretendia deixar o carro lá. Frases loucas, sem emoção, frias como pedra. Eu não entendi seu silêncio constrangido. Ele disse: “Sinto muito. Meu Deus, sinto muito”, mas podia ter dito qualquer coisa e não significaria nada. Precisávamos levar o atestado de óbito de papai para contestar a multa do reboque. Isso também não significava nada.

Após o funeral, voltei para Cambridge. Não dormia. Dirigia muito para todo lado. Ficava assistindo ao sol se pondo e nascendo, e ao sol entre esses dois momentos. Assisti aos pombos expandindo as caudas e cortejando uns aos outros, com uma dança majestosa, no gramado do lado de fora da minha casa. Os aviões ainda pousavam, os carros ainda andavam, as pessoas ainda faziam compras e conversavam e trabalhavam. Nenhuma dessas coisas fazia sentido. Durante semanas, senti-me como se fosse feita de um metal muito quente. Era isso que parecia; tanto que eu estava convencida, apesar de todas as evidências em contrário, de que, se alguém me colocasse em uma cama ou uma cadeira, eu arderia em chamas.

★ ★ ★

Foi nessa época que um tipo de distúrbio apareceu. Pensando nisso agora, acho que nunca fui louca de verdade. Estava mais louca a norte-noroeste. Eu conseguia diferenciar um falcão de um gavião sempre, mas algumas vezes a semelhança entre eles era impressionante. Eu sabia que não estava louca *louca* porque já vira pessoas dominadas por psicoses antes, e aquilo era uma loucura tão óbvia quanto o gosto de sangue. O tipo de loucura que eu tinha era diferente. Era silencioso e muito, muito perigoso. Era uma loucura planejada para me manter sã. Minha mente lutava para construir por cima do vazio, criar um mundo novo e habitável. O problema era que ela não tinha nada com que trabalhar. Não havia um parceiro, nem crianças, nem casa. Nem um emprego de nove às cinco. Então minha mente se agarrava a qualquer coisa que pudesse. Eu estava desesperada e lia o mundo de forma errada. Comecei a notar conexões curiosas entre as coisas. Coisas sem importância explodiam com um valor extraordinário. Eu lia meu horóscopo e acreditava nele. Presságios. Surtos de *déjà-vu*. Coincidências. Memórias de coisas que ainda não haviam acontecido. O tempo não corria mais adiante. Era uma coisa sólida contra a qual você podia se pressionar e assim sentir ser empurrado no sentido contrário; um fluido grosso, metade ar, metade vidro, que ia em ambas as direções mandando ondas de lembranças para a frente e novos eventos para trás, de modo que as novas coisas que eu encontrava depois parecessem suvenires do passado distante. Às vezes, em certas situações, eu sentia como se meu pai estivesse sentado ao meu lado quando eu estava em um trem ou em um café. Isso era reconfortante. Tudo era. Porque essa era a loucura normal da tristeza. Aprendi isso nos livros. Comprei livros sobre sofrimento, perda e luto. Eles quase transbordavam da minha mesa em pilhas desorganizadas. Como boa acadêmica, eu achava que os livros continham respostas. Era tranquilizador saber que todos veem fantasmas? Que todos param de comer? Ou que não conseguem parar de comer? Ou que o luto vem em estágios que podem ser numerados e guardados em caixas como um besouro? Li que após a negação vem a dor. Ou a raiva. Ou a culpa. Eu me lembro de me preocupar sobre qual estágio eu estava. Eu queria classificar o processo, ordená-lo, dar-lhe sentido. Mas não fazia sentido, e eu não reconhecia nenhuma dessas emoções.

Semanas se passaram. A estação mudou. As folhas vieram, as manhãs se encheram de luz, os andorinhões voltaram gritando enquanto passavam pela minha casa em Cambridge nos céus do início do verão, e comecei a pensar que estava indo bem. *Luto normal*, como chamavam. Era isso. Uma subida

monótona e lenta de volta à vida após a perda. *Vai passar logo*. Ainda dou um sorriso sarcástico quando penso em como eu, de forma ingênua, acreditava nisso, porque estava tão completamente errada. Uma necessidade que eu não percebia estava me conduzindo. Eu estava faminta por algo material, amor, qualquer coisa que interrompesse a sensação de perda, e minha mente não tinha escrúpulos na tentativa de recrutar qualquer pessoa, qualquer coisa, para ajudar. Em junho me apaixonei de maneira previsível e fulminante por um homem que saiu correndo quando percebeu como eu estava destruída. Seu desaparecimento me deixou praticamente insensível. Embora hoje eu nem consiga visualizar o rosto dele na minha mente e saiba não apenas por que ele fugiu, mas também que a princípio ele poderia ser qualquer um, ainda tenho um vestido vermelho que nunca mais usarei. Assim são as coisas.

Então o mundo começou a se entristecer. Os céus racharam e choveu e choveu. Os noticiários estavam repletos de inundações e cidades alagadas; vilarejos perdidos no fundo de lagos; enchentes na autoestrada M4 engarrafando o trânsito do feriado; caiaques nas ruas de cidades em Berkshire; elevação dos níveis do mar; a descoberta de que o Canal da Mancha fora esculpido pela erupção de um superlago gigantesco milhões de anos atrás. E a chuva continuou, submergindo as ruas em um centímetro e meio só de água borbulhante, destruindo toldos de lojas, transformando o rio Cam em uma corrente cor de café com leite, espessa, com galhos quebrados e vegetação encharcada. Minha cidade virou um pandemônio. “Não vejo o clima como algo estranho de jeito nenhum”, eu me lembro de dizer a um amigo sob o toldo de um café enquanto a chuva açoitava a calçada atrás das nossas cadeiras com tal violência que tomamos nossa bebida envoltos em uma neblina fria.

Conforme a chuva caía, o nível da água se elevava e eu lutava para manter minha cabeça acima dele, algo novo tinha começado. Acordei franzindo a testa. Sonhei com falcões mais uma vez. Comecei a sonhar com falcões o tempo todo. Aqui está outra palavra: *raptor*, em inglês, que significa “ave de rapina”. Do latim *raptor*, que significa “ladrão”, de *rapere*, que significa “tomar”. Roubar. Tomar. Os falcões do sonho eram açores, e um especificamente. Alguns anos antes, eu trabalhara em um centro de aves de rapina na fronteira da Inglaterra, antes de virar País de Gales; um lugar de terra vermelha, carvoeiros, floresta temperada e açores selvagens. Essa ave em particular, uma fêmea adulta, havia atingido uma cerca enquanto caçava e tombou inerte. Alguém a pegou, inconsciente, a colocou em uma caixa de papelão e a trouxe para nós. Tinha fraturado algum osso? Estaria machucada? Nós nos reunimos em um quarto mal-iluminado com a caixa sobre a mesa, e a chefe colocou a mão coberta por uma luva dentro da caixa. Uma pequena disputa, saíram da caixa a crista cinza erguida e as penas listradas do peito, uma mistura de agressividade e medo, e então apareceu uma velha e enorme fêmea de açor. Velha porque seus pés eram ásperos e nodosos, os olhos de um laranja impetuoso, flamejante, e era *linda*. Linda como um rochedo de granito ou uma nuvem carregada. Ela preenchia a sala. Tinha costas monumentais, com penas cinzentas queimadas de sol, era tão musculosa quanto um pit bull e intimidadora como o diabo, mesmo para uma equipe que passava os dias cuidando de águias. Muito selvagem, fantasmagórica e ameaçadora. Com cuidado, abanamos suas asas enormes, amplas, enquanto ela serpenteava o pescoço para nos encarar, sem piscar. Passamos nossos dedos pelos ossos estreitos das suas asas e dos seus ombros para verificar se nada estava quebrado, pelos ossos leves como tubos, ocos, cada um com esteios internos de ossos em cantiléver, como o interior de uma asa de avião. Verificamos a clavícula, os pés e as pernas escamosos e as garras negras de mais de dois centímetros. A visão dela também parecia boa: estendemos um dedo na frente de cada belo olho. *Snap, snap*, fez com o bico. Depois, ela virou a cabeça para olhar direto para mim. Fixou os

olhos nos meus, por cima do bico negro curvo, as pupilas pretas imóveis. Então, bem aí, percebi que esse açor fêmea era maior e mais importante do que eu. E muito, muito mais velha: um dinossauro saído da floresta de Dean. Havia um aroma distinto, pré-histórico, nas suas penas, que ficou nas minhas narinas, apimentado, rançoso como uma tempestade.

Não havia nada errado com ela. Nós a levamos para fora e a soltamos. Ela ergueu as asas e, em um segundo, já havia ido embora. Desapareceu de soslaio por cima de uma cerca viva para o nada. Era como se tivesse encontrado uma fenda no ar úmido de Gloucestershire e deslizado por ela. Esse era o momento que eu ficava relembrando, repetidamente. Esse era o sonho recorrente. Daí em diante, o falcão se tornou inevitável.

Eu tinha doze anos quando vi um açor treinado pela primeira vez. *Por favor, por favor, POR FAVOR!*, implorei aos meus pais. Eles me deixaram ir. Até me levaram lá. *Nós cuidamos dela*, disseram os homens. Eles carregavam os falcões nos punhos: açores de olhos cor de laranja, distantes e serenos como estátuas, com caudas cinzentas listradas e peito malhado. Eu não conseguia falar. Queria que meus pais fossem embora. Mas quando o carro deles partiu, quis correr atrás. Fiquei apavorada. Não com as aves: com os falcoeiros. Eu nunca havia visto homens como aqueles. Vestiam tweed e me ofereciam rapé. Eram sociáveis, tinham Range Rovers gastos e maneiras de falar que indicavam terem estudado em Eton ou Oxford. Eu estava tendo os primeiros indícios desconfortáveis de que, embora quisesse mais que tudo ser uma falcoeira, era possível que eu não fosse como esses homens; que eles me vissem como uma curiosidade mais do que alguém semelhante a eles. Porém, deixei meus medos de lado em favor do silêncio, porque era a primeira vez que eu via a falcoaria no campo. *Vou me lembrar desse dia para sempre*, pensei. *Um dia serei eu aqui.*

Andamos sob a luz escura do inverno por campos forrados de trigo novo. Vastos bandos de tordos cruzavam o céu, transformando-o em algo estranho como uma manga costurada com pérolas de um traje do século XVI. Estava frio. Meus pés ficavam cada vez mais pesados com a argila. Vinte minutos depois de partirmos, aconteceu — a coisa que eu esperava, mas para a qual não estava totalmente preparada. Um açor matou um faisão. Foi um mergulho curto, brutal, de um carvalho para um emaranhado de sebe molhada; um choque abafado, rápido, galhos quebrando, asas batendo, homens correndo e um pássaro morto colocado com reverência em uma bolsa de falcoeiro. Eu me afastei um pouco do caminho. Mordi o lábio. Senti emoções que não consigo nomear. Por um tempo, não quis mais olhar os homens e seus falcões, e meus olhos deslizaram para os feixes brancos de luz cortada nos galhos atrás deles. Então andei até a sebe onde o falcão havia matado a presa. Examinei o interior. Bem no fundo da escuridão bagunçada, seis penas de faisão cor de cobre brilhavam em um ninho de abrunheiro. Estendendo a mão entre os espinhos, eu as apanhei, uma por uma, enfiei a mão que as segurava dentro do bolso e fechei as penas no meu punho cerrado como se estivesse segurando um momento bem dentro dele. Eu havia visto a morte. Não tinha certeza do que aquilo me fizera sentir.

Mas houve mais naquele dia do que meu primeiro contato com a morte. Aconteceu outra coisa que também me fez pensar. Conforme a tarde foi caindo, os homens começaram a desaparecer do nosso grupo. Um por um, os falcões resolveram que não queriam mais continuar com aquilo, que não viam boa razão para retornar aos seus criadores e, então, sentaram-se nas árvores fitando acres de pasto e mata, com a plumagem solta e o ar implacável. Ao final do dia, ficamos com três homens e três açores a menos, os primeiros ainda esperando embaixo dos galhos de seus respectivos falcões. Eu sabia que os açores têm propensão a ficar em árvores, amuados: todos os livros me disseram isso. “Por mais domesticado e afável

que seja”, eu lera em *Falcons and Falconry*, de Frank Illingworth, “há dias em que um açor demonstra uma disposição peculiar. Ele fica nervoso, mal-humorado, antissocial. Ele pode desenvolver esses sintomas de loucura passageira durante uma tarde de esportes, e então o falcoeiro precisa lidar com horas de aborrecimento.”¹

Os homens com quem eu estava não pareciam aborrecidos; apenas fatalistas. Encolheram os ombros cobertos por algodão engomado, encheram e acenderam cachimbos, e nos acenaram dando adeus. Caminhamos com dificuldade pela escuridão. Havia um quê de expedição polar condenada ao fracasso naquilo tudo, uma espécie de vibração cortês eduardiana. *Não, não, podem continuar. Eu só vou atrasar o grupo.* A conduta dos falcões deles era peculiar. Mas não era antissocial. Era algo muito mais estranho. Parecia que os açores não podiam nos ver de jeito nenhum, que haviam deslizado inteiramente para fora do nosso mundo e se mudado para outro, mais selvagem, de onde os seres humanos haviam sido completamente excluídos. Aqueles homens sabiam que tinham sido banidos. Nada podia ser feito, a não ser esperar. Assim, nós os deixamos para trás: três figuras solitárias fitando as árvores no crepúsculo do inverno, a neblina ficando mais cerrada nos campos em volta deles, cada um confiando que o mundo mais tarde se endireitaria e seus falcões retornariam. E como as penas no meu bolso, a espera deles também mexeu com o meu coração vagamente perplexo.

★ ★ ★

Nunca esqueci aqueles açores silenciosos, rebeldes. Mas quando me tornei falcoeira, nunca quis treinar um açor. Eles me deixavam desanimada. Representavam morte e dificuldade: psicopatas fantasmagóricos, de olhos claros, que viviam e matavam em florestas. Os falcões do gênero *falco* eram as aves de rapina que eu adorava: aves pesadas como balas, com olhos escuros e asas pontiagudas, e uma facilidade extraordinária para voar. Eu ficava exultante com a sua vitalidade no ar, sua afabilidade, seus arremessos de trezentos metros sobre a presa, de tirar o fôlego, o vento raspando em suas asas produzindo o som de telas se rasgando. Eles eram tão diferentes dos açores quanto cães são de gatos. E mais, eles pareciam *melhores*: todos os meus livros me asseguravam que o falcão peregrino era a melhor ave da face da Terra. “Ele é nobre por natureza”, escreveu o capitão Gilbert Blaine em 1936. “De todas as criaturas vivas, esta é a mais perfeita materialização de poder, velocidade e graça.”² Levei anos para entender que essa glorificação dos falcões se devia em parte àqueles que se punham a treiná-los. Você pode fazer um açor voar em quase qualquer lugar, porque o estilo de caçada deles é uma arremetida veloz do punho até a presa a uma curta distância. No entanto, para fazer com que falcões do gênero *falco* voem de maneira apropriada, você precisa de espaço: terrenos para caça de tetrazes e de perdizes, áreas imensas de campos agrícolas abertos, coisas não tão fáceis de se conseguir a não ser que você seja rico ou tenha contatos importantes. “Entre os povos cultos”, escreveu Blaine, “o uso e a posse dos nobres falcões do gênero *falco* eram restritos à aristocracia, como privilégio e direito exclusivos.”³

Comparado a esses falcoeiros aristocráticos, o *austringer*, o treinador solitário de açores e gaviões-da-europa, tinha uma fama terrível. “Não aloje seus *austringers* sem graça no quarto dos falcoeiros”⁴, atacou o escritor normando Gace de la Bigne, no século XIV. “Eles foram amaldiçoados nas escrituras, pois detestam companhia e praticam sozinhos o seu esporte. Quando alguém vê um homem deformado, com grandes pés e canelas compridas disformes, compleição semelhante à de um cavalete, corcunda e torto, e

quer ridicularizá-lo, ele logo diz: ‘Veja, que *austringer!*.’” E, assim como o *austringer*, também o açor, até nos livros escritos seis séculos depois. “Ninguém pode sentir por um açor o mesmo respeito e a mesma admiração que sente por um falcão-peregrino”, explicou Blaine. “Os nomes normalmente conferidos a eles são um indicador adequado à sua personalidade. Nomes como ‘Vampiro’, ‘Jezebel’, ‘Suástica’ ou ‘Sra. Glacial’ se encaixam a eles de forma perfeita, mas seriam impróprios para um falcão-peregrino.”⁵ Açores eram tidos como arruaceiros, letais, difíceis de domesticar, amuados, irascíveis e estranhos. “Sedentos por sangue”, escreveu o major Charles Hawkins Fisher, falcoeiro do século XIX, com uma patente de desaprovação. “Perversos.”⁶ Durante anos, fiquei inclinada a concordar, porque continuei mantendo conversas que me davam mais certeza ainda de que eu jamais treinaria um açor.

— Você treina falcões-peregrinos? — perguntou-me certa vez um falcoeiro. — Eu prefiro os açores. Com um açor, você sabe onde está pisando.

— Eles não são um pé no saco? — perguntei, lembrando-me de todas aquelas formas curvas alojadas no alto de árvores de aparência invernal.

— Não se você conhece o segredo — rebateu o falcoeiro, inclinando-se para mais perto. Havia uma ligeira energia à la Jack Nicholson naquilo tudo. Dei um passo para trás, um pouco alarmada. — É simples. Se você quiser um açor bem-comportado, só precisa fazer uma coisa. Dê a ele a oportunidade de matar. Matar o máximo possível. *Matar* meio que deixa aquelas aves tranquilas. — E ele deu um sorriso malicioso.

— Certo — respondi. Houve uma pausa, como se essa não tivesse sido a resposta correta. Tentei mais uma vez. — Obrigada.

E fiquei pensando: *Minha Nossa! Vou ficar só com falcões-peregrinos, muito obrigada!* Nunca imaginei que fosse treinar um açor. Nunca. Eu jamais me vira, sob qualquer aspecto, refletida nos olhos assassinos e na solidão deles. *Não é para mim*, pensei tantas vezes. *Não é para mim*. Mas o mundo havia mudado, e eu também.

★ ★ ★

Era o fim de julho, e eu havia me convencido de que já estava voltando ao normal. Mas o mundo ao meu redor estava cada vez mais estranho, sem dúvida. A luz que enchia minha casa era ampla e lívida, meio magnólia, meio água da chuva. As coisas estavam lá, melancólicas e inutáveis. Algumas vezes, eu sentia como se estivesse vivendo em uma casa no fundo do mar. Havia pressões imperceptíveis. Canos de água pingando. Eu ouvia minha respiração e me sobressaltava ao som dela. Alguma outra coisa estava lá, algo parado perto de mim que eu não conseguia tocar ou ver, algo a uma fração de milímetro da minha pele, algo totalmente *errado*, criando uma distância infinita entre mim e todos os objetos familiares na minha casa. Ignorei. *Estou bem*, falei a mim mesma. *Bem*. E eu caminhava e trabalhava e fazia chá e limpava a casa e cozinhava e comia e escrevia. Mas à noite, enquanto a chuva salpicava pontos de luz laranja contra as janelas, eu sonhava com o açor deslizando pelo ar molhado até algum outro lugar. Eu queria segui-lo.

Sentei-me diante do computador no meu escritório iluminado pela chuva. Telefonei para amigos. Escrevi e-mails. Encontrei um criador de falcões na Irlanda do Norte com um jovem açor sobrando da ninhada daquele ano. A ave tinha dez semanas de idade, metade tcheca, um quarto finlandesa, um quarto alemã, e era pequena para um animal daquele porte. Combinamos que eu iria até a Escócia para pegá-la.

Pensei que gostaria de ter um açor pequeno. “Pequeno” foi a única decisão que eu tomei. Não pensei por um segundo que havia alguma outra escolha no assunto dos açores em si. Foi o açor que me pegou. Nunca foi o contrário.

★ ★ ★

Quando a chuva cessou, começou o calor. Os cães ficavam deitados ofegantes na sombra debaixo dos limoeiros e nos gramados na frente da casa clara e queimada como feno. Um vento úmido e quente empurrava as folhas, mas não conseguia refrescar nada; era um vento que tornava as coisas piores, como colocar a mão na água quente de uma banheira. Caminhar contra ele era como mergulhar até o pescoço em líquido espesso. Lutei para entrar no forno que era meu carro e fui até a casa de um amigo em um vilarejo logo ao lado da cidade. Eu queria falar de açores, e não havia ninguém melhor do que Stuart para fazer isso. Ele é o meu guru em relação a açores. Anos atrás, fomos companheiros de falcoaria nas tardes de final de inverno, esmagados entre longas sombras e pés de beterraba, à procura de faisões selvagens dos brejos, seu grande e velho açor fêmea sentado no seu punho como uma figura de proa, inclinando-se ao vento forte. Ele é um sujeito fantástico; carpinteiro e ex-motociclista, firme e sereno como uma onda no meio do oceano. Sua parceira Mandy é brilhantemente generosa e engraçada, e encontrá-los era uma injeção de ânimo. Eu meio que havia esquecido como o mundo podia ser gentil e caloroso. Stuart acendeu a churrasqueira, e o jardim se encheu de crianças e adolescentes, fumaça de cigarro, cães pointers farejando, furões chacoalhando nas suas gaiolas. O céu foi ficando mais claro conforme a tarde caía e o sol ficou diáfano atrás de uma esteira de nuvens densas e brancas se espalhando. Um Spitfire voou inclinado sobre nossas cabeças. Esfregamos os olhos. Os cães ficaram ofegantes, os furões beberam das suas garrafas d’água e Stuart fazia o churrasco, voltando do lado da casa enxugando a testa com o braço.

— Está ficando mais fresco! — disse ele, surpreso.

— Não, você que saiu de perto da churrasqueira! — respondemos em coro.

Eu me acomodei com um hambúrguer em uma cadeira de plástico branca. Lá, em um poleiro no gramado, sombreado pela sebe e ignorando a confusão, havia um perfeito e pequeno falcão-peregrino alisando com cuidado as longas e esvoaçantes penas listradas na parte de baixo do seu corpo.

— Metade tcheca? — perguntou Stuart. — O açor mais sanguinário que já treinei era tcheco. Foi um *pesadelo*. Você tem *certeza* de que quer fazer isso? — Ele inclinou a cabeça na direção do pássaro na grama. — Você pode treinar aquele ali — sugeriu ele. — Quer um falcão-peregrino?

Meu coração deu um salto. O falcão-peregrino. Lá estava ele, uma criatura incrivelmente linda da cor de giz e sílex cortado, asas cruzadas firmes às costas, o rosto escuro, coberto por um capuz, virado para o céu. Ele estava observando o Spitfire por cima da cabeça com uma curiosidade profissional. Olhei para o avião no alto. O barulho do motor havia mudado; estava voltando, descendo devagar pelo ar branco para o museu da aviação onde vivia. O falcão-peregrino inclinou a cabeça, observando também. Nossos olhares estavam perfeitamente alinhados. Por um longo, vasto momento, pensei se não estaria cometendo um erro terrível.

— Eu adoraria — respondi, firme e formal, a metade do hambúrguer na mão, ficando, de repente, sem sabor. Uma inspiração profunda, então, e as palavras vieram. — Quer dizer, *normalmente* eu adoraria, vibraria com essa oportunidade; é uma oferta maravilhosa, Stu. Mas eu quero o açor.

Ele aquiesceu. De uma forma um tanto viril, terminei meu hambúrguer. O ketchup escorreu pelo meu braço como sangue.

★ ★ ★

Haveria um açor. E o que aconteceu em seguida foi o seguinte: meus olhos começaram a evitar um livro que ficava na estante ao lado da minha mesa. Primeiro era apenas um ponto cego, um segundo de uma piscadela; depois, algo como uma remela no canto do meu olho. Eu olhava para o lugar onde o livro estava com uma centelha de desconforto que eu não conseguia assentar. Em pouco tempo eu não conseguia me sentar à minha mesa sem saber que ele estava lá. Segunda prateleira de baixo. Capa de tecido vermelho. Lombada gravada em prateado. *The Goshawk. T.H. White.* O Açor. Eu não queria que o livro estivesse lá e não queria pensar no motivo, mas logo chegou ao ponto em que o maldito livro era tudo o que eu conseguia ver quando me sentava à mesa, mesmo que fosse a única coisa do quarto que eu não olhava de jeito nenhum. Certa manhã, eu estava sentada lá, o sol sobre a mesa, café na mão, computador aberto, incapaz de me concentrar, quando me veio um estalo: isso é ridículo. Inclinei-me, peguei o livro e o coloquei diante de mim na mesa. Era apenas um livro. Não havia nada especialmente mau sobre ele. Estava velho e manchado de água, e as extremidades da lombada estavam amassadas e gastas, como se tivesse estado em muitas sacolas e caixas ao longo dos anos. *Humm*, pensei. Eu estava interessada nas minhas emoções agora. Pensei sobre o livro cuidadosamente, percorri meus sentimentos por ele da mesma maneira que se sente um dente doendo ao passar a língua. O desconforto foi palpável, mas associado a um estranho tipo de apreensão que precisava ser esmiuçado, porque eu não sabia com certeza o que era. Abri o livro e comecei a ler. *Capítulo Um*, dizia. *Terça-feira*. E depois: *Quando o vi pela primeira vez, ele era uma coisa redonda como um cesto de roupas coberto com um tecido roto.*⁷ Era uma frase de muito tempo atrás, e carregava nela a apreensão de um outro ser. Não do homem que a escreveu: de mim. De mim, quando eu tinha oito anos de idade.

Eu fui uma criança esquelética, alta demais, com tinta nos dedos, binóculos em volta do pescoço e pernas cobertas de curativos. Eu era tímida, com os pés e os joelhos virados para dentro, bastante desajeitada, completamente sem jeito nos esportes e alérgica a cachorros e cavalos. Mas tinha uma obsessão: Aves. Em especial aves de rapina. Eu tinha certeza de que elas eram as melhores coisas *do mundo*. Meus pais achavam que essa obsessão seria como as outras: dinossauros, pôneis, vulcões. Não foi. Ela piorou. Quando eu tinha seis anos, tentava dormir toda noite com os braços às costas como se fossem asas. Isso não durou muito porque era bastante difícil dormir com os braços dobrados para trás como asas. Mais tarde, quando vi fotografias do antigo deus egípcio Hórus, com cabeça de falcão, todo de faiança e azul-turquesa, uma listra perfeita semelhante a um bigode saindo de seus olhos grandes e sombrios, fui acometida por uma estranha veneração religiosa. *Esse* era o meu deus, não aquele para quem rezávamos na escola: um homem idoso com uma barba branca e roupas drapeadas. Durante semanas, numa heresia secreta, sussurrei *querido Hórus* em vez de *Pai-nosso* quando rezávamos na escola. Era um modo apropriadamente formal de me dirigir a ele, eu pensava, que aprendi ao escrever bilhetes de agradecimento em aniversários. Hábitos de falcões, espécies de falcões, nomes científicos de falcões; eu aprendia tudo, pendurava fotos de aves de rapina nas paredes do meu quarto e as desenhava, muitas e muitas vezes, nos cantos dos jornais, em papéis de anotações, nas margens dos meus cadernos de escola,

como se, ao fazer isso, eu pudesse invocá-las para a existência. Eu me lembro de um professor nos mostrando fotografias das pinturas das cavernas em Lascaux e explicando que ninguém sabia por que os povos pré-históricos desenhavam esses animais. Fiquei indignada. Eu sabia *exatamente* por quê, mas naquela idade era difícil colocar minha intuição em palavras que fizessem sentido até mesmo para mim.

Quando descobri que existia algo como a falcoaria, as coisas se tornaram menos disformemente religiosas. Conteí aos meus pais, que sofriam há muito tempo, que eu seria uma falcoeira quando crescesse e me pus a aprender o máximo que conseguia sobre essa arte milagrosa. Papai e eu buscávamos livros de falcoaria em dias de passeios em família, e uma a uma as grandes obras foram para casa conosco, troféus de segunda mão em sacolas de papel de livrarias que não existem há muito tempo: *Falconry*, de Gilbert Blaine; *Falconry*, de Freeman e Salvin; *Falcons and Falconry*, de Frank Illingworth; o livro gloriosamente intitulado *Harting's Hints on Hawks*. Todos livros de meninos. Eu os li várias e várias vezes, decorei importantes trechos da prosa do século XIX. Estar na companhia desses autores era como ser deixada em uma escola particular exclusiva, já que quase todas as obras tinham sido escritas há muito tempo por caçadores aristocráticos que se vestiam de tweed, caçavam os grandes mamíferos na África e tinham opiniões fortes. O que eu fazia não era apenas aprender as dificuldades e particularidades do treinamento de falcões: eu estava, de maneira inconsciente, absorvendo pressupostos de uma elite imperial. Eu vivia em um mundo onde peregrinos ingleses sempre ultrapassavam falcões estrangeiros, cujas paisagens eram amplos terrenos de brejo para caça de tetrazes e grandes propriedades, onde mulheres não existiam. Esses homens eram espíritos semelhantes. Eu me sentia como se fosse um deles, um dos predestinados.

Tornei-me uma pessoa chata, obcecada por falcoaria. Em tardes úmidas depois da escola, minha mãe escrevia notícias para o jornal local — relatos do tribunal, de festivais locais, de comitês de planejamento —, os dedos tamborilando pela máquina de escrever na sala de jantar. Havia um maço de Benson & Hedges na mesa, uma xícara de chá, um caderno de anotações e uma filha parada perto dela recitando frases mal decoradas dos livros de falcoaria do século XIX. Parecia crucial explicar à minha mãe que *embora o couro de cães fosse o melhor para as coleiras de falcões, era quase impossível consegui-lo na época*. Que o problema com os esmerilhões era que eles *tendiam a carregar suas caças*; e também perguntar se ela sabia que *não se pode confiar no comportamento dos falcões sacres, originários de áreas desérticas, nas condições climáticas da Inglaterra?* Alinhando outra folha amarela de papel de cópia, ajustando com o papel-carbono para que não saíssem do lugar, ela concordava com a cabeça, fumava seu cigarro e me dizia como tudo aquilo era interessante, usando um tom que, com uma facilidade extraordinária, não deixava transparecer condescendência. Logo me tornei especialista em falcoaria da mesma maneira como o vendedor de tapetes que costumava entrar na livraria onde eu trabalhara era especialista em guerras greco-pérsicas. Tímido, enrugado, de meia-idade, e carregando com ele o ar de alguma derrota implícita, ele esfregava o rosto com ansiedade quando pedia livros no balcão. Ele não teria durado muito, eu acho, em um campo de batalha. Mas sabia tudo sobre as guerras, conhecia cada batalha intimamente, sabia o local exato onde o destacamento das tropas da Fócia estava posicionado nos caminhos das altas montanhas. Eu conhecia a falcoaria da mesma maneira. Quando peguei meu primeiro falcão, anos depois, fiquei estarecida com a realidade. Eu era o vendedor de tapetes na batalha das Termópilas.

Estamos no verão de 1979, e sou uma garota de oito anos em uma livraria. Estou parada embaixo de uma claraboia com um livro de papel barato nas mãos e me sinto muito confusa. *O que é uma história de sedução do século XVIII?* Não faço ideia. Releio as palavras na contracapa:

The Goshawk é a história de um duelo acordado entre o Sr. White e um grande e lindo açor durante o treinamento do animal — um registro de um intenso confronto de vontades, no qual o orgulho e a resistência da selvagem ave de rapina são esgotados e quebrados pela quase insana força de vontade do falcão professor de escola. É cômico; é trágico; é totalmente cativante. Estranhamente lembra algumas histórias de sedução do século XVIII.⁸

Não, ainda não faço ideia. Mas eu preciso do livro mesmo assim porque a capa tem um açor. Ele olhava para cima, por baixo das sobrançelas, com uma fúria truculenta, a plumagem ondulada e escamada em uma mistura de cor de açafrão e bronze. As garras seguravam a luva pintada tão apertado que eu era capaz de sentir meus próprios dedos dormentes. Ele era lindo, tenso e hostil; tudo o que uma criança é quando está brava e quieta. Assim que chegamos em casa, corri para o segundo andar, para o meu quarto, pulei na cama, deitei-me de bruços e abri o livro. Eu me lembro de ficar deitada, apoiada nos cotovelos com os pés no ar, lendo as linhas de abertura de *The Goshawk* pela primeira vez.

Quando o vi pela primeira vez, ele era uma coisa redonda como um cesto de roupas coberto com um tecido roto. Mas era agitado e amedrontador, repulsivo da mesma maneira como as cobras são assustadoras para as pessoas que não as conhecem.

Aquilo era diferente. Não parecia de jeito algum com meus outros livros de falcoaria. A garota de oito anos que eu era leu daí em diante com o cenho franzido. Não era *nem um pouco* como os outros. Aquele era um livro sobre falcoaria escrito por um homem que parecia não saber nada sobre o assunto. Ele falava da ave como se fosse um monstro e não o estava treinando da forma adequada. Eu fiquei confusa. Os adultos eram especialistas. Escreviam livros para dizer algo que os outros não sabiam; livros sobre como fazer as coisas. Por que um adulto escreveria sobre *não* saber fazer aquilo? Além disso, a obra estava cheia de informações que eram completamente irrelevantes. Falava de coisas como caça a raposas, guerra e história, o que me decepcionou. Não entendi suas referências ao Sagrado Império Romano, a Strindberg e a Mussolini, e eu não sabia o que era um *pickelhaube*, e eu não entendia o que *tudo aquilo* estava fazendo em um livro que deveria ser sobre um açor.

Mais tarde, descobri uma crítica do livro em um antigo jornal do Clube Britânico de Falcoaria. Era splendidamente concisa. “Para aqueles com interesse na monótona e introspectiva tarefa de ambientar e treinar um açor, *The Goshawk* é um catálogo bem-escrito da maioria das coisas que você não deve fazer”⁹, dizia. Os homens vestidos de tweed se manifestaram. Eu estava do lado certo, tinha a permissão de não gostar daquele adulto e de considerá-lo um tolo. É doloroso me lembrar do meu alívio quando li a crítica, um alívio fundamentado em que era um mal-entendido desesperado sobre o tamanho do mundo. Eu me reconfortei na superioridade displicente que é o refúgio do pequeno. Mas, apesar de tudo aquilo, meu eu de oito anos respeitava o falcão no livro. Ele. Gos era real para mim. Gos tinha rêmiges de aço e olhos de um tom de laranja raivoso, e saltava e voava e estendia as grandes asas por um punhado de fígado cru. Ele piava como uma ave canora e ficava apavorado com os carros. Eu gostava do Gos. Ele era compreensível, ainda que o autor fosse inteiramente além do meu entendimento.

Alguns anos atrás conheci um piloto de U2 aposentado. Era um homem alto, severo e atraente, e tinha o tipo de frieza mortal que você esperaria de um homem que passara anos voando nos limites do espaço em um avião de espionagem norte-americano cinza-chumbo. Os aspectos geopolíticos do seu papel eram verdadeiramente desconcertantes. No entanto, como qualquer emprego do dia a dia, sua atividade era bastante sacal. A oitenta mil pés, o mundo se curva lá embaixo e o céu parece preto. Você usa um traje espacial, fica confinado a um cockpit do tamanho de uma banheira, pilotando uma máquina que voou pela primeira vez no ano em que James Dean morreu. Você não consegue tocar o mundo, apenas registrá-lo. Você não tem armas; sua única defesa é a altitude. Porém, enquanto eu conversava com aquele homem, o que me impressionava mais não eram seus relatos pouco emotivos de altas aventuras, os “incidentes” com MiGs russos e assim por diante, mas a batalha que ele travava contra a monotonia. As missões em solo de nove horas. As missões em solo de doze horas. “E não era horrível?”, perguntei. “Às vezes era um pouco solitário lá em cima”, respondeu o piloto. Mas havia algo na maneira como ele disse que fazia a afirmação soar como um estado que ele ainda almejava. E então o homem prosseguiu. “Eu costumava ler”, continuou ele, inesperadamente, e com isso seu rosto se transformou, assim como sua voz: sua fala à la Yeager, arrastada e impassível, desapareceu e foi substituída por um entusiasmo tímido, pueril. “*O único e eterno rei*. De T.H. White”, disse. “Já ouviu falar dele? É um escritor inglês. O livro é fantástico. Eu costumava levar lá para cima, lia-o na ida e na volta.”

“Uau”, respondi. “Eu conheço.” Porque essa história me marcou como sendo extraordinária. Era uma vez um homem vestido em traje espacial em um avião secreto de reconhecimento lendo *O único e eterno rei*, o grande épico histórico, a versão romântica, trágica e cômica da lenda do Rei Artur, que aborda questões como guerra e agressão, poder e direito, e a noção do que é, ou deve ser, uma nação.

White não é um escritor que está na moda. Quando estudei inglês na universidade, o nome dele nem sequer foi mencionado. Porém, há muito tempo atrás, White foi realmente muito famoso. Em 1938, publicou um livro para crianças sobre a infância do Rei Artur chamado *A espada na pedra*, e isso fez sua fama e sua fortuna. Disney adquiriu os direitos e adaptou-o em um desenho animado. White prosseguiu para escrever *O único e eterno rei*, que cobria o restante da história de Artur, o que, por sua vez, inspirou o musical *Camelot* e o filme homônimo. A retomada da lenda do Rei Artur por White exerceu uma incrível influência: quando se ouve falar da Casa Branca de Kennedy descrita como Camelot, isso é White. Jackie Kennedy citou trechos do musical após o assassinato do marido. Quando se pensa no mago Merlin usando um chapéu alto, pontudo, bordado com estrelas, isso também é por causa de White. E quando eu penso em um piloto de U2 lá no céu lendo um livro sobre o Rei Artur, um livro que foi estranhamente descontextualizado para representar um conto de fadas sobre a vida política americana, não consigo deixar de pensar em um verso escrito pela poeta Marianne Moore: *A cura para a solidão é o isolamento*. E o isolamento do piloto no avião de espionagem, vendo tudo, não tocando em nada, lendo *O único e eterno rei* a cinquenta mil pés acima das nuvens — isso faz meu coração se partir, só um pouquinho, por parecer tão solitário, por causa de algumas coisas que aconteceram comigo e por T.H. White ter sido um dos homens mais solitários que já existiram.

The Goshawk é o livro de um rapaz. Foi escrito antes das obras mais conhecidas de White e antes que ele se tornasse famoso. Seria “acerca dos esforços de um filósofo de segunda categoria”, explicou o autor de maneira melancólica, “que vivia sozinho em um bosque, tendo se cansado da maior parte dos seres humanos, para treinar alguém que não era humano, mas sim uma ave.”¹⁰ Quando eu o reli, anos após

aquele primeiro encontro na infância, percebi mais coisas nele além de falcoaria de má qualidade. Compreendi por que as pessoas o consideravam uma obra-prima. White fez da falcoaria uma batalha metafísica. Como *Moby Dick* ou *O velho e o mar*, *The Goshawk* era um encontro literário entre homem e animal que retrocedia às tradições puritanas de disputa espiritual: a salvação como um prêmio a ser ganho em uma disputa contra Deus. A versão mais velha e mais sábia de mim resolveu que a admissão de ignorância por parte de White era mais corajosa do que estúpida. Mas ainda estava brava com ele. Primeiro, porque o falcão dele sofreu muito enquanto White tentava treiná-lo. Segundo, porque seu retrato da falcoaria como um duelo entre um homem e uma ave influenciou enormemente nossos conceitos sobre o que é falcoaria e como são os açores. Para falar a verdade, eu detestava o que ele tinha feito com essas noções. Eu não considerava a falcoaria uma guerra e sabia que os açores não eram monstros. Aquela garotinha deitada atravessada na cama ainda estava brava.

Era isso que eu pensava enquanto estava sentada ali, encarando o livro aberto na mesa, quatro meses após meu pai ter falecido. Continuei a ler, e, à medida que o fazia, um pequeno abalo me fez perceber por que meus olhos rejeitaram o livro durante semanas. Percebi que parte do motivo pelo qual estava irritada era que eu sentia, pela primeira vez, que minha premência em treinar um açor vinha de motivos que não eram integralmente meus. Em parte, eram dele.

Dia 16 de março de 1936. Na ala leste do grande palácio Palladiano que é a Escola Stowe, gralhas fazem um estardalhaço nas castanheiras, a água goteja do telhado do alojamento que antes eram os estábulos, e, dentro dele, o Sr. White, chefe do departamento de língua inglesa, cobertores amontoados nas canelas, está equilibrando um caderno nos joelhos e escrevendo rapidamente em uma letra clara e pequena. Ele fica se perguntando se este é o livro mais importante que já terá escrito. Não porque vá torná-lo um homem rico. Mas porque vai salvá-lo.

Ele acha que vai embora. A vida na escola é irreal. Tudo é irreal. Ele já está exausto. Não suporta os colegas. Também não tolera mais os garotos; como grupo, pensa, são horríveis, parecem hadoques. Ele precisa ir embora. Viver de seus escritos. Seu último livro foi bem. Ele vai escrever mais. Vai se mudar para uma cabana na Escócia e passar os dias pescando salmão. Talvez leve a garçonne e se case com ela, a beldade de olhos escuros que ele vem cortejando há meses, embora só esteja apaixonado por ela *emocionalmente*, por enquanto, e não tenha avançado muito, na verdade, e as longas horas sentado no bar o reduzam com bastante frequência a um estado lastimável de embriaguez. Ele bebe de forma exagerada. Vem bebendo de forma exagerada e vem se sentindo infeliz há muito tempo. Mas é certo que as coisas vão mudar.

O caderno no qual escreve tem capa cinza. Ele colou uma fotografia de uma de suas cobras-d'água na capa, e escreveu ETC à tinta em cima dela. A cobra é adequada porque este é seu diário de sonhos, ainda que haja outras coisas nele também: rascunhos de textos, planos de aula, desenhos de esfinges e dragões rampantes com garras, e os ocasionais golpes à autoanálise:

- 1) Necessidade de se sobressair a fim de ser amado.¹
- 2) Fracasso na tentativa de se sobressair.
- 3) Por que não consegui me sobressair? (Atitude errada em relação ao que eu estava fazendo?)

No entanto, na sua maior parte, o caderno registra os sonhos dele. Há sonhos com mulheres dotadas de pênis, com caixas de himens como se fossem unhas aparadas, com cobras encapuzadas que empinam, mas acabam por se mostrarem inofensivas. Há sonhos em que ele esqueceu a arma, mas não pode pegar a do amigo emprestada, porque o amigo está dando a arma para a esposa; em que ele está espionando os hitleristas, escondido em um buraco apenas com a ponta do cigarro aparecendo; em que ele deve esconder sua espingarda na mala do carro da mãe para impedir que seja atingido por um raio. E um sonho em que o seu psicanalista o parabeniza a respeito de como seus sonhos são bons.

“Bennet é o sobrenome, iniciais E.A.”, escreveu White para Leonard Potts, seu antigo orientador em

Cambridge, que era como uma figura paterna. “Ele é um homem extraordinário — tinha que ser, porque casos de cura como o meu são, acredito, muito raros, senão únicos.” Depois há uma afirmação que é com certeza uma invenção desejada para uma personalidade futura: “Eu tinha um amigo que era homossexual sádico, agora está casado, feliz e tem filhos.” Durante o último ano, o entusiasmo de White pela análise seguia: ele estava certo de que Bennet iria curá-lo de tudo — sua homossexualidade, sua infelicidade, sua sensação de irrealidade, seu sadismo, tudo; todas as suas confusões e todos os seus medos. Tudo estava indo bem. Ele estava *quase* certo de que estava apaixonado pela garçoneite. “Estou tão feliz que saio dando pulos pela rua como uma alvéola”,² contou ele a Potts, com um orgulho que encerra, envolto como um passarinho na mão, seu pavor abjeto pelo fracasso.

★ ★ ★

Os garotos o tratavam com uma espécie de admiração sagrada. Caminhando pelos longos corredores em roupas de flanela, um suéter de gola rulê e um robe, o Sr. White parecia um pouco com Byron. Ele era alto, com lábios grossos e olhos de um azul bem claro, um bigode ruivo aparado e cabelos pretos e bagunçados. Ele fazia todas as coisas certas: pilotava aviões, atirava, pescava salmões, caçava; e ainda melhor, todas as coisas *erradas*: mantinha cobras-d’água no quarto, subia os degraus da escola com o seu cavalo em dias de jogo e, o melhor de tudo, publicava romances picantes sob o pseudônimo de James Aston. Quando o diretor descobriu, ficou *furioso*: o Sr. White teria que redigir uma carta prometendo nunca mais escrever aquelas obscenidades, disseram os meninos, que trocavam cópias dos romances entre si, nervosos com aqueles subterfúgios deliciosos. Ele era uma figura sarcástica, surpreendente, divertida. Porém, era um professor amedrontador. Nunca batia nos meninos, jamais, mas eles ficavam apavorados com o desprezo dele. White exigia sinceridade emocional. Se esta não estivesse disponível, colocava os alunos no lugar deles, diminuindo sua recém-adquirida armadura de pretensão com um deleite que chegava às raias da crueldade. Mesmo assim, havia algo no Sr. White que fazia dele um bom aliado; os meninos confiavam no professor quando estavam em crise e o idolatravam por seu glamour e seu espírito insubordinado. Sabiam que ele não era, não de forma plena, como os demais professores em Stowe. *Já ouviu falar de quando ele bateu o Bentley em uma casa de fazenda e quase morreu?*, sussurravam eles. E falavam rindo da lendária manhã de segunda-feira quando o Sr. White chegou atrasado e de ressaca, mandou que a turma escrevesse um ensaio sobre os perigos da maldita bebida, colocou os pés sobre a mesa e caiu em sono profundo.

No entanto, apesar de todas as demonstrações de habilidades e de suas bravatas, o Sr. White, o Sr. Terence Hanbury White, conhecido por todos como Tim (por causa da cadeia de farmácias Timothy Whites), estava com um medo terrível. Tinha vinte e nove anos, era professor na escola Stowe havia cinco e escritor havia sete, mas sentia medo desde que conseguia se lembrar. “Como eu tenho medo das coisas, de me machucar, de morrer, tenho que tentá-las”,³ explicou em um livro de ensaios sobre esportes, *England Have My Bones*, publicado no ano anterior. Ele tinha que ser corajoso. Da sala de aula, dirigia-se em velocidade máxima para o aeródromo, o coração apertado na boca, com medo de paralisar, medo do desprezo do instrutor, medo de entrar em uma espiral da qual não conseguiria sair, medo de se enterrar em uma ruína de asas amassadas, escoras e terra. Ele cavalgava com o seu Grafton nos campos enlameados de Buckinghamshire em um pavor permanente de que não conseguisse ser corajoso, não conseguisse cavalgar bem, não conseguisse se passar por um cavaleiro, fosse incorrer na fúria do responsável pelas

çaçadas. E ainda na Índia, logo no início, de onde se lembrava de lagartos e fogos de artifício e penumbras iluminadas à luz de velas e adultos em trajes de noite, ele também se lembrava com horror das surras, das discussões e do ódio que a mãe sentia pelo pai, e o ódio que o pai sentia pela mãe, e do alcoolismo dele, e da guerra horrível, violenta, interminável entre os dois, na qual White atuava como um peão. A mãe dele esbanjava atenção para os cães, e o marido mandava matá-los. Ela esbanjava atenção para o menino, e o menino estava convencido de que seria o próximo. “Contaram-me”, escreveu ele, “que encontraram meu pai e minha mãe brigando com uma pistola, um de cada lado da minha cama, cada um alegando que iria atirar no outro ou em si mesmo, mas, de qualquer maneira, iriam começar por mim.” E ainda: “Não foi uma infância saudável.”⁴

Ele levou a ponta da caneta-tinteiro aos lábios e refletiu sobre o que escreveu.

Eu salto sobre um pássaro com garras cruéis e um bico desesperado. Pode estar me machucando um pouco, mas me machucaria muito mais se eu o soltasse. Eu o prendi bem apertado, mantendo-o incapaz de me ferir, chamando alguém para ajudar segurando os pés dele. Era um pássaro inglês.⁵

Quando White morreu de insuficiência cardíaca em janeiro de 1964, longe de casa, em uma cabine do SS *Exeter*, na Grécia, seus amigos ficaram preocupados com a reputação dele. Havia informações em seus diários que eles não queriam ver divulgadas, questões relacionadas à sua sexualidade que, se fossem abordadas, teriam que ser tratadas com extrema delicadeza. Precisavam encontrar um biógrafo apropriado. Escolheram Sylvia Townsend Warner, porque ela havia se correspondido com White e porque ele gostava dos livros dela. E por outro motivo: ela era gay. “Você vai ser compreensiva com relação à personalidade dele”,⁶ Michael Howard disse a ela. “Se for uma personalidade má o suficiente, com certeza serei compreensiva”, respondeu a escritora. Ela viajou para Alderney, e lá, caminhando pela casa de White, encontrou seu objeto de estudo. Ele estava lá, em seus pertences. Ela escreveu para um amigo, William Maxwell:

A cesta de costura de White, com um capuz de falcão inacabado, sua lixeira de iscas de pesca, seus livros, seus objetos de decoração horrorosos presenteados pelos amigos da plebe, seus brinquedos vulgares comprados nas Feiras de Cherbourg, suas fileiras ordenadas de livros de flagelação — tudo estava lá, indefeso como um cadáver. E ele também estava lá, desconfiado, taciturno e determinado às raias do desespero. Nunca havia tido aquela sensação *iminente* da presença de um fantasma.⁷

A iminente presença de um fantasma. A expressão que ela usou me faz parar e pensar. Porque era isso que eu sentia em relação a White enquanto treinava o meu açor; o escritor estava lá mesmo quando eu sonhava com o açor desaparecendo. Um fantasma me assombrando. Não na forma de uma figura em lençol branco descendo pelo corredor e batendo na janela. Desde que li *The Goshawk*, fico imaginando que tipo de homem era White e por que ele havia se apegado a um falcão que parecia odiar. E, quando treinei meu próprio açor, uma pequena abertura se fez, como uma janela entre ramagens, para essa outra vida, em que um homem estava machucado, um açor estava sendo machucado, e eu via ambos mais nitidamente. Como White, eu queria me liberar do mundo, e compartilhava, também, o seu desejo de fugir para uma natureza selvagem, um desejo capaz de arrancar toda a suavidade humana e deixar você preso a uma realidade de desespero bruto, polido.

Este livro que você está lendo conta a minha história. Não é a biografia de Terence Hanbury White. Mas White faz parte da minha história de qualquer modo. Tenho que escrever sobre ele porque ele estava lá. Quando treinei meu falcão, eu estava, de alguma maneira, mantendo uma conversa tranquila com os

feitos e os trabalhos de um homem há muito tempo falecido, um homem desconfiado, taciturno e determinado à beira do desespero. Um homem cuja vida me incomodou. Mas, da mesma forma, um homem que amava a natureza, que a achava surpreendente, fascinante e uma contínua fonte de novidades. “Uma pega voa como uma frigideira!”⁸ ele era capaz de escrever com a alegria de quem descobre algo novo no mundo. E essa alegria, esse deleite infantil com a vida de criaturas que não o ser humano, é a faceta de que mais gosto em White. Ele era uma pessoa complicada, além de infeliz. Porém, sabia que o mundo era repleto de pequenos milagres. “Existe um sentido de criação naquilo”, escreveu ele, maravilhado, após ajudar um fazendeiro no parto de uma égua. “Havia mais cavalos no pasto quando saí de lá do que havia quando entrei.”⁹

Na obra *England Have My Bones*, White escreveu uma das frases mais tristes que já li: “Apaixonar-se é uma experiência desoladora, mas não quando se apaixonou pela vida rural.”¹⁰ Ele não conseguia imaginar um amor correspondido por um ser humano. Teve que direcionar os desejos para a paisagem, aquele grande campo verde vazio que não pode amar você de volta, mas tampouco pode magoar você. Quando, em seu último encontro, ele confessou ao escritor David Garnett que era sádico, Garnett culpou o abuso emocional sofrido por White na infância, assim como os anos de surras na escola. “Ele era um homem extremamente sensível e de coração mole”, que sempre “se encontrou diante do dilema de ser sincero e cruel, ou falso e artificial. Qualquer que fosse o caminho a seguir, ele causava indignação no objeto de seu amor e aversão em si próprio”,¹¹ escreveu Garnett.

Quando White assumiu seu cargo em Stowe, em 1932, já era especialista em ocultar seu verdadeiro ser. Durante anos ele vivera de acordo com a máxima que Henry Green expôs de forma linda em *Pack My Bag*, sua autobiografia na qual fala sobre a época em que frequentava uma escola particular: “A maneira mais segura de evitar encrenca, para alguém que não vai se adaptar, é tomar parte o máximo possível daquilo que está acontecendo.”¹² A fim de ganhar aprovação, de evitar encrenca, ele tinha que espelhar aquilo que havia ao redor dele: era assim que tentava ganhar o amor da mãe quando era criança. Era uma vida de perpétuo disfarce. Depois de deixar Cambridge com um diploma em língua inglesa, White decidiu se tornar um dândi — foi esse o termo que usou. O esnobismo “é um dos melhores jogos de salão”¹³, explicou ele a Potts, com uma casualidade divertida, mas era um jogo de apostas altas. Ele tinha que se passar por um cavalheiro. Assumiu as atividades corretas: tiro ao alvo, pesca, pilotagem e caça a raposas. A última se tratava de um autêntico desafio: havia mil regras e protocolos; exigia coragem, dinheiro, habilidades sociais, conhecimento de equitação e apuradas proezas de disfarce. “Será que se pode usar cartola, casaca preta e jaqueta sem camisa?”¹⁴, indagou ansioso para Ronald McNair Scott, seu amigo de Cambridge. Ele estava inseguro quanto aos culotes. “Os meus são do tom certo, acho (uma espécie de káqui [sic]), mas a trama (ou textura, ou seja qual for o nome que se dá) está áspera demais ou áspera de menos?” Áspera demais. Áspera de menos.

Ele mantinha meticulosos diários de caça para registrar seu progresso: quilômetros percorridos, esconderijos descobertos, pessoas encontradas, cercas e fossos ultrapassados com êxito, pensamentos sobre a conduta do seu cavalo e avaliações dolorosamente perifrásticas da própria conduta: “Acredito que não

me comportei mal, e em nenhum momento fui repreendido”,¹⁵ escreveu ele. Na defensiva, exprimindo-se com palavras negativas, essas são as palavras de um homem desesperado para pertencer a um grupo. Em *England Have My Bones*, ele descreve Buckinghamshire de forma semelhante — por aquilo que a região não é. O seu condado carece de qualidades fantásticas, beleza e importância histórica, e assim evita a atenção do mundo. É um lugar seguro. Quando White prossegue para explicar como Buckinghamshire “ocultou sua individualidade a fim de preservar a si mesmo”, mas é “secretamente exuberante de uma maneira particular”,¹⁶ você percebe que ele está escrevendo sobre a própria personalidade. Mais disfarces. O espelho funciona em ambos os sentidos. As linhas entre o homem e a paisagem ficam indistintas. Quando White escreve acerca do seu amor pela região rural, no íntimo está escrevendo sobre uma esperança de que ele possa ser capaz de amar a si mesmo.

Contudo, a região rural não era apenas algo seguro para White amar: era um amor que não apresentava riscos ao ser descrito em palavras. Levei um bom tempo para perceber quantos dos nossos livros clássicos sobre animais foram publicados por autores homossexuais, que escreviam sobre seus relacionamentos com os animais em lugar dos amores humanos sobre os quais não podiam falar. Por exemplo, *Anel de águas claras*, de Gavin Maxwell: o relato de um homem solitário no litoral da Escócia com uma lontra iraquiana no seu sofá. Ou os livros do naturalista da rádio BBC Maxwell Knight, antigo chefe de espionagem do serviço de inteligência britânico e homossexual não assumido. Desaconselhado por ambas as organizações a falar abertamente sobre suas relações, Knight escreveu um livro sobre um filhote de cuco chamado Goo, de quem cuidou desde pequeno. A obsessão dele com esse pequeno passarinho parasita, guloso e emplumado é muito comovente; é uma espécie feita de todos os elementos ocultos da vida de Knight: subterfúgio, ilusão, fazer-se passar por algo que não é.

White faz parte dessa pungente tradição literária. Ele permaneceu sozinho a vida toda. Teve alguns romances deprimentes com mulheres; quase se casou com uma delas, esteve prestes a propor casamento a outra: todas eram bastante jovens. Mulheres adultas o apavoravam. Confessou que achava a aparência delas desagradável e mal conseguia se obrigar a desenhá-las. Muito mais tarde na vida apaixonou-se pelo filho adolescente de um amigo; foi seu último amor, desesperado e não correspondido. Porém, sempre existiram os animais. Eles povoaram a vida e os livros de White. Cães, corujas, falcões, cobras, texugos, ouriços, até formigas. E, a não ser pelo seu muito querido setter Brownie, que ele adorava, insistia que seus animais nunca eram de estimação, pois os bichos de estimação eram “quase sempre fatais, para a pessoa ou para si mesmos”. Os donos os estragam da mesma maneira como “as mães estragam os filhos, os sufocam como heras”.¹⁷ Animais de estimação significavam dependência, e ele tinha horror disso. Um dos capítulos de *England Have My Bones* tem como epígrafe um trecho de Stella Benson que lança luz sobre o motivo pelo qual White sonhava com um falcão:

Independência — um estado de autonomia — é a única generosidade, pensei, a única caridade que podem reivindicar de uma criatura viva. Não devemos ter nada a ver com os ossos de outrem; este é o nosso único direito — não ter nada a ver com eles. O esqueleto deve ser o eixo de um globo de vidro à prova de intrusão. Não se pode dizer, ao observar um falcão: “Talvez eu deva fazer isso com ele.” Então, não apenas ele não corre riscos comigo, como eu também não corro riscos com ele.¹⁸

Enquanto ainda era professor, comprou dois gatos siameses — uma raça conhecida por sua independência — e tentou “treiná-los a não colocar qualquer confiança ou afeto em ninguém mais a não ser em si mesmos”. Era isso que tentava fazer consigo mesmo havia anos. “Em vão”, concluiu, com

desgosto. “Longe de vagare livre e independente (...) eles dormem o dia inteiro nasala de estar, nos intervalos em que não estão miando para mim pedindo comida.”¹⁹ Os gatos foram um fracasso. As cobras que ele tinha em suas salas não foram. Ele as mantinha porque “era impossível se impor a elas, ou roubar seus afetos”.²⁰ Ele as adorava porque eram incompreendidas, malignas e “inevitavelmente elas mesmas”: eram versões do que ele almejava ser, assim como os personagens que ele criava em seus livros: Merlin, o professor perfeito; Wart, o órfão que nasceu para ser rei; e Sir Lancelot, o cavaleiro malformado, cujo personagem White fez de si mesmo.

Lancelot era um sádico que se abstinha de machucar pessoas devido ao seu senso de honra — sua Palavra. Sua Palavra era a promessa de ser gentil, e isso era uma das coisas que o tornavam o melhor cavaleiro do mundo. “Por toda a sua vida”, escreveu White sobre Lancelot, “mesmo quando era um grande homem com o mundo a seus pés — ele sentia essa lacuna: algo no fundo do seu coração do qual ele tinha consciência, ou vergonha, mas não compreendia.”²¹ White sempre se empenhou ao máximo para ser gentil justamente porque queria ser cruel. Por isso nunca bateu em seus alunos em Stowe.

E ainda que renunciar à crueldade fosse a palavra de White, os animais desempenhavam um papel curioso em mantê-la. Cavalgando com a Old Surrey and Burstow Hunt em caçadas a raposas, White registrou a primeira vez que viu uma matança tomado de fascínio. A raposa foi arrancada de uma vala onde tinha se refugiado e lançada a cães de caça. Eles a rasgaram em pedaços enquanto um círculo de expectadores humanos “os incitava aos gritos”. Os homens, pensava White, eram desprezíveis, os gritos, “tensos, autoconsciente e histericamente animais”. Mas os cães não eram desprezíveis. “A barbárie dos cães”, escreveu ele, “era inflexível e terrível, mas soava verdadeira, de modo que não era horrível como a dos seres humanos.”²²

Nessa cena sangrenta, apenas um homem escapou à repugnância de White: o organizador da caçada; uma figura de face vermelha, sério e com ares de cavaleiro, que ficava ao lado dos cães e soprava o *mort* em sua corneta de caça, o ato formal de se retirarem para comemorar a morte da raposa. Por alguma estranha alquimia — sua proximidade com a matilha, seu experiente comando sobre ela —, o chefe dos caçadores não era horrível. Para White, era um truque mágico moral, uma forma de sair de seu enigma. Por treinar um animal de caça com esmero, por se associar intimamente a ele, por se identificar com ele, você conseguia experimentar todos os seus desejos vitais e sinceros, até os mais sanguinários, em completa inocência. Você conseguia ser autêntico consigo mesmo.

★ ★ ★

Quando White sonhava com o falcão, o seu lado falso estava se partindo por força da tensão. Ele se sentia “ferendo com uma inquietação estranha”;²³ estava cada vez mais propenso a ficar chocado e aterrorizado. Os colegas se recordam dele chegando às festas, anunciando embriagado: “Esta festa não tem futuro racial. As festas deveriam ser como santuários de pássaros, as pessoas deveriam vir para acasalar.”²⁴ Ele resolvera odiar as pessoas. Preferia os animais. Continuava bebendo muito. Já havia retomado suas antigas paixões: pilotar aviões e caçar raposas. Elas eram corrompidas com a morte, o esnobismo, o desejo de se sobressair, e se baseavam em motivos frágeis: o medo de cair e o medo de fracassar. A amabilidade era um jogo do qual ele havia participado, mas as razões para jogar foram erradas.

Ele estava colocando isso de lado. “Eu era como aquele homem infeliz, em Thurber, que queria uma mala em que pudesse se esconder”, escreveu, “e a solução parecia permanecer em um isolamento esplêndido.”²⁵ White saiu para pescar sozinho em Belmullet, na costa ocidental da Irlanda, durante as férias de primavera, o que o tornou mais seguro de como deveria prosseguir. De Belmullet, demitiu-se do seu cargo em Stowe. “Precisava de coragem”, contou a Potts, “porque meu analista só me ajudou a percorrer um quarto do caminho. Não sei qual vai ser o meu futuro, se é que tenho um.” E depois: “A garçonete está fora de cogitação.”²⁶

Então um pavor novo. A guerra. Todos a sentiam se aproximar; uma coisa quase tangível, tanto acre quanto doce dependendo do nervosismo. “Todos estamos à sombra de um grande medo”, escrevera o historiador Denis Brogan, de Oxford, dois meses antes. “E, se o anjo da morte ainda não aportou em terra, podemos ouvir o bater de suas asas — e vê-las também, preenchendo nosso velho e conhecido céu.”²⁷ White via também, e escreveu que a guerra era a falha dos “mestres dos homens, em toda parte, que inconscientemente impõem sofrimentos a fim de ampliar os próprios poderes”.²⁸

O seu medo da guerra se enredou de maneira um tanto sombria com todos os seus outros medos. Havia muito ele tinha pesadelos com bombas e gases venenosos, com túneis, voos e rotas submarinas de fuga. No ano anterior, publicara *Gone to Ground*, uma espécie de *Decamerão* de meados do século XX no qual caçadores de raposas escondidos em um abrigo subterrâneo contavam histórias uns para os outros enquanto bombas incendiárias e de gás caíam dos céus para extinguir aquela coisa toda nervosa e falida que era a Civilização. A Civilização estava acabada. Não fazia sentido. A modernidade era um absurdo, perigosa e política, cheia de pose; e levaria ao término de tudo. Ele precisava correr. Talvez pudesse fugir para o passado. Seria seguro lá. Começou a ler um livro sobre falcoaria, escrito pelo capitão Gilbert Blaine.

Foi aí que White se deparou com a história de um açor perdido. “De uma ave domesticada como um papagaio de estimação, no dia em que se perdeu”,²⁹ registrou Blaine, “o açor reverteu em uma semana para um estado selvagem e se tornou, daí por diante, um mito e uma lenda na vizinhança.” Para White, a frase foi uma epifania. Aquele falcão era um mito. Uma lenda. “Há uma frase que acendeu de repente um fogo na minha mente”, escreveu:

A frase era: “O açor reverteu para um estado selvagem.” Na minha mente surgiu um desejo, então, de que eu também fosse capaz de fazer isso. A palavra “selvagem” tinha uma espécie de potência mágica que se aliava com duas outras palavras, “bárbaro” e “livre”. “Delicado”, “excêntrico”, “intangível” e outras associações infames se estendiam por trás do grande coro de “feroz”. Reverter a um estado selvagem! Aluguei a cabana de um empregado de fazenda a cinco xelins por semana e escrevi para a Alemanha encomendando um açor.³⁰

Selvagem. Ele queria ser livre. Queria ser bárbaro. Queria ser excêntrico, delicado, feroz. Todos esses elementos de si mesmo que havia renegado, sua sexualidade, sua ânsia por crueldade, por dominação: tudo isso de repente estava ali, presente na figura de um falcão, uma ave de rapina. White se encontrou no açor que Blaine havia perdido. Agarrou-se a ele com unhas e dentes. A ave poderia machucá-lo, mas ele não desistiria. Treinaria o açor. Sim. Ensinaria a ele, e ensinaria a si mesmo, e escreveria um livro sobre isso, e ensinaria aos leitores essa arte antiga e condenada. Era como se estivesse segurando nas alturas a bandeira de algum país que fora conquistado há muito tempo, ao qual ele prometia sua lealdade. Treinaria o seu açor nas ruínas de sua vida passada. Então, quando viesse a guerra, o que com certeza aconteceria, e tudo

em volta desabasse em ruínas e anarquia, White faria o açor voar, comer os faisões que agarrasse, um sobrevivente, um fazendeiro vivendo da própria terra, distante da confusão amarga, sexual, da metrópole ou das pequenas guerras das salas de aula.

Quando você está destruído emocionalmente, corre. Mas nem sempre foge de algo. Às vezes, desamparado, você corre em direção a algo. Meus motivos não eram iguais aos de White, mas eu estava correndo da mesma maneira. Era uma manhã no início de agosto, e eu estava a mais de seiscentos quilômetros de casa. Eu parecia um traficante de drogas. Durante minutos sem fim, andei de um lado para outro em um cais na Escócia com uma lata de refrigerante cafeinado em uma das mãos, um cigarro na outra e um envelope recheado com oitocentas libras, em notas de vinte, no bolso traseiro. Do outro lado, no carro, Christina esperava de forma impassível com óculos de sol estilo aviador. Ela fora para me fazer companhia, e eu esperava que não se entediasse. Ela provavelmente estava entediada. Talvez estivesse dormindo. Caminhei até o automóvel. Era o carro do meu pai. Eu o usava agora, mas o porta-malas estava cheio de coisas que eu não tinha ânimo para retirar de lá: latas de filme de 35mm, uma caixa amassada de aspirina, um jornal com um jogo de palavras cruzadas feito pela metade com a letra do meu pai, um par de luvas. Eu me apoiei no capô, esfreguei os olhos e dirigi o olhar para longe, para o cais, desejando que a barca aparecesse. Uma piscina clara de um tom azul-turquesa se estendia sobre o mar da Irlanda; gaiotas que se pareciam com cruces pequenas a atravessavam. Parecia estranho que já fosse dia; nós duas estávamos extenuadas da longa viagem da noite passada, e quase surtamos com o hotel onde nos hospedamos na noite anterior. *Hotel do século XXI*, estava escrito no cartaz em papel laminado na porta. Quando a abrimos, a primeira coisa que avistamos foi um buldogue de plástico sentado em cima de uma mesa, fazendo uma careta para nós com a beligerância contente e malévola de um ser proveniente de um pesadelo.

★ ★ ★

No quarto do hotel, descobrimos um computador quebrado, uma pia que não estava instalada e um fogareiro em plenas condições de funcionamento, sobre o qual havíamos sido advertidas para não usar em hipótese alguma.

— Saúde e segurança — explicara o gerente do hotel, revirando os olhos.

Para nossa surpresa, havia dois televisores, extensões enormes de acamurçado marrom nas paredes e um toalete com uma banheira de um metro e oitenta onde Christina afundou, perplexa com a água turva cor de chá. Eu me deixei cair em uma cadeira, a viagem passando pela minha mente como um *road movie* produzido por um diretor afetado por drogas. Gigantescos caminhões com a logomarca da Irn-Bru, lotados com o refrigerante espumante escocês cor de laranja com sabor de chiclete. Um corvo imóvel em uma poça ao lado da estrada, as patas molhadas e o bico esculpido. Posto de gasolina com loja de conveniências A. Posto de gasolina com loja de conveniências B. Um sanduíche. Uma grande xícara de

café intragável. Quilômetros sem fim. Mais céu. Um quase acidente provocado pela falta de atenção em um declive, em algum lugar. Postos de gasolina com lojas de conveniências C e D. Massageei minha panturrilha dolorida, pisquei para fazer com que as imagens persistentes desaparecessem e me pus a confeccionar jesses.

Deveria ter feito antes, mas não consegui. Só agora o aços parece real o suficiente para tornar os jesses necessários. Os jesses são as macias correias de couro que se introduzem na anklet, espécie de tornozeleira para as patas de uma ave treinada. Singular, jesse. A palavra tem origem no francês do século XIV, época em que a falcoaria era a distração predileta da elite reinante. Um pequeno fragmento da história social em nome de uma tira de couro. Quando criança, eu me apeguei ao vocabulário desconcertantemente complexo da falcoaria. Em meus velhos livros sobre o assunto, cada parte dos falcões recebia um nome: asas eram *sails* [velas], garras, *pounces* [garras de aves de rapina], rabo, *train* [aba]. Os machos são um terço menores do que as fêmeas; por isso, são chamados de *tiercels*, do latim *tertius*, que significa *terceiro*. Um filhote é denominado *eyas*, um pássaro mais velho, *passager*, e uma ave adulta aprisionada, *haggard*. Falcões com treinamento incompleto voam com uma corda longa chamada *creance*. O nome que se dá a um falcão limpando o bico é *feak*. E defecando, *mute*. Quando sacodem as penas, usamos a palavra *rouse*, levantar. E segue-se uma interminável panóplia estonteante de termos muito precisos. Os termos eram precisos por um motivo. Conhecer a terminologia da falcoaria atestava o seu lugar na sociedade. Assim como, na década de 1930, T.H. White se preocupava se um chicote de caça podia ser adequadamente chamado de açoite de caça, ou um chicote de montaria, ou uma chibata de montaria, ou apenas chibata, ou chicote, e também como no século XVI o espião jesuíta Robert Southwell sentia pavor de ser descoberto porque vivia esquecendo os termos de falcoaria. Porém, as palavras não remetiam a temor social quando eu era criança. Eram palavras mágicas, arcanas e perdidas. Eu queria dominar esse mundo que ninguém conhecia, ser uma especialista dessa linguagem perfeita, secreta.

Hoje é possível comprar tudo pela internet: jesses, capuzes, guizos, luvas, tudo. Mas quando comecei na falcoaria, a maioria das pessoas confeccionava o próprio equipamento. Comprávamos destorcedores em lojas de pesca submarina, leashes — espécie de coleira — de mercadores de navios, e restos de couro de curtumes em fábricas de calçados para fazer nossos próprios jesses e capuzes. Adaptávamos, adotávamos, geralmente não melhorávamos. Com certeza, não no meu caso. Eu passava incontáveis horas encerando fios de algodão, cravando furos em minhas mãos em vez de no pedaço de couro, franzindo a testa, limpando sangue, tentando repetidas vezes cortar e montar e costurar peças que se pareceriam com as das fotografias dos livros, esperando pelo glorioso dia em que eu poderia ter um falcão.

Suspeito que todas aquelas horas fabricando jesses e leashes não foram apenas preparação. Em um caderno de desenhos da minha infância encontrei um rabisco a lápis de um francelho pousado em uma luva. A luva está apenas delineada, e não é um desenho bom — eu tinha seis anos quando o fiz. A ave tem olho escuro, uma longa cauda e uma vasta penugem macia embaixo do bico curvo. É um francelho feliz, ainda que obscuro; como a luva, ele está estranhamente transparente. Porém, parte do desenho foi trabalhada com cuidado: as patas e os dedos com garras, maiores do que deveriam ser, flutuando acima da luva, já que eu não fazia ideia de como desenhar dedos com capacidade de agarrar. A pele escamosa e as presas em todos os dedos estão delineadas com enorme atenção, assim como os jesses em torno das patas do falcão. Uma linha preta larga que representa a leash se estende dali até um grande ponto preto na luva, que retoquei várias e várias vezes com o lápis até o papel ficar brilhante e com pequenas depressões.

É um ponto de apoio. *Aqui*, diz o desenho, *está um francelho na minha mão. Ele não vai fugir. Não consegue partir.*

É uma ilustração triste. Faz-me recordar de um artigo do psicanalista D. W. Winnicott acerca de uma criança obcecada por cordas; um garoto que amarrava cadeiras a mesas. Amarrava almofadas à lareira. Amarrava até mesmo cordas ao redor do pescoço da irmã, o que era um motivo de preocupação. Winnicott viu esse comportamento como uma forma de lidar com o medo do menino de ser abandonado pela mãe, que sofrera crises de depressão. Para o menino, a corda era um tipo de comunicação não verbal, um meio simbólico de se conectar. Era uma negação da separação. *Segurar firme*. Talvez aqueles jesses tenham sido tentativas não expressadas de me manter ligada a algo que já tinha voado para longe. Passei as primeiras semanas da minha vida em uma incubadora, ligada a vários tubos, sob uma luz artificial, a pele fina e sensível, os olhos completamente fechados. Fui a sortuda da história. Era pequenina, mas sobrevivi. Tive um irmão gêmeo. Ele não sobreviveu. Morreu logo após o parto. Não sei quase nada sobre o que aconteceu, apenas o seguinte: foi uma tragédia sobre a qual nunca se podia falar. Esse era o conselho dos hospitais para os pais em luto nessa época. Sigam adiante. Esqueçam o ocorrido. Olhem, vocês têm uma criança! Sigam com a sua vida. Quando descobri que tive um irmão gêmeo, muitos anos depois, fiquei surpresa, mas nem tanto. Sempre senti que estava faltando uma parte de mim; uma ausência simples, antiga. Será que minha obsessão por aves, pela falcoaria em particular, originou-se dessa primeira perda? Será que aquele francelho obscuro era uma percepção apreendida do meu irmão gêmeo, os jesses cuidadosamente desenhados, uma maneira de me manter presa e apertada a algo que eu não tinha conhecimento de ter perdido, mas sabia que tinha ido embora? É possível.

Agora, porém, meu pai tinha morrido. *Segurar firme*. Jamais poderia imaginar que fazer jesses pudesse ser um ato simbólico. Mas, ao me ver ali, cortando o couro em longas tiras, embebendo-as em água morna, esticando-as, engraxando-as, virando-as e revirando-as neste cômodo esquisito com objetos quebrados, percebi que eram mais do que apenas pedaços de couro. Eram as cordas que me prenderiam ao falcão, assim como prenderiam o falcão em mim. Peguei o estilete e afilei a extremidade de um jesse em formato de ponta com um corte longo e suave. *Pronto*. Eu estava invocando presenças ao fazer isso. De repente a ave era totalmente real. E assim, em um golpe de recordação tão ardente que ele poderia estar no quarto, ali estava meu pai. Cabelos grisalhos, de óculos, com camisa azul de algodão, uma gravata um pouco torta, uma xícara de café em uma das mãos e um olhar divertido no rosto. Ele costumava me deixar irritada ao chamar o equipamento de falcoaria pelos nomes errados. Chamava o capuz de *chapéu*. Os fiadores, de *pedaços de corda*. Fazia de propósito. Eu me irritava e o corrigia, com a certeza de que ele fazia isso para me provocar.

E agora percebia que meu pai sabia exatamente como se chamavam aquelas peças, mas, no mundo do fotojornalismo, quanto mais especializado você era, menos você costumava chamar as coisas pelo nome apropriado. Para o meu pai, as fotografias eram *instantâneos*. As câmeras eram simplesmente *kits*. Nunca foi provocação. Ele estava me elogiando. Droga de vocabulário francês do século XIV. Merda. Merda, merda, *merda*. Não era a maneira de ser do meu pai, de jeito nenhum. Minha garganta dói. Meus olhos, e também o meu coração. Cortei a extremidade do outro jesse. Dedos tremendo. Então, coloquei os dois jesses lado a lado em cima do tampo de vidro da mesa. Estão iguais. *Amanhã*, pensei, *vou me encontrar com um desconhecido vindo da barca de Belfast e vou entregar para ele este envelope cheio de papel em troca de uma caixa contendo um açaor*. Parecia a coisa mais improvável em que eu poderia pensar.

O açor que eu estava prestes a adquirir tinha crescido em um viveiro perto de Belfast. Criar açores não era tarefa para covardes. Tive amigos que tentaram e desistiram depois de apenas uma temporada, coçando os cabelos recém-grisalhos em uma espécie de estupor pós-traumático. “Nunca mais”, dizem eles. “Nunca. A coisa mais estressante que já fiz na vida.” Tente fazer, e você vai descobrir que há uma linha muito tênue entre a excitação sexual de um açor e a violência terrível e mortal. Você tem que observá-los sempre, monitorar o comportamento deles, estar pronto para intervir. Não é bom simplesmente colocar um casal de açores em um viveiro e deixá-los à vontade. Com mais frequência do que se imagina, a fêmea mata o companheiro. Então, é preciso alojá-los em viveiros separados, mas contíguos, com paredes sólidas, com uma abertura com grades entre os dois, pela qual o casal possa se ver. À medida que o inverno vai se transformando em primavera, eles desenvolvem um namoro, como Píramo e Tisbe, através da fresta na parede, chamando, exibindo-se, baixando as asas azuis e levantando as penas brancas ocultas sob as caudas que parecem, para todo mundo, um amplo par de calças de plumas, e então apenas quando a fêmea parece pronta — um julgamento preciso que não admite erro —, você deixa o macho entrar no recinto de acasalamento. Quando tudo corre bem, eles acasalam, põem ovos e uma nova geração de açores criados em cativeiro, filhotes brancos cheios de penugem, com olhos embaçados e pequeninas garras, vem ao mundo. Eu nunca tinha encontrado o criador do meu açor novo, mas já sabia que era um homem de nervos de aço e paciência sobre-humana.

A ave de White era de origem selvagem. Ninguém criava açores em cativeiro na década de 1930: não havia necessidade. Existiam cem mil açores selvagens nas florestas da Europa, e nenhuma restrição de importação para atrapalhar. Como quase a maioria dos açores na falcoaria da época, o de White tinha vindo de um ninho da Alemanha. “Um feixe de gravetos íngremes e alguns excrementos brancos” era como ele imaginava o local de nascimento do seu falcão, pois nunca vira um ninho de açor. Mas é possível ver um sem necessidade de se embrenhar na floresta. Na internet, agora, há transmissões ao vivo de ninhos de açores. Um clique e você tem uma visão íntima e próxima da vida familiar do mais discreto tipo de falcão. Lá, em uma caixa de dez centímetros com brilho em baixa resolução, está um pedaço de uma mata inglesa. O cicío que você ouve do alto-falante do seu computador é um amálgama digitalizado de folhas, vento e tentilhões cantando. Você vê o ninho de maneira nítida, uma concatenação volumosa de gravetos empurrados com vigor contra a casca de uma conífera, e revestida de chumaços de folhas verdes. Pela câmera, aparece o açor macho no ninho. É muito repentino; ele é de um cinza-prateado e um branco gloriosamente brilhante, é como observar um salmão saltar. Há algo acerca da combinação entre a rapidez do macho e o retardo da imagem comprimida que prega peças em sua percepção da cena: você carrega uma impressão do pássaro à medida que o observa, e os movimentos dele ao vivo se sobrepõem à impressão até que o pássaro brilha claramente com substância. Substância de açor. Ele curva a cabeça e canta. *Chiu-chiu-chiu-chiu-chiu-chiu*. Bico preto, fumaça suave na fria manhã de abril. Então chega a fêmea. Ela é imensa. Aterrissa na beirada do ninho, que balança. Os pés nodosos fazem os do macho parecerem minúsculos. Ela é como um navio. Um açor transatlântico. E, enquanto ela se vira, você consegue ver os braceletes de couro que ela usa em cada pata. Essa fêmea foi criada em cativeiro em algum lugar, em um viveiro como aquele da Irlanda do Norte onde o meu açor foi criado. Ela fugiu de um falcoeiro anônimo, perdeu-se, e agora ei-la, estabelecendo-se com quatro ovos, sendo observada em

telas de computador como a própria espécie na vida selvagem.

★ ★ ★

O tempo passou no cais escocês e uma luminosidade apareceu no mar. Então, um homem veio em nossa direção, carregando duas enormes caixas de papelão como um par de malas grandes. Estranhamente discrepantes, não pareciam obedecer às leis da física, porque, à medida que ele caminhava, as caixas se movimentavam de forma imprevisível, sem relação nem com os passos dele nem com a gravidade. *O que está dentro delas, seja o que for, está se mexendo*, pensei com um ligeiro baque no coração. Ele pousou as caixas, passou uma das mãos pelos cabelos.

— Vou me encontrar com outro falcoeiro daqui a pouco. Ele vai ficar com a ave mais jovem. A sua é a mais velha, e também maior — disse o homem. — Então — ele correu a mão pelos cabelos mais uma vez, expondo um extenso arranhão feito por uma garra na altura no pulso, inflamado nas extremidades e com uma casca de sangue seco —, vamos verificar os números do anel com o Artigo 10S — explicou ele, puxando uma pilha de papéis amarelos da mochila e desdobrando dois dos formulários oficiais que acompanham aves raras criadas em cativeiro durante toda a sua vida. — Não quero que a senhora vá para casa com a ave errada.

Anotamos os números. Olhamos as caixas, as alças com fita adesiva, as portinholas de compensado fino e as dobradiças de cordas cuidadosamente atadas. Depois ele se ajoelhou no concreto, desatou uma dobradiça da caixa menor e deu uma espiada no seu interior escuro. Um repentino baque surdo, *zamp*, de ombros cobertos de penas, e a caixa balançou como se alguém a tivesse esmurrado, forte, pelo lado de dentro.

— Ela retirou o capuz — disse o homem e franziu o cenho.

Aquele capuz leve, de couro, tinha como finalidade evitar que a ave visse algo que a assustasse. Nós, por exemplo.

Outra dobradiça desatada. Concentração. Infinita precaução. A claridade do dia irrigando a caixa. Garras arranhando, outro baque. E outro. *Zamp*. O ar se tornou meloso, lento, salpicado de poeira. Os últimos poucos segundos que antecedem uma batalha. Com o último nó desatado, ele enfiou a mão dentro da caixa e, em meio a um caótico, farfalhante bater de asas e patas e garras e um trinado agudo, tudo acontecendo ao mesmo tempo, o homem retira da caixa um imenso, *imenso* açor, e, em uma daquelas estranhas coincidências do mundo, um grande fluxo de luz do sol nos inunda, e tudo se mistura em luminosidade e fúria. As asas listradas do açor batendo, suas penas primárias de pontas afiadas cortando o ar, levantadas como os espinhos eriçados de um porco-espinho. Dois olhos enormes. Meu coração pula. Ele é um truque de mágica. Um réptil. Um anjo caído. Um grifo das páginas da iluminura de um bestiário. Algo brilhante e distante, como ouro mergulhando na água. Uma marionete quebrada de asas, pernas e penas salpicadas de luz. Está usando jesses, que o homem segura. Por um longo e terrível momento, a ave abaixa a cabeça, as asas abertas, como um peru abatido, só que a cabeça está virada para o alto à direita e ela está vendo mais do que jamais viu em toda a sua breve vida. O mundo dela era um viveiro não maior do que uma sala de estar. Depois, uma caixa. Mas agora é muito mais; ela pode ver *tudo*: o resplendor pontual sobre as ondas, um cormorão mergulhando a cem metros de distância; o brilho da cera dos carros estacionados em filas; morros distantes cobertos de vegetação, e quilômetros e quilômetros

de céu, onde o sol se espalha em poeira e água, e coisas ilegíveis, as manchas brancas das gaivotas, movem-se contra ela. Tudo de cabeça para baixo e recém-gravado no seu cérebro inteiramente atônito.

No meio de tudo isso, o homem estava completamente tranquilo. Ele controlou o falcão com um movimento experiente, dobrando as asas do animal, apoiando as grandes costas emplumadas contra o peito dele, agarrando as pernas amarelas escamosas com uma das mãos.

— Vamos colocar de volta este capuz — disse de maneira firme.

Ele estava com uma expressão preocupada, devido ao seu zelo. Esse açor fora chocado em uma incubadora, saíra de um frágil ovo azulado para uma caixa úmida de acrílico, e, nos primeiros dias de vida, tinha sido alimentado com tiras de carne presas em pinças por este homem, que esperou, com muita paciência, que o filhote fofo e desgarrado notasse o alimento e o comesse, o pescoço jovem oscilando com o esforço de manter a cabeça no ar. De repente, passei a amar este homem, de coração. Apanhei o capuz de dentro da caixa e me virei para o falcão. O bico estava aberto, as penas eriçadas; os olhos selvagens tinham a cor do sol sobre papel branco e estavam fixos, porque o mundo inteiro havia caído dentro deles de uma só vez. *Um, dois, três.* Enfiei o capuz na cabeça do açor. Houve uma breve insinuação de um crânio fino e angular por baixo das penas, de um cérebro estranho efervescendo e fundindo de terror, então puxei as tiras para fechar. Comparamos os números do anel com os do formulário.

Era a ave errada. Era a mais jovem. A menor. Não era o meu açor.

Ah.

Assim, colocamos o açor de volta no lugar e abrimos a outra caixa, que devia estar carregando a ave maior e mais velha. E bom Deus, era verdade. Tudo a respeito do segundo falcão era diferente. Ele saiu como em um melodrama vitoriano: uma espécie de mulher maluca em posição de ataque. Era mais esfumaçada e escura, e muito, muito maior e, em vez de gorjear, gemia; grandes e terríveis espasmos sonoros, como sofrimento, e o barulho era insuportável. *Este é o meu açor*, eu dizia para mim mesma, e era tudo o que conseguia fazer para respirar. O açor também estava com a cabeça descoberta, então peguei o capuz dentro da caixa, como fizera antes. Porém, quando o levei até o rosto dela, olhei-a nos olhos e vi algo de vazio e louco. Um tipo de loucura de uma região distante. Não a reconheci. *Este não é o meu açor.* O capuz foi colocado, os números batiam, o falcão estava de volta à caixa, o formulário amarelo dobrado, o dinheiro recebido, e tudo o que eu conseguia pensar era: *Este não é o meu açor.* Pânico em câmera lenta. Eu sabia o que tinha a dizer, e era uma monstruosa falta de educação.

— É muito esquisito — comecei —, mas gostei na verdade do primeiro açor. O senhor acha que existe alguma chance de eu levar o primeiro no lugar deste...? — Eu me encolhi. As sobrancelhas do homem se ergueram. Recomecei, dizendo coisas ainda mais estúpidas: — Tenho certeza de que o outro falcoeiro gostaria da ave maior. Ela é mais bonita do que a primeira, não é? Sei que isso é incomum, mas eu... Será que eu poderia? Seria correto? O que o senhor acha? — E assim continuei, em uma artilharia louca e desesperada de apelos incoerentes.

Tenho certeza de que nada do que eu disse convenceu-o mais do que meu olhar enquanto eu falava. Uma mulher alta, de rosto claro, com cabelos desgrenhados pelo vento e olhos exaustos fazia uma súplica a ele em um cais, as mãos estendidas como se estivesse em uma encenação à beira-mar de *Medeia*. Olhando para mim, ele deve ter percebido que meu pedido gaguejado não era simples. Que havia algo muito importante por trás dele. Seguiu-se um momento de completo silêncio.

— Tudo bem — respondeu ele. E depois, como achou que eu não tinha acreditado, repetiu: — Claro,

claro, tenho certeza de que não tem problema.

“Escondendo para nada!”, meu velho amigo Martin Jones tinha dito, levantando as duas mãos para o ar em um gesto meio de súplica, meio de irritação. “É como bater a cabeça contra a parede. Não faça isso. Vai deixar você maluca.” Eu continuava pensando nas palavras dele enquanto dirigia. Embreagem, 4ª marcha. Desvio. Reduzir a marcha. Aceleração impetuosa. Ligeiro ressentimento. Eu não queria pensar em todas as coisas que os homens haviam me dito. “Vai deixar você maluca. Deixe os açores para o pessoal de açores. Faça alguma coisa mais sensata.”

Eu sabia que treinar esse falcão seria difícil. Os açores têm a fama de serem difíceis de domar. De se habituarem ao contato com humanos, processo chamado de *manning* no linguajar da falcoaria. Você pode fazer isso com um esmerilhão em alguns dias. Certa vez, deixei um gavião-asa-de-telha livre para voar após quatro dias. Mas os açores são aves nervosas, tensas, e leva um bom tempo para convencê-las de que você não é o inimigo. Nervosismo, é claro, não é exatamente a palavra correta: essas aves têm sistemas nervosos acelerados nos quais os caminhos dos nervos dos olhos e dos ouvidos para os neurônios motores que controlam os músculos têm apenas ligações secundárias com os neurônios associados no cérebro. Os açores são nervosos porque vivem a vida em uma velocidade dez vezes mais rápida do que a nossa e reagem aos estímulos literalmente sem pensar. “De todas as aves de rapina”, escreveu Richard Blone, falcoeiro do século XVII, “o açor é sem dúvida o mais acanhado e reservado, em relação tanto aos homens quanto aos cães, exigindo mais o cortejo de uma Amante do que a autoridade de um Mestre, estando ele apto a lembrar qualquer prática bruta e desagradável; todavia, sendo tratado com delicadeza, torna-se assaz maleável e gentil para com o seu zelador.”¹ Bem, então usemos de delicadeza e esperemos receber delicadeza.

Delicadeza e amor. Eu me lembro de matutar distraída, enquanto dirigia, sobre o feroz ataque de amor que senti na beira do cais por um homem que segurava uma ave aterrorizada por um mundo que não conseguia compreender. Depois de refletir com calma sobre aquele enigma por quilômetros, percebi que o amor representava meu pai e eu. Nas semanas após o falecimento dele, eu ficava sentada em frente à televisão assistindo sem parar a uma minissérie britânica chamada *O espião que sabia demais*; horas de filme granulado em 16mm, dos anos 1970, suave e escuro passando em um antigo videocassete. Eu me envolvia mentalmente nos cenários sombrios, os escritórios da rua Whitehall e os clubes de cavalheiros. O enredo tratava de espionagem e traição, que se combinavam como um mecanismo, e era glacialmente lento e belo. Mas era também a história de um rapaz chamado Jumbo, interno em uma escola primária de segunda categoria em Quantock Hills. Jumbo fazia parte de uma minoria. Gorducho, míope, asmático, sofria de um terrível senso de inutilidade, além de carregar toda a culpa de um lar desfeito. Quando surgiu um novo professor de francês — um indivíduo corcunda, pitoresco, chamado Prideaux —, Jumbo

o considerou um aliado. Alguém que o compreendia. “Você é um bom observador”, dizia Prideaux. “Vou lhe falar isso a troco de nada, garoto. Nós, solitários, sempre somos.”² O que Jumbo não sabia, e não poderia saber, era que Prideaux tinha sido um espião, e que o problema nas costas do professor fora causado por uma bala de origem russa, e que havia outras mágoas também, pois Prideaux fora traído por seu amigo e ex-amante. O mundo de Jumbo era pequeno demais para compreender tais coisas, mas mesmo assim ele tinha a sensação de que o professor havia perdido um grande amigo, e tomou para si a tarefa de ocupar o lugar do tal amigo até a sua volta. Jumbo encontrou uma utilidade para si. Eu adorava Prideaux enquanto assistia à série, e a paisagem da escola — com as colinas escondidas pelo nevoeiro, gralhas-calvas nos olmos se lamuriando e a fumaça branca saindo da respiração dos rapazes que jogavam partidas de rúgbi nos campos nas manhãs de inverno — se tornou o cenário de toda uma série de sonhos que ferroavam com dor naquela primavera.

O que ocorre à mente depois da perda de um ente querido só faz sentido tempos mais tarde. Mesmo enquanto assistia aos episódios, eu tinha meio que imaginado Prideaux como uma figura que eu escolheria para um pai. Mas o que eu também deveria ter percebido, naquelas estradas do norte, é que aquilo que a mente faz depois que se perde o pai não é apenas selecionar novos pais no mundo, mas selecionar novos egos para amar. Naquelas primeiras semanas, sentindo-me pequena e desesperada, escolhi ser Jumbo. Depois, naquele cais escocês, só por um instante, sem saber por quê, escolhi ser o açor. Dirigi e dirigi sem parar, as estradas deslizaram à minha frente e o céu se enrijeceu em poças temperadas pelo mais forte branco e azul.

★ ★ ★

Comecei a ficar aflita. A caixa estava muito quieta. Parei, desanimada, no posto de serviço mais próximo na estrada. Christina correu para comprar sorvete, e eu espreitei por um dos buracos para entrada de ar perfurados nas laterais da caixa de papelão. Depois de horas em uma estrada com iluminação vinda de cima, minha visão estava arruinada. Não conseguia enxergar absolutamente nada, e na verdade não queria ver, porque era óbvio que a ave estava morta. E então, de repente, *meu Deus*, a caixa ficou cheia de estrelas.

Muito tempo antes, eu tinha visto uma mala em uma galeria de arte, pequena, de couro marron, deitada de lado sobre uma mesa branca. Era o objeto mais mundano possível, com um leve toque de tristeza, como se alguém a tivesse derrubado ao passar e se esquecido de levantá-la. O artista tinha recortado um pequeno círculo no couro. *Olhe lá dentro*, dizia uma tabuleta colada no objeto. Com um tímido incômodo por ser solicitada a participar de uma obra de arte, inclinei-me e encostei o olho no buraco. Um sobressalto. Olhei mais uma vez. E lá estava eu, a rainha de um espaço ilimitado, tonta, alegre, fitando um profundo cenário de estrelas que se alongava até o infinito. Foi criado de maneira bastante inteligente; o artista prendeu dois espelhos manchados com pontinhos de ácido às partes superior e inferior da mala e usou uma multidão de pequeninas lâmpadas para iluminá-los. Os reflexos das manchas e orifícios no vidro, os pontos brilhantes de luz transformavam o interior daquela mala em um universo frio e reluzente que se estendia para sempre.

Agachada no banco traseiro do carro e perdida nas lembranças daquela mala, fitei um campo de estrelas na escuridão. Aos poucos, ele se definiu como partículas de pó das penas, pedacinhos da queratina

esmigalhada que protege as penas em crescimento, liberada pela plumagem jovem do açor e iluminada por um feixe de raio solar vindo de uma fenda na tampa da caixa. Olhos e cérebro se ajustaram, e agora eu conseguia ver um brilho opaco de meia-luz em uma pata amarelo-limão com garras. Penas embaçadas também, estremeando de apreensão. O açor sabia que estava sendo observado. E estremeci também.

— O açor está bem? — perguntou Christina, já de volta e dando uma mordida em um picolé de fruta.

— Está, sim — respondi. — Está ótimo.

Motor ligado. Demos partida. Aves de rapina são comercializadas há séculos, repreendi a mim mesma. É óbvio que esta aqui está viva. Sete horas não são nada. Pense nos comerciantes de falcão no século XVII, que levavam para a corte francesa falcões selvagens originários de regiões tão distantes quanto a Índia. Pense no Quinto Conde de Bedford, que importava aves da Nova Escócia e da Nova Inglaterra; fileiras de falcões empoleirados em navios de madeira, encapuzados e imóveis, e o mugido do gado transportado como carga nos navios para alimentá-los. Enquanto seguíamos em frente, pensava no açor de White, em como a viagem dele tinha sido muito pior do que esta: primeiro do seu ninho para as mãos de um falcoeiro alemão; depois, de avião até a Inglaterra, em seguida de trem, partindo de Croydon para um falcoeiro chamado Nesbitt, em Shropshire; daí para um falcoeiro diferente na Escócia como parte de uma negociação que aparentemente não deu certo, pois ele retornou para Nesbitt. Uma parada de alguns dias em um sótão arejado, e enfim de volta para um trem, dessa vez para Buckingham, uma cidadezinha de prédios de tijolos vermelhos a oito quilômetros de Stowe. Foi lá que White o encontrou. Quantos quilômetros? Calculo cerca de dois mil e quinhentos, ou coisa parecida, durante vários dias. Não sei como o açor sobreviveu.

★ ★ ★

Pequenas almas, enviadas para longe sem segurança. Nas páginas iniciais de *The Goshawk*, White descreve a terrível viagem do seu jovem açor: arrancado do ninho, enfiado em uma cesta e enviado para uma terra estrangeira de modo a ser treinado. Ele nos pede para tentar imaginar a sensação, para nos colocarmos na mente juvenil e desconcertada daquele animal; para experimentarmos o calor e o barulho, a confusão e o pavor que foi esse trajeto até chegar à porta de White. “Deve ter sido como a morte”, escreveu ele, “aquilo que jamais conseguimos saber de antemão.”³

O que vemos nas vidas dos animais são lições que aprendemos pelo mundo. Algum tempo atrás, em um arquivo de metal amarelo da biblioteca de uma universidade, descobri algumas fotografias de White quando bebê. São impressões prateadas de uma paisagem empoeirada em Karachi; uma árvore jandi, sombras longas, céu claro. Na primeira foto, o menino está sentado em um burro, olhando para a câmera. Ele usa uma vestimenta tradicional solta e um chapéu de criança para aparar o sol, e o seu rosto redondo não demonstra nenhum interesse pelo burro a não ser pelo fato de que o mesmo serve de montaria. A mãe do menino está de pé atrás dele em um impecável traje do período eduardiano, com aparência bonita e aborrecida. Na segunda fotografia, o garoto corre em direção à câmera sobre um terreno ressecado. Ele corre muito rápido: os braços atarracados estão desfocados em seu movimento de balançar, e a expressão do garoto, meio de pavor, meio de prazer, é algo que nunca vi em qualquer outra criança. Foi um triunfo cavalgar o burro, mas um alívio quando acabou. É um rosto em uma busca desesperada

por segurança, com certo entendimento de que não existe isso.

Não havia nenhuma segurança. O casamento dos pais dele foi malfadado desde o início. Constance Aston tinha quase trinta anos quando os comentários zombeteiros da mãe sobre o custo de mantê-la ficaram insuportáveis. “Vou me casar com o primeiro homem que propuser”, disparou ela. O homem foi Garrick White, um Comissário de Polícia Distrital em Bombaim. Os recém-casados viajaram para a Índia, e, tão logo Terence nasceu, Constance se recusou a dormir novamente com o marido. Ele começou a beber, e o casamento pendeu para a violência. Cinco anos depois, a família voltou para a Inglaterra, para viver durante um tempo com os pais de Constance em St. Leonards-on-Sea, um balneário no litoral sul. Quando retornaram à Índia, deixaram o menino para trás. Foi um abandono, mas também um alívio para a sensação de medo. *Aquele tempo todo foi bonito demais para colocar em palavras*, foi assim que White descreveu sua vida em St. Leonards em um fragmento autobiográfico levemente ficcionalizado que, em determinados trechos, é narrado na própria voz infantil, a voz de um garotinho desesperado para chamar atenção e já desejando se transformar em outros egos, mais seguros: *Olhe para mim, Ruth, sou o chefe dos piratas! Olhe, estou em um avião! Olhe, sou um urso polar! Olhe! Olhe! Olhe!* Havia lagartas, uma tartaruga, uma despensa com chocolate e açúcar em potes, e infundáveis jogos com os primos.

Contudo, não poderia seguir daquela forma para sempre. “Eles nos tiraram daquela vida”, escreveu ele, brevemente, “e nos mandaram para a escola.”⁴ O idílio estava terminado, a criança foi jogada de volta a uma vida de medo e violência. O supervisor do seu dormitório em Cheltenham era um “solteirão de meia-idade sádico, com um rosto impregnado de tristeza”, e os monitores eram seus ajudantes. Eles costumavam bater nos meninos menores depois das orações da noite. Todo dia ele rezava: “Por favor, Deus, não deixe que batam em mim hoje.” O que geralmente acontecia. “Eu sabia, de maneira velada, que se tratava de uma ofensa sexual”, refletiu ele mais tarde, “apesar de eu não poder expressar em palavras aquela acusação.”⁵ Não é de admirar que ele se sentisse tão solidário em relação ao açor. O garoto havia sido arrancado do único lugar que realmente sentira como lar e sido enviado para ser educado em um mundo de severa crueldade burocrática. Foi uma traição que marcou White para sempre. E também marcaria o açor dele.

★ ★ ★

Feroz. Delicado. Livre. Tim White está sentado à mesa de sua cozinha e enche a caneta-tinteiro de um frasco de tinta verde pousado na toalha de mesa de plástico. A tinta é uma coisa maliciosa, pequena e furiosa. Ele escreve sobre a sua nova vida com um tom que é a tinta de — como é mesmo que Havelock Ellis a chama? A tinta preferida dos invertidos. O falcão chega no dia seguinte. Em breve, serão três almas na casa: a dele próprio, de seu cachorro, de seu açor. O pensamento o faz vibrar. Adora a casa. Ele a chama de sua cabana de operário, sua toca de texugo, seu refúgio. No lado de fora, a luz e as sombras das folhas se movem sobre os altos espigões cinzentos. Não é uma casa imponente — a água vem de um poço, e no jardim há um buraco que serve de banheiro —, mas ele a considera bonita. Naturalmente, é alugada, custa cinco xelins por semana, mas é a primeira vez que ele mora em um lugar só dele. White está deixando o lugar com a cara dele. Envernizou os tetos, pintou tudo de cores vivas. Tinta vermelha brilhante. Azul Robiallac. Sobre a lareira, asas de pássaros. Um vaso. Papel de parede estampado. Um espelho. Livros para todo lado. Ele gastou sessenta e seis libras em tapetes, comprou uma poltrona bergère

ferrada em tecido brocado e a posicionou em uma base de madeira. No andar de cima, transformou o quarto de hóspedes em um cômodo de contos de fadas, de exuberância secreta e romântica: espelhos e cama com lençóis azuis e uma colcha dourada, cercada de velas. Ainda assim, ele não consegue dormir ali. A cama de armar no outro quarto com as cortinas marrons é suficiente. O açor vai dormir no celeiro lá fora, e ambos vão chamar este local de lar.

★ ★ ★

O terraço vitoriano surgiu e oscilou no crepúsculo do verão. Caminhei até a minha porta, a caixa nos braços. Não me lembro de ter aberto a caixa naquela noite. Eu me lembro dos meus pés descalços pisando no tapete e o peso da ave no meu punho. O formato do animal, longo e assombrado, e o puxão dos seus ombros nervosos à medida que dava passos para trás até as sombras do poleiro em arco no chão da minha sala de estar. Eu me recordo de pensar no trecho de *A espada na pedra*, no qual um falcoeiro tomou um açor de volta para o próprio punho, “reassumindo-se como um aleijado colocando sua habitual prótese de madeira, depois de ela ter se perdido”. Sim, segurar o açor pela primeira vez me deu a mesma sensação. Exatamente a mesma. Em silêncio, arrastei-me para o andar de cima e caí na cama. O açor estava lá, a viagem tinha chegado ao fim.

Naquela noite sonhei com o meu pai. Não foi o sonho comum, de uma família se juntando novamente. No sonho, procuro por algo em uma casa, uma casa vazia com quadrados claros nas paredes em espaços que deveriam ser ocupados por quadros. Não consigo encontrar o que procuro. Abro uma porta no andar de cima que dá para uma sala diferente das outras. Três paredes brancas com água jorrando e a parede dos fundos não está lá. Simplesmente não existe: apenas o violeta-claro típico de uma cidade anoitecendo. Embaixo de mim, há um local destruído por um bombardeio. Toneladas de tijolos e destroços, plantas florescendo em depósitos entre vigas quebradas e barras que são cadeiras destruídas, e as sombras entre todas essas coisas se intensificam até a noite. Mas não são elas o que procuro. Porque no topo da pilha mais alta de tijolos está um garotinho com cabelo louro-claro. Seu rosto está virado para outro lado, mas o reconhecimento é imediato, não apenas por estar usando as mesmas calças curtas e o casaco cinzento cheio de bolinhas como em uma fotografia de nosso álbum de família. É o meu pai.

Logo que o vejo, sei onde estou. Aqui é Sheperd’s Bush, onde ele brincava quando garoto, escalando locais bombardeados com os amigos, catando coisas, recuperando-as, escondendo, observando. “Costumávamos bombardear os tijolos com bombas feitas de tijolos”, contou-me ele certa vez. “Não havia muitas outras coisas para brincar.” Então, o garoto se vira, olha para mim lá em cima de pé na casa em ruínas, e sei que ele vai dizer algo. Mas não ouço palavras. Em vez disso, ele aponta com o braço. Aponta *para cima*. Eu olho. Há um avião no alto, quilômetros acima de nós, tão alto que a fuselagem e as asas estão iluminadas pelo sol poente. Não há o ruído do motor, nenhum som, nada mais se movendo em nenhum lugar. Apenas esse pequeno ponto de luz cruzando o céu até passar por cima de nós e se perder nas sombras do mundo. Olho de novo para baixo e o menino que era o meu pai desapareceu.

Pirrt. Pirrt. Pirrt. Um ruído repetido algumas vezes, como uma chamada telefônica de um pássaro no meio das folhas. Foi isso que interrompeu meu sono. O ruído vinha de um tentilhão no limoeiro do lado de fora, e continuei deitada, observando o dia se tornar cada vez mais brilhante, escutando o mover das folhas das árvores por trás da janela. Era um *chamado de chuva*, um nome bonito para um barulho semelhante a uma pergunta não respondida. Ninguém sabe por que os tentilhões fazem isso, mas o nome se origina de uma velha crendice de que esse canto seria presságio de chuva.

Na década de 1950, em uma pequena estação de pesquisa em Madingley, alguns quilômetros ao norte de onde eu estava, um cientista chamado Thorpe fez experiências com os tentilhões no intuito de compreender como aprendiam a cantar. Ele criou filhotes de tentilhões em isolamento total, em gaiolas à prova de som, e escutou, fascinado, os cantos rudimentares produzidos por seus passarinhos domesticados. Havia uma curta janela de tempo, descobriu o pesquisador, em que os filhotes isolados necessitavam ouvir os trinos elaborados de um passarinho adulto, e, se perdessem essa janela de tempo, nunca mais os filhotes conseguiriam reproduzir aqueles sons por conta própria. Ele expôs os filhotes a fitas gravadas dos cantos de outras espécies: será que seriam persuadidos a cantar como outros passarinhos, como, por exemplo, autênticas petinhas-das-árvores? Tratava-se de uma pesquisa revolucionária em aprendizado desenvolvimentista, mas também parte da ciência encravada nas ansiedades da Guerra Fria. As perguntas que Thorpe fazia eram aquelas de um Ocidente em pós-guerra obcecado com identidade e aterrorizado com lavagem cerebral. Como você aprende quem você é? Será que sua lealdade em relação a algo pode ser modificada? Será que você é de confiança? O que o torna um tentilhão? De onde você vem? Thorpe descobriu que tentilhões selvagens de regiões diferentes têm dialetos diferentes. Escutei com atenção o pássaro lá fora. Sim, seu canto era diferente dos cantos dos tentilhões de Surrey que ouvi quando criança. Era mais fraco, menos complicado; parecia se interromper antes de terminar de fato. Pensei que gostaria de tornar a ouvir os tentilhões de Surrey. Pensei nos pássaros tristes nas gaiolas à prova de som, e em como as nossas primeiras experiências influenciam a nossa formação. Pensei na casa do meu sonho. Pensei no meu lar. Então, aos poucos e com exuberante emoção, percebi que tudo estava diferente na casa onde me encontrava. Era o açor. Fechei os olhos. O açor havia preenchido a casa com sua vida selvagem assim como um vaso de lírios preenche um ambiente com seu aroma. Estava prestes a começar.

★ ★ ★

Na penumbra através das cortinas fechadas, o açor está acomodado no poleiro, relaxado, encapuzado, extraordinário. Garras impressionantes, bico preto curvado, perverso, o peito lustroso cor de café com leite e com listras grossas de gotas cor de chocolate, parecendo para o mundo todo como uma espécie de

cappuccino samurai.

— Olá, falcão — sussurrei, e, ao escutar o som, a ave tensiona as asas em sinal de medo. — Shhh — digo para mim mesma e para o animal.

Shhh. Depois visto a luva de falcoeiro, dou um passo à frente e a levanto até o meu punho, desatando o nó de falcoeiro que prende a leash ao poleiro.

O falcão se debate. *Debater-se.* Um “movimento rápido e impetuoso de raiva e pavor, pelo qual um falcão preso a uma leash salta do punho em uma busca desvairada por liberdade”¹. Foi dessa maneira que White descreveu esse tipo de comportamento em *The Goshawk*. O dever do falcoeiro, explicou ele, “é erguer o falcão de volta ao punho com a outra mão usando delicadeza e paciência”. Eu o ergui de volta para o punho com delicadeza e paciência. As patas dele se agarraram na luva de maneira nervosa. *Este poleiro está se mexendo.* Sinto a mente da ave lutando contra a novidade. *Mas ainda assim é a única coisa que entendo. Tenho que me agarrar firme a isso.* Eu a convenço a pousar em um poleiro sobre um conjunto modificado de balanças. Os falcões precisam estar com determinado peso para voar, assim como os pugilistas para competir. Um falcão gordo demais, ou *alto*, tem pouco interesse em voar, e não atendem quando o falcoeiro chama. Os falcões baixos demais são coisas horrorosas: magros, infelizes, sem energia para voar com paixão e estilo. Levando o açor de volta para o meu punho, toco o seu esterno com meus dedos sem luvas. Ele é roliço, a pele quente sob as penas. Com as pontas dos dedos sinto o batimento do seu coração nervoso. Estremeço. Retiro a mão. Superstição. Não suporto sentir aquele sinal tremeluzente de vida, não consigo deixar de pensar que minha atenção possa, de alguma maneira, fazê-lo parar.

Na sala da frente, eu me sento, enfio um pedaço de carne crua na luva embaixo das patas escamosas e espero. Um minuto, dois. Três. E retiro o capuz da cabeça da ave.

Dois olhos enormes, selvagens, me encaram por uma fração de segundo, e depois desaparecem. Antes que o açor possa se dar conta do que está acontecendo, tenta voar para longe o mais rápido possível. Impedido pelos jesses, grita em uma aflição aguda à medida que percebe suas circunstâncias desfavoráveis. Não consegue fugir. Eu o ergo mais uma vez para a luva. Sob as penas, percebo os tendões, os ossos e aquele coração acelerado. Ele se debate com as asas de novo. E de novo. *Detesto* isso. Nesses primeiros minutos não há nada a fazer a não ser aceitar que você está aterrorizando o falcão quando deseja exatamente o contrário. Depois de três ou mais vezes em que se debate, meu coração está pulsando como uma fera em convulsão, mas a ave volta para a luva, o bico aberto, os olhos em chamas. Então vem um longo momento de extraordinária intensidade.

O açor me encara com um pavor mortal, e posso sentir que os silêncios entre as batidas de nossos dois corações coincidem. Os olhos dele estão luminosos, prateados no escuro. O bico está aberto. Ele expira um bafo quente de açor no meu rosto. O cheiro é de pimenta, alnísicar e pedra chamuscada. As penas estão parcialmente eriçadas; as asas, semiabertas, e os dedos amarelos escamosos e as garras pretas agarram a luva com firmeza. Sinto como se estivesse segurando uma tocha flamejante. Consigo sentir o calor do seu medo em minha face. Ele encara. Encara e encara. Os segundos se alongam e passam. As asas se abaixam; a ave se agacha, pronta para voar. Não olho para ela. Não devo. O que estou fazendo é me concentrar arduamente no processo de *não estar lá*.

Eis algo que aprendi nos meus anos treinando falcões: uma das coisas que se deve fazer é se tornar invisível. É o que você faz quando um falcão jovem se senta no seu punho esquerdo com comida entre os pés, com instinto de medo, na defensiva. Os falcões não são animais sociais como os cães e os cavalos; não

entendem coerção nem castigo. A única maneira de domesticá-los é por meio do reforço positivo, com ofertas de comida. Você precisa que o falcão coma o alimento que você segura — é o primeiro passo para amansá-lo, o que vai culminar em vocês dois sendo parceiros de caça. Porém, o vão entre o medo e o alimento é um abismo muito, muito grande, e vocês têm que atravessá-lo juntos. Antes eu pensava que se fazia isso sendo infinitamente paciente. Mas não: é mais do que isso. É preciso se tornar invisível. Imagine: você está em um quarto escuro. Tem um falcão no punho. Ele está imóvel, tão tenso e esticado quanto uma catapulta retesada ao máximo. Por baixo das patas enormes e com garras, há um pedaço de carne crua. Você está tentando fazer com que ele volte a atenção para a carne, não para você, porque sabe — embora não tenha olhado — que os olhos do falcão estão fixos no seu perfil com pavor. Tudo o que você consegue ouvir é o *clique, clique, clique* molhado da ave piscando.

A fim de atravessar esse espaço que separa medo do alimento, e de alguma maneira possibilitar uma eventual sintonia entre as duas mentes no momento imóveis, paralisadas, você precisa — com a maior urgência — deixar de estar ali. Você esvazia a mente e fica completamente estático. Não pensa em absolutamente nada. O falcão se transforma em um conceito estranho, vazio, tão plano como um instantâneo ou um desenho técnico, mas ao mesmo tempo tão relevante para o seu futuro quanto um raivoso juiz de um tribunal superior. O seu punho enluvado aperta a carne durante uma fração de segundo, você sente um mínimo desequilíbrio de peso e vê, apenas com o cantinho do olho, que o falcão está fitando a carne. Assim, permanecendo invisível, você transforma a carne na única coisa naquela sala além do falcão; você não está ali de maneira alguma. E tem esperanças de que a ave comece a comer, e você poderá muito, muito lentamente, tornar-se visível. Mesmo que não mova um músculo, e apenas relaxe para uma atitude mais normal, o falcão *sabe*. É extraordinário. Leva um bom tempo para a pessoa se sentir ela mesma na presença de um falcão novo.

Mas não precisei aprender a fazer isso. Eu já era uma especialista. Foi um truque que aprendi cedo na vida; uma garota pequena, um pouco medrosa, obcecada por pássaros, que adorava desaparecer. Como Jumbo na série *O espião que sabia demais*, eu era uma observadora. Sempre fui. Quando criança, subia a colina por trás da casa em que morava e me rastejava até minha toca predileta embaixo de um arbusto de rododendro, rastejando sob as folhas que pendiam, como um francoatirador em miniatura. Nessa trincheira secreta, o nariz a três centímetros do solo, respirando o odor de samambaia esmagada e solo ácido, eu olhava para o mundo lá embaixo, desfrutando a calma poderosa advinda da capacidade de ser invisível mas ainda assim tudo ver. Observando, não agindo. Procurando a segurança no fato de não ser vista. É um hábito que você pode adquirir — desejar se manter invisível. E não lhe adianta muito na vida. Acredite em mim, não adianta. Não com as pessoas, os amores, os corações, os lares e o trabalho. Porém, nos primeiros dias com um novo falcão, tornar-se invisível é a maior habilidade de todas.

★ ★ ★

A confiança com a qual eu me mantive, sentada ali com o açor, era absoluta. *Sei como fazer isso*, pensei. *Sou boa ao menos nisso. Conheço todos os passos desta dança*. Primeiro, a ave vai comer na minha luva. Depois, à medida que os dias passarem, ela vai ficar mais ambientada, em parte porque eu a mantenho dentro de casa com a minha presença constante, exatamente como faziam os falcoeiros do século XV. Logo, ela vai pisar na minha luva procurando comida, e, mais tarde, vai pular para a luva. Sairemos para dar longas

caminhadas, para eu acostamá-la aos automóveis, aos cães e às pessoas. Então ela vai voar para mim quando eu chamar, primeiro com uma corda, o fiador, e depois por vontade própria. E por aí vai.

E por aí vai. Dei instruções aos meus amigos para me deixarem sozinha. Eu tinha enchido o congelador com comida de falcão e desligado o telefone. Agora eu era uma eremita com um açor em um quarto escuro com livros em três paredes, um tapete Afghan desbotado e um sofá de veludo amarelo manchado. Um espelho pendia sobre a lareira coberta, e um cartaz da Shell da década de 1930 na parede acima de mim se refletia invertido e desfocado no vidro velho. VOCÊ PODE CONFIAR NA SHELL, dizia, juntamente com um aglomerado de nuvens de chuva e uma parte da região costeira de Dorset. Havia uma televisão velha, um pano de vinil verde-menta no chão com o poleiro do açor em cima, e um par de cortinas de um verde forte com estampado de flores que escondia o mundo lá fora. O objetivo era ficar sem me mexer, a mente vazia, o coração cheio de esperança. Porém, à medida que os minutos se passavam, eu tinha que me mexer, apenas um pouquinho: mover o pé para ele parar de ficar dormente, franzir o nariz se coçasse, e, cada vez que eu fazia isso, o açor se retraía de medo. Mas também reparei, com o canto do olho, que ele estava aos poucos se desfazendo da posição agachada pronta para voar. A postura estava mais ereta. Havia um pouco menos de medo pairando na sala.

Os velhos falcoeiros denominavam o período de ambientação, *manning*, de *observação*. Era um estado mental reconfortantemente familiar, meditativo, cauteloso e sério. Pela primeira vez em meses, minha vida tinha um propósito. Eu estava esperando pelo momento a partir do qual tudo seguiria: o açor baixando a cabeça e começando a se alimentar. Era tudo o que eu queria. Era tudo o que havia a se fazer. Esperar. Observar. Quando me sentava junto ao açor era como se eu estivesse prendendo a respiração por horas sem esforço. Sem levantar nem cair, somente meu coração batendo, e eu conseguia sentir, nas pontas dos dedos, aquela pequena e rápida pulsação de sangue que — já que era a única coisa cujo movimento eu conseguia sentir — não parecia como parte de mim mesma. Como se fosse o coração de outra pessoa, ou alguma outra coisa vivendo dentro de mim. Algo com uma cabeça plana, reptiliana, duas asas pesadas, abaixadas. Laterais sombreadas, listradas como um tordo. Havia um matiz esverdeado na luz da sala, escura e fria, com um quê submarino. No lado de fora, a vida seguia seu curso, quente e distante. As sombras passavam por trás das cortinas — vendedores, estudantes, bicicletas e cães. Silhuetas vagas, com formatos de pessoas, produzindo sons abafados como os de telefones de latas, incompreensíveis, com zumbidos. O *slep, slep* de pés caminhando. O zumbido sibilante de mais uma bicicleta. Longos minutos se passaram. Um conjunto de penas deslocando-se das tetrizes do falcão pairou lentamente até o tapete aos meus pés. Uma estrelinha, quase sem nenhum cálamo, apenas uma emaranhado de penas brancas e macias. Fitei aquilo por um longo tempo. Eu não fitava um objeto assim, com total atenção concentrada nele mas com a mente em outro lugar, desde aquele musgo, no dia em que recebi o telefonema.

★ ★ ★

Trabalhos de alta tensão, era assim que papai costumava chamar: era a gíria dos jornalistas britânicos para as tarefas perigosas. Debruçar-se para fora de um helicóptero com a câmera em uma das mãos e a outra agarrada na beirada da porta porque o cinto de segurança tinha arrebentado. Ou olhar através de uma lente grande angular do alto da Catedral de Salisbury, de pé em cima de uma frágil barra de ferro martelada na pedra a cento e vinte metros do chão. “Trabalhos de alta tensão? Eu me livro deles olhando

através da câmera”, dizia ele. “Trago para cima assim”, e fazia um gesto imitando levar a câmera até o olho. “Miro pelo visor. Faz com que eu não me sinta envolvido. Faz com que eu não tenha medo.” Você não possui mais um corpo para cair ou fracassar: tudo o que existe é um quadrado fino de vidro e o mundo visto através dele, e toda uma gama de decisões técnicas na sua cabeça acerca de exposição e profundidade de campo e a possibilidade de conseguir a foto que você almeja.

Sentada com o açor na sala escurecida, eu me sentia mais segura do que jamais me sentira em meses. Em parte, porque tinha um objetivo. Mas também porque eu fechara a porta para o mundo exterior. Agora podia pensar no meu pai. Comecei a considerar como ele lidava com a dificuldade. Colocar uma lente entre si mesmo e o mundo era uma defesa contra mais do que o perigo físico; também o blindava contra outras coisas que tinha que fotografar: coisas terríveis e trágicas, como acidentes, colisões de trens, escombros de bombas detonadas em áreas urbanas. Ele se preocupava que essa estratégia de sobrevivência tivesse se tornado um hábito. “Vejo o mundo através de uma lente”, disse ele certa vez, de modo um pouco triste, como se a câmera estivesse sempre l, impedindo-o de se envolver, algo entre ele e a vida das outras pessoas.

O tentilhão estava cantando de novo. *Como você aprende quem você .* Será que eu aprendi a ser uma observadora com o meu pai? Será que era uma espécie de imitação infantil de sua estratégia profissional para lidar com as dificuldades? Fiquei refletindo sobre essa ideia durante algum tempo e depois a descartei. *Não, pensei. Não.*  mais como *Não posso pensar assim* do que *Não é verdade.* Todas aquelas milhares e milhares de fotografias que meu pai havia tirado. Pense nelas, em vez disso. Cada uma delas um registro, um testamento, um baluarte contra o esquecimento, contra o nada, contra a morte. Olhe, *isso aconteceu.* Algo aconteceu, e agora nunca mais vai deixar de ser o que . Eis aqui, na fotografia: um beb colocando a mãozinha minúscula na palma enrugada de um octogenrio. Uma raposa cruzando um caminho no meio da mata e um homem levantando uma arma para atirar nela. Um acidente de carro. Um desastre de avião. Um cometa cortando o céu da manhã. Um primeiro-ministro esfregando a testa. Os Beatles sentados na mesa de um café na Champs-Ellyses em um frio dia de janeiro de 1964, o rosto pálido de John Lennon sob a aba de sua boina. Todas essas coisas aconteceram, e meu pai as registrara em uma memória que não era somente a dele, mas a do mundo. A vida do meu pai não foi sobre desaparecimentos. A vida dele trabalhou contra isso.

Certa noite de inverno, ele chegou em casa do trabalho estranhamente abatido. Perguntamos qual era o problema. “Vocês viram o céu hoje?”, rebateu. Ele caminhara por um parque londrino, voltando de uma coletiva de imprensa. O local estaria deserto se não fosse por um garotinho brincando perto de um lago congelado. “Eu disse: ‘Olhe para cima, olhe aquilo ali. Lembre-se de que você viu aquilo, pois nunca mais vai ver de novo.’” Acima dos dois, havia um vasto ornamento de anéis de gelo e parlios em um desfocado céu de inverno. Um halo de inverno, um arco circunzenital e um arco tangente superior, a luz do sol refratando e cortando os céus em uma complicada geometria de gelo e ar e fogo. Mas o garoto não parecia interessado. Papai ficou perplexo. “Talvez ele tenha pensado que você era um daqueles homens esquisitos”, provocamos, rindo e revirando os olhos, e ele pareceu constrangido e ligeiramente zangado. Mas ficou muito triste com relação ao garoto que não quis ver nada.

Agora que papai já tinha falecido, eu estava começando a perceber como era mortalmente ligada a coisas como aquele céu frio, iluminado em arco. Como o mundo está cheio de sinais e maravilhas que vêm e vão, se você tiver sorte, talvez os veja. Uma vez, duas. Talvez nunca mais. Os álbuns nas prateleiras

de minha mãe estão cheios de fotografias de família. Mas também de outras coisas. Um estorninho com o bico torto. Um dia de geada e neblina. Uma cerejeira toda florida. Nuvens de tempestade, raios, cometas e eclipses: eventos celestiais aterradores em suas distâncias cegas, mas também assegurando que o mundo viverá para sempre, embora você não passe de um piscar de olhos em sua trajetória.

Henri Cartier-Bresson chamou o fato de tirar uma boa fotografia de um *momento decisivo*. “O seu olho deve ver uma composição ou uma expressão do que a própria vida lhe oferece, e você deve saber intuitivamente quando clicar a câmera”, disse ele. “O Momento! Uma vez que o perca, ele nunca mais voltará.”² Pensei em um daqueles momentos enquanto eu permanecia ali, sentada, esperando que o açor comesse da minha mão. Era uma fotografia em preto e branco que meu pai havia tirado muito anos antes de um gari idoso com um cavanhaque branco, meias enrugadas e calçados gastos. Calças amarrotadas, luvas de trabalho, um gorro de lã. A câmera está baixa, na calçada: papai deve ter se agachado na rua para tirá-la. O homem está se curvando, a vassoura de gravetos de bétula apoiada contra seu corpo. Ele havia tirado as luvas e está oferecendo um pedaço de pão, seguro entre o polegar e o indicador da mão direita, para um pardal no meio-fio. O pardal é clicado no meio do salto no exato momento em que apanha o pão dos dedos do homem. A expressão do rosto do homem está inundada de contentamento. Como o rosto de um anjo.

★ ★ ★

O tempo passou. Os falcões se fartam de comer quando soltos em ambiente selvagem e podem passar dias sem se alimentar. Eu sabia que o açor não comeria da minha mão naquele dia. Ele estava com medo, não com fome; o mundo era um insulto. Nós dois precisávamos de um intervalo. Enfiei o capuz de volta na cabeça dele. *Pronto*. Pânico passageiro, nervos em chamas; ele relaxou porque o dia se transformara em noite e eu desaparecera. O terror havia ido embora. *Olhos vendados*. Tratava-se de um truque antigo e desculpável: a escuridão lhe daria a oportunidade para estabilizar os nervos agitados. Assim como a mim. No poleiro, a ave dormiu. Também dormi, enroscada em uma colcha puxada do sofá. Mais tarde, quando peguei o açor de novo, o clima na sala havia mudado. Ele já havia passado por isso antes; não estava mais inteiramente certo de que eu era um monstro. Debateu-se, uma vez, mas o movimento foi em direção ao chão, e não para longe de mim em um pavor cego. Levantei-o de novo para a minha luva. Ficamos mais um tempo sentados. Então, em vez de fixar o olhar em mim, com pavor, ele começou a examinar o ambiente que o cercava. Novos elementos. Prateleiras, paredes, chão: inspecionou tudo com a maior atenção, com movimentos curtos da cabeça, para o lado. Paralaxe de açor, avaliando distâncias perfeitas. Observou o teto o mais distante que podia, as filas das estantes de livros embaixo do teto, abaixou a cabeça para estudar a faixa de borlas desarrumadas na beirada do tapete. Então veio um momento decisivo. Não era aquele que eu esperava, mas foi emocionante do mesmo jeito. Observando a sala com simples curiosidade, a ave virou a cabeça e me viu. E pulou. Pulou de surpresa exatamente como um ser humano faria. Senti o arranhão de suas garras e o choque delas, também, frio e elétrico. Este foi o momento. Até um minuto antes, eu era tão assustadora que era a única coisa que existia. Mas aí o açor me esqueceu. Apenas por uma fração de segundo, mas foi o suficiente. O esquecimento era fantástico porque evidenciava um sinal de que aquela ave começava a me aceitar. Mas houve uma emoção mais profunda e sombria. A emoção de constatar que eu tinha sido esquecida.

No interior de um Rembrandt

White soltou seu jovem açor macho no celeiro naquela noite e, de madrugada, às três e cinco, a ave pousou no punho dele e comeu. Estava com fome, familiarizada como era com seres humanos, e desejava se aproximar do falcoeiro para se alimentar. Era um estado que o meu açor ainda não tinha atingido e não atingiria durante dias. Se White soubesse o que estava fazendo, o açor poderia ter voado livre em uma semana. Mas ele não sabia. Não compreendia que se deve manter um açor em treinamento com um pouco de fome, pois apenas por meio de comida como recompensa uma ave selvagem começa a ver você como uma figura bondosa e não uma afronta a toda a existência.

White ficou petrificado. Na cauda do açor havia estranhas e claras listras transversais, como se alguém tivesse passado uma lâmina de barbear perpendicularmente aos cálamos. Ele sabia o que eram: falhas na plumagem, estrias causadas por carência de alimentação à medida que as penas crescem; deficiências que as deixam passíveis de quebra. Culpa e remorso. Ele ficou preocupado, culpando-se pelas deficiências do açor. Queria interromper essas falhas, compensar qualquer carência anterior que tivesse prejudicado o animal e enfraquecido as suas penas. Então ele o alimentava. Alimentava-o o máximo possível. Não sabia que, com as penas completamente desenvolvidas, não havia perigo algum em piorar as falhas. Ele ofereceu ao açor tanta comida que a ave não conseguia mais ingerir, não suportava mais olhar o alimento. White, o apavorado falcoeiro, acariciava as penas do peito dele com um crânio partido de um coelho, mostrando todos os miolos despejados do animal, em desesperadas tentativas de fazê-lo comer. Se o açor não quer comer é porque está satisfeito. *Me ame*, White está dizendo. *Por favor. Posso recompensar você, melhorar as coisas. Consertar você. Por favor, coma.* No entanto, um açor gordo, de barriga cheia, não quer nada mais além de ser deixado sozinho, desaparecer naquele meio mundo de não humanos, saciado, olhos semicerrados, um pé encolhido para cima nas penas macias, digerir a comida e dormir. Nos dias e nas semanas seguintes, White experimenta alimentos diferentes, melhores, em um esforço de fazer com que a ave coma mais do que ela suporta. O falcoeiro tenta a bajulação, desesperado, certo de que sua paciência vai triunfar e, evidentemente, em algum momento, o açor fica com fome suficiente para comer. White o enche de comida, convencido de que agora tudo ficará bem, depois o açor o odeia, e aquele estranho ciclo recomeça. “Dias de ataque e contra-ataque”, descreveu White; “uma espécie de movimentação para a frente e para trás no meio de disputadas batalhas.”¹ Há uma lógica de pesadelo no tempo de White com o açor: a lógica de um sádico que meio que odeia o seu açor por odiar a si mesmo, que quer magoar a ave porque a ama, mas não fará isso, e insiste para que o açor se alimente como uma forma de fazer com que ele o ame. E essas lógicas invertidas se combinavam com a lógica simples de um açor gordo e selvagem que considera esse homem a coisa mais hostil da face da Terra.

“Eu tinha acabado de escapar da humanidade”, escreveu White, “e o pobre açor tinha acabado de ser apanhado por ela.”² Porém, ele não tinha escapado, não inteiramente. Quando você lê *The Goshawk*, é levado a crer que a cabana dele ficava longe de qualquer lugar, um remoto posto avançado nas profundezas de um bosque a oitocentos quilômetros da estrada mais próxima. Mas a cabana estava no terreno da escola Stowe; tinha sido construída em uma das antigas estradas criadas como rotas de carruagem para a casa principal séculos antes. Eram chamadas de Ridings. Uma delas era um rio coberto de grama bem perto da cabana de White, sobre o cume de uma colina que servia de pasto a ovelhas e descia até os portões da escola. A casa era rústica, sim: tinha um poço e um buraco na terra que servia de banheiro, e, quando White ficava de pé no celeiro com o açor, podia ver o local em que um guarda caça da época vitoriana escrevera a lápis atrás da porta acerca de bolsas de caça. *Faisão*, estava escrito. *Linho grosso*. Mas White não estava em um lugar distante. Havia a casa onde morava, não exatamente no meio de um bosque, mas localizada na estrada antiga e aberta para Stowe, como uma promessa que não se cumpriu, White dentro dela, como um cão que fica sentado na extremidade da corrente, ou o divorciado triste, que se muda da casa onde vivia com a companheira para morar no fim da rua. Por toda a sua alegria com a liberdade, o professor não tinha se desvencilhado dos limites da escola, tampouco do magistério.

No livro de Blaine, White leu que a falcoaria era a arte do controle sobre a mais selvagem e orgulhosa das criaturas, e que, para treiná-la, o falcoeiro devia combater sua rebeldia e sua atitude contestatória. O treinamento de um falcão refletia a educação de um garoto de escola. Em ambos os casos, um sujeito selvagem e indisciplinado era ajustado e moldado, civilizado; aprendia obediência e boas maneiras. Os métodos, no entanto, eram diferentes, o que conferia a White um enorme prazer. “Fui professor durante tanto tempo”, escreveu ele, “uma profissão em que a forma padronizada de resolver uma situação difícil era colocar o aluno de castigo. Era bom, depois disso, descobrir uma profissão de educação onde os castigos eram considerados ridículos.”³

Era o tipo perfeito de educação, pensou White, tanto para ele quanto para o falcão. Ele intitularia seu livro de *The Austringer*, e, em suas páginas, o autor e seus leitores fariam “uma paciente excursão de volta para o passado nos campos”.⁴ Tal excursão não era apenas para um tempo passado qualquer; era também uma jornada ao passado dele mesmo. White havia “se retirado da curiosa competição heterossexual adulta”, tendo se tornado novamente “um menino monástico”.⁵ Nas longas horas de psicanálise com Bennet, o autor descobrira que voltar no tempo era uma forma de consertar as coisas; revelar traumas passados, revisitando-os e neutralizando o seu poder. Agora ele voltaria no tempo com o falcão. Ele já havia se identificado com o jovem pássaro na cesta, vira o açor como si próprio. Agora ele inconscientemente voltaria a representar a sua infância — com o açor assumindo o papel dele menino, e o adulto White assumindo o papel de um professor esclarecido que não poderia, não faria nem deveria espancar ou magoar a criança sob seus cuidados.

★ ★ ★

Ele considera a falcoaria o mais glorioso dos mistérios. Não tem ninguém para ensiná-lo pessoalmente, apenas dois livros, sem contar o verbete na *Enciclopédia Britânica*, que ele sabia quase de cor. Há *Falconry*, de Blaine, publicado no ano anterior, e *Coursing and Falconry*, de Gerald Lascelles, de 1892. Mas o livro a que

ele se apega é muito mais antigo; foi publicado em 1619. Intitulado *An Approved Treatise of Hawkes and Hawking*, também trata de açores e foi escrito pelo cavaleiro Edmund Bert. White ainda não tinha uma cópia, pois era um volume raro; mas já o havia lido. Talvez tenha lido o exemplar que ficava na Biblioteca da Universidade de Cambridge. Talvez seja exatamente o mesmo que usei quando eu era estudante. Assim como White foi seduzido pelo livro de Bert, eu também fui. É maravilhoso. Bert é a contraparte do século XVII dos rudes falcoeiros de açores de Yorkshire, com quem eu tinha familiaridade e para quem alguma coisa da personalidade da ave foi transferida. Talentoso, irascível, seguro, ele nunca deixa de se vangloriar, de nos contar como seus falcões se comportam de maneira perfeita: erguendo-se nas pontas das patas para apanhar uma fruta dos seus dedos, eles ficam felizes de viajar com ele para onde for. Quando longe de casa, gaba-se Bert, ele colocava a ave em “um banquinho de veludo, em uma sala de jantar ou de estar, o local para onde eu fosse, pois preferia manter meu falcão o mais perto dos meus olhos possível. Talvez eu chegasse a ver a dama ou dona da casa lançar um olhar de reprovação diante disso”, admite ele, “mas tenho tão completo conhecimento da boa disposição do meu falcão que prometi que, se ele evacuasse na sala, eu limparia com a própria língua”.⁶

Edmund Bert assombrou White enquanto treinava seu açor, assim como White me assombrou. Mas era um tipo diferente de assombro. “Eu tive uma espécie de ‘paixonite’ juvenil por aquele homem sério que tinha vivido trezentos anos atrás”⁷, confessou de maneira reservada. Ele queria impressionar Bert. Estava apaixonado por ele. Inebriado com as ideias medievais, apaixonado por um falcoeiro que morrera trezentos anos antes, decidiu ignorar os ensinamentos de Blaine, em sua maior parte, e treinar seu açor à maneira antiquada.

Os antigos mestres falcoeiros inventaram uma maneira de domá-los que não oferecia nenhuma crueldade visível, e cuja crueldade secreta tinha que ser suportada tanto pelo mestre quanto pela ave. Eles mantinham a ave desperta. Não faziam isso cutucando-as ou usando de qualquer outro meio mecânico, mas caminhando para todo lado com o pupilo no punho e ficando eles mesmos acordados. O falcão era “observado”, impedido de dormir por um homem também privado de sono, por um espaço de duas, três ou até mesmo nove noites.⁸

White intencionalmente entendeu mal os métodos de Bert. O falcoeiro do século XVII teria um número razoável de amigos e criados para assumir o falcão enquanto ele dormia. White, porém, estava ansiando por um rito de passagem. Uma vigília digna de um cavaleiro. E precisava fazer isso sozinho, homem contra homem, por assim dizer. Cuidar do seu falcão seria uma privação, uma provação, um teste de sua palavra. Ele não seria cruel, mas conquistaria o falcão e a si mesmo de uma só tacada. “Homem contra pássaro”, escreveu ele, “com Deus como árbitro, eles se aturam há três mil anos.”⁹ Nessa longa vigília — White só dormiu por seis horas em seis dias —, os efeitos de exaustão extrema cobraram seu preço. Várias e várias vezes, delirando por causa da falta de sono, sentado na cozinha ou de pé no celeiro com luz artificial, ele erguia o açor gordo e assustado até o punho, recitando para ele trechos de *Hamlet*, *Macbeth*, *Ricardo II*, *Otelo* — “mas a tragédia tinha que ser mantida de fora”¹⁰ — e todos os sonetos de que conseguia se lembrar, assobiando hinos, tocando Gilbert e Sullivan e ópera italiana, e decidindo, depois de refletir sobre o assunto, que os falcões preferem Shakespeare.

Na minha graduação em língua inglesa, puxei uma disciplina sobre a tragédia. Não deixa de ser irônico, pois eu era inteiramente trágica. Eu me vestia de preto, fumava cigarro Camel sem filtro, andava de forma um tanto sorradeira com os olhos com maquiagem pesada e mesmo assim não consegui escrever um único ensaio sobre tragédia grega, tragédia jacobina, tragédia shakespeariana ou, na verdade, fazer qualquer outra coisa. *Eu gostaria de escrever para Miss Macdonald um relatório cheio de elogios*, anotou um dos meus orientadores secamente, *mas como nunca a vi e não faço ideia da sua aparência, não posso fazê-lo*. No entanto, de qualquer maneira, eu lia. Lia muito. E descobri que havia uma miríade de definições para esse conceito chamado tragédia que se imiscuíra no meio da história da literatura; e a mais simples era a seguinte: é a história de uma figura que, por causa de alguma falha moral ou algum fracasso pessoal, é levada por força das circunstâncias à destruição.

Foi a matéria sobre tragédia que me levou a ler Freud, porque ele ainda estava na moda à época, e porque os psicanalistas também tentaram explicar a tragédia. Após ler Freud, comecei a perceber todo tipo de transferências psicológicas nos meus livros de falcoaria. Vi que os falcoeiros do século XIX projetavam em seus falcões todas as qualidades masculinas que consideravam ameaçadas pela vida moderna: liberdade, poder, virilidade, independência e força. Ao se identificarem com suas aves, enquanto as treinavam, podiam *introjetar*, ou possuir de novo, tais qualidades. Ao mesmo tempo, podiam exercitar seu poder de “civilizar” uma criatura selvagem e primitiva. Masculinidade e conquista: dois mitos imperiais pelo preço de um. O falcoeiro da era vitoriana assumia o poder e a força do falcão. O falcão assumia os modos do homem.

Para White, a falcoaria também envolvia estranhas projeções, mas de qualidades distintas. O seu jovem açor alemão era uma expressão viva de todos os desejos sombrios e desonrosos íntimos que ele tinha tentado reprimir durante anos: era algo excêntrico, delicado, selvagem, bárbaro e cruel. Ele tentara durante muito tempo ser um cavalheiro. Tentara se encaixar, seguir todas as regras da sociedade civilizada, ser normal, como todos os outros. Mas os anos que passou em Stowe, a análise e o temor da guerra o levaram a um ponto de ruptura. Ele renegara a humanidade em favor dos falcões, mas não conseguia fugir dele próprio. Mais uma vez, White se empenhou em uma batalha para civilizar a perversidade e a rebeldia presentes em si mesmo. Só que agora ele colocava todas essas coisas no açor, e tentava civilizá-las ali. Ele se encontrou em uma estranha, reclusa batalha com um pássaro que era todas as coisas que ele almejava, mas contra as quais sempre lutou. Era um paradoxo terrível. Uma autêntica tragédia. Não é de admirar que viver com o açor quase o tenha levado à loucura.

★ ★ ★

Ele está perdido. O celeiro é um calabouço. Está mergulhado em um cansaço inebriante. Um vento fresco de verão sopra. As corujas de White caçam no lado de fora: guinchos frágeis, fracos, sob uma lua baixa laranja. Ele é um carrasco, pensa, e deveria estar usando uma máscara. Preta, que escondesse o rosto. Ele vinha medindo o tempo que levava entre as vezes em que o açor se debatia, nas centenas de vezes que erguera e gritava para a luva. O celeiro é a Bastilha. O açor é um prisioneiro. O falcoeiro é um homem com culotes de montaria e um casaco quadriculado. Ele está no interior de um Rembrandt. Uma pilha de gravetos e potes de vidro vazios no chão de tijolos; teias de aranha nas paredes. Uma grade quebrada. Um barril de cerveja. Uma fonte de luz de uma lamparina e o açor. O açor, o açor, o açor. O pássaro está

sobre o punho de White, todas as pontas cor de sépia no peito claro desalinhas e eriçadas pelas mãos do homem, que está balançando para a frente e para trás, como se estivesse em um navio, como se o solo embaixo dele se inclinasse e ondulasse como o mar. Ele está tentando permanecer acordado. Está tentando manter o açor acordado. O açor está tentando fechar os olhos e dormir, mas o balançar o impede. Estou livre, o homem diz para si mesmo. *Livre*. Ele encara as teias de aranha por trás da ave exausta. Estou em *pardah*^{*}, pensa com alegria. Não devo encarar o açor. Não devo puni-lo, ainda que ele se debata e bata; que minha mão esteja ferida com as bicadas e meu rosto ardendo dos golpes das asas. Os açores não podem ser castigados. Eles preferem morrer a ceder. A paciência é minha única arma. Paciência. Derivada de *patior*. Significado, *sofrer*. É uma privação. Vou triunfar. Ele balança com os pés e sofre, e o açor também sofre. As corujas agora estão em silêncio. Elas ocupam as Ridings sobre o relvado úmido de orvalho.

^{*} *Pardah*: prática, em algumas sociedades hindus e muçulmanas, de impedir as mulheres de terem contato com homens que não sejam seus parentes (*N. da T.*).

As penas na parte dianteira da ave são da cor de jornal exposto ao sol, de papel molhado com chá, e cada uma tem uma marca escura na extremidade pontiaguda; assim, do pescoço até os pés, ela tem a plumagem manchada, como se fossem gotas de chuva caindo. As asas são da cor de carvalho escurecido, as tetrizes debruadas de cor de teca clara, com as penas de voo listradas dobradas embaixo. E há um estranho matiz de cinza nelas, que é mais sentido do que visto, uma espécie de luz prateada, como um céu de chuva refletido na superfície de um rio. Ela parece nova. Como se o mundo não pudesse tocá-la. Como se tudo o que existe e se observa caísse como gotas de água de suas penas oleosas e fechadas. Quanto mais fico ao seu lado, mais me admiro em ver seu aspecto reptiliano. A luminosidade dos olhos lívidos, redondos. A pele encerada amarela perto do bico preto como baquelita. A maneira sinuosa como ela mexe a pequena cabeça de um lado para outro a fim de focalizar objetos distantes. Na metade do tempo ela parece tão hostil quanto uma serpente, uma coisa forjada de metal, escamas e vidro. Mas então percebo nela características típicas de aves, qualidades familiares que a transformam em um ser próximo e adorável. Ela coça o queixo fofo com uma esquisita pata de garra; espirra quando alguma poeira incomoda seu nariz. E, quando volto a olhar, ela não parece nem uma ave nem um réptil, mas uma criatura talhada por um milhão de anos de evolução para uma vida que ainda não viveu. Longas retrizes listradas e asas curtas e amplas são moldadas à perfeição para viradas bruscas e aceleração brutal no meio de um mundo de obstáculos na mata; os padrões de sua plumagem a camuflam de forma perfeita em porções de luz e de sombra. As pequeninas penas, parecidas com cabelo, entre o bico e os olhos, servem para captar sangue de modo que ele seque e escame e caia, e a testa que confere à sua expressão a profunda intensidade de aves de rapina é feita de projeções ósseas com a função de proteger os olhos, quando as aves colidem em vegetação rasteira ao perseguir uma presa.

Tudo no açor é adaptado e transformado com a finalidade de caçar e matar. Ontem descobri que, quando sugo o ar através dos dentes e emito um barulho de tom agudo, como o de um coelho machucado, todos os tendões dos pés do açor instantaneamente se contraem, levando suas garras a penetrarem na luva com uma força terrível e esmagadora. Esse instinto de matar é arraigado no cérebro da ave, uma resposta inata que ainda não encontrou o estímulo que supostamente vai liberá-la. Porque outros sons provocam a mesma coisa: portas rangendo, freios de carro, rodas de bicicletas sem lubrificação. E, na segunda tarde, Joan Sutherland cantando uma ária no rádio. *Uau*. Ri à beça com essa história. Estímulo: *ópera*. Reação: *matar*. Porém, mais tarde, esses instintos fora de contexto deixaram de ser engraçados. Logo depois das seis horas, um choro breve e infeliz veio de um carrinho de bebê no lado de fora. Imediatamente o açor cravou as garras na minha luva, aumentando a pressão em espasmos selvagens, penetrantes. *Matar*. O bebê chora. *Matar matar matar*.

Passam-se dois dias. Eu me sento e levanto, e me sento e durmo, o açor quase sempre preso no punho. Meu braço doi, cansaço e desânimo apertam meu coração. Um programa sobre a vida rural no rádio. Trigo, borragem, colza. Estufas e cerejas. O açor ora é um sapo corcunda, uma criança nervosa ou um dragão. A casa está uma bagunça. Tiras de carne crua decoram o espaço. Acabou o café. Esqueci como se fala. Minha boca emite algumas poucas palavras emboladas para o açor, assegurando que tudo vai bem. Ele as recebe em silêncio, com fracos e nervosos pios através do nariz. Enquanto caminho, ele segue meus ps com os olhos, como se fossem dois animaizinhos se movimentando na casa conosco. Ele está interessado nas moscas, em grãos de poeira voando, na forma como a luz pousa em determinadas superfícies. Para o que estará olhando? No que estará pensando? Ouço o clique da membrana nictitante que atravessa seus olhos quando pisca, e agora que vejo os olhos de perto, eles começam a me deixar perturbada. Parecem discos de papel branco colados na lateral da cabeça, cada um com uma pupila preta como um orifício abrigado embaixo de uma cpula transparente tal qual uma bolha de gua. O açor é mais estranho do que eu pensava. E mais calmo do que eu acreditava ser possível.

Estou começando a me preocupar. Será que há algo errado com o meu açor? Ele é estranhamente manso. Onde está o lunático que eu esperava? Durante dois dias fiquei o tempo todo com ele e nem por uma vez, *ao contrário* de White, tive vontade de esquartej-lo ou espanc-lo até a morte. Eu havia esperado um agitado tornado de terror e selvageria, um tanto de incríveis e terríveis batalhas de almas, mas, em vez disso, quando a tarde vai caindo e os últimos gaviões lá fora ascendem, com suas asas tremeluzentes, para se enfunarem no céu, estou sentada em um sofá observando um açor cansado dormir. As extremidades das asas estão para baixo e descansam contra a luva. A pálpebra com penugens, cinza, desliza para cobrir um olho, depois o outro. Os ombros da ave relaxam; a cabeça oscila. A ponta do bico preto lustroso afunda nas penas acima do papo. Ao observ-la cochilar nesse anoitecer, também fecho os olhos, mas, quando o sono chega, encontro-me de p no esqueleto de uma casa incendiada, no ar vazio, branco, que brilha como mica e geada. Ao meu redor, vejo colunas e vigas enegrecidas. Afasto a mão. Toco um pedaço de madeira chamuscada. Fria, peluda, errada. Pânico crescente. Recusa. Uma sensao de pavor total. Depois, sensao de queda, a casa caindo sobre si mesma e em cima de mim. E acordamos juntas, a ave e eu, ela com um sobressalto de apreensão, patas e penas distendidas, e eu, desorientada, com um leve enjoo que me faz me ater desesperadamente a visão do açor para me arrastar de volta a um mundo sem cinzas. Os mesmos pensamentos incontáveis vezes. Por que será que ele está dormindo tanto? Os açores dormem quando estão doentes. Ele deve estar doente. Por que será que estou dormindo? Será que também estou doente? O que há de errado com a ave? O que há de errado conosco?

Não havia nada de errado com o açor. Ele não estava doente. Era um beb. Caa no sono porque é isso que os bebs fazem. Eu tampouco estava doente. Mas eu agora era rf e desesperadamente sugestionvel, e não sabia o que estava acontecendo comigo. Durante anos, zombei da ideia de White de ver o treinamento de flces como um rito de passagem. *Uma bobagem*, eu pensava. *Uma bobagem*. Porque não era assim. Eu sabia que não era. Eu já tinha treinado uma porão de flces, e todas as etapas do

treinamento eram familiares para mim. Porém, embora estivesse acostumada, a pessoa que as atravessava não era. Eu estava em frangalhos. Uma parte de mim, bem profunda, estava tentando se reconstruir, e o motivo estava logo ali, no meu punho. O açor era tudo o que eu queria ser: solitário, senhor de si, livre do luto e indiferente às mágoas da vida humana.

Eu estava me transformando em uma ave.

Não encolhi, nem cresceram plumas no meu corpo como aconteceu com Wart em *A espada na pedra*, que foi transformado por Merlin em um falcão como parte de sua educação mágica. Eu adorava essa cena quando era criança. Já a tinha lido repetidas vezes, emocionando-me quando os dedos dos pés de Wart se transformavam em garras e arranhavam o piso, as penas primárias explodindo em cálamos azuis suaves a partir das pontas dos dedos das mãos. Contudo, eu estava me tornando um falcão do mesmo jeito.

A transformação surgiu por meio do meu luto, da minha observação, de eu não ser eu mesma. Os primeiros dias com uma nova ave de rapina selvagem constituem uma dança delicada e reflexiva. Para julgar quando coçar o nariz sem ofender, quando caminhar e quando se sentar, quando retroceder e quando se aproximar, você deve interpretar o estado mental da sua ave. Você consegue fazer isso observando sua postura e suas penas, cujos movimentos fazem da aparência da ave um barômetro de humor controlado com primor. As emoções mais simples de um açor são facilmente percebidas. As penas juntas ao corpo significam *Estou com medo*. Quando estão mais soltas significam *Estou à vontade*. No entanto, quanto mais você observa um açor, mais sutilezas consegue enxergar; e, em pouco tempo, com meu estado de supervigilância, eu reagia ao mais ínfimo dos sinais. Uma contração das peninhas em torno do bico e um estreitamento quase imperceptível dos olhos significavam algo como *feliz*; uma expressão específica, fugaz, em seu rosto, estranhamente distante e reservada, significava *com sono*.

Para treinar um falcão, deve-se observá-lo como um falcão, e então acaba-se entendendo seus humores. Depois, você adquire a capacidade de prever o que ele vai fazer em seguida. Esse é o sexto sentido do experiente treinador de animais. Em determinado momento, o que se observa não é a linguagem corporal do falcão. Você parece sentir o que ele sente. Notar o que ele nota. A apreensão do falcão se torna sua. Você exercita o que o poeta Keats chamou de qualidade camaleônica, a habilidade de “tolerar uma perda de si mesmo e uma perda de racionalidade por confiar na capacidade de se recriar em outro personagem ou outro ambiente.”¹ Esse tipo de trabalho mental sempre foi fácil para mim. Fácil demais. Faz parte de ser uma observadora, esquecer quem é e se colocar naquilo que está sendo observado. Por isso a menina que eu era quando pequena adorava observar os passarinhos. Ela se fazia desaparecer, e, então, alçava voo. Estava acontecendo agora. Eu me colocara na mente selvagem do açor para domá-lo, e, à medida que os dias se passavam na sala escurecida, minha humanidade se desintegrava.

★ ★ ★

Três batidas hesitantes na porta da frente.

— Um momento! — grito.

Uma voz dentro de mim, ressentida e selvagem, sibila: *Vá embora*. É Christina com dois cafés e os jornais de domingo.

— Então — diz ela, acomodando-se em uma cadeira perto da lareira. — Como está indo? A ave está bem?

Confirmando com um gesto de cabeça. Levanto as sobrancelhas. Tenho uma vaga impressão de que isso não serve muito como conversa.

— Humm — digo.

A voz não é inteiramente minha. Ela abraça os joelhos e me olha com curiosidade. *Tenho que me esforçar mais*, penso. Então, falo sobre o açor durante algum tempo, e não consigo mais continuar. Fixo os olhos no copo de papel.

Estou contente em vê-la. *Ela não deveria estar aqui*. O café está bom. *Deveríamos ficar sozinhos*. Esses pensamentos rancorosos me surpreendem. Ambientar o açor se resume a mostrar-lhe novidades. Christina é uma novidade.

— Vou tentar uma coisa — digo para ela. — Ignore o açor. Simplesmente continue lendo os jornais.

Apanho um pedaço de carne fresca na cozinha, sento-me no sofá com o meu falcão e retiro o capuz de sua cabeça. Há um momento de incompreensão e taquicardia, e o ar na sala fica gelado. Com as penas tensionadas, com uma indecisão selvagem, olhos como pires de porcelana, o açor arregala os olhos. Meu coração fica apertado. Ele vai começar a se debater. Porém, o momento se alonga, e a ave não se debate. Após um tempo de observação cautelosa, ela resolve que um ser humano virando as páginas do jornal é algo inteiramente fascinante.

Uma hora mais tarde, o clima está tranquilo e amigável. Estamos assistindo à televisão. O açor se equilibra calmamente, fascinado pela tela. Pequeninhas tufoas brancas de penugem ainda presos às extremidades de suas penas escapulares ondulam na corrente de vento vinda do vestibulo. Então, sem avisar, ele explode do meu punho se debatendo como um vendaval. Os jornais voam. Christina se retrai. *Merda*, penso. *Eu deveria ter colocado o capuz, deixá-lo descansar. Isso tudo foi demais*. Mas estou enganada. Não foi o medo que provocou a agitação. Foi a frustração. Ele bica os jesses com uma fúria desmedida, depois arranca a carne entre seus dedos. Está com fome. A comida é uma descoberta maravilhosa. Ele é um gastrônomo delicado, decidido. Bica, morde e engole, guincha de felicidade, morde e engole de novo. Estou emocionada. Mas também indignada. Esse momento era para ter nascido de solidão e penumbra meditativa. Não desse modo. Não à luz do dia com outra pessoa no cômodo e uma série com comediantes parodiando nazistas e uma trilha sonora sobre salsichas gigantescas e a ocupação da França. O açor estreita os olhos de prazer, a plumagem se eriça em volta do nariz e as penas se suavizam em quedas soltas cor de ocre e creme.

— Ele já fez isso antes? — pergunta Christina.

— Não — respondo. — É a primeira vez.

Risadas vêm da plateia da televisão quando surge um oficial da SS vestido de mulher, e o açor termina de comer, ergue-se em um amplo sacudir de asas, mantém-nas assim por um instante e depois as balança todas de volta. Balançou as penas. É um sinal de satisfação. Ele nunca fez isso antes.

Agora meu açor está ambientado o suficiente para ficar sentado sem o capuz. Em seu poleiro perto da janela, ele observa as cortinas se movimentarem por cima de um tapete coberto de poeira. Ele ainda se debate enquanto o seguro. Mas estou trabalhando nisso. Do sofá, sacudo um pequeno pedaço de carne na direção da ave. A carne cai e faz um barulho no tecido de vinil abaixo do poleiro. O açor olha para

baixo. Franze a testa. Vira a cabeça para um lado para inspecionar com mais cuidado. Depois salta para o chão, ruído de garras arranhando a superfície e penas chacoalhando ao vento, apanha a carne delicadamente e a engole. Feito. Por um instante, permanece ali, como se tentasse se lembrar de algo que havia esquecido, e depois volta para o poleiro com vigor, a cauda abanando. Espero um pouco, depois lhe atiro outro pedaço de carne. *Barulho. Saltar. Engolir. Saltar.* Eu me abaixo até o chão e fico sentada ali por algum tempo. Arrastando-me lentamente para o lado, observo o açor com o canto do olho. Ele fica tenso. Eu paro. Ele relaxa. Eu me mexo. Ele fica tenso. Paro de novo. Atravesso o tapete centímetro a centímetro até atingir aquela distância de um fio de cabelo na qual qualquer movimento fará o açor se debater no poleiro. Respirando com o maior cuidado possível, como se eu estivesse prestes a disparar um tiro de fuzil, lentamente — muito lentamente — estendo meu punho enluvado em direção à ave. Quase consigo saborear a indecisão do animal; ela preenche o ar. Mas — alegria! — ele olha a comida diante dele. Inclina-se para a frente, como se fosse apanhá-la da luva, mas aí algo dentro dele dispara. Com um horrível tinido do anel de metal do poleiro contra a base de aço, ele se debate, afastando-se de mim. *Droga.* Eu ergo a luva para lhe dar alguns punhados de comida.

Depois que o açor se acomoda de novo no poleiro, reiniciamos o jogo. *Barulho. Saltar. Barulho.* Ele resolveu o enigma de onde a comida está vindo, e parte dele está reconsiderando o meu lugar em seu mundo. Ele me observa de forma intensa enquanto me aproximo devagar e estendo o punho com a luva mais uma vez. Ele se inclina e agarra a carne que ofereço. Meu coração está aos pulos. Pega mais um pedaço, depois outro, estalando o bico negro e lustroso.

Enquanto permaneço ali, sentada, oferecendo pequenas guloseimas para o açor, seu nome surge em minha cabeça. *Mabel.* De *amabilis*, que significa amável, ou querida. Um nome antigo, um pouco bobo, um nome fora de moda. Há um quê de vovó naquilo: paninhos de crochê e chás da tarde. Corre uma superstição entre os falcoeiros de que a habilidade de um falcão é inversamente proporcional à ferocidade do seu nome. Chame um falcão de *Fofinho* e ele será um caçador formidável; chame-o de *Matador* e provavelmente se recusará a voar. White chamou seu açor de Gos para abreviar o nome em inglês, *goshawk*, mas também o premiou com uma vasta quantidade de outros nomes secretamente imponentes que durante anos me fizeram revirar os olhos de irritação. Hamlet. Macbeth. Strindberg. Van Gogh. Astur. Baal. Medici. Roderick Dhu. Lord George Gordon. Byron. Odin. Nero. Morte. Tarquínio. Edgar Allan Poe. *Imagine*, eu costumava pensar, achando graça e desdenhando de certa forma. *Imagine chamar o seu açor de qualquer um desses nomes.* Mas agora aquela lista apenas me deixava triste. Meu falcão precisava de um nome o mais longe possível daquela ladainha horrorosa, o mais longe possível de Morte.

— Mabel. — Pronuncio alto para a ave e a vejo me observando falar. Minha boca articular a palavra. — Mabel.

Enquanto a pronuncio, me dou conta de que todas aquelas pessoas lá fora, que fazem compras, caminham, circulam, vão para casa, comem, amam, dormem e sonham, todas elas têm um nome. Assim como eu.

— Helen — digo.

Como soa estranho. Soa muito estranho. Coloco outro pedaço de carne na luva, e o açor se inclina e come.

Ele despeja mais uma dose de uísque em seu copo vazio e medita sobre os acontecimentos do dia. Está livre, mas se acorrentou a um maluco. Um lunático. No mínimo alguém que sofre períodos de insanidade. Ele apaga o lampião de querosene e afunda na cadeira, relendo com certa melancolia o relatório que escreveu sobre o progresso do treinamento do seu açor.

6h15 — 6h45 caminhei ao redor de Gos, estendendo uma perna, enquanto ele se debatia sempre que eu me aproximava. Afastei-me sem alimentá-lo. Isso não está no livro. A partir daí, repeti o procedimento, com os mesmos resultados, por quinze minutos de hora em hora (até as 18 horas).¹

Ele desprezou aquela coxa de coelho. Desprezou os pelos nela, as patas, a crista de carne esbranquiçada que ressecava e ia ficando translúcida à medida que as horas passavam. Desprezou porque não queria. O açor também não queria White. Ele havia assobiado para o açor o dia inteiro — seus lábios ficaram secos, o assobio parou de funcionar e sua solidão se diluiu em frustração e, enfim, desespero. Na noite anterior, a frustração tinha chegado ao ponto de ele impedir Gos de voltar para o punho depois de se debater — pior, ficou feliz em ver o açor solto ali, girando com lentidão nos jesses. Foi um pecado horrível. Ele está totalmente envergonhado. E preocupado. As fezes de Gos estão verdes. Será que isso significa que está doente? Talvez por isso não tenha aceitado o coelho. O que deveria fazer? *Fome*, pensa. Isso vai curar o estômago embrulhado, se for o caso. Será que vai poder oferecer ovo ao açor no dia seguinte? Mas a coisa mais importante de todas é a seguinte: *ele deve comer quando saltar para pedir comida, não antes.*

★ ★ ★

O plano de White teria funcionado se ele o tivesse mantido. Mas ele não o manteve. Ainda de madrugada, Gos já tinha recebido a maior parte do coelho para comer, e não havia pulado para o punho. Outra resolução deixara de ser cumprida. Todas elas foram. Mesmo o plano de White para manter o açor desperto por três dias e três noites fracassara: ele ficou com tanta pena de Gos que o recolocou no poleiro para breves períodos de sono. Livre da presença de White, a ave se lembrava de como a vida era melhor quando não estava atada a um ser humano que insistia em afagá-lo e em conversar com ela, em aborrecê-la com escorregadios fígados de coelho, em cantar, e assobiar, e mover copos com líquido para cima e para baixo. A cada vez que White vinha apanhá-lo, o açor estava mais selvagem do que nunca.

Pobre Gos. Cansado, amedrontado, com penas danificadas. Frequentemente eu pensava nele quando ficava com o meu açor. Eu o via em preto e branco a uma longa distância, como se fosse visto pelo lado inverso de um telescópio: uma ave em miniatura, triste, angustiada, se debatendo e se movimentando rapidamente nos gramados cinzentos de uma casa longínqua. Gos era muito real para mim. Mas White

não. Era difícil imaginá-lo com o açaor dele. Junto com a minha própria ave, era difícil até imaginar apenas a figura de White. Eu olhava as fotografias, mas eram todas de pessoas diferentes: um homem de olhos claros com uma barba shakespeariana que havia escrito alguns livros sob o pseudônimo de James Aston e outra de um rapaz magro com olhar nervoso, um rosto fino e fantasmagórico que era o Sr. White, o professor. Havia fotografias de White, o homem do campo, usando uma camisa aberta e um casaco de tweed, parecendo bem-disposto e não muito decente. E outras de momentos bem posteriores: um Hemingway inglês, corpulento, de barba branca, um Falstaff de suéter de lã. Eu não conseguia combinar esses rostos. Li *The Goshawk* novamente enquanto ficava sentada com Mabel, li muitas vezes, e sempre parecia um livro diferente; ora um romance causticamente engraçado, ora o diário de um homem rindo do fracasso, ora um tratado desolado sobre o desespero de um terceiro homem.

Porém, uma das facetas de White estava clara para mim enquanto eu ambientava o meu açaor. Não era White, o falcoeiro. Era o homem que tinha, pela primeira vez na vida, descoberto as alegrias da domesticação. Um homem que pintava trabalhos em madeira com os tons mais brilhantes de azuis e vermelhos, que arrumava penas em vidros na sua lareira e preparava molhos com camarões, ovos e geleia de laranja. Eu o via fervendo a roupa suja no balde de cobre no fogão da cozinha e sentado em uma cadeira lendo *The Midnight Folk*, de Masefield, com seu setter irlandês chamado Brownie dormindo a seus pés.

E eu via White bebendo. Havia sempre uma garrafa ao seu lado, e sua batalha com Gos fez com que ele bebesse ainda mais. “Não era para ficar bêbado a ponto de ficar inconsciente ou estúpido”, escreveu ele, “mas o álcool agora parecia a única forma de continuar a viver.”² Enquanto eu ficava com o meu açaor e pensava sobre White, me perguntava se teria sido o álcool que o confundiu, que turvou sua visão. Eu sabia que era uma fantasia, mas assim mesmo parece haver alguma conexão profunda entre o fato de ele beber e seu comportamento equivocados. E eu tinha certeza de que era a bebida que irrigava a constante autossabotagem de White, pois é uma característica comum dos alcoólatras fazer planos e promessas para si mesmos, para os outros, de forma fervorosa e sincera, na esperança de uma redenção. Promessas que não são cumpridas, várias e várias vezes, por medo, por desânimo, por um sem-número de motivos que ocultam aquele desejo arraigado, íntimo, de obliterar o próprio eu destruído.

★ ★ ★

Abri as cortinas na manhã seguinte. O brilho na sala me iluminou, e isso desconcertou Mabel por algum tempo. Porém, quando uma ampla faixa de luz solar caiu em suas costas, a ave eriçou as penas para saudá-la. Agora, de pé em uma bacia rasa perto do poleiro, ela mordisca as patas, toma pequenos e precisos goles de água. Ela salta de volta para o poleiro e começa a se alisar com o bico, contorcendo o corpo nas formas estilizadas das pinturas japonesas de açores palacianos. Ela passa o bico nas penas uma depois da outra, em uma rápida sucessão: o som é de papel sendo cortado, ou cartas sendo embaralhadas. Depois ela estica uma ampla asa atrás de si, a arrasta lentamente sobre a cauda iluminada pelo sol e a chacoalha, guinchando feliz. Observo tudo isso com uma sensação arrebatadora de contentamento, como se estivesse saboreando um bom champanhe. *Olhe como ela está alegre*, penso. Esta sala não é uma masmorra, e eu não sou um carrasco. Sou uma potencial aliada que se ajoelha ansiosamente, portando deliciosos pedaços de carne na mão.

É uma atitude arrogante. Menos de uma hora depois, estou certa de que meu açor me detesta e de que sou a pior falcoeira da história. Não interessa que Mabel seja mais dócil do que qualquer um dos rapazes ou qualquer um dos livros tenha me dito. *Fracassei com ela. O açor está arruinado.* Sei que   verdade porque Mabel não quer colocar o capuz. Até então ela tinha aceitado o capuz com serenidade. Hoje mais cedo senti certa inquietação palpitando dentro dela que agora explodiu em uma visível rebeldia. Levo o capuz para perto de sua cabeça, e ela se esquiva. Serpenteia a cabeça, a retrai na direção do pescoço. Abaixa e corre.

Sei por que isso está acontecendo. Para começar, o capuz era um refúgio bem-vindo, mas, agora que ela decidiu que não represento perigo, é meramente algo que a impede de ver — e ela quer ver. Então, infeliz, inquieta, levantando uma pata depois da outra, a ave olha em torno da sala procurando um lugar para ir. Seu mau humor   contagiante; meu coração bate em um ritmo rápido e irregular, pesando no peito. Perdi a capacidade de desaparecer. Tento me distrair ouvindo um jogo de críquete pelo rádio, mas não consigo entender o que o comentarista diz. São consigo voltar a atenção para longe da minha ave infeliz pensando no capuz que tenho na mão. Ela também são pensa nisso.

Eu me lembro de tirar esse capuz de dentro da bolsa, quando estava   procura de uma caneta em um seminário na universidade alguns meses antes.

— O que é isso? — perguntou uma colega.

— Um capuz de falcão — respondi, sem levantar o olhar.

— Você trouxe para mostrar para as pessoas?

— Não. Estava aqui na bolsa.

— Posso dar uma olhada?

— Claro, sem problemas.

Ela levantou o capuz, fascinada.

— Que coisa incrível — falou, franzindo a testa debaixo de uma franja cortada reta. — Você coloca na cabeça do falcão para ele ficar quieto, não é?

E ela examinou a parte interior, onde o couro modelado estava costurado com uma linha fina como fio de cabelo, e depois o revirou nas mãos, examinando a abertura chanfrada para o bico e o não cabeça de turco trançado para segurá-lo, e as duas longas tiras atrás que são puxadas para abrir e fechar o capuz. Ela pousou o objeto na mesa com reverência.

—   feito com muito esmero — elogiou. —   como um sapato Prada.

De fato, esse capuz está entre os melhores do g nero. Foi feito por um falcoeiro americano chamado Doug Pineo e não pesa quase nada. Poucos gramas. São isso. Algo sobre a leveza perfeita do capuz contra o peso do meu coração faz com que eu fique tonta. Fecho os olhos, e minha cabeça está tomada de capuzes. Capuzes americanos modernos como este aqui. Capuzes do Bahrein, de tiras soltas, feitas de macio couro de cabra, para sacres e falcões-peregrinos. Capuzes s rios. Capuzes turcos. Capuzes afegos. Pequeninos capuzes indianos em pele de cobra para açores e gaviões-da-europa. Enormes capuzes para águias da Ásia Central. Capuzes franceses do século XVI, cortados em couro de cabrito, bordados com fios dourados e pintados com brasões. Não são uma invenção europeia. Cavaleiros das tribos dos francos aprenderam a usar os capuzes dos falcoeiros  rabes durante as Cruzadas, e uma devoção compartilhada pela falcoaria tornou esses animais objetos de penhora nas guerras. Um gerifalte branco, propriedade do rei Filipe I da Espanha, arrebentou sua leash durante o Cerco de Acre e voou para dentro das muralhas da cidade, e o

rei mandou um enviado para requisitar a devolução da ave. Saladino recusou, então Filipe mandou outro enviado, acompanhado de trombetas, bandeiras e arautos, oferecendo mil coroas de ouro em troca do falcão. Se ele foi devolvido? Não lembro. Isso importa? *Não*, penso de forma bastante rude. *Estão todos mortos. Mortos há muito tempo.* Penso em Saladino segurando o falcão do rei na mão e cobrindo seus olhos com uma peça de couro. *Ele me pertence. É meu.* Penso nos capuzes usados como fetiche. Penso em guerras longínquas. Penso na prisão de Abu Ghraib. Areia na boca. Coerção. História, falcões, capuzes e as implicações de interromper a visão da ave para acalmá-la. *O interesse é todo seu.* O enjoo aumenta. Tenho a sensação de perder o chão, de sentir a areia se movendo sob os pés. Não quero pensar nas fotografias dos homens torturados com capuz na cabeça, as mãos amarradas e o inimigo invisível segurando a câmera, mas é tudo o que consigo ver, e a palavra *capuz* como uma pedra quente na boca. *Burqa*, a palavra em árabe. Capuz.

Comecei a falar com o açor — inclusive mentalmente — em uma voz tão baixa e tranquilizadora quanto possível.

— Quando viajarmos de carro, Mabel — digo —, encontraremos uma porção de coisas apavorantes lá fora e não vamos querer que você fique se debatendo enquanto dirijo. Isso vai servir para você se sentir segura.

E depois:

— Ele é necessário — ouço a mim mesma dizer.

Ele é necessário. É isso que venho falando para mim mesma. Mas não gosto dele. Nem ela. Com paciência, ofereço o capuz mais uma vez.

— Veja — peço com cuidado. — É apenas um capuz.

Eu o levo lentamente até o queixo emplumado. A ave se debate. Espero que ela se acalme e o levo de novo até o queixo. *A ave se debate.* E novamente. *A ave se debate. A ave se debate. A ave se debate.* Quero ser delicada. *Estou* sendo delicada, mas minha delicadeza esconde um enorme desespero. Não quero colocar o capuz nela. Mabel sabe disso. No rádio, o comentarista do jogo de críquete explica com prazer e em detalhes por que uma jogada defensiva do batedor não deu certo.

— Cale a boca, Aggers — solto, e tento mais uma vez. — Vamos, Mabel! — suplico, e, no outro minuto, o capuz está colocado, ela está de volta ao poleiro, e estou afundada no sofá.

O mundo está em chamas, e não quero tocá-lo. *Isso está sendo um desastre. Um desastre. Não consigo fazer isso. Nada disso. Sou uma péssima falcoeira.* Caio em lágrimas. A ave se acalma. Eu me enrosco, enterro o rosto em uma almofada e choro até pegar no sono.

★ ★ ★

Quarenta minutos depois, Stuart está avaliando o açor com olhos semicerrados, experientes.

— Pequeno, não é? — diz, de forma arrastada, pensativa, quatro dedos pela face com barba por fazer. — Mas é um açor bonito. Corpo longo. Cauda longa. Predador de aves.

Com isso, ele quer dizer que o meu açor deve ter mais facilidade para pegar faisões e perdizes do que coelhos ou lebres.

— É verdade.

— Como você está se saindo? — pergunta Mandy, que está enrolando um cigarro sentada no meu

sofã, parecendo uma princesa punk do interior vinda de um improvável romance de Thomas Hardy.

Digo a ela que o açor é surpreendentemente manso, e que tudo vai bem. Mas trata-se de uma mentira horrível. Quando bateram à minha porta e me despertaram do sono, eu sabia que precisava contar alguma mentira desesperada para demonstrar competência. E até agora eu estava lidando bem com o assunto, embora, em um momento desagradável, Mandy tenha me fitado com preocupação, e percebi que meus próprios olhos estavam vermelhos e inchados. *Tudo bem*, falei para mim mesma. *Ela vai pensar que estive chorando por causa do papai*. Levanto o açor e fico ali parada, como alguém com um presente, em uma festa, sem ter uma ideia clara de para quem deve entregá-lo.

— Deitado, Jess — diz Stuart.

O pointer inglês preto e branco que veio com eles desaba no tapete e solta um suspiro. Tiro o capuz da Mabel. Ela está equilibrada nas garras, a extremidade do bico pressionada contra o peito prateado e reluzente, olhando para baixo na direção desse novo elemento que é um cão. O cão olha para ela. Nós também. Há um silêncio curioso que atribuo equivocadamente à raiva. À decepção. A qualquer coisa, menos àquilo que de fato é: perplexidade. Um olhar de admiração se estampa no rosto de Stuart.

— Ora, ora — diz ele, afinal. — Você tem um tesouro aqui. Pensei que ela fosse ficar completamente histérica. Mabel já está muito bem ambientada.

— É mesmo?

— Ela é tão tranquila, Helen! — acrescenta Mandy.

Levo algum tempo para acreditar neles, mas ajuda o fato de eu conseguir colocar o capuz em Mabel sem muito estardalhaço. Após duas xícaras de chá e uma hora na companhia do casal, o mundo volta a brilhar.

— Não adie mais — diz Stuart quando os dois vão embora. — Leve Mabel para fora de casa. Para o ar livre. Faça com que ela se ambiente às ruas.

Sei que ele tem razão. Chegou a hora de passar à etapa seguinte do treinamento.

Carriage é a palavra dada por falcoeiros ao ato de caminhar com um falcão para amansá-lo, e todos os meus livros insistiam que era fundamental para um açor bem-treinado. “A chave para controlá-lo é carregá-lo sempre”,³ escreveu Gilbert Blaine. Era o “grande segredo da disciplina”⁴ para Edward Michell. Já no século XVII, Edmund Bert havia explicado que, quando você caminha com um falcão, “os olhos dele ainda observam a mudança dos objetos”, e é por isso que carregar o animal funciona e ninguém consegue domar um falcão mantendo-o dentro de casa. Um animal assim “não vai suportar nada, porque não se acostumou com nenhuma outra coisa”,⁵ diz ele. *Ah, Edmund Bert. Gostaria que ainda estivéssemos no século XVII. Existiriam menos coisas lá fora para assustar o meu açor.*

Mas eu sabia que não era verdade. Haveria carruagens, cavalos, multidões, cães, e tudo isso teria sido tão assustador para um açor mais ou menos ambientado quanto ônibus, motos e estudantes em bicicletas. A diferença era que em 1615 ninguém teria prestado nenhuma atenção em mim. Falcões nas ruas de Cambridge seriam tão banais quanto cachorros em suas coleiras nos dias de hoje. Caminhar com meu açor será um convite aberto para todo mundo se aproximar, encarar e perguntar sobre a ave, de que tipo é, e quem sou eu, e por quê. Por trás de minha falta de vontade de entabular uma conversa existe um pavor muito mais simples: gente. Apenas gente. Não quero ver gente, de forma alguma. Depois que a porta se fecha, fico olhando para ela durante um bom tempo, esfregando o rosto onde a almofada acabou deixando uma marca funda, vincada.

De tarde, naquele mesmo dia, levei Mabel para o jardim murado da minha universidade. Acima de nós, vejo um vasto conjunto de nuvens carregadas se movendo rapidamente. Os galhos se erguem com a brisa; as folhas tremulam de leve. O ar está pesado com o sol, a poeira e as sementes de dente-de-leão. Há luz em excesso, contrastes em excesso. Barulho e movimento em excesso. Eu me retraio com toda aquela aceleração. Mas e o açor? O açor permanece imperturbável. Mabel vira a cabeça para o lado a fim de olhar para as nuvens passando — à luz do dia, suas íris são planas, brilhantes e ligeiramente desfocadas, *zip-zip-zip* — até encontrar um avião Cessna. Depois ela vira a cabeça para baixo a fim de observar uma mosca, e então outra mosca, e puxa distraidamente a carne que seguro com a luva, e observa outras coisas muito, muito além da minha pobre visão humana.

O mundo onde ela vive não é meu. A vida é mais veloz para ela; o tempo corre mais devagar. Os olhos de Mabel podem acompanhar as batidas das asas de uma abelha tão facilmente quanto os nossos olhos acompanham as batidas das asas de um pássaro. *O que será que ela está vendo?*, penso, e meu cérebro dá voltas tentando imaginar, porque não sou capaz. Tenho três diferentes receptores sensoriais nos olhos: vermelho, verde e azul. As aves de rapina, como as demais aves, têm quatro. Meu açor pode ver cores que não consigo, dentro do espectro ultravioleta. Pode ver luz polarizada, também, observar uma cortina de ar quente se levantar, rastrear nuvens e atravessá-las, e traçar as linhas magnéticas de força que se estendem através da Terra. A luz incidindo em suas profundas pupilas negras é registrada com uma precisão tão assustadora que ela consegue ver com intensa clareza coisas que possivelmente não consigo distinguir em um borrão generalizado. As garras das andorinhas-dos-beirais nos céus. As veias nas asas da borboleta branca em sua rota vacilante nos fundos do jardim. Permaneço imóvel ali, meus lamentáveis olhos humanos deslumbrados pela luz e pelos detalhes enquanto o açor observa tudo com a ansiosa intensidade de uma criança preenchendo um livro de colorir, rabiscando alegremente, ensaiando as cores, se apropriando das páginas. E tudo o que consigo pensar é: *quero voltar para dentro*.

Chaves no bolso, açaor no punho, e lá vamos nós. Sair de casa naquela noite foi assustador. Em algum lugar da minha mente, cordas se desenrolam e caem. Isso me dá a sensação de me livrar de amarras, como se eu estivesse em uma aeronave alçando seu primeiro voo para a escuridão. Pulando as grades baixas para entrar no parque, me dirijo para a larga e escura avenida de limoeiros, cujas folhas eram iluminadas de baixo por luz artificial. Tudo parece quente, limpo, perigoso, e meus sentidos estão muito aguçados, como se alguém tivesse me contado que o parque estava cheio de leões famintos. O ar da noite se movimenta entre as árvores. Os bichinhos de luz circulam em torno das lâmpadas. Olho para baixo e vejo que cada lâmina de grama projeta duas sombras separadas a partir das lâmpadas mais próximas, assim como eu. A distância, o eco cada vez mais fraco de um trem em movimento, dois latidos de cachorro em algum lugar, e há cacos de vidro pelo caminho, perto de uma pena do peito de um pombo-torcaz, a julgar pelo tamanho e a ondulação. Ela jaz sobre a grama como se mal a tocasse, brilhando suavemente na escuridão.

— Mas que inferno, Mabel — murmuro. — Quem batizou meu chá com ácido?

A noite nunca tinha tido esse aspecto antes. Eu me aprofundo mais neste mundo de iluminação artificial, refletindo sobre minha percepção ampliada e reconfortada por perceber como minha ave está tranquila. Ela nem olha para cima. Não podia se importar menos com o que a cerca. Está pousada na minha luva, ocupada com uma coxa de coelho. É uma *tiring*, um pedaço de carne com tendões e osso para mantê-la entretida enquanto caminhamos, tirando-lhe a atenção das coisas ao redor. Ela puxa e bica pedacinhos com a concentração extasiada de alguém que destrincha uma lagosta no jantar. Observando-a, começo a relaxar. Adiante, o mundo vazio está cheio de pessoas.

Mas não são pessoas. São coisas a evitar, temer, das quais desviar, das quais proteger meu açaor. Elas se aproximam como pedras que caem em um video game, ameaçando destruir ao toque mais leve. Meu coração bate acelerado. Fuga e subterfúgio. Estou aqui para mostrar as pessoas ao açaor, mas apenas a uma distância segura, e aqueles três homens de camisa clara estão vindo em nossa direção. Eu me esquivo para trás do tronco de uma árvore e os deixo passar. Quando as costas deles entram no campo de visão de Mabel, ela contrai tanto as penas que fica parecendo um embrulho a vácuo. Após se afastarem, ela sacode a cabeça, nervosa, solta um som pelas narinas e volta a comer.

Um minuto depois, uma mulher balançando sacolas de supermercado está em nosso caminho. Não há nenhum lugar onde se esconder. *De onde vêm todas essas malditas pessoas?* Olho ao redor, desesperada. Mabel agora é um par de olhos imensos e assustados, um fantasma de carne e osso, prestes a se debater. Eu a seguro junto ao peito e, para bloquear a visão da mulher, dou meia-volta devagar. A mulher não vê a ave. O que ela vê é uma pessoa esquisita, vestida com casaco surrado e calças largas de veludo cotelê, rodando sem sair do lugar e sem nenhum motivo aparente. Ela passa apressada, rápido. Há uma sensação de que o pavor vai ficando mais intenso. *Está tudo bem*, digo para mim mesma. *Tudo está correndo bem*, mas

o sangue lateja nos meus ouvidos. Uma bicicleta passa sibilando. Mabel se debate. Solto um palavrão. Outra bicicleta. Ela se debate de novo. Minha coragem vai embora. Começo a voltar para casa. Estamos quase na porta quando passa um corredor. Ele se aproximou em silêncio por trás de nós usando seu par de tênis caro. Mabel se debate mais uma vez. Sinto ódio pelo homem por ele ter aborrecido meu açor — na verdade o ódio, fico ofendida pela existência dele. Toda raiva dentro de mim, a raiva que eu não sabia estar lá, a raiva que os livros chamam de “um dos cinco estágios do luto”, surge de repente em um instante dominador de fúria ensandecida. Olho para as costas do corredor, que se afasta, e desejo que ele morra.

Mas, então, ele interrompe o ritmo, dá meia-volta e para a três metros de nós.

— Desculpe — digo, sorrindo e refreando a ira. — É a primeira vez que ela sai de casa, e ainda se assusta com as pessoas.

— Meu Deus, não. Eu é que peço desculpas — diz ele. — Não a tinha visto.

Ele é uma pessoa, percebo. Uma pessoa real, magra, que tem barba, usa camiseta azul e carrega uma garrafa de água na mão. Ele é amigável e cuidadoso, e está um pouco surpreso com a minha ave. Acho que deve ser um bom homem.

— Espero não ter assustado você — começo, me desculpando.

Ele abre um sorriso e nega com um aceno de cabeça.

— Fiquei surpreso mesmo! Não é algo que se vê todo dia!

Eu me volto um instante para o açor, que se inclina para voltar a beliscar a coxa de coelho. Abro minha boca para falar algo. Porém, quando torno a olhar, o corredor já foi embora.

★ ★ ★

O dia está claro após uma chuva forte, e a multidão da hora do rush já se foi. Nessa segunda expedição fora de casa, Mabel agarra a luva com mais força do que nunca. Está tensa. Parece menor e mais pesada com esse humor, como se o medo tivesse um peso próprio, como se seus ossos longos e delicados tivessem sido preenchidos de chumbo. As marcas da chuva na sua cabeça de penas corriam juntas em linhas compridas como rugas de expressão em torno de uma boca. Ela fica bicando a comida a esmo, mas, na maior parte do tempo, olha ao redor, tensa e reservada. Ela acompanha as bicicletas com os olhos. Curva-se pronta para dar um salto quando as pessoas chegam muito perto. As crianças a deixam alarmada. Ela fica insegura com os cães. Quer dizer, cães grandes. Os pequenos a fascinam por outros motivos.

Após dez minutos de intensa apreensão, o açor decide que não vai ser devorado, ou espancado até a morte, por nenhuma daquelas coisas. Sacode as penas e começa a comer. Os automóveis e os ônibus passam chacoalhando e soltando fumaça, e, quando a comida acaba, a ave se ergue olhando o estranho mundo à sua volta. Faço o mesmo. Estive com o açor por tanto tempo, somente ele e eu, que estou vendo minha cidade pelos olhos do animal. Mabel observa uma mulher jogando bola para um cachorro no gramado, e eu também observo, tão perplexa com a cena quanto a ave. Encaro os sinais de trânsito para me lembrar do que se trata. As bicicletas giram mistérios de metal reluzente. Os ônibus que passam são paredes com rodas. O que é importante para uma ave de rapina na cidade não é o que é importante para uma pessoa. As coisas que uma pessoa vê são desinteressantes para a ave. Irrelevantes. Até que aparece um bater de asas. Nós duas olhamos para cima. Lá está um pombo, um pombo-torcaz, planando baixo para

pousar em um limoeiro acima de nós. O tempo desacelera. O ar fica espesso, e o açor se transforma. É como se todos os seus sistemas de defesa tivessem ficado subitamente preparados. Alerta vermelho. O açor se ergue nas garras e estica o pescoço. *Isso. Esse objeto voador. Essa coisa, pensa. Isso é fascinante.* Alguma parte do jovem cérebro do açor acabou de ser ativada, e tem tudo a ver com morte.

★ ★ ★

“No caso do açor”, escreveu White, “havia a necessidade de uma longa caminhada no punho, como sempre era.”¹ Mas ele caminhava como se o próprio ato de caminhar fosse o segredo, e não sua atenção em relação aos sentimentos do açor. Mesmo depois da morte do meu pai, meu coração despedaçado sabia que o segredo para domar falcões era ir devagar. Mudar da escuridão para a luz, dos cômodos fechados para o ar livre, ficar distante, primeiro, e depois chegar mais perto, ao longo de muitos dias, para esse mundo estranho de vozes roucas e braços balançando, de carrinhos de plástico brilhante e bicicletas motorizadas. Um dia de cada vez, um passo de cada vez, uma mordida de cada vez, meu açor compreenderia que essas coisas não representavam uma ameaça, e as observaria com serenidade.

Para Gos, contudo, foi um martírio contínuo. White caminhava porque os livros diziam para ele fazer isso, e ele lhes obedecia, saindo com Gos até no dia em que ele chegou. Quarenta e oito horas depois, caminhou com o falcão até a fazenda dos Wheelers para conhecer “a família toda, incluindo os cachorros latindo”², e, no dia seguinte, saíram para a rua, encontrando automóveis e ciclistas. “Ele se debate várias vezes nessas saídas”, anotou White no diário. E assim continuaram. Ele levou Gos ao bar, levou-o para pescar carpas, levou-o até Banbury de carro. “Ele tinha que aprender a aguentar aquele alvoroço”, escreveu White, “assim como todos nós, por mais que passemos pouco por isso.”³ E ele aguentou. Como a alma desesperada finalmente compreende sua impotência diante de um horror constante e o suporta porque não existe alternativa, assim fez o açor. Gos não tinha alternativa. Não houve delicadeza em seu treinamento. Ele teve que aprender a aguentar as coisas sentindo medo o tempo todo, da mesma forma que White havia aprendido que não havia como fugir da sua própria educação.

Descendo as pequenas estradas e os gramados pelos campos úmidos de feno, White caminhava pela paisagem. Dias inteiros despendidos a pé, o falcoeiro novato mergulhando agradavelmente no ritmo e no clima da terra. Ao caminhar para casa à noite, ao longo das aleias com sebes altas de Buckinghamshire, ele observava “a lua vermelha ascendendo perceptivelmente”, a mesma que ele “vira mergulhar amarela no amanhecer”.⁴ À noite, o mundo se tornava mágico graças ao seu vazio, e as Ridings se tornavam um local de nevoeiro, estrelas e solidão. Essa era a sua paciente excursão para os campos e de volta ao passado.

A despeito da excentricidade de ter uma ave de rapina no punho, o que White estava fazendo era algo bem típico da sua época. Longas caminhadas na zona rural inglesa, quase sempre durante a noite, eram surpreendentemente populares na década de 1930. Clubes dedicados a passeios divulgavam calendários da lua cheia, companhias de trem agendavam horários misteriosos para destinos rurais, e quando, em 1932, a Southern Railway ofereceu uma excursão para uma caminhada ao luar ao longo de South Downs, com a expectativa de vender uns quarenta bilhetes, mil e quinhentos interessados apareceram. As pessoas que se enveredavam por essas caminhadas não procuravam conquistar picos de montanhas ou testar a si mesmas em relação a mapas e quilômetros. Procuravam uma comunhão mística com a Terra; retrocediam no tempo a um passado imaginário coberto de um encantamento nativo e mágico: para uma Inglaterra

imaginária ou pré-histórica, visões pré-industriais que ofereciam conforto e segurança para mentes muito perturbadas. Pois, embora livros sobre vias férreas, estradas e um florescente mercado no campo tenham contribuído para o movimento, no fundo ele prosperara devido ao trauma da Primeira Grande Guerra e ao medo de um próximo confronto. O crítico Jed Esty descreveu essa febre pastoral como parte de um movimento mais amplo de resgate da cultura nacional; era uma resposta ao desastre econômico, a um império que perdia a força e a ameaças de totalitarismo que vinham do exterior.⁵ Era um movimento que celebrava locais antigos e tradições folclóricas. As pessoas se deliciavam com Shakespeare e Chaucer, com os druidas, com as lendas do Rei Artur. Acreditavam que algo essencial a respeito da nação se perdera e poderia ser recuperado, pelo menos na imaginação. White, capturado por essa postura conservadora, antiquada, caminhava com o açor e escrevia sobre fantasmas, sobre Orion estrelado, nu e resplandecente nos céus ingleses, sobre todas as linhas imaginárias que o homem e o tempo haviam desenhado na paisagem. Perto da lareira, com a ave ao lado, ele meditava sobre o destino das nações.

★ ★ ★

As nuvens estão baixas hoje. Não importa. Ele não vai voar. Está caminhando. Caminhando com o seu açor, e ele e Gos atravessaram cinco quadras para chegarem ao destino. Agora ele se encontra perto das ruínas da capela de São Tomás, o Mártir. O local já foi uma capela, depois uma casa, e agora é uma ruína, um esqueleto de pedras. O telhado é como costelas quebradas com um amontoado de sapê podre. As padieiras vergam sobre as portas e janelas bloqueadas com ripas e pedras. Grandes canteiros de urtiga crescem aqui, verdes e vivos. Freixos crescem em arvoredos como parte de um tecido rendado, e os campos se espalham para todos os lados. É muito tranquilo. Ele ouve um tordo em algum lugar, como se fosse água caindo. Este local está profundamente amaldiçoado contra o homem, pensa ele. O fedor de uma ovelha morta que ele viu em uma vala ainda persiste em seu nariz, restos de lã amontoados, deprimentes e ensopados, infestados de larvas. Ele não se importa com o mau cheiro. É estimulante. O cheiro da mortalidade. Ele olha para baixo, para a grama rente, por causa dos coelhos. Embaixo dele, pessoas que viveram, morreram e foram enterradas no local, pensa; seus velhos ossos ficariam agradecidos de encontrar um açor novamente. Ele anda em torno da capela, imaginando a terra por baixo revolvendo e grunhindo à medida que sente o conhecido açor acima dela, assim como grunhem os ossos dos empregados das fazendas quando a maquinaria agrícola passa por cima de seus túmulos esquecidos.

Pensei na pequena raça agora embaixo do solo, estranhos de uma espécie desaparecida, preservados da compreensão, quase da imaginação: monges, freiras e os eternos servos feudais. Eu agora estava tão próximo deles quanto de qualquer pessoa, próximo até de Chaucer, “com o açor cinzento na mão”. Eles entenderiam a minha ave com os próprios olhos, assim como um fazendeiro entenderia um elevador. Nós nos amávamos mutuamente.⁶

A visita de White à capela Green era minha passagem predileta de *The Goshawk* quando eu era jovem. Era uma comunhão com algo perdido e esquecido, e de certo modo uma ave de rapina era o centro daquilo. Sempre me dava a sensação de afinidade com White — apesar de eu não conseguir imaginar por que os fazendeiros teriam algum conhecimento especial sobre os elevadores. Não fazia sentido algum. *Talvez ele quisesse escrever “trator”*, pensei, porque não sabia na época o que era um elevador agrícola, nem sabia que White vinha observando os Wheelers, que cultivavam as terras ao redor dele e usavam esse tipo de máquina. Porém, eu conseguia imaginar a capela com muita clareza quando criança, e agora estava

mais clara do que nunca. Se fechasse os olhos, veria White levantando Gos no punho e fechando os próprios olhos com força, como se fosse possível que toda a confusão do século XX desaparecesse e o mundo de séculos antes ressuscitasse, uma comunidade perdida com ele no seu âmago. Ele teria sido amado. Teria sido compreendido.

★ ★ ★

Olhando para o passado, e tudo por amor. Havia um telescópio na minha estante de livros no fundo da sala. Um telescópio com tripé e uma capa de cordura verde. Eu tinha pegado emprestado do meu pai para observar aves e nunca devolvi. Eu me esqueci de levar na última visita. “Da próxima vez”, ele dissera, balançando a cabeça com uma irritação bem-humorada. Não houve próxima vez. Não pude devolver. Nem me desculpar. Houve uma hora, talvez um dia após a morte dele, ou talvez dois dias depois, em que eu estava sentada no trem junto com a minha mãe e o meu irmão. Estávamos a caminho do local onde estacionara o carro dele. Foi uma viagem desesperada. Minhas mãos agarravam o estofado grosso do assento até minhas juntas ficarem brancas. Eu me lembro das flores, e do espaço entre os trilhos preenchido com pedras de cimento, e um gasômetro verde, e a Usina Termelétrica de Battersea quando o trem desacelerou. E só quando estávamos na estação de Queenstown Road, em uma plataforma desconhecida sob uma cobertura de madeira branca, caminhando na direção da saída, que percebi, pela primeira vez, que nunca mais veria meu pai de novo.

Nunca mais. Parei, imóvel. E gritei. Gritei para chamá-lo. *Papai!* E então a palavra *Não* surgiu em um urro longo e desfalecido. Meu irmão e minha mãe me abraçaram e os abracei de volta. Bruta realidade. Nunca mais falaria com ele. Nunca mais o veria. Ficamos abraçados, chorando por papai, o homem que amávamos, o homem tranquilo de terno com uma câmera no ombro, que saía todos os dias à procura de coisas novas, que capturara o curso das estrelas, e tempestades, e ruas, e políticos, que tinha parado o tempo tirando fotografias dos movimentos do mundo. Meu pai, que fora fotografar os prédios destruídos pela tempestade em Battersea, naquela noite quando o mundo o visitou com perdas e seu coração tinha sucumbido.

As fotografias que ele havia tirado ainda estavam na câmera que entregaram para minha mãe no hospital. Vi a última imagem apenas uma vez. Jamais vou querer vê-la de novo. Mas não consigo apagá-la da memória. Desfocada, tirada de um ângulo baixo, baixo demais; uma rua vazia de Londres. Lâmpadas de mercúrio, o crepúsculo, um muro caído e se estendendo na distância; o pequeno vislumbre de um céu tempestuoso e pálido.

— Vamos, Mabel!

Estou ajoelhada no tapete, segurando um dos galos novos, este morto há um dia. Meu refrigerador está abarrotado com seus corpos tristes, fofos, sobras da produção industrial de ovos. Mabel os adora. Ela encara o que tenho na luva com desejo. Eu o mantenho fora de seu alcance e apito.

— Você consegue! — digo. — Salte!

Mas ela faz tudo que pode para evitar. É cômico. Ela se inclina. Inclina-se ainda mais. Estica o pescoço o máximo possível e abre o bico na esperança de alcançar. A comida está logo ali. Ela não consegue pegá-la. Desequilibra-se e dá um jeito de voltar à posição ereta. Vou precisar mudar de tática. Ela faz uma tentativa de agarrar a carne como no bote de uma cobra, usando uma pata, alongando-a para chegar ao alimento. O alcance é impressionante; suas pernas têm quase o tamanho do próprio corpo. Uma canela cheia de penas brilha de repente, amarronzada como a de um leão, e as garras quase alcançam a luva. Quase.

Agora ela está irritada. Anda de um lado para outro. Bate a pata e agarra o poleiro. As penas pretas em volta do bico se retesam em rugas de reprovação, e dá para senti-la se eriçar. Ela serpeia a cabeça, avaliando as distâncias. Algo está se transformando dentro dela. Consigo sentir isso, o que me dá um calafrio. É como se a sala estivesse escurecendo, se contraindo. Então, acontece. Minha mão é atingida com força; um golpe tão inesperadamente potente que o impacto desce pela minha coluna até a ponta dos pés. Ser atingido por um taco de beisebol teria um efeito semelhante. Ela está na luva, estendendo as grandes asas listradas, agarrando-a com ferocidade e retalhando a carne. Pedaçõs desarticulados de frango desaparecem pela sua goela. Fico extasiada. Ela atravessou um importante abismo psicológico, muito mais profundo do que os vinte e cinco centímetros de ar entre o poleiro e a luva onde ela aterrissou. Na verdade não aterrissou: ela a destruiu. Não havia piedade naquela pressão crescente e entorpecente. Mabel consegue manter a pressão sem absolutamente nenhum esforço. É difícil fazê-la soltar-se.

Escolho o meu momento. Quando sua cabeça está virada para cima engolindo uma porção de frango, puxo o restante e faço desaparecer. Ela olha para baixo, depois para trás, depois para o chão. *Onde foi parar a comida?* Eu a convenço a dar um passo atrás, até o poleiro. Em seguida, seguro o frango mais uma vez, mais distante. Instantaneamente sinto aquele golpe terrível. É um golpe mortal, mas há algo em sua força que me faz lembrar que estou viva.

★ ★ ★

Sim, estou viva, mas exausta. Sentia-me como se fosse feita de lã. Lã cinzenta, mal enrolada em uma estrutura doída de ossos. Minhas caminhadas com o açor eram estressantes, exigiam vigilância

interminável, e estavam me consumindo. À medida que a ave ficava mais domada, eu ficava mais selvagem. O medo era contagiante: crescia espontaneamente no meu coração quando as pessoas se aproximavam de nós. Eu não tinha mais certeza se o açor se debatia por estar amedrontado com o que via ou se o pavor que ele sentia era meu. E outra coisa acontecera em nossas caminhadas. Tínhamos ficado invisíveis. As pessoas que passavam não paravam, não encaravam, não lançavam nem mesmo um olhar de esguelha em nossa direção. Parte de mim começou a acreditar que não viam absolutamente nada de nós; que estávamos caminhando em outra dimensão, como se fôssemos fantasmas, ou como se elas fossem. Eu pensava naqueles açores que vira quando criança, encarando uma tarde de inverno a partir de um mundo em que agora eu habitava. E de noite, em casa, permanecia perto da janela observando as luzes no lado de fora, pressionando a testa contra a vidraça para sentir as fracas batidas da chuva de verão contra o vidro e os ossos.

★ ★ ★

Todo mundo nos via. É claro que sim. Uma mulher passeando pelo parque com uma ave enorme no punho e um olhar maligno no rosto dificilmente é imperceptível. Todo mundo nos via; apenas fingiam que não. Mas algumas pessoas eram corajosas o suficiente para olhar. Na manhã seguinte, por exemplo, na chuva, observando de pé a flotilha de guarda-chuvas se mover pelo parque, reparo em um homem. Ele está ao lado de uma cerca, a meio metro de distância, as mãos descansando tranquilamente na grade de madeira, nos observando de forma tão inexpressiva que parecia estar observando cavalos em um campo. Eu me aproximo e digo oi. Ele conta que é do Cazaquistão, e conversamos sobre meu açor e sobre os falcões cazaques, os *berkutchi*, que, acomodados em seus cavalos, fazem voar águias-reais há milhares de anos. Ele diz que nunca as viu, porque mora em um centro urbano. Almaty. Pergunta se meu falcão tem um capuz. Entrego o capuz a ele, que o gira nas mãos, admira o acabamento e me devolve. Só então nos apresentamos de maneira apropriada. O nome dele é Kanat. Ele me pergunta aonde vou caçar com o falcão.

— Em uma fazenda a alguns quilômetros daqui — respondo.

Ele assente, olha de modo perspicaz para Mabel e permanece em silêncio durante um bom tempo. Depois, estica os dedos na cerca de madeira e analisa as costas das mãos e as abotoaduras de seu casaco de couro marrom.

— Tenho saudade do meu país — diz.

Pouco depois de ele sair, um ciclista faz uma parada brusca e pergunta educadamente se pode olhar a ave. Ele é muito atraente. Fica ali ao lado, com seu cabelo à la Antonio Banderas, um casaco esportivo caro último modelo e a bicicleta de titânio salpicada de chuva, admirando Mabel.

— Ela é *linda* — elogia.

Está tentando encontrar outra palavra, mas ela lhe escapa. Linda vai servir. Ele repete o elogio. Depois me agradece sem parar.

— Tão perto! — diz. — Nunca tinha visto uma ave assim tão de perto.

No México, ele só tinha visto falcões selvagens e apenas ao longe.

— Gosto de observá-los porque são... — Ele se interrompe e faz um movimento com uma das mãos, como se estivesse levantando o ar.

— Livres — completo.

Ele concorda com a cabeça, um gesto que acompanho e que me causa certa surpresa, porque estou começando a ver que, para algumas pessoas, um falcão na mão de um estranho pede uma confissão, pede confidências, faz com que você fale sobre esperança, origem e coração. E percebo, ao mesmo tempo, que em todos os meus dias de caminhada com Mabel as pessoas que se aproximaram e falaram conosco poderiam ser consideradas em certo sentido deslocadas: crianças, adolescentes góticos, moradores de rua, estudantes estrangeiros, viajantes, bêbados, gente de férias.

— Somos deslocadas, Mabel — digo, e a ideia não é desagradável.

Porém, fico envergonhada pela omissão do meu país. Pelo desejo de continuar andando, de continuar seguindo, sem comentar, sem interrogar, sem demonstrar nenhum interesse em algo peculiar, fora do comum, em qualquer coisa que não seja inteiramente normal.

★ ★ ★

Meu estado de espírito está me fazendo comunicativa, querendo comemorar. Hoje, Mabel voou pouco mais de um metro até o meu punho, a partir do encosto de uma cadeira na sala.

— Você está indo extraordinariamente bem — digo para ela. — Hora de dar uma caminhada. Vamos sair e encontrar os filhos da minha amiga. Eles vão adorar você.

Alguns minutos depois, bato na porta de uma casa e o marido da minha amiga abre. Mabel se retrai. Eu também: esse homem certa vez foi muito grosseiro comigo. Mas e daí? Não importa. Talvez ele estivesse tendo um dia ruim. Perdoar, esquecer. Minha amiga não está em casa. Permaneço à porta contando para ele sobre o açor. Falo a idade, o sexo, a espécie, o nome. Conto que havia pensado que domesticá-lo fosse algo como uma batalha agonizante igual à que havia lido em *The Goshawk*.

— Mas foi uma surpresa — relato. — Não tem sido uma batalha. E isso acontece não por minha causa, tenho certeza. Ela é uma ave muito tranquila.

E o homem inclina a cabeça para o lado e sorri.

— Bom, deve ser a questão do gênero — comenta ele.

— Gênero?

— É. Você é mulher, e ela é fêmea. É claro que vocês vão se dar bem.

Parece que ele está falando sério. Encaro a sua mão no batente da porta e um calor sobe à minha face. É *ironia*. Pela primeira vez em semanas, o açor desaparece da minha mente enquanto parte dentro de mim se concentra para pensar uma frase firme e não pronunciada: *Que babaca*.

Ele está dizendo que, por eu estar treinando um açor fêmea, existe algum tipo de ligação entre nós? *Que merda é essa?* Pelo amor de Deus, somos de *espécies* diferentes.

— Não acho que isso seja um fator determinante para influenciar o comportamento do meu açor — afirmo, sorrindo.

É um sorriso comedido. Um sorriso conciliador. É um sorriso que acoberta um assassinato. Volto para casa com raiva, o coração batendo selvagememente. De volta à minha casa, ave no poleiro, me recomponho. Minha raiva passou: agora estou fascinada. Pego todos os livros de falcoaria das estantes e os empilho no chão. Depois, me sento de pernas cruzadas perto do açor.

— Muito bem, Mabel — digo —, os açores são aves de meninos, não é? Vamos ver o que os meninos

disseram a seu respeito.

Apanho o livro *Falconry for You*, de Humphrey ap Evans, e leio em voz alta:

— “Ela ronrona e gorjeia para o dono, esfregando a cabeça nele. Mas é orgulhosa, selvagem e bela: é terrível observar sua ira. Ela pode ficar carrancuda, de humor instável.”¹

Humm.

Agora, abro Gilbert Blaine e leio sobre seu “humor peculiar e, até certo ponto, sombrio”.² “Ela pode teimar em se mostrar o mais desagradável possível”, explicou o autor; “vai deixar o dono exasperado de tal forma que ele vai querer torcer o pescoço dela”. Depois, leio *Falcons and Falconry*, de Frank Illingworth: “Nunca houve uma ave mais do contra do que um açor! Seu único propósito parece ser irritar o dono”.³

— Mabel, isso é muito duvidoso — digo.

Depois, começo a olhar os falcoeiros da época vitoriana. Charles Hawkins Fisher “não gostava dela nem das de sua espécie”,⁴ e Freeman e Salvin consideravam que “é extremamente lamentável que o temperamento dessa ave esteja longe de ser amigável; na verdade, trata-se de uma ave mal-humorada”.⁵

— Mal-humorada. Ah, meu Deus, Mabel. Sabe o que você é? Uma mulher. Uma mulher cheia de hormônios!

Tudo fazia sentido de uma forma assustadora. Era por isso que aqueles falcoeiros nunca cogitavam que o próprio comportamento tivesse alguma relação com o fato de seus açores marcarem determinada posição em árvores, ou voarem em ataques de nervos ou de raiva, ou atacarem os cães, ou decidirem fugir. Não era culpa deles. Como as mulheres, os açores eram inexplicáveis. Mal-humorados. Volúveis e histéricos. Sua mudança de humor era patológica. Essas aves estavam além da compreensão.

No entanto, olhando para trás na história, descubro que no século XVII os açores não eram absolutamente perversos. Eram “sociáveis e familiares”, apesar de serem por natureza “completamente tímidos e medrosos”, escreveu Simon Latham em 1615. “Ficam ressentidos” com “comportamentos rudes e grosseiros por parte do homem”, mas, se tratados com gentileza e consideração, são “tão adoráveis e apegados ao Tratador quanto absolutamente qualquer outro Falcão”. Esses tipos de aves de rapina também eram mencionados como se fossem mulheres. Eram coisas para ganhar, para cortejar, para amar. Não eram, contudo, monstros histéricos. Eram seres reais, contraditórios, teimosos, “majestosos e corajosos”,⁶ mas também “tímidos e amedrontados”. Caso se comportassem de alguma forma que irritasse o falcoeiro era porque este não os estava tratando bem, não estava demonstrando “conduta atenciosa e continuamente afetuosa em relação a eles”. O papel do falcoeiro, escreveu Edmund Bert, era atender a todas as necessidades do seu falcão de modo que este estivesse “feliz consigo mesmo”. “Sou amigo dele”, escreveu Bert sobre o seu açor, “e ele é meu companheiro.”⁷

Um olhar mais cínico poderia perceber esses homens das eras elisabetana e jacobina se gabando de suas habilidades de treinar aves de rapina; artistas das antigas, figurões, em um bar, promovendo suas estratégias de sedução. Mas eu não era cínica. Eles haviam me conquistado, esses homens há muito falecidos que amavam seus falcões. Eles se reconciliavam com seus animais, procuravam agradar-lhes e ser seus amigos. Eu não tinha nenhuma ilusão de que as mulheres estavam em condições melhores no início do período moderno na Inglaterra, e supus que tivesse sido o medo de uma emancipação feminina que houvesse tornado os açores tão terrivelmente ameaçadores para os falcoeiros depois disso — mas mesmo

assim eu sabia que tipo de relação eu preferia.

Olho para Mabel. Ela olha para mim. Muito de sua constituição se deve às pessoas. Por milhares de anos, aves como ela têm sido apanhadas, aprisionadas e levadas para dentro das casas. Porém, ao contrário de outros animais que têm vivido muito próximo ao homem, os açores nunca foram domesticados. Isso fez deles um poderoso símbolo da vida selvagem em muitas culturas, de algo que precisa ser controlado e domado.

Com um estalo, fecho minha cópia do *Treatise of Hawks and Hawking*, de Bert e, quando a capa cai, meu falcão realiza um movimento curioso, fascinante. Mabel gira a cabeça para um lado e depois a sacode e continua a me olhar com a ponta do bico apontando para o teto. Fico boquiaberta. Já vi esse movimento antes. Filhotes de falcões-peregrinos fazem isso quando brincam. Mas um açor? *Sério?* Pego uma folha de papel, rasgo uma longa tira, amasso em formato de bola e ofereço-lhe com os dedos. Com o bico, ela apanha a bolinha, fazendo um barulho de esmagar. Mabel aprecia o barulho. Repete o movimento e depois deixa a bolinha cair, revirando a cabeça quando ela atinge o chão. Eu a apanho e a ofereço de novo. Mabel a agarra e a morde muito delicadamente várias vezes: *nham nham nham*. Ela parece um fantoche, um crocodilo da tradicional história de Punch e Judy. Os olhos dela estão semicerrados em um riso de passarinho. Também estou rindo. Enrolo uma revista como um tubo e olho através dele como se fosse um telescópio. Ela baixa a cabeça para me olhar pelo buraco. Enfia o bico ali o máximo que consegue, bicando o ar vazio lá dentro. Colocando a boca na abertura do meu lado do telescópio de papel, falo:

— Olá, Mabel.

Ela tira o bico. Todas as penas de sua cabeça estão eriçadas. Ela balança a cauda rapidamente de um lado para outro e estremece de felicidade.

Sou tomada por uma vergonha obscura. Eu tinha uma ideia fixa do que seria um açor, assim como os falcoeiros da época vitoriana, e não era uma ideia abrangente o suficiente para abarcar o que os açores são. Nunca me disseram que eles brincavam. Não estava nos livros. Não imaginava que pudesse ser possível. Fiquei pensando se era porque ninguém jamais havia brincado com eles. O pensamento me deixou terrivelmente triste.

★ ★ ★

Em uma carta para White, Gilbert Blaine explicou que ele gostava de açores porque seu “temperamento louco e desconfiado fizera com que se afastasse deles, assim como da maioria dos falcoeiros”.⁸ “Talvez por esse motivo”, escreveu White, anos mais tarde, “eu tivesse gostado do Gos. Sempre gostei dos indóceis, dos intocáveis, dos pobres coitados.” Gos era uma coisa esquisita, o oposto dos corações ingleses civilizados, e, por meio dele, White podia representar muitos papéis: o progenitor benevolente, a criança inocente, o professor amigável, o aluno paciente. E outros, mais estranhos: White podia ser uma mãe, um “homem que por dois meses tinha cuidado daquela ave, quase como uma mãe alimentando o filho dentro de si, pois o inconsciente da ave e o do homem realmente se ligavam por um cordel da mente: para o homem que criara algo a partir de uma parte de sua vida”.⁹ E nos cadernos, aqueles escritos em tinta verde, White começa a redigir tarde da noite, com a mão embriagada, expansiva, frases que nunca aparecem em seu livro por serem reveladoras demais.

A coisa que ele mais odeia é receber um golpe na cabeça, a coisa de que ele mais gosta é ter as penas puxadas, acariciadas, desbastadas e separadas. Na verdade, Gos mostra muito interesse nas suas partes traseiras. Ele é um coprófilo, se não for homossexual. É capaz de distribuir seus dejetos por três metros e sempre se vira orgulhoso para apreciar. Já no meu caso, porém, posso mijar continuamente por vários minutos (e isso ele supõe ser um tipo de comportamento parecido), o que incita seu interesse e sua inveja.¹⁰

Existem muitas maneiras de ler *The Goshawk*, e uma delas é encarar a obra como repleta de desejo homossexual reprimido — não de carne, mas de sangue, de afinidade. Dá para sentir que se trata do livro de um homem solitário que se sentia diferente, que procurava fazer os outros gostarem dele. A falcoaria não era um esporte particularmente homossexual, embora alguns falcoeiros com que White se correspondia fossem gays, como Jack Mavrogordato e Ronald Stevens. Talvez Blaine, também: ele nunca se casou. Porém, os falcoeiros formavam uma confraria, uma “elite monástica”, uma “seita pequena e tenaz”¹¹, como os descrevia Lord Tweedsmuir, eram homens que sentiam um amor que outras pessoas não compreendiam. Era um amor que não se considerava normal, e era algo que não podiam controlar. Gilbert Blaine explicou que “profundamente enraizado na natureza de determinados indivíduos [existe] certa qualidade que inspira uma atração natural pelos falcões”.¹² O “verdadeiro falcoeiro”, escreveu ele, “nasce falcoeiro, e não se torna um.” E, nos anos seguintes, White escreveria como a falcoaria lhe deu uma sensação reconfortante de estar ligado tacitamente a homens com ideias semelhantes:

Apenas depois de ter mantido alguns falcões sozinho foi que conheci outro falcoeiro maduro, vi suas aves e conversei com ele. Depois, pela primeira vez, descobri meu coração se revirando de emoção diante do espetáculo de falcões na primeira plumagem: descobri que nenhum de nós precisava completar a gramática de uma pergunta ou resposta.¹³

Foi uma revelação: ele via então que mesmo antes na história já havia homens como ele. “Pensei que era correto eu agora me sentir feliz para constar como mais um de uma longa lista”, escreveu, refletindo sobre uma fotografia que mostrava o entalhe de um falcoeiro assírio, feito havia três mil anos. Fechou os olhos e se imaginou andando para trás, atravessando os séculos para agarrar “a mão ossuda daquele ancestral, na qual todas as juntas eram tão bem-definidas quanto sua panturrilha”.¹⁴

★ ★ ★

Para homens de escolas particulares tradicionais, criados ouvindo contos de cavalaria e sob os preceitos do cavalheirismo, a sensação de viajar no tempo que a falcoaria provocava podia ser eletrizante. J. Wentworth Day, escritor da zona rural, que saiu para praticar a falcoaria com o British Falconer’s Club no final da década de 1920, escreveu que, com os pântanos aos pés, “o vento no rosto, o falcão no punho, você pode achar que é, por um breve período, um herdeiro dos tempos. Uma página menor da história e remonta a mil anos atrás.”¹⁵

Falcões treinados têm uma capacidade peculiar de invocar a história porque são, em certo sentido, imortais. Enquanto os exemplares individuais de falcões de diferentes espécies morrem, a espécie propriamente dita permanece inalterada. Não há raças nem variedades, porque os falcões nunca foram domesticados. Os pássaros que usamos hoje na falcoaria são idênticos aos de cinco mil anos atrás. As civilizações nascem e morrem, mas os falcões continuam os mesmos. Essa característica dá às aves usadas na falcoaria a capacidade de se sentirem como relíquias de um passado distante. Você leva um falcão até o punho e imagina o falcoeiro do passado fazendo o mesmo. É difícil não sentir que se trata do mesmo

falcão.

Um dia, perguntei aos meus amigos se eles alguma vez pegaram coisas que lhes davam uma assustadora sensação de que faziam parte da história. *Vasos antigos com impressões digitais de três mil anos na argila*, disse um. *Chaves antigas*, falou outro. *Cachimbo de argila. Sapatos de baile da Segunda Guerra Mundial. Moedas romanas que encontrei em um campo. Velhas passagens de ônibus em livros de segunda mão.* Todo mundo concordou que essas pequenas coisas provocam sensações estranhamente íntimas; dão às pessoas a impressão, no momento em que as pegam ou as reviram entre os dedos, de outra pessoa, uma pessoa desconhecida de tempos anteriores, que havia segurado o objeto. *Você não sabe nada sobre elas, mas sente que a pessoa está lá*, me falou um amigo. *É como se desaparecessem os anos que separam você dessas pessoas. Como se você, de algum modo, se tornasse uma delas.*

O curso da história desmorona quando se segura um falcão, assim como acontece com meus amigos e seus pequenos e preciosos objetos. As enormes diferenças entre você e aquela pessoa que morreu há muito tempo são esquecidas. Você acaba aceitando que os antigos viam o mundo como você o vê. E isso traz conseqüências perturbadoras. Há apenas uma pequena distância entre imaginar que você é assim como o falcoeiro há tanto desaparecido e pressupor que na terra por onde anda também caminharam pessoas como você desde tempos imemoriais. E os ancestrais que os falcoeiros escolheram costumam ser de uma elite acima da população comum. “A falcoaria certamente é de alta linhagem”,¹⁶ escreveu o falcoeiro Gage Earl Freeman em 1859. “Reparem no orgulho — o orgulho nobre e honesto — da ascendência ilustre!” Quando um amigo rebateu isso dizendo que seu amor pela falcoaria era “perfeitamente independente de quaisquer sentimentos pela antiguidade ou pela Idade Média, com as quais não me importo”, a resposta de Freeman foi direta. “Acredito que ele estava enganado.” Porém, nem sempre os falcões conferiam a seu dono uma comunhão com condes, barões e reis. Para White, na capela Green, um açor o fazia se sentir parte da comunidade de uma aldeia inglesa pré-Reforma. O açor o fazia se sentir em casa.

Quando pequena, eu adorava o deslumbramento histórico da falcoaria. Eu a apreciava da mesma maneira como as crianças acreditam que podem ser como as crianças dos livros: secretamente mágicas, partes de outro mundo misterioso e mais profundo que as transforma em algo fora do comum. Mas isso faz muito tempo. Não me sentia mais assim. Eu não estava treinando um açor porque desejava me sentir especial. Não queria que a ave me fizesse sentir como se estivesse transpondo com retidão as terras dos meus ancestrais há tanto tempo desaparecidos. A história não trazia nenhum proveito para mim, assim como o tempo também não. Eu estava treinando o açor para fazer aquilo tudo desaparecer.

★ ★ ★

À noite, levo Mabel mais longe no campo. Chegamos a Midsummer Common às oito e atravessamos a região passeando, em meio ao gado da raça red poll pastando no cardo batendo na altura da coxa. paro com ela perto da ciclovia ao longo da margem sul do rio e me sento em um banco de madeira embaixo de um amieiro. Meus pés estão molhados, frios, coçando por causa dos arranhões de cardo. Contraio os dedos nas sandálias e observo o rio deslizar. Este lado da margem é só de barcos estreitos e ciclistas, mas a margem mais à frente é provida de rampas de concreto e armazéns para embarcações de universidades. Na rampa oposta, um homem com roupas esportivas está limpando o fundo de um barco de regata

emborcado. As pessoas passam caminhando, os ciclistas seguem velozes, e parece que eu e ele somos os únicos aqui. Os ciclistas e os pedestres não me veem, não veem a ave e não veem o homem com o barco. Eu o observo trabalhar com seus trapos, garrafas e balde amarelo. Tanto ele quanto eu estamos concentrando nossas atenções em algo importante; nós dois temos uma tarefa a cumprir. Ele tem que limpar e encerar o casco do barco, e eu tenho que treinar o açor. Nada mais importa. Ele esfrega, encera, lustra e, quando fica satisfeito com o trabalho, carrega o barco nos ombros para devolvê-lo ao armazém. Junta o material na rampa e vai embora. Mabel não se importa. Ela tem algo muito mais interessante em que prestar atenção: quatro patos-reais chapinhando na água cinzenta a uns vinte metros. Eles boiam para longe em uma pequena jangada, e nós tomamos o caminho de casa.

Agora a luz está caindo para um verdadeiro crepúsculo e começa a chover. Com a chuva e o crepúsculo vem o cheiro do outono, o que me provoca um arrepio de alegria. Mas não faço ideia da maravilha que ainda está por vir. Porque Mabel e eu estamos prestes a testemunhar um fenômeno extraordinário, um ritual noturno cuja existência eu desconhecia. Corredores! Como morcegos deixando seus poleiros, a quantidade deles aumenta exponencialmente. Primeiro há um ou dois, depois um intervalo, e aparece outro, e, em seguida, três juntos. Até a hora em que Mabel e eu estamos a meio caminho de casa, é como se estivéssemos em um documentário sobre a migração dos animais no Serengeti. Eles estão por todos os lados. Bandos deles. Porém todos se mantêm nas pistas, o que é bom, porque podemos nos posicionar em um canteiro de grama espessa logo depois que a trilha se divide em duas. Ficamos de pé ali na escuridão e observamos os corredores se aproximarem, se dividirem e depois afluírem para a mesma direção, passando por nós. É óbvio que não nos veem. Estamos imóveis.

— Talvez os corredores sejam como os animais do *Parque dos Dinossauros* — digo para ela. — Não conseguem ver coisas que não se mexem.

Chove com bastante intensidade, e a cabeça chata do açor está salpicada de diminutos cristais de água que reluzem com as lâmpadas. A ave se equilibra nas garras, como costuma fazer quando está tranquila. Suas pupilas estão largas e felinas no escuro. *Que se dane*, penso. *Ela pulou para o punho dentro de casa. Eu me pergunto se ela vai fazer o mesmo aqui fora.* Logo ao nosso lado há um cercado de madeira rodeando um broto de limoeiro. Eu a coloco no alto da estaca, e ela, pura e simplesmente, salta no comprimento da leash até o meu punho para pegar a comida. Com o vento soprando na direção contrária, com chuva nos olhos, com corredores passando como raios por nós, ela salta três vezes e depois sacode as penas, espalhando gotas de chuva de um laranja metálico ao nosso redor. Brillante.

A luz sobre o gramado vai ficando fraca, as vacas estão de volta ao pasto depois da ordenha, e o céu distante na direção de Buckingham aos poucos constrói o crepúsculo com nuvens muito cinzentas. Gos está empoleirado a vinte metros no parapeito do poço, e White está satisfeito consigo mesmo. Ele solucionou o importante e simples mistério da falcoaria: agora sabe que a ave vai voar na direção dele se estiver com fome. Se não estiver, vai desobedecer. Então elaborou um fiador usando uma longa extensão de cordão de náilon — duplicado para reforçá-lo, já que o fio costuma se romper — e o amarrou ao destorcedor de Gos. E agora aqui está ele, o açor do outro lado enquanto ele assobia o cântico que chama a ave para a sua direção.

*O Senhor é meu Pastor,
Nada me faltará.
Ele..*

White esfrega os olhos, que começam a arder. Ele está assobiando há dez minutos a antiga melodia escocesa para o Salmo 23 e é difícil manter as notas certas com os lábios secos e com os mosquitos começando a atacar.

O Senhor é meu Pastor, nada me faltará.

Mas falta algo, algo que ele quer muito.

Acena a luva de novo. A coxa de coelho balança. *Venha, Gos! Venha!* Ele repete as tristes notas do cântico mais uma vez no ar da noite. *Preparas uma mesa perante mim na presença dos meus inimigos.* Será que o açor está olhando para ele? Com certeza está. Por que não vem, então? White precisa ter paciência. O açor virá.

Deitar-me faz em verdes pastos. Durante uma hora, ele permanece de pé no mesmo lugar, às vezes desistindo e se deitando no pasto ao lado das vacas, e depois se levantando de novo e esperando o açor voar para ele. A ave não faz isso. White se afasta até seis metros do poço, ergue o punho e assobia mais uma vez. Gos o encara; não sabe o que esperam que ele faça. O homem não sabe como ensinar. O tempo passa. Agora, já esperou além da conta. Segura o fiador e depois o puxa com força, obrigatoriamente fazendo com que Gos seja arrastado para fora do poleiro. O açor desaba no chão, fica ali pousado por alguns segundos e voa de volta para o poleiro. White o puxa de novo. E de novo. E de novo. Na quarta tentativa, o açor, derrotado, começa a seguir hesitante pelo cardo na direção do homem. White se afasta. O açor, confuso e inseguro, prossegue. White se afasta mais rápido, sacudindo a coxa de coelho, e Gos começa a correr. “Pulando e saltitando, uma bola de penas, um sapo horroroso, ele seguia meus passos”, escreveu White; e “nos dois últimos metros, dos vinte e quatro percorridos, ele voou até o punho.”¹ Mais tarde, naquela mesma noite, ele recompensou o açor com uma boa quantidade de coelho. O dia tinha sido

de certo modo bem-sucedido, pensou ele. Estava começando a entender como deixar o açor em sua exata condição.

★ ★ ★

A condição corpórea para uma ave de rapina, escreveu White, “era evidentemente uma questão de avaliação precisa que só podia ser julgada pelo falcoeiro que conhecia a sua ave, e o inconsciente dele está em estreito contato com o inconsciente da ave.”² Era uma revelação aprendida a duras penas, e verdadeira. Olhando Mabel, consigo ver que ela atingiu seu peso em voo: é tão óbvio para mim quanto uma alteração no clima. Agitação, nervosismo, tendência a se debater no poleiro quando está aborrecida: tudo isso desaparece quando pesa novecentos e cinquenta gramas, tudo isso é substituído por uma calma imperturbável, um fluxo de perfeita atenção como se tudo dentro dela estivesse alinhado com exatidão.

Você não vai ler a expressão “peso em voo” nos livros de falcoaria do passado, porque os antigos falcoeiros não usavam balanças. Eles avaliavam a condição de seus falcões sentindo seus músculos e suas costelas, além de observar o comportamento deles com um olhar perspicaz e experiente. Não se trata de uma tarefa fácil, e é quase impossível para um falcoeiro novato compreender as sutilezas envolvidas em levar um falcão até sua condição de voo. White não tinha uma balança nem um mentor para orientá-lo: teve que aprender os velhos métodos da maneira mais difícil. Sei que, em certo sentido, a pesagem de falcões é uma atitude pouco valorizada, uma medida grosseira em comparação ao entendimento intuitivo alcançado por quem de maneira genuína conhece a própria ave. Ainda assim, eu não treinaria um falcão sem uma balança. Quando costumava treinar esmerilhões, pequenos falcões com garras como agulhas e uma composição tão voraz e delicada que parecia a mais fina porcelana Meissen, eu os pesava três vezes por dia. Eu me preocupava demais com o valor calórico de codorna, galinha e rato; era capaz de dizer quanto de peso meu falcão perdia em uma, duas ou três horas. Mesmo três gramas e meio poderiam fazer diferença na maneira como meus esmerilhões voavam. No caso do açor, é um cálculo mais aproximado, porque Mabel é imensa em comparação a um esmerilhão. Mas, ainda assim, não é fácil julgar quanto de comida, e de que tipo, vai levá-la a uma perfeita condição de voo. Pedacos de papel espalhados na mesa da cozinha, com rabiscos de pesos e pontos de interrogação. Estou convencida de que tenho os cálculos corretos, e me encarrego de atestar. Às quatro horas, fomos até o campo de críquete da minha universidade e começamos as primeiras aulas de “chamar o falcão para vir em direção à luva”.

— Vai dar tudo certo, Mabel. Estamos em período de férias. O local estará deserto. Sem cachorros, ou vacas, ou gente. Ninguém vai nos perturbar lá.

★ ★ ★

Estamos de pé, indecisas, embaixo do teto de palha do pavilhão. Atrás de nós, há vários limoeiros e castanheiros, e também um fosso cheio de folhas e água da chuva. O ar à nossa volta está ameno, calmo, pontuado por pequeninas moscas; o céu, plano e neutro como metal não polido. Há um cheiro ruim. Não tenho certeza de que quero ficar aqui. No outro lado do fosso está um prédio familiar, um Camelot vitoriano com ameias, janelas gradeadas e uma torre gótica minúscula. Meu escritório fica lá no alto, no último andar. Livros, papéis, uma mesa, uma cadeira, um tapete de lã cinza-clara; o ar que sempre cheira a

poeira ressecada de sol, mesmo no inverno, quando ageada queima os vidros e faz sombreado sobre eles. Olho a fachada branca e penso na carta que enviei naquela manhã para uma universidade alemã, informando que não poderia aceitar o trabalho que tinham me oferecido para aquele inverno. Falei que lamentava, contei que meu pai havia falecido e que eu precisava ficar aqui. Mas, na verdade, eu não lamentava, e esse não foi o motivo da minha recusa. *Não posso ir para Berlim em dezembro*, pensei, pasma. *Tenho que treinar um açor para voar*. Ambições, projetos de vida: isso era para outras pessoas. Assim como um falcão, eu não conseguia mais imaginar um futuro. Eu não precisava de uma carreira. Não desejava uma carreira.

Pombos voam saindo do telhado. Observo as asas brancas agitadas contra o céu. Súbita vertigem. Algo muda dentro da minha cabeça. Algo grandioso. Depois, tudo o que vejo se desfaz e se transforma. Pisco. Parece que está tudo igual. Mas não está. Esta não é minha universidade. Nada dela é familiar. Não parece nem mesmo uma universidade. Apenas alguns hectares de prédios, gigantescas caixas feitas de tijolos e pedras abarrotadas com detritos seculares. Na capela estão pintados anjos que têm o mesmo rosto, estranhos seres com espadas e plumagem pré-rafaelita brilhante. Há um galo de bronze de Benin e um esqueleto em um armário no vestiário dos pesquisadores, um esqueleto real, amarelado, preso com alfinetes e arame. Além do prédio do meu escritório há uma série de teixos, árvores reduzidas a pequenas lascas sopradas pelo vento. Um cavalo de bronze em um gramado, uma lebre no outro e um livro de metal preso ao solo junto a uma escultura com grillhões. Tudo aqui é construído a partir de coisas tiradas de sonhos. Algumas semanas antes, mudas de loureiro foram postas em vasos e espalhadas por toda a universidade para um baile com o tema de *Alice no País das Maravilhas*; eu observei os estudantes amarrando flores nos galhos: delicadas rosas de pano brancas e vermelhas.

Acho que em dois meses meu contrato com a universidade vai vencer. Em dois meses, não terei mais escritório, nem colegas, nem salário, nem casa. Tudo vai ser diferente. *Porém*, penso, *tudo já está diferente*. Quando Alice caiu no buraco do coelho e foi parar no País das Maravilhas, ela caiu tão devagar que conseguiu apanhar coisas nos armários e nas prateleiras, olhar com curiosidade os mapas e as fotografias que passavam por ela. Em meus três anos como professora em Cambridge, houve aulas, bibliotecas, reuniões acadêmicas, supervisões, entrevistas de admissão, madrugadas escrevendo artigos e dando notas para ensaios, e outras coisas embebidas no glamour da universidade: comer faisão à luz de velas na High Table, um salão exclusivo de Cambridge, enquanto pancadas de neve riscavam as vidraças das janelas, canções de Natal eram entoadas e vinho do Porto era servido, a prata reluzindo nas mesas envernizadas em um tom escuro. Agora, de pé em um campo de críquete com um açor na mão, percebi que sempre estive caindo enquanto passava por essas coisas. Conseguia esticar a mão e tocá-las, apanhá-las das prateleiras e recolocá-las, mas não eram minhas. Nunca foram genuinamente minhas. Alice, ao cair, olhava para baixo buscando identificar para onde estava indo, mas tudo lá embaixo era escuridão.

Concentre-se no motivo pelo qual você está aqui, digo para mim mesma. *Você tem que fazer uma ave voar*. Desde a morte do meu pai, por vezes tenho tido a sensação de estar deslocada da realidade, estranhos episódios nos quais o mundo se torna irreconhecível. *Vai passar*. Mas fiquei assustada com o que acabou de acontecer. Meus dedos tremem enquanto passo a ponta do fiador através do destorcedor e fixo este na extremidade dos jesses, amarrando com dois pequenos nós de falcoeiro. Puxo e vejo que estão firmes. Nós e linhas. Material de segurança. Solto o fiador mais uns cinco metros e guardo o restante dentro de um bolso com zíper no meu colete de falcoaria, para mantê-lo seguro. Depois separo a leash da ave do

destorcedor e enfiou em outro bolso. Coletes de falcoaria, como os de pescadores e fotógrafos, nem podem ser chamados de roupa, são mais uma série de bolsos pendurados. O bolso no meu quadril direito é forrado de vinil, e dentro dele há três franguinhos mortos há um dia, todos sem pele e cortados ao meio.

— Sente-se aqui, vamos começar.

A ave pula até o parapeito de madeira da varanda e vira a cabeça para mim agachada como um boxeador. Recuo quase dois metros, ponho metade de um frango na luva, estendo o braço e assobio. Não há hesitação. Ouço um arranhar de garras na madeira, um abrir de penas, um profundo movimento para baixo, o breve e pesado balanço de garras se impulsionando e o baque surdo no momento em que ela atinge minha luva. Depois que termina de comer, fazemos aquilo novamente, e dessa vez me posiciono um pouco mais distante. Quase dois metros e meio: três batidas de asas, outra recompensa. Para uma criatura com a inteligência tática de um açor, este jogo é como uma brincadeira de criança. Na terceira vez que a coloco no parapeito, ela já está voando quase no momento em que viro as costas: uma batida do meu coração, uma luva estendida rapidamente, e lá está ela, ao meu lado, devorando o resto da comida, a crista levantada, as asas caídas, os olhos resplandecentes, um exemplo perfeito de triunfo. Enrosco a leash de volta pelo destorcedor e desato o fiador. Por hoje chega. Ela voou perfeitamente. E estou tão satisfeita com o rendimento da aula que cantarolo no caminho para casa. Faço uma serenata para o meu açor, cantando “My Favourite Things”, de *A noviça rebelde*, com direito a bigode de gato e cordão de sapato. Tenho a impressão de que isso deve ser felicidade. De que eu me lembrei como é, e como pode ser alcançada. Porém, ao ver televisão no sofá, mais tarde naquela noite, percebo lágrimas escorrendo dos meus olhos e pingando na caneca de chá. *Que estranho*, penso. Atribuo ao cansaço. *Talvez eu esteja ficando resfriada. Talvez seja alergia a alguma coisa.* Enxugo as lágrimas e vou preparar mais chá na cozinha, onde um coelho branco morto está descongelando, como se fosse um bicho de pelúcia em um saco de coletar provas, e a luz da luminária pisca ameaçadoramente, indecisa se vai iluminar o cômodo ou se vai parar de funcionar de vez.

★ ★ ★

Essas aulas servem para o falcão aprender a voar no mesmo instante em direção a uma luva erguida sob o comando de um assobio. Uma resposta rápida é a chave para o sucesso. Se o falcão não vem de imediato não faz sentido esperar minutos, assobiando e chamando; é melhor terminar a sessão de treinos e tentar de novo mais tarde. White não sabia disso, e é por isso que sua primeira tentativa de chamar Gos é tão dolorosa de ler. Mas o que mais me incomodou naquele lamentável episódio não foi a espera que nada ensinou ao falcão, nem o sádico puxão do fiador que lançou a pobre ave ao chão. Não foi nem mesmo o fato de ele ter demorado tanto para recompensar o açor a ponto de o animal não compreender que a comida era dada como recompensa. Antes, foi isto: o fato de que, uma vez que o açor decidiu caminhar até ele, White fugiu.

Porém, ele retorna e tenta novamente. Dois dias depois, Gos está de volta ao parapeito, e White está a quase quarenta metros, assobiando e balançando sessenta gramas de um bife na mão. Ele implora. Ele chama. Ele tenta os tons de voz que conhece: é autoritário, sedutor, premente, louco, suave, desesperado, zangado. “Ora, ora”, ele protesta. “Não seja tolo, venha logo, seja um bom menino, Gossy-gossy-gos.”³ Após dez minutos, Gos decide voar. Mas a alegria do falcoeiro se transforma rapidamente em terror,

porque aquilo que está se aproximando dele nem de longe é uma ave. É um “Ricardo III corcunda em pleno voo”⁴, um sapo aéreo medonho, e seus olhos brilhantes de farol não estão focalizando o punho esticado, *meu Deus*, mas o rosto exposto e desprotegido. Ele começa a entrar em pânico. Gos o tinha machucado alguns minutos antes, voara até o ombro dele e cravara a garra em seu pescoço. Houve sangue. Houve uma dor intensa. Ele se lembra da força do golpe, da agonia, da paciência que precisou para não lançar o açor ao solo e matá-lo, para esperar, apenas esperar o açor se soltar. *Mais perto*. Agora está a cinco passos. Quase ao alcance dele. Aqueles grandes olhos fixos nos dele. *Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum*. Ele não consegue aguentar. Seus nervos se descontrolam. Ele fecha os olhos e abaixa. Gos, completamente confuso, desvia para os galhos de uma árvore, perde o equilíbrio e cai desajeitado em uma cerca viva.

White se recompõe, recupera a ave, anda de volta ao parapeito e tenta toda a lição novamente. Desta vez ele vai ser corajoso. *Desta vez*. Enquanto o açor voa na sua direção, ele prende a respiração e tenta se manter fixo no chão:

Retesei os músculos do peito para não ceder. Era demais. A dois metros, minha condição humana se tornou inerentemente covarde mais uma vez, e me retraí para a direita, afastando o rosto daqueles olhos famintos, encolhendo o ombro, incapaz de permanecer ereto. Porém, Gos se agarrou no ombro com um golpe decidido, caminhou rapidamente braço abaixo e começou a comer o bife de sessenta gramas.⁵

Ele tentara com muito empenho não se acovardar. Era por isso que tinha caçado com o Grafton e aprendido a pilotar, e por isso que tinha nadado em torno do cais St. Leonards quando era pequeno, e mergulhado do trampolim mais alto nos Hastings Baths, na escola. Ele sente aquele pavor antigo, doentio. *Incapaz de permanecer ereto*. Ele *precisa* ser corajoso. Quando era pequeno, a mãe tinha suplicado para que ele “crescesse e se tornasse um homem corajoso e honrado”, e isso o condicionara a temer o inverso. “Eu me sentia incapaz de ser qualquer uma dessas coisas nobres”,⁶ escreveu. Era um teste de masculinidade. Buscando a coragem lá dentro, voltou a chamar Gos, dessa vez a quase cinquenta metros, e agora não se abaixa, mesmo com o terror correndo em todas as suas veias. Ele fica orgulhoso do falcão, que voou cinquenta metros, orgulhoso de si mesmo, que permaneceu de pé. Trata-se de uma vitória digna de comemoração, e, naquela noite, ele bebe até cair. “Grito *prosit* alto e sem parar”, escreveu ele, “dou grandes goles de líquidos flamejantes de triunfo, bebo à maldição dos meus inimigos e quebro os copos no chão.”⁷

★ ★ ★

Faz quinze dias que o açor chegou. Lavei o cabelo, me maquiei de leve, me vesti de forma apresentável — isto é, com roupas que não estivessem sujas com fezes de falcão ressecadas — e caminhei com Mabel até a universidade para um almoço de verão no Master’s Lodge, o alojamento do diretor. Às duas e dez, estou sentada a uma mesa comprida, em um isolado gramado inglês, dando uma aula improvisada de falcoaria, enquanto Mabel destrincha uma coxa de coelho na minha mão. O diretor da universidade, um homem sagaz e genial, vestido em um terno impecavelmente cortado, ouve com atenção minha palestra. Ao seu lado, a mãe dele olha com um ar de quem está certamente se divertindo. Os netos da senhora se sentam próximos a ela. E, ao lado deles, a esposa do diretor, uma advogada morena e elegante de cabelos escuros,

que segura uma taça de vinho. Ela capta meu olhar e abre um largo sorriso. Dois dias atrás, no caminho para o supermercado, eu a ouvi gritando meu nome, e me virei para vê-la descer da bicicleta com a graça de uma amazona experiente. Conversamos por um tempo sob a sombra entrecortada das folhas e logo em seguida estávamos na cozinha do Master's Lodge tomando chá.

— Então, Helen — disse ela —, vamos dar um almoço no sábado. Só família. No jardim, se o tempo estiver bom. Seria *maravilhoso* — continuou ela, a cabeça inclinada — se você fosse e levasse sua ave. Ouvimos que você ensina o açor a voar nos terrenos da universidade e *adoraríamos* conhecê-la.

Ela tirou a tampa de uma caneta hidrográfica preta, escreveu HELEN AÇOR em um quadro branco, e depois, hesitante, virou-se para mim:

— Às duas horas?

— Duas horas.

Escreveu o horário com uma letra elegante e sorriu.

Então agora, enquanto o açor come, a conversa continua, o sol projeta uma luz pálida nas paredes antigas, os gorjeios de andorinhas chegam até nós do alto, como se tocassem no vidro a distância, e me regozijo com tudo isso. *Como é lindo aqui...*, penso, e como era incrivelmente improvável que algum dia eu estivesse aqui, uma garota de escola pública, filha de pais que nunca estudaram em uma universidade, para quem Cambridge era o misterioso lugar frequentado por dândis e espões.

— Você deve ser uma espã — meu pai costumava me dizer. — Só pode ser.

Quando criança eu vivia fuçando por todo lado com binóculo, me escondendo durante horas atrás de arbustos e árvores. Para ele, eu era a menina invisível; uma pessoa feita para levar uma vida secreta.

— Não, pai, não sou mesmo — eu dizia pela centésima vez. — Não sou!

— Mas é claro que você diria isso.

E ele ria de se acabar, porque não havia maneira de convencê-lo do contrário.

— É um emprego, pai — eu respondia, revirando os olhos. — Dou aula de inglês e história da ciência. Fico sentada em uma biblioteca, leio, faço pesquisa. É só isso. Não sou uma personagem de um romance de John le Carré.

— Mas poderia ser — rebatia ele, salientando o *poderia*, e parte dele não estava brincando.

Meu pai se deliciava com o pensamento de eu talvez ser uma espã, pois era uma vida que ele entendia, porque por pouco não era a vida que levava. Certo dia, ele me entregou uma câmara prateada em miniatura. “Precisa de um filme especial”, disse, alegre, abrindo a parte de trás e me mostrando onde o rolo em miniatura se encaixava no compartimento do tamanho de uma caixa de fósforo. Por anos, ele usou um equipamento de luz infravermelha para fotografar a vida selvagem à noite, ficou de tocaia em ninhos de amor de ministros, seguiu e fotografou resíduos nucleares em trens noturnos secretos, pulou cercas, entrou com câmeras escondidas em locais onde nem ele nem as câmeras deveriam estar presentes. Paciência, descobertas, subterfúgios e registros. Ele achava que o que os historiadores faziam para ganhar a vida era muito mais misterioso do que o trabalho de espões.

Minha visão fica embaçada. Carregamos a vida que imaginamos da mesma forma que carregamos a que temos, e às vezes vem a cobrança de todas as vidas que perdemos. O almoço de verão desaparece. Não consigo trazê-lo de volta. O nevoeiro se infiltra no campo de rúgbi onde Prideaux caminhou. Respiração lenta, nervosa. Há um zumbido na minha cabeça, que vai aumentando. “Não sou uma espã”, eu tinha dito ao meu pai. “Sou uma historiadora.” Porém, observando todos em volta da mesa, seus rostos

em transe por causa do meu açor, parece que nem isso sou mais. *Sou o Bobo*, constato. *Eu era uma pesquisadora, uma acadêmica correta. Agora sou híbrida. Não sou mais a Helen. Sou a mulher-açor.* O açor puxa a coxa de coelho. As vespas a circundam como se fossem elétrons e aterrissam nas patas da ave, no bico, procurando algum resto de carne de coelho para levar de volta ao seu ninho em algum lugar próximo em Cambridge. A ave enxota os insetos com o bico, e eu observo os abdomens listrados de amarelo e preto girando no ar antes de se endireitarem e voarem de volta até ela. O almoço de verão parece profundamente irreal. Sombras de seda e prata, uma fotogravura em um álbum, algo de Agatha Christie, de Evelyn Waugh, de outra época. As vespas, porém, são reais. Estão aqui, presentes. Assim como o falcão, o sol no centro dos insetos em órbita. E eu? Não sei. Eu me sinto oca e desalojada, um ninho aéreo, vazio, de vespas, uma coisa feita de papel mastigado depois que a geada acabou com a vida em seu interior.

★ ★ ★

Às vezes, vem a cobrança de todas as vidas que perdemos, e às vezes temos de nos responsabilizar por elas para queimá-las e transformá-las em cinzas. De noite, sob a luz do lampião de querosene, cuja camisa fluorescente emite um suave brilho branco, White leva sua antiga vida para o fim. Comete o assassinato em um romance que tinha começado a escrever em Stowe e agora está quase terminado. O nome do livro é *You Can't Keep a Good Man Down*, e conta a história do declínio e da queda de um diretor de escola particular chamado Dr. Prisonface. Prisonface está aterrorizado com a vida; ele é um camaleão, um espelho, que só existe através de seu reflexo nos olhos dos outros. Ele perde o emprego na escola. Ele corteja e é rejeitado por uma garçonete meio masculinizada de cabelos escuros, foge apavorado dos avanços da mãe dela. Ele voa com aviadores bêbados descendentes de poetas românticos. Tenta ensinar a magnatas de Hollywood como ser um cavaleiro e é humilhado quando eles abatem tetrazes com metralhadoras Tommy Gun. O livro é uma sátira cruel sobre o sistema educacional e o culto ao cavaleiro inglês, mas também é um exorcismo psicológico, uma narrativa cáustica escrita para extinguir sua vida anterior. White deu vida a Prisonface a fim de que o diretor sofresse, que zombassem dele, que fosse punido, reduzido a trapos e morto. De diretor de escola a professor particular, de fazendeiro a mendigo, ele fracassa em tudo o que tenta fazer. Todo mundo que encontra no caminho lhe ensina por que ele é inútil e irreal, e até o narrador do livro fazia as coisas parecerem piores em cada oportunidade.

Chegando ao fim da história, manco e sem ter onde morar, Prisonface encontra um homem misterioso em uma estrada no campo. O homem tem traços sombrios, estranhamente esculpidos, e caminha na escuridão, um cão preto ao seu lado. Trata-se de uma figura delicada, mas de um modo sobrenatural: Prisonface é atraído por ele, atraído por seu poder, reconhecendo nisso “a sabedoria da certeza, a felicidade do real, o domínio do direito”.⁸ O estranho também havia sido professor, em um lugar chamado Golden Gates, mas abandonou o cargo porque não conseguia tolerar os docentes do lugar. Agora que está casado, vive em uma cabana no bosque e está satisfeito. O homem é a visão que White tem de seu futuro ego — um White liberto, triunfante, um homem que dá lições a Prisonface, em diversas páginas, sobre as imperfeições do sistema educacional: “Para qualquer pessoa que tenha passado dois meses treinando um açor, sabendo que será fatal mesmo se der para a criatura apenas um olhar cruzado”, o homem diz, “parece realmente extraordinário que a complexa psicologia de um ser humano possa ser ensinada com uma vara.”⁹

Sentado perto do lampião, White termina de escrever a fala que talvez seja a menos cruel e mais humana no livro inteiro. Ele se dirige a seu antigo ego com piedade e compaixão:

— Depois da Universidade, você voltou à escola voluntariamente porque ainda precisava ir lá, porque ainda havia algo a descobrir. Você retornou para baixo das asas da galinha por segurança, porque ainda era um pintinho muito pequeno, mas também em busca de algo: você quer o talismã que o tornaria preparado para partir.¹⁰

— O que estou procurando?

— Isso você só vai descobrir quando encontrar.

— É a sabedoria ou a masculinidade?

— Talvez seja o amor.

Talvez seja o amor. Talvez seja. Eu o imagino escrevendo essa passagem em sua pequena cozinha, a luz derramada na toalha de plástico, a noite fechada contra a janela. Ele vai atizar o fogo dentro de alguns instantes. Primeiro vai escrever um pouco mais. Seu açor está dormindo. Todas as folhas nas árvores das Ridings estão paradas nesta noite, completamente imóveis em todo o Three Parks Woods, em Stowe Woods e Sawpit Woods, pelos lagos de Black Pits, as carpas adormecidas no fundo das águas. Aqui há paz. Ele é um homem ímpio. Um homem livre. Um homem banido, um homem que caiu. *Selvagem. Feroz. Delicado.* Um homem que está satisfeito com o que tem. Ele baixa a caneta para se servir de outra bebida, depois a pega de volta e escreve um pouco mais. Ele escreve uma cena em que o Dr. Prisonface pergunta ao homem misterioso qual é o nome dele, e escreve que o homem responde que o nome é Lúcifer. Lúcifer, aquele que traz a luz, o anjo caído, o demônio encarnado.

A expressão no rosto de Christina não é a de sempre. Não é feliz, tampouco infeliz. Tensa, certamente. É feroz, enigmática e corajosa. Hoje ela veio para observar o açor voar, e, em um surto de inspiração, decidi recrutá-la como assistente. Nos últimos meses, ela tolerou de muito boa vontade minhas esquisitices por causa do luto, mas nada poderia tê-la preparado para isso.

— O problema é o seguinte: não consigo me afastar rápido o suficiente — explico. — Ela voa na minha direção no instante em que começo a caminhar. Mas precisa percorrer distâncias maiores antes que eu possa deixá-la voar solta. Você poderia apoiar a Mabel no seu punho para mim, lá na quadra, de forma que então eu possa chamá-la?

— Você vai ter que me mostrar como se faz — responde ela, empalidecendo.

— Na verdade, é fácil.

Dou-lhe minha luva sobressalente, coloco o açor em cima e dobro os dedos dela para que possa segurar os jesses da maneira correta.

— Vire-se de costas para mim. Assim, isso. Perfeito. Agora ela não consegue me ver. Então vou caminhar para lá. Quando eu gritar “OK”, vire à direita, estique o braço e abra a mão, para ela poder voar.

Ela morde os lábios e concorda.

— Lembre-se de virar para o lado certo. Você não vai querer que o fiador se enrosque nas suas pernas.

Ela segura o açor com concentração e cuidado, como se fosse um recipiente cheio de ácido. Fica de pé ereta e de costas, imóvel e firme, uma pequena figura a quinze metros de distância vestindo calça jeans preta skinny, camiseta e tênis vermelhos brilhantes.

— OK!

Ela se vira, e Mabel se precipita na minha direção, arrastando o fiador, voando tão baixo que as pontas das asas quase tocam o gramado. Com cada batida profunda de asas, seu corpo se flexiona e balança, mas os olhos e a cabeça estão perfeitamente imóveis, fixos e concentrados na minha luva. As partes inferiores de suas asas, prateadas, reluzem à medida que ela as abre totalmente, a cauda brilha, ela levanta as garras e atinge a luva como um lutador de kickboxing.

— Isso foi normal? — grita Christina.

Aceno positivamente, e ela responde com o mesmo gesto: por um momento, somos controladoras de tráfego na cabine de comando de um porta-aviões.

Repetimos o processo. E de novo. No dia seguinte chove muito forte. Deixamos Mabel voar solta entre nós na sala principal da minha casa, para a frente e para trás, de um punho ao outro, por cima do tapete, passando pelo espelho, embaixo da luz, as asas provocando correntes de ar que balançam muito o

abajur. Lá pelo quarto dia, o açor está voando cerca de vinte e cinco metros na minha direção, sem hesitar, a partir do chão, do punho da Christina, de galhos de árvores, do teto do pavilhão.

— Agradeço muito por sua ajuda — digo para ela quando voltamos. — Sabe, acho que estamos quase no ponto. Quando ela estiver voando cinquenta metros, vou soltá-la.

O pensamento traz uma alegria intensa e ansiosa. *Não devo me apressar, mas mal consigo esperar.*

★ ★ ★

Chamei muitos falcões antes, mas com Mabel era diferente. Eu ficava de pé, levantava o braço e soprava o apito, disparando a mensagem *Por favor, venha. Aqui é o lugar onde você quer estar. Voe até mim. Ignore as nuvens se elevando, o vento que empurra as árvores atrás de você. Concentre-se em mim e voe por todo o espaço que nos separa.* Eu ouvia meu coração bater. Observava a ave se agachar e voar, sair do poleiro, ganhar velocidade em minha direção; meu coração parava na boca. Embora Mabel ainda estivesse no fiador, eu temia que ela falhasse. Que desviasse, tivesse um pavor súbito, voasse para longe. Mas as asas batendo a traziam direto para mim, e o baque de suas garras atingindo a luva era um milagre. Era sempre um milagre. *Escolhi estar aqui* — era isso que significava. *Eu me abstenho de ficar no ar, nos bosques, nos campos.* Não havia alento maior para o meu coração em luto do que ver o açor atender ao meu chamado. Porém, era difícil, agora, fazer qualquer distinção entre meu coração e a ave. Quando Mabel se sentava na cerca de vinte metros no outro lado do campo de críquete, meu coração também ia para lá, como se alguém o tivesse retirado e o levado até aquela curta distância. Isso me lembrava da trilogia de fantasia infantil de Philip Pullman chamada *Fronteiras do universo*, em que cada pessoa tinha um *daemon*, um animal que é uma manifestação visual da própria alma e a acompanha por toda parte. Quando as pessoas são separadas dos seus *daemons*, sentem dor. Era um universo muito parecido com o meu. Eu me sentia incompleta quando o açor não estava pousado no meu punho: éramos parte um do outro. O luto e o açor conspiraram para que essa estranha sensação surgisse. Eu confiava que a ave voaria para mim de forma tão simples e completa como confiava que a lei da gravidade faria as coisas caírem. Essa sensação era tão entranhada em mim que o açor voando de volta era parte do funcionamento do mundo, e, quando isso desse errado, o mundo também estaria errado.

Mabel deixou o punho da Christina com toda a alegria e a certeza do mundo. Eu a observei se aproximar e esperei com uma agradável ansiedade o som seco de sua aterrissagem na minha luva. Mas ele não veio. Em vez disso, ela tentou pegar a comida no meu punho com as garras de uma das patas estendida, e continuou voando, rápido, adiante e para longe de mim. Deu para sentir a decepção dela, a sensação de que não tinha conseguido o que queria, e pude perceber, também, que o que acabara de acontecer a assustara e que agora ela estava voando para longe daquilo, de mim, com a maior velocidade possível. Agarrei o fiador e corri com ela, impondo resistência na linha até que Mabel fosse trazida para o solo, a crista levantada, as asas totalmente estendidas, os pés plantados no gramado, o bico aberto, ofegante de raiva. Estiquei o punho e ela voou direto para ele, como se nada tivesse acontecido.

— Ela deve ter se assustado com alguma coisa — falei. — Vamos tentar de novo.

Novamente o açor veio, baixo e veloz, e de novo tentou pegar a comida sem pousar na luva e continuou voando. Mais uma vez eu a conduzi de volta ao solo.

— Por que ela está fazendo isso? — perguntou Christina.

— Não sei. Não sei.

Isso nunca havia acontecido antes. Durante anos tive falcões que me ignoraram. Falcões que viravam as costas para mim. Falcões que voavam relutantes, voavam mal ou simplesmente não voavam. Isso nunca me preocupou. Esses falcões não estavam com o peso ideal de voo, era só isso, algo facilmente resolúvel. Dessa vez, no entanto, era diferente. Esta ave estava desesperada para voar na minha direção, mas com um pavor de última hora que a impedia de aterrissar na minha luva. Era incompreensível. Liguei para Stuart.

— Não sei qual é o problema. Será que ela precisa se ambientar mais? Será que está muito pesada? — Eu estava desnorteada como uma criança. — O que devo fazer?

Houve uma pausa longa, e depois um suspiro alto.

— Você está alimentando o açor com frango? — perguntou Stuart.

— Estou.

— Pare de fazer isso! É uma carne muito rica para ela neste estágio. Mabel vai ficar bem, já está quase no ponto. Alimente-a apenas com coelho. Não custa nada e vai acabar com o problema.

A única confiança que eu tinha era de que aquela ave queria voar para mim. Agora Mabel estava com medo de aterrissar no meu punho — *ela não confiava em mim* —, e eu não conseguia explicar para Stuart como aquilo me deixava mal. Agradei. Pedi um conselho, e ele me deu, simples e preciso. *Esse é o problema. É assim que você vai resolver.* Mas eu não acreditava nele. *Não pode ser apenas a comida. Fiz algo errado,* pensei, me sentindo péssima. *Alguma coisa terrível.*

★ ★ ★

No dia seguinte, uma bandada de frangos-d'água apareceu, vindo de um matagal sujo atrás do pavilhão, e começou a correr por todo o campo de críquete como um bando de ratos brancos. Frangos-d'água! Aves que não conseguem voar nem correr com rapidez são presas tão fáceis para açores que os falcoeiros evitam caçá-los, por amor ao esporte. Mabel nunca tinha visto um frango-d'água antes, mas ela os observava como se tivessem sido projetados, por uma bondosa divindade, para seu deleite pessoal. Não fiquei surpresa; eu já havia descoberto que todo tipo de taxonomia predatória está entranhado no cérebro de um açor filhote. Alguns dias antes, eu a vira olhando para um pequeno desenho de perdizes em um livro que deixei aberto no chão. Intrigada, apanhei o livro e o segurei na frente dela. Ela manteve os olhos fixos no retrato, mesmo quando movimenter o livro. *Não é possível!*, pensei. Era um desenho a tinta, estilizado e impreciso: captava a forma e o espírito das perdizes, mas não tinha cores nem detalhes. Folheei o livro, mostrei a ela outros desenhos: tentilhões, aves marinhas, tordos. Ela os ignorou. Então, mostrei o desenho de um faisão. Suas pupilas pretas se dilataram; ela se inclinou para a frente e encarou a ilustração, tão fascinada quanto havia ficado com as perdizes. Fiquei perplexa com o fato de ela conseguir entender imagens bidimensionais, e ainda mais surpresa em perceber que algo no fundo do seu cérebro visse essas curvas imprecisas a tinta como partes da categoria *aves para caçar* e as julgasse como dignas de interesse.

Então, por coincidência, ouço um suave cacarejo e um leve pio, a cabeça de Mabel gira, a minha também, e nós duas vemos — logo ali, a apenas três metros — uma faisã e uma fila de filhotinhos com poucas penas, piando, espremendo-se por baixo de uma grade em seu caminho em direção ao gramado. A mãe avista Mabel e para, petrificada. Ela nunca vira um açor antes, mas intui o perigo em que se meteu

imediatamente. Ela se agacha para voar, mas percebe que se fizer isso deixará seus filhotes para trás. Depois considera se sentar e fingir ser uma pedra, mas, ao perceber a inutilidade de tal manobra — seu dorso bege rendado não combina com a grama iluminada pelo sol, e Mabel já a viu —, está tudo perdido. Ela estica o pescoço, infla as penas da face, bico aberto em pânico, e corre atabalhoada pelo campo. Os filhotes a seguem desesperados, uma locomotiva inusitada e desajeitada. Fico confusa. Não há um local seguro, nenhum lugar para se esconder, a não ser que a faisã pense que, colocando as crias no meio dos distantes frangos-d'água, teria uma discreta chance estatística de salvá-las.

Mabel. Ah, meu Deus, Mabel. Ela está se debatendo para eles, tão forte, as asas se movimentando tão furiosamente que ela fica pendurada horizontalmente no ar. A brisa no meu rosto é fria, meu punho estendido em direção aos faisões em fuga. Mabel salta de volta para a minha mão, o bico aberto de exaustão, fixa em mim um olhar zangado, inflamado, depois se debate de novo. *Aqui não, agora não! Mabel. Não posso. Não posso deixar você pegar um deles. É contra as leis de Deus e do Homem e da... Universidade.*

Tento mantê-la no meu punho — o que é a mesma coisa que tentar equilibrar uma pilha muito alta e instável de pratos de porcelana valiosa —, viro para ficar na frente de Mabel e bloquear a visão dos faisões e, com uma voz bastante polida que só surge em mim em ocasiões de tensão extrema, pergunto a Christina: “Você poderia enxotar os faisões de volta para os arbustos? E talvez os frangos-d'água também?” Ela abre um sorriso e pastoreia os faisões de volta para o jardim atrás das grades. Depois, atravessa o campo a toda velocidade em direção aos frangos-d'água. Enquanto isso, Mabel está na ponta das patas, pulando, levantando o pescoço por cima de meu ombro a fim de descobrir para onde eles foram; eu tento impedi-la de ver, falho totalmente e viro a cabeça para me deparar com Christina correndo pelo campo, braços abertos como pás de um moinho. Diante dela, grupos de frangos-d'água fogem para dentro da mata, asas abertas, como menininhos brincando de avião; então começo a rir descontroladamente. Isso é *ridículo*. Estou segurando firme a ave de rapina mais mortal da Grã-Bretanha enquanto alguém enxota todas as aves de caça para longe. *Meu Deus, pensei. Se algum dos meus amigos falcoeiros descobrir o que aconteceu aqui, nunca mais vai falar comigo.*

Com o campo liberado de qualquer tentação, chamo Mabel como de hábito. Ela voa trinta metros até o meu punho com perfeição. Porém, no segundo e no terceiro voos, ela bate forte na luva, com ambas as garras, voa direto para cima, tenta voltar no meio do voo, cambaleia, hesita e depois acaba no chão a alguns centímetros de mim, ofegante, as asas abaixadas, parecendo prestes a explodir. Todo o meu riso foi embora. Agora sei por que há séculos os *austringers*, treinadores de açores, têm a fama de serem desbocados. Solto um palavrão. É por minha culpa que isso está acontecendo. Sei que é. Eu me odeio. Tento manter a calma. Não consigo. *Droga, droga, droga.* Estou incrivelmente aborrecida, afastando os cabelos dos olhos com dedos sujos de carne de coelho, amaldiçoando os céus e, além do mais, vejo um homem de camisa branca e colete preto caminhando a passos largos na direção de Christina, sua sombra escura o antecedendo. É um dos porteiros da universidade, e não parece feliz. O jeito dos ombros dele deixa isso evidente. Começam a conversar. De longe, não consigo ouvir o que está sendo dito, mas ela está acenando com a mão na minha direção, e suponho que esteja explicando a ele que não sou uma intrusa, mas uma professora da universidade, que aquilo que estou fazendo não fere as regras.

Pelo comportamento dele, acho que não está acreditando.

Eles param de falar quando me aproximo. Ele me reconhece. Eu o reconheço.

— Olá! — digo vivamente e explico o que estou fazendo com um açor nesse terreno sagrado.

— Humm — murmura ele, olhando desconfiado para Mabel. — A senhora vai caçar os alunos com esse bicho?

— Só se eles criarem problemas. — Depois sussurro em tom de cumplicidade: — *Pode me passar os nomes.*

É a resposta certa. Uma explosão de risadas. Ele fica fascinado com a ave e quer saber mais; porém, está na hora do trabalho, e o dever o chama.

— Com licença — pede, e ajeita o corpo, estreita os olhos por causa do sol e parte em direção a uns pobres turistas que decidiram fazer um piquenique no canto do campo de rúgbi.

★ ★ ★

Fiz Mabel voar mais tarde. Mais cedo também. Alimentei-a com coelho com e sem pele. Alimentei-a com franguinhos dos quais tirei as tripas e a pele, e lavei com água. Reduzi o peso de Mabel. Aumentei. Reduzi novamente. Vesti roupas diferentes. Tentei de tudo para resolver o problema, certa de que não poderia ser resolvido porque o problema era eu. Às vezes, ela voava para o meu punho, às vezes passava direto, e não havia modo de saber como seria na tentativa seguinte. Todo voo era como um jogo de azar, cara ou coroa, e o que estava em disputa parecia bastante com a minha alma. Comecei a pensar que o que fazia Mabel se desviar de mim era a mesma coisa que havia afastado o homem por quem eu me apaixonara após a morte do meu pai. Pensei que havia algo profundamente errado comigo, algo desprezível que apenas ele e o açor fossem capazes de ver, e toda noite eu escrevia no diário que mantinha desde a chegada de Mabel. Fazia anotações esparsas, concisas e impessoais, detalhando o clima, o comportamento da ave, as avaliações sobre peso, vento e alimentos. Pareciam relatórios de aviação, informações para serem transmitidas em breves mensagens do serviço de meteorologia:

950g ventos moderados, ensolarado, 16h 35 metros quatro voos resposta rápida, perdeu os dois últimos. Franguinhos lavados.

Mas estavam mudando.

950g claro, vento leve, 16h três voos 35 metros, perdeu todos. Horrível. Coelho. ???!!

Não eram mais inteiramente a respeito da ave.

Lerda. Dor de cabeça. Difícil de sair hoje. Estou doente? 943g coelho três voos 25 metros perdeu o último por quê? Tenho que resolver isso. O que estou fazendo de errado?

Sol, brisa constante. 16h. Coelho, mas o mesmo que ontem 20 metros OK — em 25 perdeu duas vezes: 943g resto do dia horrível porque tive que encontrar pessoas, tive que fingir tudo ótimo. Assim por diante. Gostaria que elas SUMISSEM E ME DEIXASSEM EM PAZ.

A raiva era grande e aparecia do nada. Era a cólera contra algo que não estava no lugar; a frustração de tentar enfiar algo em uma caixa pequena demais. Você tenta virar o objeto na esperança de que, em um ângulo diferente, ele caiba na caixa. Aos poucos vem uma apreensão de que isso talvez não seja possível. Afinal, você reconhece que não vai dar, sabe que não há como caber, mas isso não o impede de tentar enfiar o objeto à força, castigando-o por não se encaixar direito. Era isso que acontecia: mas eu era a

caixa, o objeto que não cabia nela e também a pessoa enfiando-o de qualquer jeito, tantas e tantas vezes, com as mãos machucadas e ensanguentadas.

A ira se arrastava dentro de mim, e qualquer coisa podia provocá-la. Certa manhã, estava a caminho da cidade sob um céu da cor de cimento molhado para me encontrar com um aluno do Uzbequistão com quem eu tinha trabalhado em uma viagem de pesquisa na Ásia Central, no inverno anterior. Um homem tranquilo, decente, uma boa pessoa. Eu havia acampado com ele em desertos frios, tinha comido marmelo recheado de carneiro em barracas à beira da estrada na Rota da Seda, acompanhei-o até as margens do rio Sir Dária. Ele chegara recentemente a Cambridge e queria me ver. Sentei-me com ele em um café. Gostava dele. Sabia que devia falar com ele, mas não conseguia me lembrar de como fazer. Tentei algumas palavras. Elas soaram equivocadas. Fixei no rosto um sorriso insípido e olhei para a janela, tentando desesperadamente lembrar como participar de uma conversa. Então, ali, por trás do vidro transparente de uma agência bancária do outro lado da rua, uma mulher vestindo uniforme cinza estava de pé em uma cadeira, somente de meias, esticando-se para retirar da vitrine um enorme adesivo de uma cotovia cantando. O cartaz fazia propaganda de algum tipo de aplicação financeira. A promoção já tinha acabado, assim como a cotovia. Ela pegou o bico aberto da ave com as unhas, depois começou a puxar a cabeça da janela. Centímetro a centímetro, o passarinho desapareceu; primeiro ficou pendurado ali, decapitado, as asas impressas totalmente abertas. Depois, cada asa foi sendo arrancada do vidro, removida com o auxílio dos dedos e de um raspador de plástico, até que sumiu a última pena de sua cauda. A mulher amassou a cotovia até virar uma bola e a jogou no chão.

Fúria cega, fria, trêmula. Eu a senti subir pelo meu corpo. Detestava aquela mulher. Queria me lançar dentro do banco, gritar com ela, pegar a bola amassada que fora uma cotovia e levá-la para casa. Alisá-la, salvá-la do dano que sofrera. Do outro lado da mesa, meu amigo estudante me olhava com a mesma expressão aturdida que o garçom tinha demonstrado na noite em que meu pai morreu. Isso também me deixou com raiva. Eu estava zangada com a mulher por ter rasgado a cotovia e com este homem bom e inocente que não havia me dado nenhum motivo para tal. Balbuciei uma desculpa esfarrapada, disse a ele que “as coisas estavam difíceis desde que meu pai tinha morrido” e que “não era culpa dele”, e “me perdoe, isso é horrível, mas realmente preciso ir embora”. Passei pela vitrine ao atravessar a rua. A mulher estava de novo em pé na cadeira, alisando um novo adesivo para grudá-lo no vidro: uma flecha gigantesca que apontava para lugar nenhum. Não consegui encarar a moça.

Então comecei a bater com o carro do meu pai. Não era de propósito: apenas acontecia. Eu dava marcha a ré e batia em postes, arranhava o para-lamas, ouvia várias e várias vezes o som estridente de metal raspando nos muros; eu saía do carro e esfregava, aturdida, as mossas novas com os dedos, como se de alguma forma fosse possível consertá-las, mesmo que tivessem arrancado a pintura e atingido o metal.

— Você está castigando o carro que herdou porque seu pai abandonou você? — perguntou um amigo com uma mente de psicanalista e uma incrível falta de tato.

Meditei sobre aquilo.

— Não — respondi, constrangida por minha resposta ter sido tão menos interessante que a pergunta dele. — É que não sei mais qual é o formato do carro. — Era verdade. Não conseguia guardar as dimensões do automóvel na cabeça. Nem as minhas próprias dimensões, porque eu vivia sofrendo acidentes. Quebrava xícaras. Deixava pratos caírem. Tomava tombos. Quebrei um dedo do pé no batente de uma porta. Estava tão desastrada quanto na infância. Mas quando estava ocupada com Mabel, nunca era

desastrada. O mundo em que a ave se inseria era isolado de todo mal, e, naquele mundo, eu tinha plena consciência do meu tamanho. Toda noite eu dormia e sonhava com fiadores, com linhas e nós, com meadas de lã, com bandos de gansos voando para o sul. Toda tarde eu caminhava até o campo de críquete aliviada, pois, quando Mabel estava no meu punho, eu sabia quem eu era, e nunca ficava zangada com ela, mesmo que eu quisesse cair de joelhos e chorar toda vez que ela tentava fugir.

Por quem os guizos...

— Meu Deus, ela está tranquila, Helen — diz Stuart. — Consigo ouvir o coração dela. Não está nem um pouco aborrecida.

A cabeça dele está apoiada na mesa, os dedos abertos em cima das asas fechadas da minha ave, que permanece de capuz. Ele a segura em cima de uma almofada de cozinha com a mesma firmeza e delicadeza com as quais seguraria uma peça de vidro.

— Ótimo — digo, afastando suas tetrizes com cuidado para revelar a base de sua cauda.

Aqui, logo antes das longas penas se unirem ao corpo, os cálamos estão ocultos e transparentes, e estou prestes a colar e amarrar um guizo do tamanho e do formato de uma bolota, o fruto do carvalho, no par mais ao alto. Não demora muito. Puxo com cuidado para me certificar de que está preso, depois coloco o açaor de pé novamente. A ave sacode as penas e o guizo soa alto no quarto iluminado, o que não parece preocupá-la de maneira alguma.

Os guizos são uma das tecnologias mais antigas de falcoaria. Por anos venho comprando guizos do Paquistão, forjados em bronze em um molde muito antigo, mas o que Mabel usa é americano; moderno, pequeno e leve, de alpaca, feito à mão. Quando voar livre, o guizo vai me indicar onde ela está. Tradicionalmente, os guizos eram amarrados às pernas dos falcões com pequeninas tiras de couro, mas um guizo preso à cauda é muito melhor para um açaor, pois a ave tem o hábito de balançar a cauda quando aterrissa. Você pode se posicionar de costas para uma árvore com um açaor pousado nela e ainda ser capaz de rastrear seus movimentos de galho em galho apenas por meio do som.

Porém, os guizos não são infalíveis: seu som pode ser atenuado pelo vento ou pela distância, e um açaor que não se movimenta fica silencioso; então, quando Mabel voar livremente também usará um pequeno radiotransmissor, e vou levar comigo o receptor do sinal em uma bolsa de tecido preto. Mesmo com essa dupla precaução, pensar em deixá-la sem o fiador me apavora. Nunca perdi um falcão antes. Espero que isso jamais aconteça. Mas estou convencida de que Mabel, uma vez livre, vai disparar para longe de mim e desaparecer para sempre. Fico ainda mais certa disso quando a faço voar algumas horas mais tarde. Dessa vez, ela nem mesmo pega a comida em minha luva, apenas passa voando por mim até ser trazida de volta ao solo.

Desanimada, eu a levo de volta para o limite da área de lazer. Stuart observa eu me aproximar e olha o açaor com ar crítico. Ele esfrega a nuca com uma das mãos. O rosto dele, bronzeado e marcado por anos de sol e vento, está sério e pensativo.

— Talvez seja o guizo, o que você acha? — pergunto. — Será que assustou Mabel?

Ele franze a testa.

— É um lugar novo, também. Mas ela ainda não está pronta, Helen. Ainda não. — Ele apalpa o esterno da ave, especulando. — Ela precisa emagrecer mais. Ainda está muito gorda. Está alimentando-a

com coelho? Apenas coelho?

Confirmo com um movimento da cabeça, me sentindo péssima.

Ele me olha, meditando.

— Vou lhe propor uma coisa, Helen. Venha comigo na montanha amanhã. Vou até lá para fazer o falcão macho voar. Levaremos Mabel para aquele descampado, longe das ruas e das casas. Ela precisa de espaço.

— Isso seria maravilhoso, Stuart.

— Pego você às cinco.

— Obrigada. Muito obrigada mesmo.

— Ela precisa emagrecer um pouco mais, Helen.

Ele estava se oferecendo para ajudar, e eu não estava preparada para o modo como isso me fazia sentir. Já treinei uma porção de falcões. Já ensinei falcoaria para iniciantes. Já escrevi artigos sobre o assunto, já dei palestras sobre a venerável história da falcoaria. Agora, porém, eu me curvava diante de Stuart. Ele sabia o que fazer. Ele conhecia os açores, eu não. Eu me senti fraca com o alívio de não ter mais que ser uma especialista. Lá estava ele, enrolando um cigarro, calmo e gentil de maneira tranquilizadora, um amigo generoso e bom; e foi ali, parada na extremidade de uma área de lazer, que com prazer voltei a ser novata, como se nunca tivesse visto um falcão na vida.

★ ★ ★

“Necessidade de se sobressair para ser amado”, White escrevera em seu diário dos sonhos. No entanto, havia um argumento para concluir a sentença que não fora mencionado. O que acontece se você se sobressai em algo e descobre que ainda assim não é amado? White ficou exultante: Gos havia chegado a exatos cem metros no fiador, estava pronto para voar livre. Ele podia afirmar que havia de fato treinado um açor. Mas tinha algo terrível em seu triunfo. Pela primeira vez desde que o açor chegara, White se sentiu exposto. Ser um novato é uma condição segura. Quando se está aprendendo a fazer algo, não é preciso se preocupar se é ou não bom naquilo. Contudo, ao realizar algo, aprender como fazer, você não fica mais seguro. Ser um especialista o deixa exposto a julgamentos. Em seu diário de falcoaria, White começou escrevendo sobre os críticos e como ele poderia “evitar os chutes que me amedrontam”. Ele sentia a necessidade de explicar que sua autossatisfação não era um egotismo, mas “na verdade, uma horrível surpresa em ser bom em algo depois de ter sido tão ruim na vida durante trinta anos”.¹ E todas as figuras autoritárias de sua vida, diante das quais ele vivera com medo, se fundiram, em sua imaginação, em um falcoeiro mais velho com um bigode modelado, que poderia ler o livro dele e considerá-lo um idiota. Ele sabia que devia explicar para o homem que aquilo que havia escrito não passava do livro de um aprendiz. As palavras de seu diário soam muito como uma oração.

Espero que este livro receba o esquecimento dos *austringers*, por um lado, e dos críticos, por outro, que percebem que a indiferença e uma suposição de não existência às vezes são as armas mais mortíferas. Espero que alguns percebam que sou apenas um homem.

Ele é apenas um homem. O sucesso é uma pressão. Ele quase não consegue tolerar o sucesso, que ferve e borbulha. E, sem saber, de forma calada e cruel, começa a sabotar o próprio sucesso, porque não consegue tolerá-lo. É fácil alcançá-lo.

Stuart estaciona fora da estrada, em uma trilha a oeste da cidade. A noite está quente, mas há uma brancura no horizonte, por trás do sol, que prenuncia uma geada. Tiro o capuz do açor. Os olhos claros de Mabel fitam uma colina de argila branca e de vegetação rasteira, em encostas cortadas por fileiras de sebes que brilham como tafetá furta-cor. Ela vê cardos esqueléticos e cercas de arame. Cotovias piando no alto. Um cartucho de espingarda de calibre doze descartado perto dos meus pés. *Vermelho*. Ela olha para baixo, na direção do cartucho, depois para cima, fitando algo a distância, estremecendo de prazer com essa expansão do seu mundo. Quando Stuart a posiciona em seu punho, ela se inclina para trás e o encara com um pavor quase cômico, a cabeça tensionada, bem próxima aos ombros dele. Logo, porém, ela relaxa; por mais que o homem seja um estranho, há uma bondade, uma facilidade e uma competência ao lidar com ela que rapidamente a tranquilizam. Desenrolamos o fiador e a chamamos para o campo livre. Ela voa mal, é claro. Noto aquela hesitação quando ela se aproxima, aquele momento em que toda a sua convicção e a sua confiança desaparecem, e sou revelada aos seus olhos como um monstro. Uma vez mais agarro o fiador e a puxo para o chão. Os pés dela afundam na argila; ela olha para baixo, admirada com seus dedos semiocultos.

Stuart fica firme comigo. Afirma que Mabel precisa ser mais sagaz. Não consigo tolerar. Tenho que fazê-lo jurar que meu açor não vai morrer da noite para o dia.

— É claro que não vai — diz ele, os olhos azuis entreabertos, sua expressão entre um sorriso e um cenho franzido.

— Tem *certeza*? — eu pergunto, de forma patética.

Estou terrivelmente preocupada de estar matando Mabel de fome.

Ele estende as mãos e sente o esterno da ave, a caixa torácica, os músculos embaixo das asas.

— Ela está *bem*, Helen.

— Mesmo?

— *Sim*.

Caminho vagorosamente de volta para o carro, olhos fixos em meus pés.

Então Stuart fica paralisado.

— Stuart?

— Olhe! — aponta ele. — Olhe ali!

— O quê? — pergunto, virando-me e protegendo os olhos com as mãos. — Não estou vendo nada.

— Olhe em direção ao sol.

— Estou fazendo isso!

— Para *baixo*!

Então eu vejo. O campo aberto pelo qual fizemos a ave voar está coberto de teias de aranhas, milhões de fios brilhantes penteados na direção do vento em cada centímetro do solo. Iluminada pelo sol poente, a seda tremeluzente corre como luz sobre a água por todo lado até meus pés. É um tipo de beleza sublime, o trabalho de milhões de pequeninas aranhas procurando novas casas. Cada uma delas tecera um fio de seda a fim de puxá-lo, elevando-se como um corajoso baloeiro a vaguar, dispersar e cair. Por um longo tempo, fito o campo, que me lembra de uma noite no último outono naquela viagem ao Uzbequistão. Eu estava sentada no chão do lado de fora da minha tenda, me perguntando se o cheiro terrível que sentia

era uma vaca em decomposição ou algo ainda pior. Diante de mim havia quilômetros de pântano e deserto, e, a uma distância considerável, as montanhas de Fergana desaparecendo na neblina. Então vi coisas estranhíssimas penduradas no ar, e não conseguia descobrir o que eram. Pareciam pontos de interrogação brancos, e desobedeciam as leis da física de maneira alarmante. Não havia vento, mas elas pairavam no ar, mergulhavam e se elevavam com uma lentidão sobrenatural. Que diabo era aquilo? Corri atrás de uma dessas coisas. Caminhei até uma delas ficar a quinze centímetros do meu nariz, e ainda assim não conseguia entender do que se tratava. Era tão longa quanto a minha mão, do pulso à ponta do dedo maior; era branca, retorcida como o rabisco que você faz com uma caneta quando a tinta está acabando, e de um material que não consegui identificar. Pensei em maná, em barrilha, em cinzas e espuma em spray. Mas depois olhei de perto, bem de perto, e a coisa se elevou muito, muito lentamente, e ali, na base do rabisco branco como neve, havia uma linha quase invisível. E no final da linha estava uma aranha justamente deste tamanho, do tamanho da palavra *Ah*.

★ ★ ★

No dia seguinte, deixei Mabel em casa e peguei um trem para Londres. Eu não queria deixá-la, e não queria ir embora. Eu me lembrava da cidade depois da morte de meu pai como um lugar medonho, insosso e cáustico sob nuvens pesadas. Mas agora, virando a esquina da Fleet Street, achei que a cidade não estava mais vazia. Era um amontoado escuro e indescritível de lixo e vidro, banqueiros e comerciantes fluindo no meio de suas alamedas entulhadas. Peitoris, barricadas, aleias. Calhas inclinadas, espículas antipombos, calçadas pontuadas por chicletes pisados. Então, de repente, a Igreja de St. Bride, cercada por grades em uma plataforma elevada de pedra tingida de verde. O editor de fotos do jornal do meu pai estava lá, aguardando na porta com minha mãe e meu irmão. Eu nunca o vira antes. Olhos azuis em um rosto de pugilista feroz e triste, aperto de mão forte, terno de risca de giz. Ele havia agendado esse encontro: o jornal estava organizando uma cerimônia para o meu pai, e fomos lá para discutir o assunto com o cônego da igreja. Depois, na sala da sacristia, falamos sobre cânticos, convites, leituras, oradores e músicas. Eu disse que faria um discurso. Conversamos um pouco mais. Minha mãe ficou sentada muito ereta, vestindo suéter cinza e colete rosa, o cabelo arrumado com esmero, o rosto pálido e tenso. *Ah, mãe*. James estava ainda mais pálido. Ele me deu um sorriso apertado. Meus olhos coçavam e ardiam. Ele se virou para o cônego.

— Trabalho como designer — disse ele. — Eu poderia ajeitar a ordem dos ritos? — O cônego assentiu e nos empurrou um punhado de livretos que estavam espalhados pela mesa.

— Esse é o material de cerimônias anteriores — explicou, inclinando a cabeça em um gesto de ternura ansiosa, inconsciente. — Pode servir para ajudar com a do seu pai.

Peguei o mais próximo. Na capa havia um homem estranho de meia-idade, sorridente, com uma gravata com estampa de teclado de piano. Olhei para o rosto dele por um bom tempo, pressionando a ponta de um dedo com força na quina da capa dura para produzir um pequeno lampejo de dor a fim de cobrir o sofrimento no meu coração.

Quando nos levantamos para sair, o cônego colocou cartões de visita em nossas mãos. Cartões de visita. *Um absurdo*. A gravata. A incongruência. *Isso. Tudo isso*. Eu me virei para olhar a sala da sacristia. Lâmpadas fluorescentes e quadros de avisos, ganchos para casacos e máquinas de fax. Agendas e

cronogramas. Os escritórios da morte. Senti que uma gargalhada nascia dentro de mim. Tentei abafá-la. Ela chegou como um acesso de tosse. Isso já havia acontecido antes; na manhã em que mamãe e eu tivemos que escolher o caixão do meu pai, sentadas em poltronas bergères no escritório do coveiro diante de um vasinho de rosas cor de salmão. Luz fraca. Uma sala abarrotada. Um silêncio sufocado. O coveiro nos entregou uma pasta laminada. Ela se abriu em uma página de caixões pintados com cores de times de futebol, com aviões de combate, campos de golfe, saxofones e trens. Nós rimos naquela ocasião da mesma maneira como rimos hoje. Os caixões, como a gravata, tornavam ridículos na morte os pequenos amores da vida, assim como o cartão de visita tornava mundana a cerimônia em memória do meu pai. A risada aconteceu porque não havia uma forma de incorporar esses sinais de vida à realidade da morte. Eu ri porque não havia nada mais que pudesse fazer.

★ ★ ★

No caminho para casa, senti uma tristeza imensa e simples. Sentia saudades do meu pai. Muitas saudades. O trem fez uma curva, e a luz do sol caiu contra a janela, ofuscando os campos pelos quais passávamos com uma faixa de luz prateada. Fechei os olhos por causa da luminosidade e me lembrei da teia de seda das aranhas. Eu caminhara por cima dela e não a tinha visto. Não sabia que estava lá. Foi então que percebi que talvez a pobreza e a injustiça deste mundo fossem uma ilusão; de que as coisas ainda pudessem ser reais, certas e belas, mesmo que eu não conseguisse vê-las — de que, se eu me posicionasse no lugar adequado, e tivesse sorte, isso de certa maneira poderia ser revelado para mim. O sol na janela e a memória daquele campo brilhando, a risada horrorosa e a delicadeza da reunião daquela manhã devem ter diluído a armadura de silêncio que eu vestia havia meses, porque agora a raiva tinha em grande parte desaparecido. Naquela noite, enquanto eu dirigia para a colina, falei com voz calma:

— Stuart, não estou lidando muito bem com as coisas neste momento. — E completei — Acho que estou um pouco deprimida.

— Você perdeu seu pai, Helen — respondeu ele.

— Estou treinando um açor. Suponho que seja bastante estressante.

— Você *perdeu o seu pai*. E está indo bem com o açor — acrescentou ele. — Talvez não perceba, mas é verdade. Logo, ela vai voar livre. Ela está quase lá, Helen. Não seja tão severa consigo mesma.

Eu não contara tudo a ele. Não tinha confessado as contas não pagas, as cartas do banco, as noites impossíveis, as manhãs em pranto. Mas revelei alguma coisa para ele. Olhei para Mabel. A cabeça dela estava curvada para a frente. Ela parecia estar com um humor imensamente lúgubre com o seu capuz. Acaricieei suas patas escarpadas, escamosas. Ela dormia. Toquei o capuz, de forma muito delicada, e senti todo o peso de sua cabeça adormecida, relaxada, contra meus dedos. *Talvez eu devesse pedir a Stuart para nos levar para casa*, pensei. Eu estava absolutamente exausta; não parecia haver nenhum motivo para fazê-la voar. Mas, quando tirei o capuz da ave na colina, Stuart, percebendo sua postura estranhamente ereta, as penas pálidas afofadas perto dos dedos, as penas se eriçando na crista, o modo firme e possessivo de suas patas ao agarrarem a luva, levantou as sobrancelhas e indagou:

— Quanto ela está pesando?

— Oitocentos e oitenta gramas.

— Olhe para ela — disse Stuart. — É um açor diferente hoje.

Ela era. Eu a chamei. Tinha perdido a esperança de que ela viesse, mas a chamei mesmo assim. E ela voou até mim. Voou como uma promessa finalmente cumprida. Ela veio rápido na minha direção, as asas batendo, atravessando cinquenta metros de terra coberta de pedras, atingiu a luva e lá ficou. Devolvi-a a Stuart e a chamei novamente. Três vezes ela voou para o meu punho durante toda a extensão do fiador com convicção total. Não vacilou, não hesitou. A ave voou para mim como se eu fosse a casa dela.

— Você acertou o peso de voo dela — comentou Stuart, com ar de aprovação. — Mais uns dois dias assim, e vamos colocá-la para voar livre.

Evidentemente ele estava certo. Eu tinha calculado mal seu peso de voo durante semanas. Mas o narcisismo dos carentes é muito grande. Achei que o açor voara para mim porque eu tinha confessado como as coisas corriam mal. Isso me fez sentir melhor — e foi isso que me deixou menos desagradável para a minha ave. *Devo tentar ser mais feliz*, falei para mim mesma. *Devo fazer isso pela Mabel*.

White está montando uma armadilha. Não é fácil. Há na tarefa uma natureza prática desafiadora que lhe agrada. Ele arrancou uma ripa de freixo e a curvou em forma de U. Acrescentou dobradiças de couro, cobriu com dois metros daquelas redes de proteção e transformou aquilo em uma armadilha, como as que os velhos caçadores de falcões usavam. Um melro amarrado funcionará como isca e ele vai capturar um dos falcões de Three Parks Wood. Ou tentar. Ele os havia visto um mês antes, e não saíram mais de sua cabeça. Em nada se pareciam com Gos; eram pequenos, rápidos, com asas afiladas. Faziam acrobacias aéreas. Voavam velozes em torno de uma árvore, ponta da asa com ponta da asa, em uma inclinação lateral perfeita, exatamente como uma aeronave em volta das torres na competição aérea de Hatfield. O sonho de um aviador; um sonho do futuro. Ele estende a mão para pegar o carretel de corda que vai puxar a rede sobre a ave que ele vai trazer ao solo. E se lembra de um antigo sonho. Fugindo apavorado de um bando de assassinos, ele pulou dentro de um avião e o conduziu para o alto até ficar em segurança. Havia perigo no sonho, uma rede de fios de telégrafo esticados que bloqueava sua ascensão à liberdade. Ele não tem certeza de que aves são aquelas. Sabe que não são francelhos. Seria demais esperar falcões-peregrinos. Talvez sejam gaviões-da-europa.

★ ★ ★

Os falcões de White na floresta não eram gaviões-da-europa. Eram ógeas: pequeninos falcões migratórios com cabeça negra e parte posterior de cor ferruginosa e finas sobrancelhas brancas. Fantasticamente raros na década de 1930, eles são muito mais comuns hoje em dia. Caçam passarinhos e insetos em pleno voo: teria sido impossível capturar um deles com um melro amarrado ao chão. Mas White pensava que eram gaviões-da-europa, por isso construiu, com estacas e galhos, um esconderijo na floresta e fixou a armadilha dali a quatro metros e meio, cobrindo com terra e folhas para escondê-la. Ele estava negligenciando Gos, e sabia disso. Os gaviões-da-europa eram uma nova mania, seu “insensato El Dorado”¹. Ele dizia a si mesmo que estava pegando um para Peter Low, um garoto que fora seu aluno e que perdera um gavião-da-europa de estimação. Ele dizia a si mesmo que os estava capturando porque treinar Gos era fácil demais, e ele precisava se testar diante de algo mais difícil.

Acho que a busca de White por falcões era agora seu teste final em relação a Gos: estava se comportando como um homem medroso que finalmente ganha o amor de alguém e, sem ter certeza se pode confiar nesse amor, decide que é mais seguro ficar obcecado por outro. Mas quando eu era pequena suas ações eram incompreensíveis. “POR QUÊ?”, eu gritava. “Por que ele abandonou o açor? Eu *nunca* teria feito isso!” Minha mãe estava limpando o espelho do banheiro. Eu conseguia ver o rosto dela

refletido, e atrás estava o meu, pálido de indignação. Era minha primeira leitura do livro. Eu havia chegado à parte dos gaviões-da-europa e estava aborrecida demais para continuar lendo. Pulei da minha cama e fui em busca de conforto.

— Esse é o livro de açor sobre o qual você estava me falando?

— Sim! O autor tem esse açor pronto para voar livre, mas então ele começa a fazer armadilhas para tentar pegar alguns gaviões-da-europa, sai e deixa a sua ave para trás. Que *estúpido*.

Uma longa pausa.

— Talvez ele estivesse cansado do açor — disse ela, a mão com o paninho agora pressionado na pia.

Isso não fazia nenhum sentido.

— *Mas como ele podia estar cansado de um açor?*

Ela percebeu que eu estava aborrecida, então largou o pano de limpeza e me envolveu em um abraço.

— Não sei, Helen. Talvez ele fosse um homem bobo.

★ ★ ★

A pequena cabeça selvagem de Gos, pontuda, listrada e com a padronagem de um felino, olha em torno, confusa. *Não é isso que normalmente acontece*. Seu afiado bico preto abre e fecha. Ele está com fome. Pula pelo parapeito em volta do poço, agarrando firme com os dedos e as garras. Lascas de ferrugem caem. *Faminto*. Ele salta mais adiante, baixando a cabeça para a longa linha do fiador e ainda sem encontrar o homem que sempre está lá no final. Onde está ele? Gos precisava de um ponto de observação para ver melhor. Voou para a árvore mais próxima. Havia um galho bem acima dele. Pousou no galho. Açores nunca pousam em um poleiro mais baixo quando outro mais alto está disponível, então Gos saltou com dificuldade para o que estava acima dele, e depois para outro, e outro, subindo a árvore, puxando o fiador atrás dele. Logo estava no topo do carvalho impossível de subir, o mundo se oferecendo para ele; os céus cobertos de pombos, os campos afundando em direção a Stowe, o telhado do palácio, seus lagos brilhantes e todos os obeliscos, e templos, e avenidas ortodoxas, todos os ângulos de visão delimitados por homens numa paisagem com duzentos anos de idade, com seu pequeno rosto de açor olhando para baixo, para o mundo, como se essa vista, essa vista perfeita, fosse a própria razão de ela existir.

White havia deixado Gos no parapeito por apenas um minuto. Ele ouvira o carro do fazendeiro e correu pelo campo para contar à Sra. Wheeler sobre seu novo rádio. Quando voltou, Gos não estava no poço. Estava em cima de uma árvore, uma sombra contra o céu, os ramos e os galhos abaixo dele emaranhados com barbante. Ele assobiou, acenou com comida, mas o açor não se mexeu. White entrou em pânico e puxou o fiador, o que fez Gos se debater e emaranhar o fio mais ainda. Começou a se preocupar com um possível rompimento do fiador. “Mal tinha alguma tensão para romper”, escreveu ele. “Já havia arreventado duas vezes.”² O açor estava preso bem firme; impotente, White chamou alguém para ajudar. Mas a chegada do filho do fazendeiro, de camisa branca e carregando uma escada, fez o açor se debater mais. Logo Gos estava pendurado de cabeça para baixo em um casulo de cordas se esgarçando, quebrando as penas na luta para se soltar antes de, finalmente parar de se mexer, exausto, imobilizado, um inseto capturado em uma teia cheia de nós. Foi preciso uma hora e meia para que White enredasse seus jesses com um gancho preso na ponta de uma vara de pesca, levasse a ave até o chão e a colocasse de volta no punho. *Seu tolinho maldito*, White sibilou para Gos. O açor, escreveu ele, olhou-o zangado, “como

se tudo tivesse sido culpa minha”.³

★ ★ ★

Mais alguns dias e vou soltá-la para voar livre. Mais alguns dias. Mas então uma série de tempestades de verão manda água fria que cai em cascata pela pista irregular e cobre o telhado com galhos e folhas. O tempo é terrível para voar. Assim, em vez de sair para a colina, levo Mabel para se exercitar no parque. Amarro o destorcedor no fiador e a trago até o chão — ela pula de lado para a grama e olha para cima em minha direção, encurvada e maliciosa —, depois coloco um pouco de comida na minha luva, levanto-a alto e ela voa para poder comer. Em seguida, repetimos o processo. E mais uma vez. Saltos altos assim são uma antiga maneira de falcoeiros ambientarem e exercitarem um falcão em espaços relativamente fechados; é um bom exercício para a ave e é divertido. Também é difícil: Mabel é assustadoramente rápida. Uma atividade como essa está longe de ser tranquila como as minhas caminhadas com o açor ao longo das ruas iluminadas pelo entardecer. É como se fosse uma instalação urbana, junta multidões. Esta noite, as pessoas observam fazendo um semicírculo irregular a seis metros de nós duas. Uma mãe se agacha do lado do filho, apontando para o açor.

— Não é magnífico? — diz ela, suspirando.

Mabel está longe de ser magnífica; ela está engolindo pedaços de um frango fresco com grunhidos estranhos. Perto da mãe e da criança, estão um motorista de ônibus a caminho da garagem, dois adolescentes com casaco de capuz e uma garota que tirava fotos com o celular. Mas eles não me incomodam porque estou concentrada nisto. *Grama, luva. Grama, luva. Grama, luva, grama.* O ritmo se torna batimento cardíaco. A multidão recua.

Então eu fico com febre. A doença derrota todos os propósitos, todo o esforço com a ave. Eu a alimento no sofá, a coloco de volta em seu poleiro e a observo ir até o lugar aonde os açores vão quando estão alimentados. É muito longe. Aceno com a mão na frente do seu rosto. Ela parece não ver. Seus olhos passam a impressão de estarem tão vazios de pensamentos ou emoções quanto um prato de metal ou um pedaço do céu. *No que será que ela está pensando? O que está vendo?* Imagino. Fecho os olhos e adivinho. Sangue, tenho certeza. Fumaça, galhos, penas molhadas. Neve. Folhas de pinheiro. Mais sangue. Estremeço. E os dias passam, e a febre continua. A chuva continua. Traz umidade para dentro de casa. Grandes manchas de mofo sangram na parede em frente ao corredor e ao quarto da frente. A casa cheira à umidade de um depósito de carvão, dejetos de açor e poeira. Nada está se movendo, nada está melhorando, nada está indo a lugar nenhum. Estou empacotando caixas para ir embora, ainda sem saber onde vou morar quando acabar. Em um acesso de amarga tristeza, no quarto vago do andar de cima, faço uma cabana com uma velha caixa organizadora de papelão e me arrasto para dentro. Está escuro. Ninguém pode me ver. *Ninguém sabe onde estou. É seguro aqui.* Eu me encolho dentro da caixa para me esconder. Mesmo doente, sei que isso é mais do que apenas estranho. *Não estou ficando maluca, digo a mim mesma. Estou doente. Só isso.*

Aos dias de chuva se seguem o calor, a insônia e as noites em claro que nunca terminam. Lá fora, às três da manhã, uma mulher está chamando “William! William!” repetidamente, com um sussurro rouco, dramático. Não tenho ideia de por que ela está sussurrando; suas batidas na porta da frente de William estão acordando a vizinhança. Depois disso eu desisto, desço a escada, passo na ponta dos pés pelo açor que está dormindo, me sento do lado de fora em um vaso de flores emborcado e fumo um cigarro. Um espesso céu negro, estrelas nítidas, céu de fim de verão. Mabel voou de maneira perfeita nos dois últimos dias; ela veio de imediato para o meu punho levantado de uma distância de quarenta e cinco metros. Tudo estava convergindo agora para o ponto crucial. O ponto no sentido do tempo. O ponto no sentido do objetivo. O ponto no sentido de algo tão afiado que dói. Fazer o açor voar livre, sem estar preso ao fiador, nada obstruindo seu voo impetuoso para a frente e para longe senão os limites que estão entre nós; limites evidentes, porém não físicos: hábito, fome, parceria, familiaridade. Algo que os antigos falcoeiros chamariam de amor. Fazer uma ave de rapina voar livre é sempre amedrontador. É quando você testa esses limites. E não é uma coisa fácil de fazer depois de ter perdido a confiança no mundo e de seu coração ter virado pó.

Num horário mais sensato, saio tropeçando pela cidade em busca de um café. O parque foi devastado durante a noite. Muitas flores dos canteiros foram arrancadas por rapazes bêbados em um ato de vandalismo; todas as mudas de limoeiro ao longo do caminho foram puxadas e partidas ao meio. Olho para baixo, para um amontoado de malmequeres destruídos e murchos, e fico pensando se devo replantá-los. Mas as raízes parecem secas, as folhas já estão enrugadas, então sigo em direção ao café, me sento a uma mesa perto da janela com um jornal e uma xícara. Há um artigo sobre mudanças climáticas. Um verão sem precedentes provocou degelo no Ártico. A Passagem do Noroeste está aberta. O solo permanentemente congelado da região ártica está derretendo. Os ecossistemas estão ruindo. Notícias horríveis, e muito importantes, mas não consigo me concentrar no jornal: fico olhando para cima porque do outro lado da janela há uma fila de pessoas. Não é uma fila como a de uma bilheteria ou de um aeroporto, ou qualquer fila que eu já tenha visto antes. Uma mulher com cabelos grisalhos de impecável corte chanel e lábios crispados segura uma pasta com folhas soltas. O homem perto dela também. Eles olham a uma distância média, e ninguém diz nada. Durante algum tempo, não percebo o pânico sob o silêncio, mas, depois, pânico é só o que consigo ver. Quando ela passa pela minha mesa, pergunto à barista Dagmara se ela sabe o que está acontecendo. Ela encolhe os ombros.

— Acabei de perguntar a um deles. É um banco. O Northern Rock. Eles estão tirando o dinheiro que têm porque vai falir.

Fecho a cara quando vejo que a fila não se move. Algo nela me lembra Mabel esticando as asas sobre a comida. *Minha. Minha minha minha.* Eu nunca tinha visto uma corrida aos bancos antes. Alguma coisa que

me remete ao Velho Oeste ou a um cartaz cinzento e gasto da República de Weimar. Quando eu estava na faculdade, nos contaram que a história havia terminado, e todos acreditamos. Quando o Muro de Berlin caiu, o que tinha constituído a história havia acabado. Sem mais Guerra Fria. Sem mais guerras. E, ainda assim, aqui estava, e está, tudo ruindo. Fins. Mundos se dissolvendo. Sistemas de tempo, sistemas de banco, os cuidadosos planos dos jardineiros municipais. Famílias, corações, vidas. Guerras distantes e árvores pequenas partidas em duas. Olho a fila de pessoas e toda a sua possessividade feroz, e todo o seu terror oculto diante do pensamento de que suas defesas contra a morte podem estar perdidas. Dinheiro. Segurança. Nós e limites. Os fins das coisas. E é sentada ali com um café esfriando que, pela primeira vez, penso com seriedade sobre o que estou fazendo. O que vou fazer com o açor. Matar coisas. Trazer a morte.

Eu havia caçado com falcões durante anos antes de a morte ter um real significado para mim. Talvez eu fosse ainda uma criança. Nunca havia considerado cruel o que eu estava fazendo. Era uma espectadora, não uma assassina. Falcões selvagens caçavam; o meu também. Não parecia haver uma diferença moral considerável. E a falcoaria para mim era ficar alegre com o voo do falcão, nunca com a morte que isso acarretava. Mas quando meu falcão caçava, eu ficava satisfeita — em parte pelo falcão e em parte porque eu tinha, quando criança, entrado nesse mundo de imaginação de falcoeiros vitorianos usando tweed, onde a morte era visceral e sempre presente, cercada de solenidade. Quando em todos aqueles anos eu assistia àqueles homens com açores colocando os faisões mortos nas suas bolsas, via um tipo de desembaraço que indicava séculos de privilégio social e confiança no esporte.

E o vocabulário que aprendi nos livros me distanciou da morte. Falcões treinados não pegavam animais. Eles pegavam *caça*. Que termo extraordinário. *Caça*. Fiquei sentada calmamente observando a fila e pensando. Eu caçaria com o meu açor. Claro que caçaria. Treinar um açor e não o deixar caçar me soava como criar uma criança e não deixá-la brincar. Mas não era por isso que eu precisava da ave. Para mim, ela era brilhante, vital, segura de seu lugar no mundo. Cada pequenino pedaço dela borbulhava de vida, como se, de certa distância, fosse possível ver uma coluna de vapor à sua volta, subindo em espiral e tornando tudo ao redor um pouco borrado, de forma que ela se destacava com detalhes ferozes, físicos. O açor era um fogo que queimava minhas dores e as mandava embora. Não podia haver arrependimento nem luto em Mabel. Nem passado nem futuro. Ela vivia somente o presente, e esse era o meu refúgio. Meu voo para longe da morte estava no bater de suas asas listradas. Mas eu havia esquecido que o quebra-cabeça que era a morte estava embutido no açor, e eu também estava embutida nele.

★ ★ ★

“Para ele, ainda sou o inimigo raramente tolerado, e, para mim, ele é sempre a presença da morte,”¹ White escreveu sobre Gos em seu caderno. “A morte será meu último fracasso.” Sua negligência tornou Gos selvagem novamente, e o açor havia se tornado a morte para ele porque não podia ser derrotado. Por seis semanas, ele havia lutado contra isso, e a luta tinha sido como a de Jacó contra o anjo. “Eu vivi para essa ave”, ele escreveu em desespero. “Eu mesmo me transformei metade em um pássaro, convertendo meu amor, meu interesse e meu próprio sustento no futuro dele, me arriscando tão loucamente como se fosse um casamento ou uma família. Se o açor morrer, morre com ele quase toda a minha identidade. Ele me tratou hoje como se eu fosse um inimigo perigoso e brutal nunca visto antes.”²

Talvez o golpe final, quando veio, tenha nascido de simples exaustão. O açor o havia vencido, e ele não conseguia mais suportar essa luta. Mas acho que foi mais do que isso, muito mais. Quando penso na tragédia de White e Gos, penso em um garotinho de volta à Índia parado na frente de um castelinho de madeira que o pai fizera para o seu aniversário. Era um castelo bastante grande, o suficiente para se entrar nele, e o pai havia encaixado uma pistola de verdade nas ameias, como se fosse uma defesa. Seria para dar salvas pelo aniversário, mas o garotinho a encarava com medo. O pai o tinha forçado a ficar parado na frente do castelo, e ele sabia que seria executado. Não havia nada que pudesse fazer. Ele estava indefeso e chorava silenciosa e inconsolavelmente, sabendo que o pai iria atirar nele, sabendo que estava prestes a morrer.

Como deve ser viver em um mundo no qual você chora porque acredita que seu pai vai matá-lo no dia do seu aniversário, um mundo no qual batem em você todo dia sem nenhuma razão? Um mundo no qual você escreve uma carta para sua mãe na Índia anexando sua fotografia escolar, e ela responde dizendo que seus lábios estão “ficando sensuais”³ e que você deveria segurá-los, com os dentes, se necessário? Não consigo imaginar a infância de terror e vergonha de White, mas posso entender como ela o fez ver o mundo como sendo controlado pela crueldade, por ditadores e por homens loucos. Posso compreender por que essa criança impotente na frente do castelo de brinquedo nunca parou de acreditar de verdade que levaria um tiro.

Pois não foi apenas o medo do sucesso que fez White sabotar o treinamento do seu açor. Sublinhando todo o longo caso estava uma profunda compulsão pela repetição, termo que Freud usava para descrever a necessidade de representar mais uma vez experiências dolorosas a fim de dominá-las. Mas, com o açor, reviver a experiência era a tragédia. “Ele foi assustado até chegar ao ponto da insanidade, sendo, como todas as pessoas predatórias, aterrorizado no íntimo pela própria natureza”,⁴ escreveu White sobre Gos. O que ele havia feito? Havia apanhado algo selvagem e livre, algo inocente e cheio de vida, e lutado contra isso. O preço desse domínio seria reduzi-lo a uma sombra — olhar apagado, penas quebradas, cumpridor de ordens — do pássaro que deveria ser. Gos foi feito para voar obliquamente por vales escuros cheios de araucárias, para matar, para sobrevoar os desfiladeiros e ser o próprio eu primitivo. White pensara que seria capaz de domesticar a ave sem quebrar seu espírito natural. Mas tudo o que ele fizera havia sido tentar quebrá-lo, repetidamente. Ele pensa em Gos emaranhado na árvore, pendurado lá nos galhos, amarrado, impotente, incapaz de se mover.

Não era consciente. Nada era consciente. Mas o desastre era inevitável. White viu que o açor era ele mesmo, um pássaro que, como ele, teve uma “juventude enlouquecida por todo tipo de estranheza, privação e perseguição”. Então entendeu, afinal, de maneira terrível, que ele havia se tornado o atormentador, não importando quantas vezes dissesse a si mesmo o contrário. O açor era a criança em frente ao castelo de brinquedo. Ele era o próprio pai. *Ele era o próprio pai.* Ele era o ditador, não o açor. E então a grande tragédia se desenrolou para sua conclusão, e o derradeiro golpe, é claro, aconteceu através de uma simples emoção.

★ ★ ★

Nuvens baixas se movem rápido por cima das Ridings. Está chovendo forte. O gado fica embaixo das árvores durante a tempestade, os flancos escuros e ensopados, a respiração lançando uma fumaça no ar.

White vai até o celeiro onde Gos está amarrado ao poleiro, no escuro. A culpa se desenrola em seu coração. O açor não tem alternativa senão permanecer onde mandam. Não tem nenhuma liberdade. Então White coloca um poleiro em arco no chão bem do lado de fora da porta, amarra cinco metros e meio de barbante — o barbante sem tensão para se romper, o barbante que já havia arreventado duas vezes, o barbante perigoso, da pior qualidade — no destorcedor de Gos; depois amarra a outra ponta ao poleiro. Dessa maneira, diz ele a si mesmo, o açor pode voar lá fora e depois voar de volta para dentro quando quiser. Satisfeito por ter dado a Gos um pouco mais de liberdade, ele retorna à casa.

A chuva não dá trégua. Não é um bom dia para fazer uma armadilha para os falcões. É um dia para o conforto. Ele vai recompensar Gos. Caminhará para cima e para baixo na cozinha com ele, vai alimentá-lo com petiscos, fazer com que ele o ame de novo. Gos gosta de música: White vai ligar o rádio para ele. Mas descobre que o rádio não está funcionando. Pedala até a casa de Tom, pega o telefone emprestado para pedir uma nova bateria. Depois pedala de volta. Chuva e gralhas. Um homem em uma bicicleta no vento forte decide que hoje precisa se concentrar em coisas pequenas. Coisas grandes são difíceis demais. O que ele vai fazer é repintar a madeira do corredor, e então talvez a porta da cozinha. Quando o corredor está pronto, ele avalia o trabalho manual com olhar crítico. Parece bom. Agora a porta da cozinha. *Tinta azul*, pensa ele. Seu pai gostava de pintar coisas de cores vibrantes e destoantes. Ele sabe que herdou o vício. Então entra no celeiro para pegar a tinta. Gos se debate fugindo dele, primeiro saltando para cima dos caibros, depois saindo direto pela porta aberta. Quando White sai do celeiro, a lata de tinta na mão, procura por Gos pousado no poleiro. Mas o poleiro está vazio. Gos não está lá. Seu açor foi embora. Gos foi embora, e a ponta do barbante, rompida, jaz no chão.

PARTE II

Hoje à noite. O clima está perfeito, o peso do açor também. Corro pela casa, é como se eu estivesse em ebulição de tanta ansiedade, enchendo minha manhã com tarefas pequenas e rotineiras. Limpo as fezes da manta de vinil que está no chão, assobio com alegria, lavo e seco o cabelo. No entanto, uma agulha invisível está me espetando por dentro: conforme a tarde cai, a realidade começa a se revelar. Primeiro brigo com minha mãe no telefone por nenhum bom motivo; depois, quando Christina chega para ver o açor voar, falo de maneira ríspida com ela também sem nenhuma razão específica. Pegando meu colete de falcoaria na cozinha, ouço que ela fala de *pane total*, mas a expressão não significa nada a princípio. Eu devia ter prestado atenção. Houve um acidente horrível na A14, fora de Cambridge. Stuart ficou engarrafado por causa das consequências do acidente, preso no seu Land Rover sob um viaduto, helicópteros de socorro rugindo sobre sua cabeça em meio a nuvens turvas de fumaça. Ele havia me ligado. Disse que ia se atrasar por causa do acidente, mas isso foi tudo.

— Vou subir o morro agora — disse ele. — Você vem?

— Vou — respondi. — Vejo você em vinte minutos.

Mas o acidente foi tão grave que fechou não só a estrada principal, mas as vias em volta também. Todo o trânsito da hora do rush atravessando Cambridgeshire teve que passar pelo centro da cidade. Quarenta minutos depois, não nos afastamos nem quinhentos metros de casa, e estou tremendo com essa frustração colossal. A pobre Christina está sentada no banco de trás, em silêncio. Mabel se debate. Não consigo suportar. Ela se debate de novo. Eu grito com ela. Ela não sabe que o grito é para ela, mas eu me odeio por gritar, e essa culpa se sobrepõe a outras culpas, e todas se instalam sobre a consciência de que o acidente que causou esse engarrafamento deve ter sido terrível, sem dúvida. O ar dentro do carro toma corpo, cortante como vidro. Respiro profundamente algumas vezes e olho para fora da janela. O anoitecer está lindo. Isso torna as coisas piores. Vejo estorninhos em cima do shopping center, olho para o sol, afundando, afundando, e o ar suave lá fora envolvendo seu entorno com o tom do peito de um pombo-torcaz, em delicados tons de rosa. Ligo o rádio nas notícias do trânsito. Desligo. Mabel se debate mais uma vez, perturbada pelo anda e para não costumeiro e o silêncio do motor. Cada vez que ela se debate, meu estresse aumenta. Ligo para Stuart. Ele está esperando por nós. Fico irritada. O carro avança muito lentamente. Olho para o painel e percebo que estou quase sem gasolina, o que acrescenta outra dimensão deliciosa para a marcação de cada minuto.

Quando chegamos à colina, estou praticamente catatônica. Lá, no topo da elevação, está o Land Rover de Stuart. Subimos a trilha. Está escurecendo. Nos três minutos necessários para a subida, Mabel parece alucinadamente ansiosa para voar, então começo a ficar mais relaxada. Mas ela dá uma olhada na pipa de náilon que Stuart tem usado para treinar seu falcão a subir ao céu. Ela espia essa mancha triangular de cores primárias tremulando, olha para o meu rosto e então se debate. *E outra vez. E outra vez. E outra vez.*

Stuart me convence a não voltar para casa.

— Vamos encontrar algo para fazê-la voar — diz ele. — Ela vai se acalmar.

Então ela de fato se tranquiliza um pouco. Eu também. Tento relaxar meus ombros retesados e aspiro o ar frio profundamente. Estou estressada. Em geral, não faço falcões voarem livres assim. Eu a chamaria primeiro para o meu punho no fiador, depois o desamarraria e a deixaria voar sem ele uma ou duas vezes. Apenas mais tarde eu pensaria em permitir que ela voasse para caçar. Mas me submeto à sabedoria de Stuart: ele conhece os açores e já fez isso muitas vezes.

O tempo passa. Agora a noite cai espessa, com a luz do crepúsculo. Há fumaça em todo lugar no horizonte. Uma lua crescente amarela se inclina lá no alto, fora de foco, em algo que parece uma placa de Petri cheia de ágar. Um anoitecer vertiginoso. Os morcegos voam. As árvores recolhem para si a escuridão. O destorcedor e a leash de Mabel estão no meu bolso, e troquei seus jesses por finos jesses de voar que não vão ficar presos nos galhos, segurando-os com firmeza entre meus dedos enluvados. Sob as instruções de Stuart, caminhei até um pedaço triangular do terreno bem ao lado de um bosque. É um aglomerado de cardos e frutos secos, por onde seguimos penosamente. Estou irritada, estressada, com raiva pelo que está acontecendo e me sentindo impotente para acabar com essa situação. Está escuro. Que diabo estou fazendo? As pupilas do açor estão enormes. Seus olhos estão quase completamente pretos. Não consigo acreditar como isso é estúpido. Quero ir para casa. *Quero ir para casa.* E Stuart começa a vir na minha direção batendo nos cardos e na vegetação com uma vareta, para que qualquer coelho ou faisão escondido seja visto por Mabel. *Isso é ridículo. Eu não quero estar aqui, e não sei por que estou deixando isso acontecer. Eu não deveria perder esse açor. Eu deveria apenas...* Há um movimento atrás de mim e à minha direita; Mabel examina o que é, vê algo correndo e então se debate. *Ah!* Eu a deixo ir. E imediatamente me arrependo. De repente minha ave está livre. Ela voa de forma poderosa por alguns segundos, mergulha no animal, qualquer que seja ele, o qual aliás já foi embora, e então começa a voar em círculos, voejando como uma mariposa, um gigantesco açor-mariposa. Ela ganha altura. Há um terrível silêncio crepuscular. Posso ver sua cabeça alongada se virando para olhar para mim, e sua cauda se abrindo e se flexionando quando ela se vira. Estou em uma espécie de estado de fuga. O espaço entre mim e o açor lateja como uma ferida. Ela está voando em círculos, olhando para mim, e parece incerta sobre voltar. Stuart está parado aqui. Christina está parada lá. Estou parada bem aqui, gritando e apitando para o açor. O escuro, o fato de poder voar em círculos, de que tudo é indistinto: essas coisas são descobertas para ela. Ela está tentando entender o que deve fazer. O novo solo. O ângulo da incidência entre aqui em cima e lá embaixo, onde a mão e o coração de Helen estão.

Finalmente ela se lançou, de costas para mim, no topo de uma jovem faia; a copa da árvore se dobra quase ao meio sob seu peso. Tudo o que consigo ver é sua silhueta, seus ângulos e sua estrutura, e pressinto a confusão que a excita por completo. Eu a chamo. Ela salta do seu estranho poleiro e vem atravessando o crepúsculo em direção ao meu punho estendido. Tudo é muito estranho. Ela quica na luva, mal a tocando, e começa a voar em círculos de novo. Termina entrando mais ainda no bosque, empoleirada de novo, mas, felizmente, de frente para mim. Através da escuridão e das folhas, posso ver seu bico amarelo e um pouco do curvar típico da sua espécie. Eu sei que seus olhos estão em mim. Então estendo o punho. Empilho nele um frango, dois frangos, três frangos. Sopro o apito. Chamo.

— Venha, Mabel! — Bato na minha mão coberta com a luva, animada.

Nesse ponto, o tempo-espaço é dobrado e comprimido em relações diretas. Trigonometria.

Deslizamento do açor para meu punho, a intencionalidade do açor — tenho certeza de que é algo derivável em termos matemáticos. Meu coração disparado, horrorizado, e minha alma se sentindo como água a quatro graus: seu estado de mais alta densidade, mais pesado do que o gelo, caindo para o fundo do oceano.

Subitamente, ela está de volta à luva, sinto-me encharcada de água gelada, e não consigo acreditar que minha ave não se perdeu. Eu me sinto como White: uma caloura, uma tola, uma iniciante. E uma idiota.

— Não importa — diz Stuart. Ele sabe que estou em frangalhos. Capto um vislumbre do seu sorriso na escuridão. — Ela está indo muito alto, e está ficando escuro. Mas você conseguiu que ela voltasse, certo? Esse é sempre um bom fim para o dia.

Mal consigo falar. Balbucio uma resposta. A adrenalina fervilha no meu sangue enquanto caminho de volta para o carro, e ainda não sei como consegui voltar para casa.

★ ★ ★

O ar está escuro e cheio de água. Encharcado até a pele. Gos não está em nenhum lugar em que possa ser visto. White amarra pedaços de coelho em todos os lugares por onde o açor deve ter passado. São como preces. Suas mãos parecem muito brancas contra o verde que resplandece dos carvalhos, cuja casca foi soprada pelo vento. Acabaram os coelhos. Ele não tem mais iscas. Não tem carne nem fígado. Pedirá à Sra. Wheeler para comprar bife em Buckingham. Parado perto da porta da casa da fazenda, ele escuta. “A observação de gralhas agrupadas ou um corvo solitário sentado em um galho morto de uma árvore, crocitando ou se debatendo inquieto, são sinais quase certos de que o açor perdido não está longe”,¹ ele havia lido em Blaine. Nada. Então um único gralhar, repetido bem alto. Lá. A uns dois quilômetros está um corvo, circulando acima de uma árvore, atormentando o pássaro embaixo dele. No galho mais alto, está Gos, mínimo àquela distância, sua silhueta familiar de ombros indistintos curvada contra a tempestade. White corre para a árvore e fica parado embaixo dela acenando com um pedaço de fígado e um lenço como isca enquanto a água se espalha ao longo dos campos. A chuva cai nas clareiras, avenidas, e em todos os templos e obeliscos de Stowe, e Gos fica pousado lá, imperioso, decidido e terrivelmente ensopado, já que os constantes afagos de White removeram o óleo que tornava suas penas impermeáveis. A tempestade golpeia seu poleiro. Não está confortável ali. Não está nem um pouco confortável. Ele abre as asas, querendo voar para baixo, para o homem com a comida na mão. Ele deixa a árvore, se vira e começa a descer. O coração de White batendo. O açor se aproximando. Então o vento enche suas asas e o empurra, e o açor, que não tem destreza e não sabe como voar em uma tempestade como essa, é sugado pelo vento e some, ao longe.

★ ★ ★

Há uma época na vida em que você espera que o mundo seja sempre cheio de coisas novas. E, então, um dia você percebe que não é assim de jeito nenhum. Você vê que a vida vai se tornar algo cheio de buracos. Ausências. Perdas. Coisas que estavam lá e não estão mais. E entende, também, que precisa crescer nos espaços em torno deles, embora possa estender a mão na direção de onde as coisas estavam e sentir aquele vazio, tenso e brilhante, do lugar em que permanecem as memórias.

Fui uma criança sortuda. Até ver o faisão morrer em uma cerca viva, tudo o que sabia sobre a morte tinha vindo de livros, um tipo em particular. Eu olhava para uma prateleira cheia deles agora. Naquela manhã, eu enchera o carro com caixas de livros, colocara Mabel no seu poleiro no banco do carona e dirigira de volta à casa dos meus pais para passar o fim de semana. *A casa dos meus pais*. Acho que era a casa da minha mãe agora. Eu havia voltado porque estava me preparando para me mudar. Um amigo querido me ofereceu sua casa enquanto ele e a família estivessem na China por alguns meses, e eu fiquei muito grata a eles, mas a perspectiva de perder meu lindo quarto no alojamento da faculdade era detestável. Empilhei as caixas na garagem e depois me sentei com minha mãe na cozinha enquanto Mabel estava ociosa, banhando e alisando a si mesma com o bico na grama ensolarada. Bebemos chá, trocamos recordações, conversamos sobre papai e o passado. Houve muitas risadas. Foi bom vê-la. Mas não era fácil estar lá. Nós nos sentamos em cadeiras onde meu pai deveria estar sentado, usamos xícaras que ele também havia usado, e, quando vi sua caligrafia cuidadosa em um bilhete fixado na porta dos fundos, foi demais. Demais por demais. Corri para meu antigo quarto, me sentei na pequena cama e abracei os joelhos, a dor perfurando meu peito como um milhão de pequenos dentes e garras.

Olhei para cima, para o lugar mais alto das minhas antigas estantes de livros. Lá, empoeirados e intocados havia anos, estavam todos os livros de animais da minha infância. Eu amava esses livros. Eram ricos de vida selvagem, fugas e aventuras. Mas eu também os odiava. Porque nunca tinham finais felizes. Tarka, a lontra, foi morta por cães de caça. Os falcões morreram com pesticida. Um homem com uma espada bateu até a morte na lontra em *Ring of Bright Water*. Urubus rasgaram os olhos do *Pônei vermelho*. O cervo de *Virtude selvagem* foi baleado. O cão em *Old Seller* morreu. Aconteceu o mesmo com a aranha em *A menina e o porquinho* e com meu coelho preferido em *A longa jornada*. Eu me lembro do terrível pavor que crescia enquanto o número de páginas a serem lidas diminuía em cada livro de animais. Eu sabia o que aconteceria. E aconteceu todas as vezes. Então suponho que não tenha sido uma surpresa para mim, com oito anos, ler que Gos rompeu sua leash e se perdeu no vento e na chuva. Eu recebi o golpe com uma triste resignação. Mas foi terrível mesmo assim.

Mas eu ainda não havia treinado um falcão, e não tinha a compreensão de uma perda. Não sabia como White tinha se sentido. Agora eu sabia. Senti uma pressão no peito como se fosse o peso de uma montanha. Eu sentia. Pela primeira vez, entendi aquele enorme vazio que fechou seu coração de horror. “Eu não consigo me lembrar do meu coração ter parado de bater em nenhum momento em particular”, escreveu ele no seu diário. “O golpe foi tão atordoante, tão derradeiro após seis semanas de fê contínua, que para mim só foi mitigado quando entendi que estava além da minha avaliação. A morte será desse jeito, algo amplo demais para machucar tanto ou talvez até para me aborrecer.”²

★ ★ ★

Seu coração está partido ao meio. O pombo na sua mão está rígido de terror; de um pássaro, transformou-se em uma coisa feita de ferro e penas. Seus olhos vermelhos estão vazios, seu pequeno bico movimentou-se rápido com a respiração ofegante. White se enrijece e lança o pombo no ar em direção ao açor, na árvore. O pombo que ele havia comprado para capturar os falcões na floresta — que ironia — voa para cima, sendo seguido pelo fiador atrás dele. Gos se inclina em direção a ele como uma grande borboleta predatória, mas depois se afasta e balança até a próxima árvore. White puxa o pombo, o apanha,

segue e o lança de novo. Ele o lança para Gos como um pescador lança iscas para um peixe. Faz isso já há algum tempo, e a cada vez a inclinação do falcão faz com que ele se aproxime mais do pombo e das mãos de White, à espera. Ele se curva para pegar o pombo do chão, um pássaro exausto, as asas abertas, as penas esgarçadas de tão úmidas. White sabe que essa ave aterrorizada mal consegue voar. Ele entende que, na próxima vez em que lançá-la no ar, o açor a pegará. Só mais uma vez. Mas ele não consegue fazer isso. Ele *conhece* o pombo. Ele o domesticou. O pássaro lhe fez companhia pousado em seu dedo. É um amigo. Seu mundo está desmoronado; ele está descumprindo sua Palavra. É uma crueldade brutal. Não consegue mais fazer isso. Ele se lembra de uma passagem no livro de Blaine sobre capturar falcões enquanto dormem, abraça o pombo encharcado contra o peito e deixa Gos na noite que cai. Volta com uma escada, uma corda, uma tocha e a vara de pesca com um gancho preso na ponta, que ele havia usado certa vez para fazer Gos descer de uma árvore. Ele fica parado embaixo da árvore, tremendo com esperança de sucesso, quando Graham Wheeler, o rapaz da fazenda que veio ajudar, começa a subir. Gos fica com medo e desliza das árvores para a escuridão.

Durante dias, White anda pelas Ridings e o vê, às vezes, voando por cima das árvores em círculos expandidos, distantes. Sua alma ainda está atrelada ao açor. Dá para ver que Gos está feliz. *Ele merece ser livre*, pensa White, e lhe deseja boa sorte em sua vida selvagem. Mas a morte espera por ele, White sabe disso: os jesses e o destorcedor da ave, o maldito equipamento de sua antiga vida de submissão, vão se enroscar em algum galho, e Gos vai lutar, e ficar pendurado, não vai ter o que comer, e vai morrer. Se o destino achar por bem devolver o pássaro para as suas mãos, ele promete que vai tratá-lo de modo diferente: como um parceiro, não como um escravo. Seu remorso é amargamente profundo. Ele se sente sozinho sem Gos. Recorda-se da estrofe de Blake de uma forma deturpada. *O amor só pede para agradar a si mesmo, Para agregar outro deleite, Alegra-se na perda da tranquilidade do outro, E constrói um inferno no desdém do céu.*³

★ ★ ★

Mais tarde, naquele mesmo dia, caminhei com Mabel subindo uma aleia estreita que dava em uma fazenda próxima. Anos atrás eu tinha recebido permissão para fazer meus falcões voarem ali. Será que ainda teria? Provavelmente não. Mas não me importava. Havia algo esplêndido na ideia de que o que eu estava fazendo era ilícito, clandestino, um pouco criminoso. Levantei meus binóculos e perscrutei os campos. Nenhum trator, nenhum trabalhador. Ninguém passeando com o cachorro. Ninguém à vista que tivesse vindo para um passeio noturno. E assim prosseguimos devagar, Mabel e eu, até o bosque que havia no topo, onde os coelhos costumavam ficar. Caminhamos furtivamente em torno de uma moita de abrunheiro. Ali. A cerca de trinta metros, um pouquinho fora dos limites do bosque: as silhuetas de três coelhos, as orelhas brilhando contra a luz do sol, agachados para comer. E ao lado deles um faisão macho, passando devagar.

A tristeza havia me impelido a treinar uma ave, mas esse sentimento já fora embora. Tudo fora embora, a não ser esta tranquila cena bucólica. Uma cena em que eu intencionava introduzir destruição e morte. Andei sorrateiramente em torno do bosque, me mantendo abaixada, prendendo a respiração. Minha atenção estava acentuada. Eu me tornei um ser feito apenas de olhos e desejo. Mabel mantinha as asas ligeiramente afastadas do corpo, a cabeça serpeando como a de um réptil, os olhos brilhantes. Era como

se eu apoiasse no punho o cruzamento de uma tocha flamejante com um fuzil de precisão. A grama macia sob os pés. Com uma das mãos erguida para me equilibrar, completei com cuidado a volta em torno da moita. E então, devagar, estendi meu punho com a luva para além daquela cortina de folhas.

O açor deixou o punho com o arranque de um fuzil .303. Eu me afastei para observar. Vi uma cadeia de eventos tão rápida que se ajustava a uma história em quadrinhos: *quadro, quadro, quadro*. Quadro um: açor disparando do punho, em listras, e penas, e garras. Quadro dois: açor rasteiro no solo, a grama formando sulcos sob seus pés. Asas chocolate, batendo com força, costas arqueadas. Quadro três: coelhos correndo. Quadro quatro: o faisão também, se inclinando e seguindo para um canto seguro do bosque.

Mas esse lugar não era seguro. Um milésimo de segundo, decisões no computador tático do açor. A ave girou e saltou para o alto como se tivesse sido arremessada, inclinando, absorvendo a gravidade como uma esponja. Fechou as asas e sumiu. Arrastada para o buraco negro do bosque, sob o galho baixo de um lariço. Tudo desapareceu. Nada de coelhos, nada de faisão, nada de açor. Apenas um buraco negro nos limites do bosque. Tudo tinha ficado muito calmo. Apenas o *coc-coc-coc* distante de um faisão amedrontado.

Corri para o bosque e senti um calafrio. Estávamos treinando em uma cerração suave, indistinta, de um claro entardecer de outono. Grama macia, mariposas; uma luz agradável, confortável. Entrando no bosque, a temperatura caiu quase três graus, e a luz diminuiu em vários níveis. Estava escuro. E frio. No lado de fora, uma noite do final do verão na Inglaterra. Aqui dentro, um inverno rigoroso da Noruega. Eu meio que esperava sentir flocos de neve batendo nas folhas. Fiquei imóvel, um tanto aflita. Olhei em torno. Nada. Nada do açor. O que eu deveria fazer agora?

Fiquei completamente imóvel e me pus a escutar. Fiz um esforço para manter meus ouvidos atentos no meio da escuridão. Estava tão concentrada que era como se o ar, pesado, se dissolvesse em partículas: ondas sonoras longitudinais viajando em trilhões de moléculas. Porém, não havia som algum. Um completo e abafado silêncio entre os troncos do lariço. Foi quando, em algum lugar à minha esquerda — bem distante —, ouvi um barulho de gravetos quebrando e o som inconfundível de guizos de falcões. Atravessei correndo o bosque, às cegas. Pensei ter escutado um guinchar no meio daquela confusão; talvez Mabel tivesse capturado um coelho. O silêncio de novo, salvo minha respiração ofegante e o ruído que eu, cega e irracional, fazia ao me movimentar por entre os galhos de uma árvore caída para alcançar o local do som do guizo.

Eu a vi antes de ouvi-la. Ela veio correndo por entre os arbustos espinhosos que cobriam uma gigantesca toca de coelhos. Veio em disparada, o peito inchado, e se lançou voando para o meu punho. À exceção do amarelo dos pés e da ceroma, a área ao redor do bico, ela era inteira preta e branca. Frutos do abrunheiro pretos, folhas de árvore pretas, o peito da ave branco, as manchas pretas nas penas, as garras pretas. Bico preto. Resíduos brancos da terra que os coelhos tinham escavado. Quando ela voltou para o meu punho, havia uma lama esbranquiçada nas patas, que cobriu minha luva enquanto ela comia, deixando pequenas marcas brancas parecidas com as letras de um alfabeto antigo, as quais, conforme ela comia, eram espalhadas, apagadas e escritas de novo.

★ ★ ★

Fazia um bom tempo que eu não caçava com uma ave de rapina, então não me lembrava de ser assim. E estava certa de que nunca fora assim. Fiquei pasma com a transformação radical na subjetividade que tinha

se inserido: o modo como o mundo se desintegrava, embora fosse ao mesmo tempo tão real e tangível que quase chegava a doer. O modo como cada segundo ficava mais lento e se prolongava, nos mantendo à parte do tempo — quando retornei à estrada para voltar para casa fiquei perplexa ao notar quão pouco o sol tinha descido. Tínhamos ficado ali menos de uma hora. Pareciam anos.

O professor Tom Cade, falcoeiro e cientista, certa vez descreveu a falcoaria como uma espécie de “observação de alta intensidade de pássaros”. Achei que era uma expressão feliz, precisa. Mas agora sabia que estava errada. O que eu acabara de fazer não tinha nada a ver com observação de pássaros. Era mais como um jogo, embora as apostas fossem infinitamente mais sangrentas. No âmago, era uma desejada perda de controle. Alguém deposita seu coração, suas habilidades, até mesmo sua alma em uma atividade — treinar uma ave de rapina, aprender os padrões da pista de corrida ou dos números num jogo de cartas —, e depois abre mão do controle sobre isso. Era esta a armadilha. Uma vez que os dados são lançados, o cavalo começa a correr, a ave de rapina deixa o seu punho, a pessoa se abre para a sorte e não tem como controlar os resultados. No entanto, tudo o que fez até aquele momento a convence de que talvez tenha sorte. Talvez a ave capture a presa, talvez tenha a mão cheia no jogo, talvez o cavalo seja o primeiro colocado. Aquele mínimo espaço de incerteza é um lugar estranho. A pessoa se sente segura porque está inteiramente à mercê do mundo. É um barato. A pessoa se perde nele. Então recorre às pequenas injeções de ânimo da vida, para que o mundo se transforme. Esta é a isca: é por isso que, quando estamos impotentes devido à dor ou ao luto, nos perdemos nas drogas, no jogo ou na bebida, vícios que agarram uma alma partida e a estraçalham como faz um cão. Encontrei meu vício naquele dia com Mabel. Foi tão nocivo, de certa maneira, quanto se eu tivesse me injetado heroína. Tinha alçado voo para um lugar do qual não queria nunca mais sair.

Os falcoeiros têm uma palavra para descrever gaviões e açores com disposição para matar: dizem que a ave está *in yarak*. Os livros explicam que vem do persa, *yarak*, que significa poder, força e audácia. Muito mais tarde, me diverti em saber que, em turco, é o nome de uma arma arcaica e também uma gíria para o pênis — nunca duvidei de que a falcoaria é uma brincadeira para meninos. Estou de volta a Cambridge, e todo dia enquanto carrego Mabel subindo o caminho de pedras até o topo da colina, eu a observo entrar no estado *in yarak*. É perturbador, como se ela estivesse sendo possuída aos poucos por um demônio. As penas da crista se levantam, ela se inclina para trás, as penas da barriga saltadas, os ombros caídos, as patas muito firmes na luva. Sua conduta se altera de *todas as coisas me apavoram* para *eu vejo tudo; tudo me pertence, e mais ainda*.

Nesse estado ela é um fio de alta-tensão esticado de expectativa assassina, preso tão apertado que ela se debate diante de tudo o que se mexe — coisas que ela não tem a esperança de capturar: bandos de cotovias, pombos distantes, um gato —, então seguro seus jesses com firmeza e não a deixo ir. Porém, quando uma fêmea de faisão dispara aos meus pés, eu solto Mabel. Ela persegue a caça ferozmente, mas tem uma saída rápida demais; depois de cerca de cinquenta metros, ela desacelera, gira em pleno ar e retorna para mim, planando por cima de uma sebe de freixo para aterrissar delicadamente no meu punho. No outro dia, ela se precipita morro abaixo perseguindo um coelho e está prestes a agarrá-lo quando o alvo para de repente. Ela o ultrapassa e desaba no chão; o coelho se esquiva, vira de lado e corre morro acima até entrar são e salvo em um buraco. Ela se lança mais uma vez no ar para reassumir a perseguição, mas o animal já desapareceu. Então pousa na grama, confusa e abatida.

Também estou abatida. Não que eu esteja ávida por sangue. Mas não quero que Mabel se sinta desestimulada. Na natureza, jovens açores ficam horas parados em árvores esperando que uma oportunidade fácil se apresente: um corvo emplumado, um filhote de coelho. Mas agora estamos em setembro: as presas fáceis da natureza já cresceram. E, embora a maior parte dos falcoeiros de açores tenha um cachorro para ajudá-los a encontrar caça, ou um furão para assustar coelhos (de forma que suas aves possam persegui-los), eu não tenho essas ajudas. Tudo o que posso fazer é caminhar com o meu açor e manter a esperança de que vamos encontrar algo para capturar. Porém, eu represento uma desvantagem; os sentidos da ave são muito mais aguçados do que os meus. Caminhamos por uma ravina embaixo de uma cerca viva onde há coelhos, ratos e Deus sabe o que mais, tudo coberto por espinheiros e sarças, em cujos caules repousava um tumor vegetal tal como se fosse um fruto exótico, em tons de verde, cor-de-rosa e carmin. Mabel sai do meu punho mergulhando em direção à vegetação rasteira. Não sei se ela viu algo, então não a deixo ir. Depois amaldiçoo meus patéticos sentidos humanos. Havia algo ali. Um camundongo? Um faisão? Um coelho? Com uma vara, cutuco dentro da ravina, mas não sai nada. Tarde demais; seja o que for, já sumiu. Continuamos caminhando. Mabel deixa sua fúria assassina para assumir um

intenso olhar beligerante. *Como é que eu, imagino que ela está pensando, vou conseguir pegar alguma presa com essa idiota a tiracolo?*

★ ★ ★

Volto exausta de nossa última tentativa: uma tarde dos infernos, traumática, turbulenta, tempestuosa e desagradável. Eu encontraria Stuart e Mandy lá na colina.

— Vou levar os cachorros para você — disse ele. — Para ver se conseguimos ajudá-la.

Mas Mabel não conseguia aproveitar nada daquilo, debatendo-se e grasnando com um olhar de raiva. Ela detestava os cachorros, odiava absolutamente tudo. Assim como eu. Eu a alimentei e voltei para casa. Então comecei a separar algumas roupas de um armário, tentando me transformar em uma pessoa civilizada, bem-disposta, que tem o que fazer, como frequentar galerias de arte. Escovo meus cabelos, lavo o rosto, me meto em uma saia, puxo as mangas de um suéter de caxemira até os cotovelos, pinto uma linha preta em cima das pálpebras. Base. Rímel. Uma fina camada de hidratante labial para selar minha boca ressecada pelo vento, um par de botas brilhantes de salto que me fazem ter medo de não conseguir correr com elas — pois correr tem sido uma atividade essencial nos últimos dias —, e verifico o resultado no espelho. É um bom disfarce. Estou satisfeita de ver como o efeito parece convincente. Mas está ficando tarde, então me vejo correndo contra o relógio. Tenho vinte minutos para chegar a uma galeria de arte para um vernissage.¹ Devo fazer uma palestra sobre a exposição em poucas semanas, e tenho que dar uma olhada na droga do negócio antes. Luto contra o sono enquanto dirijo, e na hora em que chego à porta da galeria meus joelhos já estão prestes a ceder.

Espero encontrar uma sala cheia de pinturas e esculturas. No entanto, quando abro as portas há algo tão inesperado lá dentro que meu cérebro dá piruetas. É um observatório de pássaros em tamanho natural, construído de madeira rústica, e — pelo que leio na tabuleta — também uma cópia exata de uma estrutura autêntica na Califórnia. Ver aquilo na galeria de arte é tão desconcertante quanto abrir uma geladeira e descobrir uma casa lá dentro. O observatório é escuro no interior e lotado de pessoas perscrutando por uma janela em uma das paredes. Também olho. *Ah!* Percebo o truque, um truque bem eficiente. O artista filmou a visão a partir do esconderijo verdadeiro, e está projetando as imagens em uma tela colocada do outro lado da janela. Mostra um condor-da-califórnia em pleno voo, um imenso abutre acinzentado que se alimenta de cadáveres, ave quase extinta por causa de caça, destruição do hábitat e envenenamento por meio de carcaças contaminadas de chumbo. No final da década de 1980, havia apenas vinte e sete deles, e, em um último recurso para salvar a espécie, essas aves foram aprisionadas para que seus filhotes fossem criados em cativeiro e usados para repovoar seus espaços. Algumas pessoas tentaram barrar essa iniciativa. Acreditavam de forma franca e sincera que, uma vez cativos, os condores deixariam de existir. São aves típicas da natureza, argumentavam. Um condor cativo deixa de ser um condor.

Observo o condor por um tempo, o que me deixa impaciente. Minha cabeça está lotada de céus reais e açores reais. Eu me lembro dos condores que encontrei, ao vivo, em um centro de reprodução em cativeiro alguns anos atrás: aves gigantescas, despenadas, pescoço de peru, mostrando determinação e curiosidade; porcos aviários com boá de penas. Preciosos, sim, mas complicados, autênticos, idiossincráticos, impressionantes. O condor na tela da galeria de arte não se parecia nada com os reais. *Helen, você é uma idiota, penso. Este é exatamente o propósito da exposição. O propósito dela, bem na sua cara.*

Penso em quais animais selvagens estão em nossa imaginação. E como estão desaparecendo — não apenas de seu hábitat, mas da vida cotidiana das pessoas, substituídos por imagens deles mesmos impressos e na tela. Quanto mais raros ficam, menos significativos os animais passam a ser. Ao fim, são apenas raridade. O condor é um símbolo da extinção. Há pouca coisa a seu respeito agora além do fato de ser o último de sua espécie. E nisso reside a diminuição do mundo. Como você pode amar algo, como você pode lutar para protegê-lo, se tudo o que ele simboliza é a própria perda? Há uma enorme diferença entre minha vida visceral, sangrenta, com Mabel e a visão restrita, distanciada, da moderna apreciação da natureza. Sei que alguns dos meus amigos veem o fato de eu manter uma ave de rapina como algo moralmente suspeito, mas eu não conseguiria amar ou compreender essas aves tanto assim se só as visse nas telas. Transformei um açor em parte de uma vida humana, e uma vida humana em parte da vida de um açor, e isso tornou a ave um milhão de vezes mais complexa e maravilhosa aos meus olhos. Penso em minha verdadeira surpresa quando vi Mabel brincar com um telescópio de papel. Ela é real. Ela é capaz de resistir ao sentido que os seres humanos lhe atribuem. Mas o condor? O condor não tem absolutamente nenhuma resistência contra nós. Encaro a imagem atenuada e cheia de movimentos na tela da galeria. Trata-se de uma sombra, uma figura de perda e esperança; quase não representa uma ave.

A outra peça da exposição é perfeitamente simples. Trata-se de uma ave deitada de costas em uma caixa de vidro, numa sala vazia. Vê-la faz todas as minhas reflexões, dignas de um discurso, se dissolverem. É um tipo de arara, a ararinha-azul. Não existe mais nenhuma em hábitat natural, e os últimos exemplares cativos são foco de desesperadas tentativas de manter a espécie viva. Esta aqui morreu há muito tempo. Com o corpo conservado com lã de algodão, uma pequena etiqueta de papel atada a uma das patas, contraídas sem vida, suas penas são do azul profundo do oceano à noite. Talvez seja a coisa mais solitária que já vi. Porém, me inclinando sobre essa carcaça iluminada na urna de vidro, não penso em absolutamente nenhum animal em extinção. Penso na Branca de Neve. Penso em Lenin e seu mausoléu mal-iluminado. E penso no dia seguinte à morte de meu pai, quando me levaram até o quarto de hospital onde ele jazia.

Mas não é ele, pensei, desesperada, depois que a mulher fechou a porta. *Ele não está aqui*. Alguém havia vestido uma estátua de cera do meu pai com pijamas de hospital e o coberto com um edredom estampado. Por que faziam isso? Não fazia sentido. Era absurdo. Recuei um passo. Então vi em seu braço o machucado que não sararia e parei. Eu sabia que tinha que falar. Durante uma eternidade não consegui. Fisicamente eu não conseguia. Era como se tivesse um punho enterrado em minha garganta agarrando as palavras, impedindo-as de sair. Comecei a entrar em pânico. Por que não conseguia falar? *Tenho que falar com ele*. Então vieram as lágrimas. Não eram lágrimas normais. Uma cascata correndo pelo meu rosto e desaguando no chão do hospital. E com a água vieram as palavras. Eu me inclinei sobre a cama e falei para meu pai, que não estava lá. Encarei-o com ar sério e cuidadoso. Disse-lhe que o amava, que sentia sua falta e sentiria saudades para sempre. E continuei falando, explicando as coisas, coisas das quais não consigo me lembrar, mas que naquele momento eram urgentes e de notável importância. Então houve o silêncio. E eu esperei. Não sabia por quê. Até perceber que tinha a esperança de poder ouvir uma resposta. E foi assim que entendi que tinha terminado. Segurei a mão do meu pai pela última vez, apertei-a em um breve adeus e saí em silêncio do quarto.

No dia seguinte, na colina, Mabel aprende para que ela serve, suponho. Ela persegue um faisão. O pássaro acabou indo de encontro a um espinheiro, debaixo de uma sebe alta. Ela pousa no topo da sebe, olhando para baixo, a plumagem brilhante contra a terra escura do declive mais afastado. Começo a correr. Acho que lembro para onde foi o faisão. Convenço-me de que jamais esteve lá, mas sei que está. A argila gruda na sola dos meus calçados, o que me deixa mais lenta. Estou em um mundo feito de lama, que aos poucos vai congelando, e mesmo o ar através do qual passo parece estar mais denso. Mabel espera que eu assuste o faisão para ele aparecer — se ao menos eu soubesse onde ele está. Agora estou na sebe, tentando encontrá-lo, imaginando vários cenários do tipo *o que acontecerá depois*, e neste momento eles estão se aproximando rapidamente, até o ponto zero, quando o faisão voa. Não consigo ver Stuart e Mandy, embora saiba que devem estar lá. Caio por cima dos arbustos, levemente consciente dos espinhos arranhando minha pele. Não consigo ver o açor porque estou procurando o faisão, então tenho que imaginar o que Mabel está fazendo me colocando dentro da mente dela: é quando passo a ser, ao mesmo tempo, tanto o açor acima dos galhos quanto o ser humano abaixo. O estranhamento dessa dicotomia me faz sentir como se eu descrevesse uma trajetória em torno de mim mesma, às vezes perto, às vezes longe. É como se esse caminho, por um instante, se tornasse uma linha tracejada, em torno da qual o açor, o faisão e eu figurássemos como meros elementos em um exercício de trigonometria, cada um de nós indicados por delicadas letras em itálico. E agora estou tão lúcida sobre a posição de cada elemento desse triângulo que minha consciência se abstrai inteiramente, se reparte entre os outros dois: primeiro o açor olhando para baixo, depois o faisão nos arbustos olhando para cima. Eu avanço sobre o solo como se simplesmente não pudesse alterar nada no mundo. Não há possibilidade de eu atirar esse faisão. Não estou aqui. O tempo se alonga e fica mais lento. Sinto pânico neste momento, uma pequena descarga de medo que tem a ver com a atmosfera do extermínio e com o meu lugar no mundo. Mas o faisão se assusta e se revela, um amontoado pálido e barulhento de músculos e penas, então o açor se lança contra a sebe em sua direção. Todos os limites que conectam coração, cabeça e possibilidades futuras, os limites que também me conectam ao açor e ao faisão, à vida e à morte, repentinamente se tornam seguros, interligados em uma pequena massa de penas e garras, um emaranhado chafurdando na lama, no meio de um pequeno campo no meio de um pequeno condado no meio de um pequeno país no limiar do inverno.

Olho fixamente o açor quando ele agarra o faisão morto, e seus olhos enlouquecidos me fitam de volta. Estou estupefata. Eu não sabia o que esperava sentir. Sede de sangue? Brutalidade? Não. Nada parecido. Estou toda arranhada por causa dos espinhos e com uma dor no coração que não consigo explicar. Há uma neblina brilhante no ar. Seca. Como talco. Olho para o açor, o faisão, e de volta para o açor. E tudo se transforma. O açor deixa de ser um elemento que significa morte violenta. Torna-se uma criança. Isso me estremece por dentro. Mabel é uma criança. Um filhote de açor que acabou de perceber quem é. Qual é sua função. Estendo a mão e começo, inconscientemente, como uma mãe ajudando o filho com sua refeição, a puxar o faisão com o açor. Para o açor. E quando o açor começa a comer, eu me agacho sobre os calcanhares e observo, eu observo Mabel. Penas se soltam, voam pelo ar e ficam presas nas teias de aranha e nos espinhos dos galhos. O sangue vivo nos pés de Mabel coagula e resseca. O tempo passa. A bênção da luz solar. Uma lufada de vento bate nas hastes do cardo e some. Eu começo a chorar, em silêncio. As lágrimas rolam pelo meu rosto. São por causa do faisão, do açor, do meu pai e de toda sua paciência, por causa da garotinha que ficou perto de uma cerca e esperou que os açores chegassem.

White sai disparado de casa. O carteiro trouxe a notícia de que havia gralhas agitadas em um bosque próximo. Sem fôlego, ele corre até as árvores. Gos não está lá. Claro que não. Ele também não consegue encontrar os gaviões-da-europa. Acha que os escuta de vez em quando, mas talvez o barulho seja das corujas. Gos existe, agora, em uma paisagem de boatos; há rumores de gaviões, assim como há rumores sobre a guerra. Ele fita o céu. Espalha armadilhas no campo. Fica sentado dias a fio no bosque, da aurora ao anoitecer, com câibras e tremores em seu esconderijo. Nada. Compra uma armadilha de guarda-caça com dentes de metal. Lima os dentes projetados para quebrar as pernas dos falcões e preenche os espaços com feltro. Depois faz outra armadilha, de falcoeiro, seguindo a descrição de um livro: um laço de barbante em volta de um círculo de penas viradas para cima e, no centro do círculo, um melro preso. White ficará escondido com uma das extremidades do barbante na mão e, quando o açor pegar o passarinho, White puxará, de forma que o barbante deslize pelas penas, capturando o açor pelas pernas. Pode funcionar, se ele conseguir apanhar um melro para usar de isca, mas isso não acontece. Ele entra em desespero. Começa a escrever uma carta. *Caro Herr Waller*, inicia. Escreve em inglês porque não sabe alemão muito bem. Pede ao homem que lhe enviou Gos que mande outro açor. Sabe que talvez seja muito tarde para conseguir um filhote àquela altura do ano, e açores capturados em pleno voo durante sua primeira migração são esporádicos e espaçados entre si. Porém, conclui a carta com esperanças, leva-a até Buckingham e a posta para Berlim. Aguarda uma resposta, aguarda os açores, aguarda em penitência e sofre por seus pecados. Nada vem, e não há resposta.

★ ★ ★

Meu trabalho tinha terminado. Era hora de me mudar. Eu já vivenciava uma confusão emocional, mas a tensão da mudança levou minha disfunção a proporções espetaculares. A nova casa no subúrbio não era nada como a antiga moradia na cidade: era grande e moderna, com uma ampla sala na frente para o açor dormir e gramado para tomar sol. Enchi a geladeira com alimento para falcões e uma pilha de pizzas congeladas. Arrastei minhas roupas para o andar de cima em sacolas plásticas, amontoei-as perto da porta do quarto. A chuva chegou novamente, fina e pungente, e passei meu primeiro dia lá esparramada no sofá com um caderno nos joelhos, tentando em vão escrever meu discurso para a cerimônia em homenagem ao meu pai. *Tenho cinco minutos*, eu falava para mim mesma, de forma tola. *Cinco minutos para falar da vida do meu pai*.

A casa estava cheia de brinquedos: quebra-cabeças e blocos de alfabeto, animais de pelúcia dentro de caixas, desenhos feitos com canetas hidrográficas e purpurina pregados nas paredes da cozinha. Era a casa da própria família e não havia família nela. O vazio que eu sentia era só meu, mas, em minha loucura,

comecei a pensar que a casa não me queria, que sentia falta da própria família e estava de luto por sua perda. Eu ficava mais tempo fora de casa com Mabel; achava cada vez mais difícil voltar para lá, porque quando ficava do lado de fora com o açor eu não precisava de um lar. Lá fora eu esquecia completamente que era um ser humano. Tudo o que o açor via era real e cru, desenhado nos mínimos detalhes, e todo o resto era relegado a nada. A paisagem adquiria significados em minha cabeça que pareciam pressões, luzes, presentes: sensações impossíveis de se definirem em palavras, como a percepção do perigo, ou de alguém lendo por cima do seu ombro. Tudo se tornou mais complicado, embora estranhamente mais simples também. A cerca viva que antes eram espinheiros, abrunheiros, bordos e freixos, agora era toda de um só tipo, sem nome, feita do mesmo material que eu; parecia com pessoas inanimadas, nem mais nem menos importantes do que o açor, do que eu, ou do que qualquer outra coisa da colina. De vez em quando, meu telefone tocava e eu atendia. Era terrível abstrair o universo encantado da falcoaria, um mundo edificado entre a estratégia e a natureza selvagem. Geralmente era a minha mãe me ligando. Ela falava tudo duas vezes, para começar, como se estivesse me treinando em como sair dessa estranha ontologia de cercas vivas para entrar em uma humanidade mais comum.

— Alô? — dizia ela.

Silêncio.

— Alô?

Mabel estava no meu punho, cauda aberta em leque, ombros caídos, encarando através de mim e do telefone, e a atenção dela apreendendo tudo sequencialmente. *Campo-cerca-tordo-asa-esvoaçar-faisão-pena-no-caminho-sol-no-arame-doze-pombos-a-meio-quilômetro-tique-tique-tique* e mamãe está falando:

— Como você está?

— Bem, mãe. E você?

— Estou ok. Tem notícias do James?

A voz dela era lenta e profunda em comparação com o chilreio característico do ambiente em que eu estava, e eu não conseguia ouvir o que ela estava dizendo porque havia doze pombos a meio quilômetro e o açor estava olhando para eles, assim como eu. Não conseguia ouvir a dor de minha mãe. Não conseguia sentir minha própria dor.

★ ★ ★

Tínhamos ido a um lugar diferente, um campo no outro lado da cidade repleto de coelhos. Levou menos de um minuto para Mabel agarrar um deles no fundo de um emaranhado de urtigas. Açores não apanham suas presas: você tem que correr para eles, deixá-los comer por um tempo e depois levá-los de volta ao punho para ele ganhar comida como recompensa. Eu corri, curvei-me, separei os talos pruriginosos da planta, peguei o coelho e o açor, coloquei-os sobre o gramado. Agora que o coelho está morto, seu pelo está enrolado entre as garras apertadas de Mabel, mas o sangue transborda à medida que ela rompe seu peito; não consigo parar de olhar, esse clarete jorrando, horrível, fascinante, enchendo todo o espaço, tornando-se gelatinoso quando encontra o ar, como se fosse algo vivo. É algo vivo. Quero me sentar e pensar. Este é um grande mistério. Sinto algo pressionando meu próprio peito, infiltrando-se, uma pergunta em busca de resposta. Mas não há tempo para contemplação: tenho que trazer Mabel de volta para a luva, ou ela vai se empanturrar e não vai querer caçar amanhã. Chegou a hora do velho truque do

falcoeiro que interrompe um falcão sem que ele sinta que roubaram seu prêmio. Primeiro, corto a parte posterior de uma das pernas do coelho e a escondo às minhas costas, depois junto punhados de grama em um monte ao meu lado. Então, apresento a perna do coelho na luva, jogando a grama por cima do restante do coelho para escondê-lo. A ave olha para baixo, vê a grama aos seus pés, olha para cima, vê a comida, salta direto para o meu punho e come.

Quando enfio o coelho no bolso traseiro do meu colete, começa o barulho. Primeiro é um rosnado baixo, como um zumbido. Para, retorna. Motores. Grandes motores. Um barulho cada vez mais alto. O ruído chega a um enorme ronco marinho — e um bombardeiro da Segunda Guerra Mundial, um B-17 Fortaleza Voadora, emerge por detrás das árvores. Pombos saem voando apavorados das copas dos carvalhos. Faisões gralham, sombras tremem, os outros coelhos disparam para suas tocas. Sinto uma necessidade premente de me esconder. Mas Mabel dá à coisa monstruosa um único e indiferente olhar, e continua a comer. Fico pasma. Como o açor não vê aquilo como uma ameaça, um avião enorme e pesadíssimo? A aeronave desce logo acima de nossa cabeça, muito baixo; tem a sigla USAAF pintada em verde militar, e, quando se inclina lateralmente no ar quente, vejo o compartimento da bomba e a arma de torre em sua barriga. Seu tamanho, o som trovejante de seus quatro motores Pratt & Whitney, a sensação de que está vivo, de que é um animal — todas essas coisas me deixam paralisada. Torno a me sentar sobre os calcanhares e fixo o olhar, esquecendo o medo. Dois versos surgem na minha cabeça:

Considere isso, e em nosso tempo,

Como vê o falcão, ou o aviador de capacete.¹

O poeta W. H. Auden escreveu esses versos em 1930, e eu não pensava neles havia anos. Ter o mesmo campo de visão do falcão e do aviador: ser erguido das realidades confusas da vida humana para uma perspectiva de alturas e poder a partir da qual se pode observar o mundo embaixo. Ter uma vantagem segura, da qual a morte pode decair. *Segurança*. Penso nos aviadores americanos neste mesmo lugar há setenta anos, voando em aviões exatamente como esse, escalando com dificuldade até as geladeiras que eram suas cabines, vestindo uniformes aquecidos que não davam conta, respirando oxigênio por meio de mangueiras de borracha que ficavam incrustadas de cristais de gelo, de modo que em grandes altitudes eles tinham que dobrá-las e quebrá-las para obter oxigênio suficiente para respirar. Dormiam em catres em uma terra estrangeira com chuva e nevoeiro, vestiam-se em silêncio para as reuniões à luz da alvorada antes de correrem para seus aviões, empunhando os manetes para a frente, o peito apertado quando os motores giravam, subindo através das nuvens, os olhos grudados nos sensores de pressão e no display de rotação por minuto, os navegadores gritando as coordenadas em graus. Depois, as horas de voo para a Alemanha — onde deixavam cair suas temíveis cargas no meio do céu pesado de bombas explodindo — e de volta. Um em cada quatro não completava a tarefa. O céu não era um local seguro, por maior que fosse seu controle visual. O que aconteceu com eles foi terrível. O que fizeram também. Inimaginável. Nenhuma guerra pode ser apenas a dos ares.

O açor está no meu punho. Oitocentos e cinquenta gramas de morte em um manto de penas; um ser cujo mundo é desenhado em termos de planos e vetores para levá-lo em direção ao término de vidas. Mabel acaba com os últimos pedaços de coelho, esfrega o bico, desliza tiras de plumagem clara na luva. Depois sacode as penas para colocá-las no lugar e olha para cima, para o céu vazio onde antes estava o bombardeiro. Então sinto o puxão. Como continua o poema de Auden, depois daqueles versos?

Eu olho. Lá está. Posso sentir. O insistente aperto no coração que o açor traz, aquele meu anseio muito antigo de possuir os olhos de uma ave de rapina. Viver a vida segura e solitária; olhar para baixo em direção ao mundo desde cima e mantê-lo l. Ser um observador; invulnerável, distanciado, completo. Meus olhos se enchem de gua. *Aqui estou eu, penso. E não acho que estou segura.*

Meu pai cresceu na época da guerra. Em seus primeiros quatro anos de vida, ele e a família viveram sob os bombardeiros afluindo velozmente em formações triangulares, holofotes iluminando buscas  noite ou rabiscos irregulares feitos de fumaças que surgiam alto no ar durante o dia. Como deve ter sido ver aquelas pequeninas cruzeiras passando acima da cabeça deles? Você sabe que algumas estão tentando matar você. Outras, defender. Saber distingui-las devia ter, na linguagem da época, grande valência de perigo. Sua vida estava presa naquelas pequenas máquinas migratórias. Como todos os seus amigos, você monta aeromodelos, gasta o dinheiro da mesada na revista *Aeroplane Spotter*. Memoriza a posição dos motores, aprende as características da cauda, o formato, o barulho, a fuselagem. E assim, identificar aviões se tornou a obsessão da infância de papai. Contar, reconhecer, classificar, registrar, aprender os detalhes com uma feroz necessidade infantil de saber e controlar. Quando ficou mais velho, pedalava até aeroportos distantes com uma garrafa de refrigerante, uma câmera amadora, um caderno e um lápis. Farnborough, Northolt, Blackbushe. Horas de espera na cerca que delimitava o perímetro, um garotinho espiando através dos fios de arame, esperando com paciência os aviões chegarem.

Devo ter herdado a faceta observadora do meu pai, pensei distraidamente. Talvez fosse inevitável, com a tendência de papai a olhar para o alto a qualquer ruído de motor, de levantar o binóculo em direção aos rastros de fumaça de aviões distantes, que a versão pequenina de mim mesma fosse imitá-lo, aprender que olhar para objetos voadores era uma maneira de ver o mundo. Só que, no meu caso, não eram os aviões. Eram os pássaros.

Agora percebo que estávamos observando as mesmas coisas; ou, pelo menos, elementos que a história conspirou para tornar semelhantes. Desde os primórdios da aviação militar, as aves de rapina foram pensadas como aviões de guerra feitos de carne: seres perfeitos em termos de aerodinâmica e caráter predatório. Aves de rapina voam, caam e matam; aviões de guerra fazem o mesmo. Essas semelhanças foram aproveitadas pelos propagandistas militares, pois retrataram a guerra com aviões como parte da ordem natural da vida, assim como são gaviões e falcões. O encanto medieval da falcoaria também teve um papel nesse sentido, e logo tanto falcões e gaviões quanto os aviões estavam profundamente relacionados a cenas de guerra e defesa nacional. Há um exemplo extraordinário dessa relação no filme *Um conto de Canterbury*, de Powell e Pressburger, de 1944. Nas cenas iniciais, um grupo de peregrinos Chaucerianos cruza a região do sul da Inglaterra a caminho de Canterbury. Um cavaleiro retira o capuz de um falcão e o lança para o ar. A câmera continua focando suas asas batendo — uma tomada curta — e a silhueta do falcão se transforma em um Spitfire mergulhando. Voltamos o rosto do cavaleiro. É o mesmo rosto, mas agora usa o capacete de um soldado moderno observando o Spitfire no céu. A sequência ganha força pelo mito de um caráter britânico essencial e imutável ao longo do tempo, e mostra como os falcões tinham a capacidade de unir, de forma poderosa, o medievalismo romântico com a tecnologia precisa da guerra moderna.

Sentada ali no gramado, ouvindo os motores distantes sob um nebuloso céu de outubro, pensei no sonho em que meu pai aparece de p no local de um bombardeio. Ele ficou parado, à espera, como um

menino. Fora paciente e os aviões vieram. Lembrei-me então de uma história que ele havia me contado em uma manhã de sábado, enquanto tomávamos o café. É uma história interessante. Em uma pequena escala, transformava meu pai em um herói. Senti uma onda de gratidão. Houve semanas de pânico por não saber o que dizer na cerimônia em homenagem a ele, e agora eu sabia que essa história seria a parte principal da minha fala.

— Obrigada, papai — murmurei.

★ ★ ★

No caderninho cinzento de White, com uma cobra na capa, também há pesadelos com aviões. Eles surgem “dourados e prateados no meio da névoa azul”² vindo em sua direção; ele mergulha para o fundo da água, procura sótãos nos quais se esconder, mas os aviões sempre conseguem encontrá-lo, sempre sabem onde ele está. Deixam cair explosivos e gases venenosos, mergulham de cabeça para deixá-lo inerte. Representavam os temores de um garoto que cresceu à mercê de uma autoridade violenta: o pai, os professores, os monitores e agora os ditadores que arrastavam o mundo para uma guerra. Em *England Have My Bones*, White explica que tinha aprendido a pilotar por ter medo de aviões. Talvez seu medo não fosse só de cair; talvez, ao assumir para si o olhar de um aviador, suas aulas fossem uma tentativa de vencer o medo de perseguição. E, assim como havia enfrentado o medo de aviões, também enfrentou uma batalha com Gos. Pois o açor era a criança sombria e imoral de antigos bosques alemães. Era um assassino. Tinha todo o carisma de um ditador. Suas leis eram as mesmas de Hitler e Mussolini; era a violência e a irracionalidade do fascismo em um ser vivo. “Ele era um hitita”, escreveu White mais tarde, “um adorador de Moloch. Ele sacrificava as vítimas, saqueava as cidades, assassinava virgens e crianças a sangue-frio.”³ Comecei a ver, agora, outra leitura que poderia ser feita de *The Goshawk*: a história como algo parecido com uma guerra. Siegfried Sassoon tinha visto dessa forma, identificando a batalha que era travada nas páginas no livro. Quando foi publicado, White lhe enviou uma cópia, mas ele confessou não conseguir ler. Começou o livro, mas fracassou em chegar ao fim. “Eu agora me esquivo de qualquer coisa amedrontadora”, explicou ele, “e o que eu li foi agonizante.”⁴

A veia política de White era profundamente infeliz. Ele odiava o capitalismo e, embora tenha flertado com o comunismo em Stowe, adorando seu fervor revolucionário, começou a temer esse regime, pois, se houvesse uma revolução, temia perder sua individualidade e tinha certeza de que isso era tudo o que lhe restava. Agora se perguntava se poderia ser fascista. Não estava seguro. Detestava o nacionalismo, mas com certeza não acreditava que os indivíduos fossem iguais. Não gostava de Hitler. Mas tampouco apreciava o governo britânico. Tinha uma noção infantil de redenção apocalíptica: acreditava que a guerra, quando fosse declarada, traria desperdício, matança e a ruína da civilização, mas que ela poderia ser válida se emergíssemos das ruínas com sabedoria.

Era preciso escolher um lado. Democracia contra fascismo. O racional contra o irracional. Sangue ou paz. Pessoas ou coelhos. White escolheu matar os coelhos, em vez das pessoas, e escolheu travar a própria guerra com o açor. Por meio de Gos, ele enfrentou o ditador dentro de si. E, para ele, o treinamento do açor era salutar, pois acreditava que a guerra tinha surgido a partir da repressão imposta pela sociedade a necessidades humanas inatas. Como a ave não sabia dissimular, era um “tônico para o espírito selvagem menos direto do coração humano”.⁵

Assim a guerra foi travada, em uma cozinha e um celeiro, um jardim e um bosque. De um lado a outro do território em disputa, a batalha prosseguiu enfurecida. Quando White compreendeu que ele era o ditador, sentiu o gosto da derrota, trabalhou a perda do açor e o afastou. Então, veio um novo estágio da disputa: sua retirada para os abrigos no bosque. A partir desses pequenos esconderijos, ele esperava abater os açores que voavam como os aviões em seus sonhos.

Anos antes, ainda naqueles tempos felizes em St. Leonards, sua maior emoção tinha sido quando os avs o haviam levado às cavernas de Hastings, e o guia os conduzira para baixo da terra até as curiosas salas de arenito entalhadas por contrabandistas. “Em um determinado ponto nessa viagem subterrânea”, escreveu ele, “enquanto nós, crianças, babás e demais viajantes ficávamos mudos na areia silenciosa, que absorvia o som, o guia costumava apagar a vela, então ficávamos l na mais completa escuridão.”⁶ Ele adorava essa recordação. Para um garoto que sempre se sentira ameaçado pelo perigo, aquela caverna escura era um refúgio, e ele retornava para l em sua imaginação incontáveis vezes. Sonhava com túneis e cavernas como santuários. Chamava sua cabana no bosque de sua toca de texugo. Em *Gone to Ground*, ele fez um abrigo subterrâneo salvar um grupo de caçadores do fim do mundo; e em *A rainha do ar e das sombras*, o segundo livro da série *O nico e eterno rei*, ele relatou o encarceramento de Merlin durante séculos na caverna embaixo de uma montanha. A prisão está em Malory, mas a previsão desse destino por parte de Merlin, não. “Será encantador ter um descanso de uns cem anos”,⁷ afirma ele para o rei atnito.

Um retorno ao ventre seria uma maneira de ver essa obsessão com espaços privados e escuros. Porém, White os via não como o ventre da mãe que ele desprezava, mas como refúgios subterrâneos; eram seguros porque estavam ocultos dos olhos opressores do perseguidor.

★ ★ ★

Ele construiu um túmulo para si mesmo. É um barco arredondado feito de finos troncos de freixo, coberto com uma manta molhada com brotos de mostarda e grama. Ele espalhou as sementes na l e as esperou germinar. De manhã, caminhou com dificuldade, como uma tartaruga com a carapaça apoiada nos ombros e na testa, levou o barco para o bosque, colocou a manta por cima e se deitou no seu piso. Não tem fumo. Não pode fumar. Mal consegue se mexer. Ficou ali durante horas, tremendo de frio, deitado à espera dos açores que não vinham.  uma vigília, um sacrifício, assim como aquelas longas noites com o açor. Outra tempestade com raios e trovões cai sobre as Ridings. O céu  água enferrujada e as árvores parecem borradas de tinta. Grossos pingos de chuva martelam sobre a manta e se infiltram em seus fios; há a l molhada, o suor e a fragrância elétrica da tempestade trazida com o vento que se levantou. Ele está mais próximo deles agora, aqueles homens há tanto tempo mortos que o compreendiam. Ele jaz em um túmulo como eles. Prende a respiração quando caçadores passam por perto, homens que conhecem a floresta em todas as suas partes perfeitas, que têm a capacidade instintiva de ler a paisagem. Eles não o veem. Ele se tornou invisível. É quase como um milagre. O sofrimento do seu corpo é nulo perto da alegria de se livrar da dor de ser visto.

Era sempre ali, ajoelhada perto de Mabel e sua presa, que os pensamentos vinham, quando eu ficava imaginando como poderia fazer isso, como poderia caçar. Odeio matar. Sou contrária a pisar em aranhas e ridicularizada por salvar moscas. Agora, porém, entendia pela primeira vez o que significava sede de sangue. Foi só quando alinhei meus olhos com os do açor que isso fez sentido, mas fez mais sentido do que qualquer outra coisa no mundo. Quando via pássaros voando acima da minha cabeça, eu me virava na direção deles e os seguia com uma espécie de anseio.

Caçar com o açor me levou ao extremo da minha humanidade. Depois me conduziu além, até um lugar onde eu não era nada humana. A ave voando, eu correndo atrás dela, terra e ar formando um padrão de detalhes profundos e arqueados, suficiente para bloquear qualquer coisa como o passado ou o futuro, de modo que a única coisa que importava eram os próximos trinta segundos. Eu sentia a súbita rajada da brisa de outono sobre o cume redondo da colina, e a necessidade de mudar o rumo para a esquerda, de tombar para a direção do declive a sota-vento onde estavam os coelhos. Eu me arrastava e caminhava e corria. Eu me agachava. Olhava. Via mais do que jamais vira. O mundo se juntava à minha volta. Fazia todo sentido. Mas eu só sabia coisas de açores, e as linhas que me desenhavam naquela paisagem eram as mesmas que desenhavam o açor: fome, desejo, fascinação, a necessidade de encontrar, voar e matar.

No entanto, toda vez que o açor capturava um animal, eu deixava de ser animal de novo e virava uma pessoa. Esse era o incrível quebra-cabeça, jogado repetidas vezes. Como os corações realmente param. Um coelho prostrado em uma pilha de folhas, preso por oito garras, o açor estendendo suas asas sobre ele, a cauda em leque, os olhos ardendo, as penas da nuca eriçadas, em uma posição tensa e selvagem. Então eu me abaixava e colocava a mão nos músculos do coelho, com a base de uma das mãos na parte de trás da cabeça do animal, onde o pelo era macio e de cor amarelada, eu puxava uma, duas vezes, com força, a outra mão segurando as patas traseiras, e quebrava o pescoço. Um movimento de chute, e os olhos se embaçavam. Eu tinha que verificar se o coelho estava morto tocando seus olhos delicadamente. Tudo para. Para. Para. Eu precisava fazer aquilo. Se eu não matasse o coelho, o açor se posicionaria em cima dele e começaria a comê-lo; e, em algum momento desse ato, o coelho morreria. É assim que os açores matam. A fronteira entre a vida e a morte está em alguma parte durante a refeição. Eu não poderia deixar aquele sofrimento acontecer. Caçar faz de você um animal, mas a morte de um animal faz de você um ser humano. Ajoelhando-me junto do açor e da sua presa, eu sentia uma responsabilidade tão grande que trucidava meu peito, expandindo-se para um espaço do tamanho de uma catedral.

Durante anos eu explicara que preferia comer um animal capturado por um falcão a bichos que tiveram uma vida cega, amontoados em um celeiro ou uma jaula. Em um minuto o coelho está lá, mexendo o focinho em um campo que cheira a urtiga e raízes de grama; depois está correndo; depois é

capturado; depois está morto. Eu dizia às pessoas que não havia danos na falcoaria: ou os bichos são apanhados, ou fogem, e eu lhes dizia, também, que nada era desperdiçado: tudo que um falcão caça é comido por ele ou por mim. Se você opta por comer carne, eu dizia, esta é a melhor maneira de consegui-la.

Esses argumentos, porém, pareciam mesquinhos agora, além de despropositados. Não tinham nada a ver com o que de fato ocorre. Estar lá, com um açor e um coelho capturado que se estremecia, chutava o ar e morria. E o mundo me cortando. O sério dilema sobre o todo, o que significava a morte e a partida. “Mas como você conseguiu fazer isso?”, perguntavam as pessoas. Alguém comentou que era uma maneira de destruir o mundo, uma peça de cada vez, após a morte do meu pai. “Os coelhos representavam você?”, perguntou outra pessoa. Não. “Você estava matando a si mesma?” Não. “Você se lamentou?” Sim. Mas o remorso não era por ter matado um animal. Era remorso *pelo* animal. Sentia pena dele. Não que eu me sentisse melhor do que o animal. Não se tratava de condescendência. Era um pesar por todas as mortes. Eu estava feliz pelo sucesso de Mabel e lamentava por aquele coelho. Ajoelhada ao lado do seu corpo, eu tinha uma consciência precisa dos meus limites. A chuva gotejando na minha gola. Dor em um dos joelhos. Arranhões nas pernas e nos braços por eu ter me arrastado em uma cerca viva, que não tinham doído até agora. Em uma compreensão profunda, silenciosa, da minha própria mortalidade. *Sim, eu vou morrer.*

Compreendi aquela sensação passageira do peso da responsabilidade nos ombros que me permitiu abaixar e aplicar o *coup de grâce* em um coelho preso firmemente nos pés de Mabel. Parte de mim tinha que se manter firme, e a outra eu tive que desconectar. Não há frase melhor para descrever o que acontecia do que a famosa frase: *Você tem que endurecer o coração*. Aprendi que endurecer o coração não era a mesma coisa que não se importar com algo. O coelho sempre foi importante. Sua vida nunca foi considerada banal. Eu era responsável por essas mortes. Pela primeira vez na vida, eu deixava de ser uma observadora. Estava me responsabilizando por mim mesma, pelo mundo e por todas as coisas que fazem parte dele. Mas apenas quando eu matava. Os dias eram muito sombrios.

★ ★ ★

E ficaram ainda mais sombrios. Dirigindo de volta para casa certa tarde passei por um grupo de pessoas caminhando, observando um coelho caído na margem de grama do outro lado da estrada. Elas estavam irritadas. Seus ombros indicavam preocupação. Parei o carro um pouco adiante na estrada e esperei. Não queria falar com ninguém, mas a angústia que sentiam me deteve. Elas sabiam que o coelho estava doente e queriam fazer algo, mas ninguém sabia o quê, e ninguém foi corajoso o suficiente para se aproximar. Durante minutos sem fim, eles encararam o animal, incapazes de interferir, relutantes em partir. Mas depois seguiram seu caminho. Quando já tinham ido embora, saí do carro e me aproximei do monte de pelo. Era um coelho de pequeno porte. Seus músculos estavam enfraquecidos, sua cabeça coberta de tumores, seus olhos inchados e cheios de pústulas. Estava coberto de lama. Não conseguia enxergar.

— Ah, coelho — falei. — Sinto muito. — Abaixando-me, endureci meu coração e pus um fim àquela agonia.

O coelho tinha mixomatose. A doença chegou à Grã-Bretanha em 1952 e em dois anos o vírus — originalmente da América do Sul, mas já introduzido por seres humanos na Austrália e na Europa —

matou noventa e cinco por cento da população britânica de coelhos. Dezenas de milhões de cadáveres encharcados de chuva entulhavam as estradas e os campos, e o desaparecimento dos animais teve efeitos imensos na paisagem dos campos: a vegetação que servia de pasto a coelhos cresceu espessa formando moitas, e as populações dos predadores diminuíram de forma significativa. Os coelhos se recuperaram desde então, embora não tenham alcançado os números que antes considerávamos normais. E, mesmo que o vírus seja menos agressivo hoje em dia, ainda ocorrem surtos.

Aquele pequeno coelho continuava na minha mente. Sua imagem não desaparecia. Parecia uma assombração, algo advindo do passado, de quando eu era menina e a economia rural passava por uma crise. Não eram apenas os coelhos que morreriam. Populações de falcões estavam em queda por causa dos pesticidas agrícolas. Olmos esqueléticos foram derrubados e queimados. As lontras sumiram, os rios ficaram poluídos, aves aquáticas morreriam em mares com manchas de óleo. Tudo estava doente. Seríamos os próximos. Eu sabia disso. Todos nós. Eu sabia que em uma manhã haveria uma sirene, depois um facho duplo de luz no horizonte. Eu olharia para cima e veria ao longe uma nuvem em forma de cogumelo, e, então, com o vento, chegariam as partículas liberadas pela explosão nuclear. Poeira invisível. E então tudo morreria. Ou voltaríamos à Idade da Pedra e viveríamos vestidos de trapos amontoados em torno de ruínas e incêndios fumegantes. Porém, mesmo este débil sonho de sobrevivência estava ameaçado. “Vamos construir um abrigo contra radiação debaixo do jardim?”, perguntei aos meus pais certa tarde após a escola. Eles se entreolharam. Talvez não tivessem compreendido, pensei, então prossegui: “No folheto dizem que devemos construir um abrigo embaixo da escada, e não tem muito espaço ali para vocês, eu e o James.” Seguiu-se um longo silêncio, depois eles me contaram suavemente que nossa casa ficava muito próxima de diversas instalações militares muito importantes. “Não há motivo para preocupação”, disseram eles. “Não vai haver poeira radioativa. Se houver uma guerra, nós nem vamos saber. Vamos ser evaporados instantaneamente.” Essa informação — nem preciso falar — não ajudou em nada. Rabisquei meu nome em pedaços de ardósia e as enterrei no jardim o mais fundo que consegui, embaixo da terra. Talvez elas sobrevivessem ao apocalipse.

★ ★ ★

A arqueologia do luto não segue uma ordem. É mais como a terra sendo cavoucada por uma pá, revolvendo coisas que você tinha esquecido. Coisas surpreendentes vêm à tona: não meramente memórias, mas estados de espírito, emoções, antigas maneiras de ver o mundo. O coelho era um fantasma do apocalipse da minha infância, e naquela mesma semana outro fantasma apareceu. Esse último não era um coelho, mas um livro. Eu o tinha retirado da estante de um amigo: uma nova edição de *The Peregrine*, de J.A. Baker, a história de um homem que observava de maneira obsessiva falcões-peregrinos selvagens que migravam no inverno na região rural do condado de Essex, no final da década de 1960. Não o lia havia anos. Eu me lembrava do livro como uma celebração poética da natureza. Porém, quando comecei a lê-lo, descobri que a obra não tinha nada a ver com isso. O livro, pensei com um calafrio, *vem do mesmo lugar que aquele coelho*. Vi nele o terrível desejo de morte e aniquilação por parte do autor, um desejo disfarçado de uma elegia para aves que voavam pelos céus envenenados, falcões de um brilho ardente e com lampejos estanho como o reflexo do sol, recordações que existiam, antes que desaparecessem.

Eu tinha medo de Baker e do que ele representava. Não temia tanto White. Apesar de seu desastre

com Gos, apesar de sua ânsia por atos cruéis e sua péssima visão política, White lutou bravamente contra a morte. Ele gostava das pequeninas coisas do mundo e, sabendo que a guerra se aproximava, vivia na esperança de milagres. No livro de Baker, não achei nenhum indício de esperança. Para ele, o mundo estava morrendo, e seus falcões eram ícones da extinção: nossa, deles e de si mesmo. Não havia conflito em Baker. Ele compartilhava o destino dos falcões; não tinha alternativa a não ser segui-los. Sentia-se atraído por eles exatamente como as gaivotas e as tarambolas do seu livro se elevavam indefesas em direção ao bote letal do falcão-peregrino, exatamente como os bicos-bússola de todos os passarinhos escondidos nas cercas vivas apontavam apavorados em direção ao ímã que era o falcão voando. Não havia nenhum nome geográfico, nenhuma pessoa em seu livro. Essas tinham se distanciando. Eu compreendia isso melhor agora, pois conhecia o chamado do falcão, e sabia como o mundo era capaz de sumir na luz que ele emanava. Mas os seus falcões eram feitos de morte. Confusa, eu tinha esperanças de que minha ave fosse vida. Esperava isso sinceramente.

Nunca tinha acreditado nas aves de Baker, porque eu conhecera falcões reais antes de ler o livro: aves bem-dispostas, simpáticas aos falcoeiros, que arrumavam as penas com os bicos nos gramados dos subúrbios. Mas a maioria dos meus amigos que adoram pássaros leu o livro de Baker antes de ter visto um falcão ao vivo e agora não consegue ver os peregrinos sem considerar distância, extinção e morte. Coisas selvagens são feitas de histórias humanas. Quando eu era criança, detestava o que White pensava do açor dele. Mas o fantasma de Gos se movimentava por trás das penas vivas e estampadas do meu próprio açor. E ainda havia fantasmas mais sombrios por trás dele.

Alguns anos atrás, visitei um amigo que na época era presidente do British Falconers' Club, o clube britânico de falcoaria. Batemos papo tomando chá e comendo biscoito. Falamos sobre a história da falcoaria por um tempo, sobre a história do clube, e então ele disse:

— Venha ver uma coisa.

Abriu um armário, e ali, bem no fundo, semiobscurecido pelos apetrechos normais de qualquer casa, eu vi.

— *Ah, meu Deus* — falei. — Gordon, é o que estou pensando?

Ele me olhou e aquiesceu.

— Detesto — disse ele. — Não suporto ter isso em casa.

Eu me curvei e o apanhei. Era um falcão de bronze de pé em uma base de coluna vertical, pesado, estilizado e um pouco gasto ao redor das asas.

— Que merda, Gordon. Me dá arrepios — comentei.

— Em mim também — respondeu ele.

A estatueta era muito valiosa e feita com muito esmero, mas tanto eu quanto meu amigo desejávamos que nunca tivesse sido feita.

Em 1937, Gilbert Blaine e Jack Mavrogordato foram convidados para a Exposição Internacional de Caça, na Alemanha. Viajaram para Berlim a fim de ir a uma amostra da falcoaria britânica: falcões empalhados em poleiros, equipamento de falcoaria, fotografias, livros e pinturas. Suspeito que o convite de última hora foi em parte um disfarce diplomático: viajando com eles estava o secretário de Relações Exteriores, lorde Halifax, que era a favor da política de conciliação e fora convidado para o evento para ter uma reunião secreta com Hitler.

Não havia mais do que cinquenta falcoeiros em toda a Alemanha, mas o simbolismo da atividade estava

florelando no Reich. Na capa do catálogo da exposição, um Übermensch nu, estilizado, apoiava um falcão dourado no punho. A Deutscher Falkenorden, associação alemã dos falcoeiros, tinha recebido patrocínio governamental, e um vasto Centro de Falcoaria do Estado, uma construção com estrutura de madeira, fora recém-montado na floresta em Riddagshausen. Em Berlim, Blaine e Mavrogordato atravessaram salas em cujas paredes havia milhares de chifres e bandeiras vermelhas com suásticas. Eles admiraram as aves de rapina alemãs, águias e falcões pousados em poleiros, mas ficaram menos impressionados com as demonstrações de falcoaria ao ar livre. Observaram um falcão sacre capturar um pombo amarrado e uma águia ser lançada para um coelho tão domesticado que ficou sentado mordiscando o gramado até a águia pousar.

Apenas dois países fizeram exposições de falcoaria na exposição de Berlim. A Alemanha ficou em primeiro lugar com sua apresentação e o British Falconers' Club, em segundo. O falcão de bronze que retirei do armário de Gordon era o prêmio. Fora enviado ao clube, após a exibição, por Hermann Göring. Göring: o braço direito de Hitler, comandante em chefe da Luftwaffe, o Jägermeister do Reich, o homem que teria atado fogo no Reichstag. A falcoaria o encantava. Não apenas porque considerava um esporte romântico dos antigos reis teutônicos. Os falcões propriamente ditos constituíam uma elite natural, a naturalização perfeita da ideologia nazista: protótipos vivos de poder, sangue e violência; predadores sem pena de coisas mais fracas do que eles mesmos. O retrato de Göring de seu falcão predileto, um gerifalte branco de pé em um penhasco, é inteiramente condizente com as convenções da representação pictórica nazista: banhado pela luz do sol matutino, as asas semiabertas, o falcão tem o olhar frio, fixo ao longe. Göring também tinha um açor treinado: eu o vira empalhado e pousado em um galho em um arquivo americano anos antes. Era um grande açor com plumagem adulta, ainda usando jesses e guizos, os dedos secos fechados em torno de um galho empoeirado. Estava empalhado de forma perfeita. Alguém fizera um excelente trabalho para deixá-lo com aparência de vivo. Fitei seus olhos de vidro, gélido até os ossos, e imaginei se seria um parente de Gos. Havia muita chance de ser primo da ave de White, já que o homem que pintara o gerifalte de Göring, o homem que dirigia o Deutscher Falkenorden, que conseguira o patrocínio estatal para a falcoaria e projetara o Reichsfalkenhof, era Renz Waller. Ele era o homem que tinha enviado Gos para White; o homem para quem o autor tinha escrito implorando por um novo açor. E que escrevera de volta algumas semanas depois dizendo que sem dúvida ele iria tentar “encontrar para o senhor um Gos jovem.”¹

★ ★ ★

Um novo açor! Cheio de entusiasmo, White destampou a caneta e escreveu *Plano para um Gos jovem*² na capa interna de sua nova cópia do *Treatise*, de Bert. Ele registrou planos de treinamento nos mínimos detalhes, que vibravam com nova autoridade. “Observar o açor à noite, mantendo-o sempre em movimento”, escreveu. “Ter um assistente para revezar turnos nessa tarefa.” Mas o novo açor não viria. No dia anterior à data estipulada para a chegada da ave, White foi levado às pressas para o hospital com apendicite, como se o corpo dele estivesse se rebelando contra a perspectiva de mais uma batalha exaustiva. A ideia de enfrentar o bisturi do cirurgião o aterrorizava. “Isso me fez sentir mais limpo de algum modo obscuro”, escreveu ele para John Moore após a operação. “Acho que sou corajoso e o mestre da minha alma, afinal de contas.”³ White sobreviveu à crise e retornou a seu chalé. Por algum

tempo, cortejou a enfermeira da noite, Stella, que cuidara dele no hospital. Mas ele a considerava uma criatura totalmente estranha e, quando viu que ela poderia de fato querê-lo, rejeitou-a de forma cruel.

O inverno foi longo e sombrio. Havia algo mítico sobre a progressão lenta da neve para o degelo, para a neve e de novo para a lama, a tristeza e a doença, como se, superando-o, ele estivesse atravessando muitas eras. A esperança voltou com a primavera. Ele encheu a casa com órfãos: pombas e filhotes de pombos, uma coruja cor de caramelo chamada Arquimedes e um par de filhotes de texugo. Então, em abril, White se dirigiu até Croydon para receber um novo açor, uma fêmea que ele chamou de Cully. Ela chegou em péssimo estado. Ao ser capturada, metade das penas de sua cauda tinham quebrado, assim como a maior parte das primárias da asa esquerda. White se concentrou em diagramas de livros de falcoaria, cortou penas de búteos do mesmo tamanho, colou e fixou essas substitutas nos cálamos aparados das asas e da cauda. A reconstituição das asas: ele sabia que essa técnica era uma das grandes artes dos falcoeiros. Mas a reconstituição foi um trabalho malfeito, e todas as vezes que a ave se debateu nas oito semanas de treinamento ficou sem cauda, com a asa avariada, quase incapaz de voar.

Mas ela voou. A ave voou livre. Com o coração palpitando, ele a fez voar livre. Enfim caçaria com uma ave de rapina que ele mesmo treinara. Seus sonhos deslumbrantes de autossuficiência, seus sonhos de crueldade inocente: tanto uns quanto outros estavam ao alcance. Porém, a estação já estava chegando ao fim, e ele sabia que Cully teria que ser preservada para a muda. Gaviões e falcões perdem e substituem todas as suas penas uma vez por ano, e, durante esse período, não são levados a voar, mas ficam soltos em um local espaçoso e fechado e são alimentados ao seu bel-prazer. Mas White precisava desse único êxito. E uma noite, nas Ridings, após dias de perseguição infrutífera, ele liberou o açor esfarrapado em direção a um coelho, na Riding de Tofield. Após um voo infeliz e imperfeito — em um dado momento, em vez de voar, a ave atrás do coelho —, Cully agarrou o bicho pela cabeça. White correu até onde estavam, apanhou a faca de caça e pregou o crânio do coelho no chão. Desejos que nunca haviam florescido enquanto cortejava a enfermeira foram liberados em uma onda de escuridão. “Pense em luxúria”, escreveu ele, sobre matar o coelho. “Luxúria de sangue genuína é assim.”⁴

Dia da Maçã

Ah, meu Deus. O que estou fazendo aqui? Estou sentada em uma cadeira branca de plástico debaixo de uma tenda. Três metros atrás de mim, Mabel era como uma sombra sobre a água; as asas firmemente cruzadas, como se estivesse prestes a desembainhar uma espada, os olhos arregalados de terror. Sei como ela se sente. *Gente demais*, penso, me remexendo no assento. *Gente demais*.

— Então, Helen. O proprietário de uma fazenda nos pediu para levar alguns falcões para o Dia da Maçã — Stuart dissera.

— Dia da Maçã?

Meu amigo me contou que era uma feira pequena, uma celebração da história rural, da produção agrícola e da culinária local.

— Não vamos fazer nenhum treinamento, apenas expor os falcões e gaviões em uma tenda para que o público possa vê-los. Vou levar meu falcão macho. Greg vai levar o falcão-tagarote dele. Alan vai com algumas águias. Você poderia levar Mabel?

— Sim, claro — respondi. — Sem problemas.

Eu consigo fazer isso. Já trabalhei em um centro de falcoaria, oras. Tudo o que fiz durante meses foi mostrar falcões ao público. Porém, à medida que o dia se aproximava, fui ficando mais aflita. *Como será que Mabel vai lidar com isso?* Dois meses atrás, ela era um açor à prova de bombas, à prova de multidões. Mas os açores não são como as outras aves de rapina. Eles precisam de treinamento constante para ficarem dóceis. Agora que estávamos morando no subúrbio, uma área mais vazia, havia semanas que não víamos ninguém. Mabel tinha se esquecido de como não ficar com medo das pessoas. *Assim como eu*. Cerro os dentes com tanta força diante da multidão que começo a sentir dor na mandíbula.

Depois de vinte minutos, minha ave levanta uma pata. Parece ridícula. Ela não está relaxada o suficiente para afofar as penas; inclusive parece uma foca encharcada e multicolorida. Mas faz uma pequena concessão à tranquilidade e fica ali parada, como um homem que dirige com uma das mãos descansando na alavanca de câmbio. Ela parece pateticamente miúda perto dos outros pássaros. À esquerda está uma águia-real, uma enorme ave desajeitada com penas do peito semelhantes a uma armadura e patas do tamanho de mãos humanas. À direita está uma águia-belicosa macho, um monstro preto e branco matador de antílopes, com penetrantes olhos brancos. É imensa, maior do que a maioria dos cachorros que passa pela cerca de arame na frente da tenda; ela os observa, com sua crista preta levantada que parece feita de pétalas de crisântemo, em uma distraída especulação de matança.

Stuart trouxe o falcão-peregrino. Greg trouxe o falcão-tagarote, uma pequenina joia em tons de azul-acinzentado e cobre com garras douradas. Enquanto o falcão-tagarote se alisa com o bico, Greg fica conversando com os espectadores, sentado de pernas cruzadas, usando seu casaco de caxemira vermelho com buracos no cotovelo. Alan, o homem-águia, está tomando chá em um copo de plástico, descansando

um cotovelo no poleiro alto de um sacre, que o fita com um olhar meigo e brincalhão.

Não consigo ficar sentada tranquila. Saio para dar uma caminhada pela feira. Não é muito grande, mas é cheia de coisas surpreendentes. A fumaça vinda de uma churrasqueira feita com um barril de óleo, formando espirais por entre as folhas de castanheiro quase secas. Por trás da árvore, uma antiga prensa de cidra feita de madeira, servindo suco de maçã em canecas. O resto das maçãs prensadas cai ao lado, formando uma espécie de acúmulo de polpa, e o homem que aciona o mecanismo grita alguma coisa para o floricultor enrugado no estande ao lado, com mudas de árvores para vender. Descubro um estande de bolos, outro de pintura facial, um estande com um viveiro cheio de cobras, aranhas e bichos-paus do tamanho da mão de uma pessoa. Uma banca de abóboras ao lado de um caminhão de sorvete. Um menino ajoelhado perto de uma gaiola para animais pequenos observando um coelho embaixo de um papel com os dizeres MEU NOME É FLOPSEY. O menino diz “Oi, Flopsey”, levando a mão até a grade. Vou até uma tenda branca, e sob ela, em uma sombra esverdeada, encontro mesas rústicas servindo de apoio para centenas de variedades de maçãs. Algumas têm o tamanho de um ovo de galinha; outras são gigantescas, precisariam de duas mãos para serem seguradas. Cada variedade se acomoda em um compartimento de madeira rotulado. Caminho vagorosamente entre as maçãs, admirando suas pequenas diferenças. Laranja suave, rajada com listras cor-de-rosa com o padrão de um tigre. *Charles Ross. Berkshire pré 1890. Dupla utilização.* Uma pequenina com pontos rosados semelhantes aos de uma casca de árvore sobre a base verde-clara. *Coronation. Sussex 1902. Sobremesa.* Conjuntos de bolas verdes em miniatura, a lateral em um tom escuro de rosa. *Chivers Delight. Cambridgeshire 1920. Sobremesa.* Maçã enorme, tom forte de amarelo pontilhado de vermelho-vivo. *Peasgood’s Nonsuch. Lincolnshire 1853. Dupla visualização.*

As maçãs me animam. Os quiosques também. Chego à conclusão de que a feira é algo maravilhoso. Vou passeando até minha cadeira, Mabel relaxa e eu também. Devoro um hambúrguer, bato papo com meus amigos falcoeiros. Trocamos histórias, contamos piadas, expomos velhas mágoas, discutimos qualidades, habilidades e voos de várias aves de rapina nos mínimos detalhes. Fico surpresa de subitamente notar como a falcoaria britânica mudou desde os tempos de Blaine e White. Na época deles, era um esporte aristocrático, restrito a oficiais e cavaleiros. Na Alemanha, a falcoaria tinha se alimentado dos terríveis sonhos de um passado ariano inventado. No entanto, aqui estamos agora, em toda nossa variedade. Um ex-ciclista marceneiro, um ex-soldado tratador de jardim zoológico, dois outros tratadores, um eletricista e uma ex-historiadora. Quatro homens, duas mulheres, duas águias, três falcões e um açor. Tomo um gole de uma garrafa de cidra e, de repente, a companhia desse grupo é tudo o que sempre desejei.

— Com licença? Isto é um açor?

Ele está na casa dos quarenta anos, usa óculos. Um homem atarracado, animado, segurando uma criança irrequieta.

— Espere um pouco, Tom — diz o homem. — Vamos comprar um sorvete. Só quero falar com esta senhora um segundo.

Abro um sorriso. Sei como é segurar uma criatura que gostaria de estar em outro lugar. Então meu coração vacila, só um pouquinho.

Sem pai, sem parceiro, sem filho, sem emprego, sem casa.

Contenha-se, Helen, falo para mim mesma.

— É seu? — ele continua. — Uau.

Conto a ele sobre o açor. Ele ouve. Depois seu rosto fica sério e triste.

— A senhora tem muita sorte — diz. — Eu sempre quis praticar falcoaria. A vida toda. Colecionei livros e tudo o mais. Mas nunca encontrei tempo para isso. — Ele faz uma pausa. — Talvez um dia. — Ele abraça Tom puxando-o para mais perto. — Vamos, garoto — fala, e os dois se afastam em direção ao caminhão de sorvete.

★ ★ ★

Ar branco e ossos doídos. Outra enxaqueca. Tomei um analgésico e um antitérmico. Minha cabeça ainda dói. Há uma luz nevoenta e acobreada do lado de fora, como se alguém tivesse colado papel-manteiga no vidro. Volto para a cama. *Tenho que treinar um açor*, penso quando acordo. *Tenho que treinar um açor*. Mas estou achando tão difícil me mexer que secretamente torço para que o peso do açor esteja inapropriado, ou o clima. Não tenho desculpa para permanecer na cama. Tanto a ave quanto o tempo estão ótimos.

Sáimos de carro em uma tarde estranha, ensolarada e sem vento. O clima faz com que a paisagem pareça uma escultura de metal esmaltada. Nuvens, guirlandas de folhas, casas. Tudo no mesmo plano, cravado como um cenário. O ar cheira a fumaça. Estou indescritivelmente cansada. Estaciono o carro no acostamento perto do campo, troco os jesses de Mabel, tiro seu capuz, e ela se coloca *in yarak* em um instante. Ela sabe onde está. E aqui estamos nós. E lá estão os coelhos. Ela larga o punho. No minuto em que sai, a dor de cabeça desaparece e a exaustão se dissipa. O voo de Mabel está muito mais elegante. Ainda fico pasma vendo quanto ela é veloz. Quando observo seu voo intuitivo, encrespado, certo, para longe de mim em direção a um alvo distante, juro que o mundo em torno dela desacelera. Ela parece se mover na velocidade exata, e tudo à sua volta, coelhos correndo, folhas caindo, um pombo voando, todas essas coisas desaceleram como se estivessem se movimentando mergulhadas em algum líquido.

Estou cada vez mais fascinada com a qualidade da atenção de Mabel. Começo a acreditar naquilo que Barry Lopez certa vez chamou de “a conversa da morte”, algo que ele viu na troca de olhares entre uma rena e os lobos prontos a atacar, uma negociação sem palavras que termina com os participantes decidindo se vão se tornar caçador e caça ou simples passantes. Fico me perguntando se meu açor faz isso. Com Mabel de volta ao punho, caminho na direção de três coelhos. Estão parados na grama, logo ali, a não mais do que três metros. Mais perto. Um metro e meio! Mabel está *in yarak*, em seu ápice, mas os ignora. Ela olha com interesse para a outra extremidade do campo. Algo lá longe, a uns seis ou sete segundos de voo.

— Mabel! — murmuro. — Olhe! — E tento posicionar minha mão de modo que a cabeça dela se volte para os coelhos debaixo do seu nariz.

Um deles começa a pular. *Está logo ali*. Ela ainda ignora. Não compreendo. Ela inclina o pescoço para o outro lado do campo de novo. E de repente meu punho está vazio. Ela partiu, voando até lá, muito baixa, muito rápida, dançando por entre o topo das urtigas, perdendo um coelho, fazendo cálculos em milésimos de segundo e trocando de foco, depois colidindo com outro coelho. Esses eram os animais com quem ela estava conversando.

Corro até o local. Não consigo vê-la em parte alguma. *Onde está?* Há urtigas por todo lado, mas apenas rebrotando, não mais que oito centímetros de altura. *Onde está o meu açor?* Prendo a respiração. Silêncio. E então ouço guizos abafados, abafados. Enfim localizo sua cabeça serpeando para fora das

urtigas. *Mas o que...* Ela parece desanimada, subjugada, as penas dobradas por causa do esforço. Ah, agora consigo ver. As asas estão estendidas para que se mantenha firme no chão, já que o coelho que ela capturou entrou na toca e ela tenta evitar ser puxada para dentro do buraco. O bico está aberto com o esforço. Enfio a mão no esconderijo, vou tateando por suas pernas incrivelmente longas e encontro uma pata de coelho. Ela o está prendendo, mas com pouca firmeza. Seguro a pata e tento pensar em como puxar o coelho para fora da toca. Arrasto um pouco, e o coelho reage. O açor guincha. Mudo o ângulo e, lentamente, como um grosseiro e maligno ilusionista, puxo o coelho do buraco e o lanço na grama. O açor bate as patas e dança, muda o ponto de captura da pata traseira para a cabeça, e o coelho fica inerte. Mabel tem tanta raiva que golpeia o coelho por uma eternidade com as patas, mesmo depois de morto, e começa a retirar seus pelos. Ela faz isso durante minutos e logo estamos rodeadas por um grande círculo de pelo cinzento macio.

★ ★ ★

A conversa da morte. A expressão ficou grudada na minha mente. Pensava nela nos momentos mais estranhos — ao tomar banho, ao coçar o nariz, ao me abaixar para apanhar uma xícara de chá quente. Meu inconsciente está tentando me dizer algo, e, apesar de estar gritando alto demais, não escuto o que ele diz. As coisas estavam dando errado. Muito errado. Certa tarde, Mabel pulou do poleiro para o meu punho e fincou quatro garras em meu braço direito sem luva. Congelei. O sangue pingava no chão da cozinha. Eu não conseguia fazer nada. Sua pegada era muito forte. Tive que esperar até que resolvesse sair. A pressão foi imensa, mas a dor, embora torturante, acontecia a outra pessoa. *Por que ela fincou as garras em mim?*, pensei, ansiosa após ela ter se soltado e vivido como se nada de mais tivesse acontecido. *Nunca foi agressiva antes.* Eu tinha certeza de não ter feito qualquer coisa para provocá-la. Será que seus sentidos estão aflorados? Será que a balança quebrou? Passei uns quinze minutos remexendo na balança, com pilhas de moedas, tentando calibrá-la. Não havia nada errado. Mas algo estava errado comigo. Não era apenas uma ferida provocada por um açor. Eu estava me tornando muito ansiosa. Eu me assustava quando o carteiro batia na porta; tinha um sobressalto quando o telefone tocava. Parei de me encontrar com as pessoas. Cancelei a palestra na galeria. Trancava a porta da frente com cadeado. Na colina, fugia de pessoas caminhando, me esquivava atrás de sebes quando veículos subiam a trilha. Alguns dias ficava deitada na cama com uma dor tão misteriosa que comecei a pensar que a única explicação era que eu tinha uma doença terminal.

Era possível explicar como eu me sentia recorrendo a livros e artigos. Era só ler Freud, ler Klein. Ler qualquer uma das incontáveis teorias sobre apego, perda e luto. Mas esse tipo de explicação que vinha de um mundo fora do universo de um açor não proporciona nenhuma ajuda. Seria como explicar o amor perscrutando a tomografia do cérebro de um apaixonado. É preciso procurar explicações diferentes.

O antropólogo Rane Willerslev viveu durante um ano em uma comunidade iucaguir no nordeste da Sibéria e ficou fascinado com a maneira como seus caçadores viam a relação entre seres humanos e animais. Os caçadores, escreveu ele, pensam que “homens e animais podem se transformar uns nos outros, assumindo os corpos dos outros temporariamente.”¹ Se alguém quiser caçar um alce, se veste com peles de alce, caminha como alce, assume uma consciência alheia, de alce. Se fizer isso, o alce vai reconhecer a pessoa como um dos seus e caminhará na direção dela. Porém, explicou Willerslev, os caçadores do povo

siberiano consideram essas transformações muito perigosas, porque poderiam fazer o indivíduo perder sua “identidade original e passar por uma metamorfose invisível”. Transformar-se em um animal pode colocar a alma humana em perigo. Willerslev citou a história de um caçador que vinha seguindo os rastros de uma rena havia muitas horas e terminou em um acampamento que não lhe era familiar, onde as mulheres que ele não conhecia lhe deram líquen para comer, então ele começou a esquecer as coisas. Lembrava-se da esposa, mas não do nome dela. Confuso, adormeceu, e só quando sonhou que estava cercado por renas pressionando-o a ir embora foi que ele viu o que tinha feito.

Essa história me deu calafrios, porque era assim que eu me sentia. Eu tinha me transformado em uma ave. Tinha assimilado todas as características dos açores descritas nos livros. Estava nervosa, hipersensível, paranoica, propensa a ataques de pânico e raiva; me alimentava avidamente ou não comia nada; fugia da sociedade, me escondia de tudo; me encontrava vagando em lugares estranhos onde eu não tinha certeza de quem ou o que eu era. Caçando com Mabel, dia após dia, eu assumira — em minha imaginação, é óbvio, mas só podia ser assim — a perspectiva diferente da ave, sua compreensão animal do mundo. Isso me trouxe algo semelhante à loucura, e eu não compreendia o que tinha feito. Quando era pequena, achava que me transformar em um falcão proporcionaria uma sensação mágica. O que li em *A espada na pedra* me estimulou a pensar, também, que proporcionaria algo bom e construtivo; uma aula de vida para uma criança que se tornaria um rei. Mas agora a aula estava me matando. Não era a mesma coisa, de forma alguma.

★ ★ ★

Dois dias antes da homenagem ao meu pai, algo muito estranho aconteceu na colina. Estávamos subindo acompanhando uma cerca viva que corria ao longo da extremidade de um campo de vegetação rasteira. Sobre a sebe, havia um faisão; eu o ouvi assobiar e correr, como um rato, pela vala úmida e cheia de urtigas. Mabel também ouviu. Ela disparou para cima da sebe e ali se empoleirou, fora do ângulo de visão, virada para o outro lado. Seu sangue estava fervendo, assim como o meu. Com os ombros, fui abrindo caminho, sabendo que, a qualquer instante, o faisão passaria como um foguete na minha frente em um estrépito de penas. Enfiei a cabeça na sebe. Ouvi uma rajada de ar e senti um golpe vacilante. Eu me desequilibrei. Levei um golpe de um açor! Primeiro só a escuridão, depois um campo de estrelas. A seguir, uma esquisita sensação proprioceptiva de estar usando uma coroa de espinhos; um complicado halo de dor em torno da cabeça. Ela quicou em mim, deixou oito incisões de garras nas minhas costas e voltou para o topo da árvore, esticando o pescoço para ver o faisão, que havia feito aquilo que todos os faisões fazem melhor: fugir. Balancei a cabeça sem ânimo. *Ela pensou que eu era o faisão. Ela não sabia que era eu.* Um estranho zumbido nos ouvidos, e então uma calma silenciosa à medida que as endorfinas faziam seu trabalho. Estiquei a mão e apitei para que ela descesse até o meu punho, depois mecanicamente andei ao longo do resto da cerca viva. Nesse momento, estávamos caminhando ao sol, e comecei a sentir um prazer quente, inconfundível, em meio à vaga aura dourada que nos banhava. Com a cabeça mais leve, mas ainda sem saber direito onde pisava, pensei enfim: *Por que minha visão está estranha, e por que meus olhos estão ardendo?* Em seguida: *Por que o açor está se debatendo bem na minha frente?*

Levei um tempo para entender ambas as situações. Esfreguei os olhos, e minha mão veio, de modo dramático e shakespeariano, empapada em sangue. Tirei os óculos. Estavam cobertos de sangue. Ele

escorria pela minha testa até meu olho esquerdo e agora estava atraindo a atenção de um açor esfomeado.

Meu Deus, pensei, isso está parecendo uma história de Edgar Allan Poe.

Usei a manga da camisa e um tanto de grama molhada para limpar a pior parte. Por sorte, foi o suficiente para deixar o açor desinteressado em me comer. Passei os dedos pela ferida aberta pelas garras: um corte profundo, de cerca de um centímetro e meio de comprimento, bem entre os meus olhos. Ah, sim, o sexto chacra, o ponto da sabedoria interior, o terceiro olho de um *astringer* agora avermelhado e com um bindi. Pressionei o local com firmeza até estancar o sangue.

Então prossegui com a caçada, cambaleando pelos campos envolta em uma névoa de dolorosa euforia. O sol havia descido por trás de uma cortina de nuvens baixas e cinzentas, um disco luminoso no meio do ar talcoso, exatamente da mesma cor dos olhos de Mabel. Ergui a ave, comparando o sol com o olho do açor, e me maravilhei com a correspondência. Assim que chegamos ao topo da colina, minhas pernas se rebelaram. *Chega*, disseram elas. *Chega de andar. Sente-se. Tire um cochilo.*

Então, me sentei na grama, um pouco tonta e me deleitando com a beleza daquilo tudo. A névoa se elevando no espaço. Bandos de douradinhas voando em feixes. A forma como as jovens folhas azuladas de colza contrastavam com as hastes da grama aos meus pés. O brilho de um sol esquecido por trás dos montes. Os grilos começando a cantar. Gralhas a caminho de seu abrigo passando por cima de nós como uma constelação movente de estrelas negras. E talvez aquele golpe na cabeça tenha me devolvido algum sentido humano, porque, ao chegar em casa, sentei-me no sofá e escrevi o discurso para o meu pai de uma tacada só, em vinte minutos, com um pequeno curativo redondo colado no machucado entre os olhos.

Eu me sentei no trem segurando a pasta com o discurso, os tornozelos queimando por causa do aquecedor no chão. No lado de fora, o inverno suspirava. Céu translúcido. Árvores cintilantes. Uma extensão de campos contra a luz, que ia se encolhendo conforme a cidade crescia. Então eu estava na igreja, a pasta na mão, e me deparava com o extenso piso preto e branco, centenas de ombros, e gravatas, e colarinhos, e barras de saias, e cliques e ecos de sapatos de salto. Eu estava preocupada de não estar muito elegante. Estava usando um vestido de algodão preto da Debenhams. Será que era uma escolha equivocada? Por que não saí e comprei uma roupa *apropriada*? Algum modelo caro, distinto e refinado? Levei alguns segundos para perceber que meu pânico talvez não tivesse nada a ver com a roupa. Eu me sentei no banco entre minha mãe e meu irmão, apertei as mãos deles, meio tonta de amor e tristeza. Minha tia estava lá, assim como a esposa do meu irmão e os pais dela. Éramos uma família. Nós éramos. Olhei em volta para os outros oradores: Ron Morgans e Alastair Campbell, que trabalharam com meu pai durante anos, e Jereny Selwyn, outro fotógrafo, mordendo o lábio e olhando a multidão entrar.

Fui até o púlpito com o papel na mão. Eu já tinha dado tantas aulas, apresentado tantas palestras que pensei que seria fácil. Mas não foi. Eu estava apavorada. Agarrei as extremidades de madeira do púlpito para me impedir de balançar. *Como vou conseguir fazer isso? Não olhe para o público*, dizia a voz dentro de mim. *Finja que eles não estão lá.*

E então outra voz interior disse: *Olhe para o público.*

Olhei. Centenas de rostos. Colegas do papai, chefes, amigos. O medo sumiu imediatamente. Eu não podia mais ficar apavorada. E comecei a falar. Contei a eles sobre meu pai. Contei-lhes um pouco sobre sua juventude. Contei-lhes que ele fora um pai maravilhoso. Fiz com que se recordassem, também, de sua ridícula inabilidade de vestir outra coisa que não fosse um terno — embora fizesse concessões nos feriados e de vez em quando tirasse a gravata. Disse-lhes que, na nossa viagem à Cornualha para fotografar um eclipse total, estávamos parados na praia antes de o céu escurecer quando um homem que dizia ser a reencarnação do Rei Artur, usando uma coroa prateada e um longo manto branco, aproximou-se de meu pai e perguntou, espantado: *Por que você está usando esse terno?*

Bem, disse papai. *Você nunca sabe quem vai encontrar.*

E então contei a história que eu esperava que eles entendessem.

★ ★ ★

Ele é um garoto, parado perto de uma cerca e olhando para o céu. Ele está em um aeródromo, Biggin Hill, identificando os aviões da RAF. Talvez tenha nove anos. Ou dez? Fotografava cada aeronave que decola ou aterrissa com a câmera Box Brownie que está pendurada em volta do seu pescoço com uma

corda, e anota seus números em um caderno espiralado. Está ficando tarde. Ele precisaria embora. Então ouviu um som que não consegue reconhecer, um motor não familiar, e, sim, *pronto*, é agora, este é o momento com que ele sonhou. Olha para o céu. Vê as luzes de pouso do... Ele não sabe o que é. *Ele não sabe o que é*. Não está em nenhum dos livros. Ele tira uma foto. Escreve seu número de registro no papel. É uma visita do futuro: um novo avião da Força Aérea Americana. Para o garoto observador de aviões dos anos 1950, é como ver o Santo Graal.

★ ★ ★

Quando eu estava escrevendo o discurso, ainda um pouco abalada, peguei o telefone para ligar para o meu pai e perguntar que tipo de avião era, e, por um momento, o mundo caiu em completa escuridão.

★ ★ ★

Uma mão pousou em seu ombro e uma voz disse: “Venha comigo, rapazinho.” Ele foi forçado a ir à cabine dos guardas, foi empurrado porta adentro, e lá, atrás de uma mesa, alguém que parecia ser o sargento-mor, com bigode e cenho franzido, se levantou, gritou com ele, arrancou a página do caderno, a amassou e jogou no lixo, depois gritou mais um tanto, abriu a câmera, pegou o rolo de filme, puxou-o fazendo cair em espirais de acetato e o jogou no lixo também. *Eu estava aos prantos*, contou papai. *Eles disseram: “Vá para casa. Você não viu nada. Esqueça que esteve aqui.” E me largaram na cerca, e eu fiquei lá com meu caderno e a Brownie, soluçando. Mas então parei de chorar, porque pensei em algo. Algo tirado de Dick Barton ou do Eagle. Talvez eu tivesse escrito bem forte.* Usando o lápis, ele sombreou a página do caderno com grafite e lá, branco no cinza, marcado no papel a partir da página que fora arrancada, estava o número de registro do avião secreto. Meu pai contou que parou de chorar e pedalou para casa, triunfante.

★ ★ ★

Eu me sentei, estupefata. O sol através de janelas. Coisas, uma após a outra. O canto dolorosamente belo do coro. As orações dos cânones. Elegias exaltando as habilidades fotográficas do meu pai. Quando Alastair Campbell foi até o púlpito, ele leu “Composed upon Westminster Bridge”, de Wordsworth, e usou o poema como introdução para um curto discurso no qual disse, com decidida ênfase, que meu pai era um Homem Bom. Isso me deixou em pedaços. Eu não estava esperando algo assim. Ou não *tanto assim*. Todos cantaram “Jerusalem”, e forcei minha boca a se mexer, mas não saiu nada além de fragmentos murmurados. Após a cerimônia, lá fora, no pátio da igreja, sob a sombra das árvores, um jovem rapaz com óculos embaçados e cardigã de tricô roxo veio até mim, tímido e nervoso, e disse:

— Você não me conhece. Eu não conheço ninguém aqui. São todas pessoas importantes. Mas eu queria dizer que... bem. Eu sou fotógrafo, agora. Estou vivendo disso. Eu me mudei para Londres para tentar trabalhar com isso e não sabia o que fazer. E conheci seu pai em um trabalho, e ele conversou comigo. Ele me deu uma porção de conselhos. Me ajudou. Não precisava, mas fez. Ele salvou minha vida. Era um sujeito incrível...

Ele falou isso e se afastou, parecia envergonhado, então dei um passo à frente e o abracei porque não

sabia o que dizer. E mais e mais pessoas chegaram e falaram sobre papai; toda a velha guarda estava lá, fotógrafos da década de 1960, e enfim pude atribuir rostos às assinaturas de artigos que eu vira tantas vezes. Eles me disseram que gostaram da história que contei. Falaram que foi bom saber que meu pai era um jornalista nato. Que o garoto de calças curtas já era o homem que eles conheceram, o homem que sempre conseguia a foto, sempre conseguia a história no último minuto.

No Press Club, depois da missa, os drinques foram entornados. E entornados. E entornados mais um pouco. Todos foram ficando cada vez mais relaxados, correram para me contar histórias sobre o meu pai. As histórias foram sendo contadas com a fala sempre mais arrastada, conforme se bebia, e os abraços e beijos no rosto começaram a errar os alvos.

— Outra bebida? — perguntou um jornalista.

— Só uma coisinha inofensiva — respondi, e ele voltou com uma grande taça de vinho. — Hum, não havia nenhuma bebida inofensiva? — perguntei, sem jeito.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Foi isso que eu trouxe. Uma bebida inofensiva.

Saí de lá sentindo como se uma melodia envolvesse o meu coração. Senti que minha família tinha se expandido para mais duzentas pessoas, e tudo iria ficar bem. *Deus te abençoe, pai*, pensei. *Sempre pensei que você era uma lenda, e afinal você realmente foi uma lenda, de verdade.*

★ ★ ★

Durante todo o trajeto no trem para casa, pensei no papai e no terrível erro que eu havia cometido. Eu tinha pensado que, para curar minha grande dor, deveria fugir para a floresta. Era o que as pessoas faziam. Os livros sobre natureza que eu tinha lido me diziam isso. Muitas buscas descritas em suas páginas foram inspiradas pelo luto ou pela tristeza. Alguns haviam se fixado no destino dos animais arditos. Alguns procuraram gansos-das-neves. Outros, leopardos-das-neves. Outros se apegaram à terra, caminham por trilhas, montanhas, costas e vales profundos. Alguns procuraram a vida selvagem ao longe, outros, mais perto de casa. “A natureza em seus bosques verdes, tranquilos, cura e ameniza todas as aflições”,¹ escreveu John Muir. “Não há tristezas na terra que a terra não possa curar.”²

Agora eu sabia o que isso era de fato: uma mentira fascinante, mas arriscada. Eu estava furiosa comigo mesma e com minha própria e inconsciente certeza de que esta era a cura de que eu precisava. As mãos servem para outras mãos humanas segurarem. Não deveriam ser restritas a servir como poleiros para falcões. E a vida selvagem não é uma panaceia para a alma humana; tempo demais no ar pode corroer nossa alma até não sobrar nada.

Na hora em que cheguei em casa, entendi também por que Mabel estava se comportando de maneira tão estranha. Ela acabou ficando mais pesada porque desenvolveu músculos durante nossas semanas na colina, e, embora estivesse voando com mais peso do que antes, na última semana ela ficou leve demais. Estava *faminta*. A fome a tornou agressiva.

Fiquei furiosa comigo mesma quando no trem percebi aquele primeiro grande erro. Mas essa segunda percepção me deixou com raiva de mim mesma. Eu estava tão cega, tão infeliz que não percebi que minha ave também estava infeliz. Não vi nada sobre ela. Lembrei-me do homem por quem me apaixonei depois que meu pai morreu. Eu mal o conhecia, mas não importava. Eu o recrutei para preencher minha

perda, fiz dele tudo o que eu precisava. Não é de se admirar que ele tenha fugido. E agora eu havia cometido o mesmo erro. Eu havia fugido para me tornar uma ave, mas, na minha infelicidade, tudo o que eu havia feito fora transformar a ave em um espelho que refletia minha própria imagem.

Enfraquecida com o alívio e com a sensação de que algo enorme, estrutural, havia mudado no meu mundo, dei a Mabel um pombo inteiro naquela noite cinzenta e fria. Me sentei com ela em uma cadeira sob a macieira, ouvindo os melros tilintando na cerca viva. A casa não parecia mais pouco amigável. A janela da cozinha projetava um suave quadrado de luz para o jardim. Pilhas e pilhas de penas do pombo congelado se acumulavam sobre a grama. E então ela o comeu. Até o último pedacinho. Quando terminou, seu papo estava tão cheio que ela mal conseguia ficar de pé.

Com o pombo depenado, vieram mais revelações, como se, com sua pele descoberta, outros detalhes se tornassem evidentes. Pensei nos sonhos que tive naquela primavera com a ave de rapina sumindo pelos ares. Eu queria segui-la, voar com ela e desaparecer. Eu havia pensado por muito tempo que era uma ave de rapina — um daqueles açores mal-humorados que conseguiam desaparecer para outro mundo, pousados no alto das árvores no inverno. Mas eu não era uma ave, não importava quanto eu renunciasse a mim mesma, não importava quantas vezes me perdesse em sangue, folhas e campos. Eu era a figura parada embaixo de uma árvore na noite que caía, o rosto virado para cima contra o orvalho, esperando pacientemente pelo retorno do açor.

Mabel estava cortando o tórax crocante do pombo, agora. Puxava a fina membrana intercostal. *Nhac*. Pensei no meu pai passando um lápis por cima de impressões escondidas na página. *Nhac*. Pensei em White e nas razões pelas quais seu livro havia me assombrado por todo esse tempo. *Nhac*. Outra costela quebrada. Não apenas por eu ter visto no livro dele um tênue reflexo do meu próprio escape para a floresta. Era também porque, de todos os livros que eu tinha lido quando criança, o dele era o único, pelo que lembro, em que o animal não morria.

Gos nunca morreu. Ele só se perdeu. Por mais que White tivesse certeza de que o açor estava morto, sempre havia uma chance, mesmo no finalzinho do livro, e até além, de que o açor pudesse retornar. Nas profundezas da minha mente infantil, a ave estava lá fora, ainda na floresta, suas garras amarelas envolvendo os galhos e seus olhos brilhantes me observando de algum lugar escuro em meio àquela profusão de árvores.

Melanie Klein escreveu que as crianças passam por estados da mente comparáveis ao luto, e que esse luto cedo na vida é revivido sempre que a tristeza é experimentada na vida futura. Ela achava que os adultos tentam lidar com novas perdas da maneira que lidavam com as antigas. Pensei naquele desenho de um francelho, seus jesses trabalhados com esmero repetidas vezes pela minha mão de seis anos de idade, com toda sua insistência desesperada de deixar seguros os nós e as linhas.³

Gos ainda estava na floresta, o ambiente escuro para onde todas as coisas perdidas devem ir. Eu desejava atravessar os limites desse mundo para dentro daquele lugar e trazer de volta a ave que White havia perdido. Uma antiga parte de mim, muito pequena, sabia disso, uma parte de mim que não trabalhava de acordo com as regras cotidianas do mundo, mas com a lógica dos mitos e dos sonhos. Essa parte de mim tinha esperado, também, que em algum lugar naquele outro mundo estivesse meu pai. Sua morte foi muito repentina. Não houve tempo para me preparar, nenhum pressentimento de que viria a acontecer. Ele podia estar apenas perdido. Ele estava lá fora, ainda, em algum lugar naquela floresta, junto com tudo o que um dia se perdeu. Agora sei o que aqueles sonhos na primavera significavam, aqueles com

uma ave de rapina atravessando uma fenda suspensa no ar para outro mundo. Eu queria voar com o açor para encontrar meu pai; eu queria encontrá-lo e trazê-lo de volta para casa.

Às vezes, quando surge a luz do dia, ela esclarece como as circunstâncias se tornaram sombrias. Toda manhã acordo às cinco horas e tenho um prazo de trinta segundos antes de o desespero me tomar por completo. Não sonho mais com meu pai; não sonho mais com pessoa alguma. Caminho pelos areais no inverno, passo por piscinas formadas por tempestades, a água refletindo a neblina rodeada de pássaros migratórios presos por causa do clima, incapazes de voar para o sul. Às vezes, sonho que estou subindo em árvores que se partem e tombam, ou que velejo pequenos barcos que emborcam em oceanos congelados. São sonhos patéticos. Não preciso de um analista para explicá-los. Sei agora que não estou mais confiando em nada nem em ninguém. E que é difícil viver por longos períodos sem confiar em nada nem em ninguém. É como viver sem dormir: um dia isso mata você.

Tenho passado minhas noites brincando com Mabel. Fiz brinquedos de papel, cartolina e lenço de papel para ela. Ela vira a cabeça, afofa as penas no queixo, guincha, pega os brinquedos com o bico, larga-os e alisa as penas com o bico. Quando jogo para ela as bolinhas de papel, ela as pega com o bico e as joga de volta para mim. Depois se inclina, esperando que eu as jogue de volta para ela. Melhor, impossível. Quando contei a Stuart que brinquei de jogar bolinhas de papel com Mabel durante um tempo, ele não acreditou em mim. Não se brinca com açores. Não é o que as pessoas fazem. Mas eu precisava fazer isso, para melhorar do abatimento de alguma maneira. Porque outras pessoas que têm açores também têm pessoas. Para elas, os açores são pequenos fragmentos do seu estado selvagem, o equilíbrio à domesticidade; ao irem para a floresta com um falcão, outros falcoeiros entram em contato com suas almas sangrentas, solitárias. Mas, em seguida, voltam para casa e jantam, assistem à TV, brincam com os filhos, dormem com os parceiros, acordam, preparam chá, vão trabalhar. Você precisa dos dois lados, como dizem.

Eu não tenho os dois lados. Só tenho o estado selvagem. E não preciso mais dele. Não estou sufocada pela domesticidade. Não tenho nenhuma. Não há necessidade, agora, de me sentir próximo a um ser das florestas escuras do norte, uma criatura com olhos malignos e morte nas garras. As mãos humanas são para segurar outras mãos. Os braços humanos servem para abraçar outros seres humanos. Não para quebrar pescoços de coelhos, puxar laçadas de vísceras para fora e jogá-las em um monte de folhas no chão enquanto a ave inclina a cabeça para beber sangue da cavidade peitoral da sua caça. Eu observo todas essas coisas acontecendo, e meu coração arde. Tudo está preso em um presente eterno. O coelho para de respirar; Mabel come; as folhas caem; as nuvens cruzam o céu. Um carro passa ao largo do campo e há pessoas nele, em segurança, a caminho de algum lugar, enroscadas na vida como em um casaco quente. Os sons dos pneus desaparecem. Uma garça curva-se acima. Observo o açor retalhar, rasgar e puxar a carne da pata dianteira do coelho. Sinto pena do coelho. Ele nasceu, cresceu no campo, comeu dentes-de-leão e grama, coçou o queixo com os pés, saltitou por toda parte. Teve filhotes. Não sabia o que era a solidão;

vivia em uma coelheira. Agora, o animal é apenas um conjunto cuidadosamente embrulhado de diferentes tipos de comida para um açor que passa suas noites assistindo à televisão no chão da sala de estar. Tudo é muito misterioso. Outro carro passa. Rostos se viram para me olhar agachada com um coelho e um açor. Eu me sinto como um quadro em um santuário de beira de estrada. Mas não tenho certeza para que serve o santuário. Sou um fenômeno de beira de estrada. Sou a morte para a comunidade. Estou perdendo o ponto crucial.

Existe um ponto crucial? White disse que treinar uma ave de rapina era como fazer psicanálise. Afirmou que treinar um açor era como treinar uma pessoa que não era só um humano, mas um falcão. Agora vejo que sou mais coelho do que falcão. Viver com um açor é como venerar um iceberg, ou uma extensão de rocha resfriada pelo vento de janeiro. O lento espalhar daqueles fragmentos de gelo no seu olho. Eu amo Mabel, mas o que se passa entre nós não é humano. Há um tipo de frieza que permite aos interrogadores que coloquem um pano sobre as bocas de homens e derramem água em seus pulmões, e os deixam acreditar que isso não é tortura. O que alguém faz com o próprio coração. Distancia-se de si mesmo, como se a alma pudesse ser um animal migratório também, permanecendo de alguma maneira em algum lugar longe do horror, e olhando fixamente para o céu. O açor pega um coelho. Eu mato o coelho. Não há desejo de sangue no meu coração. Não tenho coração. Observo tudo isso como se eu fosse um carrasco depois de mil execuções, como se tudo fosse apenas o implacável feitio do mundo. *Eu não acho que é. Rezo para que não seja.*

Fiquei assustada. Vou ao médico. Dirijo-me para o consultório sem esperança, mas não consigo pensar em nada mais a fazer. O médico é um homem que nunca vira antes; baixo, cabelos escuros, barba aparada, suspensórios vermelhos e camisa de algodão amassada. Está sentado à sua mesa de madeira.

— Olá — cumprimenta ele. — Sente-se.

Eu me sento na cadeira. Olho para a mesa. É de carvalho. Penso em árvores no inverno.

— Qual é o problema? — pergunta ele.

Eu respondo que talvez esteja deprimida. Que aconteceram algumas coisas nos últimos meses. Meu pai morreu.

— Sinto muito — diz ele.

Então, conto a ele que não tenho mais trabalho e que não tenho renda. Também não tenho mais casa. Não parece convincente. Então falo mais. E mais. Agora é difícil parar de falar. Mas, quando paro, ele diz algumas coisas. Não consigo escutar com clareza. Estou olhando as sobranceiras dele. Às vezes, elas se franzem; às vezes, arqueiam muito alto. Ele me entrega um questionário de múltipla escolha, o que me parece sombriamente engraçado. Eu me defronto com a folha por muito tempo, brincando com a caneta, preocupada em não estar respondendo certo. Quando termino, é difícil devolvê-la: estou convencida de que fiz errado. Não choro. Eu lhe entrego o pedaço de papel e ele pega, vira e o analisa por um tempo. Ele abaixa o papel. Move uma caneta de um lado do papel para o outro e se debruça sobre a mesa. Eu vejo seu rosto. Eu me viro. É insuportavelmente amável.

— Helen, podemos ajudar você — diz em voz baixa. — Podemos mesmo.

Há uma espécie de surpresa tilintante quando ouço as palavras dele. É algo que parece esperança. Começo a soluçar.

Choro direto por vinte minutos de uma discussão delicada e concordo em tentar um plano de antidepressivos. Ele é um bom médico. Ele me fala sobre ISRS, conversa comigo sobre os efeitos

colaterais, suas histórias, seus modos de operação. Desenha pequenos neurônios, adiciona pontos e linhas onduladas para as moléculas de serotonina e a ação dos inibidores de recaptação. Examino as figuras, fascinada.

Uma hora depois, estou andando pela rua com um saco branco de papel na mão. Não pesa quase nada. Ele diz que isso tornará as coisas melhores, o que é ridículo. Como esse mundo cinza e mortificado pode ser varrido por pequenos pontos e linhas? Então começo a me preocupar que as drogas me deixem doente. Ainda mais absurdo, entro em pânico achando que vão me fazer parar de pensar de maneira clara. Que vão fazer com que eu pare de treinar Mabel. Que não importa quem eu me torne, sob as influências químicas; ficarei tão estranha e diferente que ela não vai voar mais na minha direção. As preocupações são uma avalanche maçante, mas eu as coloco de lado por tempo suficiente para engolir as drogas com água. Há um efeito quase imediato: um cansaço tão grande que mal consigo andar, e meu crânio está vazio, apertado e dolorido. Eu não durmo naquela noite. Fico deitada na cama. Na manhã seguinte, bebo café. Bebo mais café. E continuo fazendo o açor voar.

★ ★ ★

Aqueles livros sobre pessoas correndo para a vida selvagem para fugir de suas tristeza e infelicidade eram partes de uma história muito mais antiga, tão antiga que sua forma é tão inconsciente e invisível quanto a respiração. Quando eu era uma estudante trabalhando arduamente nos primeiros anos da minha graduação, li um longo e lindo poema narrativo do século XIII chamado *Sir Orfeo*. Ninguém sabe quem o escreveu, e eu havia me esquecido de que a obra existia. Mas uma manhã, enquanto tirava um punhado de frangos do congelador, o poema veio à minha mente, emergiu do nada em uma daquelas estranhas escavações de uma cabeça desordenada.

Sir Orfeo é uma releitura do mito grego de Orfeu e o submundo, por meio de canções celtas tradicionais sobre o outro mundo, a Terra das Fadas. No mito celta, aquele outro mundo não é no subterrâneo profundo; é apenas um passo ao lado do seu próprio. As coisas podem existir em ambos os lugares ao mesmo tempo — e ser puxadas de um para o outro. No poema, Eurídice dorme em um pomar sob uma árvore frutífera transplantada — uma *imptree* — e sonha que, no dia seguinte, ela será roubada pelo rei da Terra das Fadas. Apavorada, ela conta ao marido. Orfeu resolve cercá-la de cavaleiros armados, mas eles não conseguem protegê-la da ameaça do outro mundo: ela desliza pelo ar e desaparece.

Acometido pela dor, Orfeu renuncia à coroa e corre para a floresta. Por dez anos, ele vive uma existência solitária, selvagem, cavando em busca de raízes, comendo folhas e frutas, tocando sua harpa para enfeitiçar as feras ao seu redor. Sua barba cresce; fica comprida e emaranhada. Ele observa os grandes grupos de caça do rei da Terra das Fadas passarem pela floresta. Não consegue segui-los. Porém, um dia, sessenta moças com falcões nos punhos passam, caçando corvos-marinheiros, patos-reais, garças. Enquanto ele observa os falcões atacarem suas caças, o mundo se transforma. Ele ri com prazer, lembrando-se do seu amor pelo esporte — “Perfeito!”, disse ele, “isso é um jogo justo”¹ —, anda em direção às mulheres e vê entre elas a sua esposa. Ele entrou naquele outro mundo, e agora pode segui-las de volta ao castelo do rei da Terra das Fadas, um palácio cheio de pessoas que se supunham estar mortas, mas não estão. É lá que ele toca sua harpa para o rei e o convence a libertar sua esposa. Mas foi o voo dos falcões e as mortes que eles trouxeram que o conduziram para aquele outro mundo, que o deixaram encontrar sua esposa, que

estava perdida. Essa capacidade dos falcões de cruzar fronteiras que seres humanos não conseguem ultrapassar é uma coisa bem mais antiga do que o mito celta, mais antigo do que Orfeu — já que nas antigas tradições xamânicas em toda a Eurásia, falcões e gaviões eram vistos como mensageiros entre esse mundo e o contíguo.

Há outro poema em latim sobre um voo assolado de tristeza para a floresta. Foi escrito por Geoffrey de Monmouth, um clérigo do século XII mais conhecido pela sua *Historia Regum Britanniae*, a história dos reis da Bretanha. A *Historia* é uma crônica que foi bastante influente, mas o outro poema, também em latim, é muito menos conhecido. Começa com uma grande batalha na qual um rei galês perde muitos amigos. Por três longos dias, ele chorou, espalhou pó no cabelo, recusando comida: o luto o consumia. Então uma “loucura estranha” ou “nova fúria” o acometeu.

Ele partiu em segredo, e zarpou para a floresta e regozijou-se de se deitar escondido embaixo dos freixos; ele se maravilhava com bestas selvagens se alimentando na grama das clareiras; agora, ele as perseguia e novamente voava passando por elas; ele vivia de raízes de gramíneas e da relva, de frutas das árvores e de amoreiras do matagal. Ele se tornou um homem silvestre como se fosse dedicado aos bosques. Durante um verão inteiro depois disso, escondido como um animal selvagem, ele permaneceu enterrado na floresta, não foi encontrado por ninguém e se esqueceu de si mesmo e dos seus iguais.²

O poema de Geoffrey é a *Vita Merlini* — a vida de Merlin —, e a figura selvagem que, ao se esquecer de si, voou com os pássaros é Merlin Sylvestris, o Merlin da Floresta, profeta e vidente que em contos posteriores assumiria o papel de maior de todos os magos, e que, como Merlin de *A espada na pedra*, educaria o rei.

É tentador imaginar um momento originário, uma perfeita cena de abertura. Uma noite de outono de 1937, quando White tira da prateleira um livro que não quer ler. É um pequeno livro azul com capa de tecido; o primeiro volume de *Le Morte D'Arthur*, a releitura de histórias sobre o lendário rei, escrita por Sir Thomas Mallory no século XV. White havia escrito sua tese sobre o tema em Cambridge, e não está inclinado a retornar a isso agora. Mas terminou de ler todos os outros livros da casa, então se senta na poltrona e começa a ler. É um trabalho lento, penoso, como andar com dificuldade sobre melaço. Ele quase desiste. Mas de súbito o livro o prende, como Gos quando pegou seu ombro, com oito garras firmes, e ele fica tomado de deslumbramento. Esta é uma história apropriada. *Uma tragédia apropriada*, pensa ele. As pessoas ali são reais. Elas não tinham sido reais antes. Durante dois dias, ele lê tudo “com a paixão de um demônio de Edgar Wallace, então larga o livro e pega uma caneta”³.

É fácil falar — pronto. É assim que *A espada na pedra* começa. Mas eu não acredito que essa seja a história. O livro havia começado há meses, quando uma coisa redonda, que era algo com um cesto de roupas, foi deixada na frente da porta dele.

★ ★ ★

White pensou nele como um livro afetuoso, bem diferente de seus primeiros esforços. “Parece impossível determinar se é para adultos ou para crianças”, escreveu ele para Potts. “É um prefácio para Mallory.”⁴ O garoto no livro é chamado de Wart. Ele tem uma alma gentil, leal e um pouco estúpida. É órfão e não sabe que se tornará rei. Sir Ector o criou junto com seu filho biológico. Wart nunca se tornará um cavaleiro porque não é um cavaleiro. Porém, no livro ganha um professor que é um mago — Merlin —

e também uma educação mágica. Rejeitando de escola e lições aprendidas de forma mecânica, Merlin transforma Wart em animais e o envia para aventuras. Como peixe, o garoto aprende sobre a paixão do ditador por poder, conhecendo o lúcio no fosso do castelo. Como uma cobra, ele aprende história. Ele escuta as árvores falarem e vê o nascimento do mundo através dos olhos e dos ouvidos de uma coruja. Discute o papel da humanidade nos planos de Deus com um texugo sério em uma toca confortavelmente mobiliada. E no final, com a educação concluída, Wart puxa a espada da pedra, fica sabendo que é filho de Uther Pendragon e é coroado Rei Artur.

É um sonho glorioso de autorrealização para White. Ele se vê no personagem Wart, o garoto de sangue real não reconhecido que corre em volta do castelo da mesma maneira como ele havia corrido em West Hill House em St. Leonards-on-Sea, selvagem, feliz e livre. White foi arrancado da sua segurança e mandado embora para a escola, mas ele salva Wart de tal destino. Não haveria espancamento na sua educação. No entanto, mesmo assim, suas lições são repletas de crueldade. Quando eu era jovem, não entendi bem quanto o livro era cruel. Mas respondi àquela crueldade do mesmo modo. Porque minha parte preferida do livro é a do infortúnio de Wart como falcão. É verdadeiramente aterrorizante. Eu li aquilo e me contorci, e fiquei chocada, depois reli tudo de novo.

Merlin transforma Wart em um esmerilhão, um tipo de falcão, e o solta à noite nas gaiolas de falcões do castelo. Como um novo oficial no núcleo das aves de rapina treinadas do castelo, Wart deve se submeter à provação costumeira. Ordenam que ele fique perto do coronel Cully, o açor, até que o resto das aves toque seus guizos três vezes. É uma iniciação bastante perigosa, já que o coronel é louco. Quando a prova começa, o açor olha carrancudo e resmunga. Ele recita trechos fragmentados de Shakespeare e Webster, juntos formando uma fuga de horror. Após os guizos tocarem uma vez, o açor implora para que o teste acabe, e grita: “Eu não consigo aguentar mais muito tempo.” Os guizos tocam duas vezes. Ele se move na direção de Wart, batendo o pé no poleiro compulsivamente: “Ele ficou apavorado com Wart, sem triunfar, e precisa matar.”

Em uma provação horrorosa, White é Wart, o garoto que precisa ser corajoso. Mas ele não é somente Wart, e o garoto não é o único que foi colocado em risco. Há uma passagem triste em *The Trip to Echo Spring*, livro de Olivia Laing, que me lembra essa cena desesperada. Ela cita o escritor John Cheever, cujo alcoolismo estava intimamente ligado a seus desejos eróticos por homens. Ele detestava sua homossexualidade e se sentia em constante perigo. “Todo homem atraente, todo caixa de banco e entregador”, escreveu ele em seus diários, “era almejado na minha vida como uma pistola carregada.”⁵

Apesar de diversos casos com mulheres, as fantasias de White eram sádicas e direcionadas em sua maioria a garotos na puberdade. Ele tinha certeza de que essas fantasias foram moldadas pelo abuso que sofrera quando era criança, e elas o enchiam de vergonha e pavor, já que nelas ele tinha o papel do abusador, assim como seu pai e os professores que bateram nele. A terapia com Bennet não eliminou esses desejos. Eles nunca o deixaram. Mais tarde na vida, ele escreveu um romance pornográfico sobre bater em garotos de escola: uma confissão horrível e prolongada. Mas ele o escondeu e nunca mostrou a ninguém. Por toda a sua vida, suprimiu seus desejos. Algumas vezes, porém, apenas algumas vezes, ele pôde falar deles através de outros eus. O coronel Cully era um deles: um açor destruído pelo desejo de machucar um garoto que também é uma ave — um garoto que também é ele mesmo. Você pode ver a totalidade da tragédia de sua vida nesta pequena cena.

Embora White tivesse fugido do mundo da escola, ele nunca fugiu dos modelos que lhe foram dados

por ela sobre como conduzir a vida. Na escola, era preciso passar em testes e provações para atestar coragem. Testava-se a coragem nos jogos, e por meio de espancamentos por parte de professores e monitores. Havia os ritos cruéis dos próprios garotos: as iniciações e os trotes que eram o preço para se entrar na escola e, mais tarde, nas sociedades secretas. White havia colocado a mão entre um cão armado de um revólver descarregado e sua estrutura antes de o gatilho ser puxado. A dor era um triunfo; suportando a agonia, ele provou que podia pertencer ao grupo.

Mas White não era sempre a vítima desses rituais. A escola lhe ensinou que, tal como ele sofrera nas mãos dos garotos mais velhos, assim deveria punir os mais novos. Ele se juntou a gangues e aterrorizou os mais fracos do que ele, testando-os da mesma forma que ele fora testado. Em um semestre o teste foi saltar de uma janela da escola a mais de quatro metros do solo. Puppy Mason estava assustado demais para tentar, então White ajudou, empurrando-o. Quando a queda provocou a fratura de sua perna em três pontos, eles ficaram impressionados com o silêncio do garoto. Ele contou aos professores que tinha tropeçado em um galho no caminho do jardim do diretor. Puppy tinha sido testado, tinha se comportado como um verdadeiro herói, e sua entrada como membro da fraternidade foi aprovada.⁶

Eu não sabia nada dessas coisas. Sabia sobre estar machucada: eu fui uma criança muito desajeitada, que sofria arranhões nos joelhos, tropeçava, se esfolava, batia a cabeça em janelas abertas e sangrava bastante. Mas eu não entendia a lógica por trás das provas para pertencer a um grupo. Não via a dor e a coragem como etapas para ganhar autoconfiança, como obrigações necessárias para amadurecer. Ainda assim, reparei, quando li *A espada na pedra*, que, sempre que Wart se transformava em um animal, ele parecia ficar em perigo. Eu ficava intrigada com aquilo. *Merlin está ensinando a ele a ser corajoso*, refleti mais tarde. *Porque ele vai precisar ter coragem para ser rei.*

Li a provação do coronel Cully com Wart várias e várias vezes. Eu ficava fascinada porque, quando se é criança, não é preciso se preocupar com os heróis infantis nos livros. Eles podem se expor a riscos, mas são humanos: não morrem nunca, jamais. No entanto, sempre havia uma ponta de preocupação quando eu lia *A espada na pedra*, pois não ficava de todo claro se Wart ainda era humano. Ele se tornara uma ave. Mas ainda era Wart? Agora era um animal. Será que poderia morrer? Talvez pudesse morrer. Talvez. E era essa possibilidade que me deixava enfeitiçada toda vez que eu lia a cena; sentia um terror apreensivo que era grande demais para dominar. Eu continuava a ler, desesperada para chegar ao fim, para aquele momento quando Wart pula do poleiro, o enorme pé do açor pegando sua asa antes que ele desse um puxão para a liberdade e a sobrevivência. Eu não sabia nada a respeito de provações, mas ler aquilo me parecia tal qual. Sempre que terminava de ler, parte de mim ficava aliviada que eu tivesse sobrevivido para ler mais uma vez.

White tinha fugido da escola correndo para o bosque, mas havia alugado uma cabana na velha estrada que dava na sua porta. Ganhara a liberdade mudando de vida, mas não escapara do conceito de liberdade que a escola lhe dera. No colégio, você progride um ano após o outro, ganhando mais poder e privilégio até finalmente partir. Foi essa noção de liberdade — como o término natural de uma educação cheia de punições — que nunca o abandonou, e que estava trabalhando interiormente quando aumentou a leash de Gos com um barbante frágil. Enquanto aluno de escola, ele sabia que os garotos sobre os quais tinha autoridade teriam, algum dia, autoridade sobre outros. Como professor de escola, também. E como falcoeiro. No fundo, ele sabia que sempre treinaria seus protegidos para uma época em que eles estariam livres.

Passaram-se dez dias. A previsão do tempo na noite passada era ruim. Uma tempestade ameaçava inundar East Anglia. Fiquei acordando a noite toda, escutando a chuva, temendo pelos trailers ao longo da orla, as latarias prateadas frágeis contra a chuva e o mar subindo. Porém, a tempestade refreou no último minuto, e o dia amanheceu azul e brilhante como uma poça.

Depois do almoço, levo Mabel colina acima. Rajadas de vento chacoalham as fileiras de cerca viva, soprando quantidades volumosas de folhas sobre nós à medida que subimos pela trilha. Há uma lama grudenta, com rastros de faisão. Bandos de tordos fazem um barulho de *chaque chaque* e se refugiam nos espinheiros perto do pasto, disparando quando nos aproximamos muito, quicando sobre a sebe e se afastando, as aves juntas formando um padrão em preto e branco. É bom vê-las. O inverno chegou. Mabel está sibilando de alegria, sacudindo a cauda em uma excitação levemente contida, as penas da barriga afofadas sobre seus dedos pegajosos, os olhos reluzindo prateados no sol. Se esta ave pudesse falar, estaria cantando em um volume bem baixo, quase inaudível. Então algo mudou dentro de mim. Hoje está difícil de deslizar para dentro da sagacidade delicada silenciosa característica do açor. Ou, ao contrário, o açor parece mais humano hoje. Um coelho atravessa a trilha trotando a cerca de vinte metros e a ave o persegue; balança para cima de um choupo, agarrando-se em um galho fino, quase vertical, e se inclinando ao vento, estreito como um arminho. Ela olha em volta. Avista algo. Vai até a árvore seguinte, olha para baixo. Depois voa de volta para a árvore anterior. Ofereço meu punho. Ela desce na hora, e seguimos caminho. *Rá*, ela grasna. *Mais*.

Perto dos montes de feno, nos enfiamos por um dos lados do bosque e depois prosseguimos até o canto do campo mais alto. Estou um pouco fraca. Combati o cansaço induzido pelo medicamento com dois expressos duplos no café da manhã e um refrigerante com cafeína depois do almoço. Tenho a esperança de que os medicamentos evitem a paranoia desenfreada que o excesso de cafeína inevitavelmente provocará. Mabel localiza um grupo de pombos na terra arada a cerca de uns quatrocentos metros de nós, e faz como se fosse se debater por eles.

— Não seja boba, Mabel — digo, mas ela se debate mesmo assim. *Pá*. Ela me olha diretamente no rosto. *Me dê algo para caçar!*

Fiz isso. Caminhamos no meio de cardos que batiam na altura do peito, nos limites do campo seguinte, açor mantido bem alto enquanto me ocupo com os espinhos. Ela está segurando firme, com todas as oito garras, escorando-se contra as rajadas de vento. Então, do nada, vindo do chão no local exato onde termina a ponta da minha sombra, um faisão em tons de bronze e verde-escuro com a cauda espalmada e penas primárias pontudas sai fazendo barulho da grama seca com o açor quase já se aproximando por trás. O faisão se vira a favor do vento. Mabel ganha terreno. Não mais do que quinze centímetros atrás da ponta da cauda dele. Mas ela não está acostumada a voar em ventos como este, e calcula mal o ataque; é

empurrada pelo vento um pouco à diagonal, e o faisão foge, entrando na mata. Ela o segue, e perco ambos de vista. Estou a ponto de começar a correr, mas ela já está voltando, voando na minha direção na altura do topo das árvores, por cima da mata como um avião Mustang em um filme de guerra. Um arco amplo, elegante, surgindo na barricada e carregando o ar, tipo, *Aqui vou eu!*, e ela está de volta ao punho, sorrindo feito uma idiota, e toda a sua atitude é *Bem! O que você achou disso?*

★ ★ ★

À medida que os dias avançam no inverno, uma centelha pequena e fugaz começa a tocar as extremidades das coisas. Acontece sem muito alarde. Eu me pego observando o céu de manhã, gostando do que vejo. Desaparece o olhar calculista do *austringer*, preocupado apenas com velocidade do vento, direção, precipitação provável. Ligo para velhos amigos, faço planos para o futuro. Procuro uma casa para alugar. Minha mãe vem me visitar. Retorno ao médico para conversar sobre o meu progresso. Ele me diz que o cansaço profundo e a prostração são efeitos colaterais dos medicamentos, e que vai passar logo.

O escritor e ecologista americano Aldo Leopold certa vez escreveu que a falcoaria era um ato de equilíbrio entre a selvageria e a domesticação — não apenas no caso do falcão, mas dentro do coração e da mente do falcoeiro. É por isso que ele a considerava o hobby perfeito. Estou começando a perceber o equilíbrio se nivelando agora, e a distância entre mim e Mabel aumentando. Percebo também que o mundo dela e o meu mundo não são o mesmo, e uma parte de mim está espantada de que alguma vez eu tenha pensado que fossem.

Então, eu me vejo fazendo algo surpreendente. Faço Mabel aumentar o próprio peso ainda mais e a deixo atingir mais altura quando voa. Essa é uma atitude terrível em falcoaria. “Nunca deixe um falcão caçar sozinho”, dizem os livros. “Tal independência é a maneira mais rápida de fazer você perder o seu falcão.” Sei que não deveria deixá-la se soltar a não ser quando há uma presa, logo ali, na frente dela. Mas como posso resistir a esse método de falcoaria? Hoje caminhei até o topo de uma colina em uma tarde nublada e fria, toda a região de Cambridgeshire se estendendo à frente, em bosques, campos e matagais abaixo de nós, toda reluzente e cheia de árvores e raios dourados do sol, quando vejo que Mabel quer iniciar um possível ataque na fileira de cerca viva lá em cima. Eu a deixo ir. Seu sentido tático é magnífico. Ela deixa o punho e se põe a caminho, voando não mais alto do que um palmo acima do chão, usando cada centímetro do relevo ondulado como cobertura e ganhando velocidade até que a vegetação rasteira coberta de geada tremula e pisca por baixo dela, e ela faz uma curva sobre o topo da colina. Depois, estabiliza as asas e plana, usando a gravidade e o impulso para descer a colina de maneira veloz, passa repentinamente sobre o topo da sebe, fazendo um súbito floreio de creme e branco, a uns cem metros, e depois continua descendo pelo lado mais longínquo da sebe, invisível para mim. Estou correndo, este tempo todo, meus pés atolados na lama, sentindo-me presa à terra, mas transportada ao mesmo tempo.

Eu a encontro no fundo da sebe, segurando um coelho.

— Mabel — digo —, você está se comportando como um açor selvagem. Chocante. — Trata-se de um tipo de falcoaria que arrasa com os nervos, mas é maravilhosa. Estou testando os limites que existem entre nós, que os antigos falcoeiros chamariam de amor. Eles não se romperam; parece improvável que se vão se romper. Talvez aconteça. Faço ela ganhar ainda mais peso, e aos poucos o mundo se amplia. No

entanto, estou brincando com a sorte, sei disso.

Ela não está em condições, digo a mim mesma em todo o caminho até o carro. *Vou perdê-la*. Passaram-se dois dias e posso ouvir a voz da razão me falando para voltar para casa. Continuo dirigindo. A chuva cria manchas no para-brisas e riscos nas janelas. Será que os coelhos vão aparecer com este clima? Talvez. Estaciono na beirada enlameada do cercado molhado, em um canto distante do campo. *Não importa*, eu penso; troco os jesses dela e a deixo ir. Ela caça um coelho até a toca e voa para um carvalho. Apito. Ela não parece me ouvir. A chuva começa a cair com vontade. Neste ponto, percebo que algo se alterou entre o açor e eu. Geralmente, há muita tensão e atenção. Quando ela voa para uma árvore, toda a minha atenção se concentra na ave, e a ave volta toda a atenção dela para mim. Não mais. Ela me ignora.

Há algo religioso sobre a atividade de procurar uma ave de rapina em uma árvore alta. Sir Thomas Sherley escreveu, no século XVII, que treinar falcões faz com que os olhos da pessoa se dirijam para os céus, e é por esse motivo que a falcoaria é uma atividade moral. Isso é mais próximo à minha personalidade do que me prostrar de joelhos suplicando redenção para uma divindade indiferente. Mabel continua voando e se infiltra mais no meio das árvores. Eu a sigo. Ela ainda me ignora. *Olhe para mim, açor*, envio meu anseio para as copas das árvores, mas a ave não olha. Eu me encontro no gramado da casa de alguém; deixei uma trilha de pegadas escuras na grama. Ela está quase dez metros acima de mim, e estou gritando e apitando como uma mulher enlouquecida. Chove forte. Fico saltitando a esmo. Jogo para o alto pedaços de frango. Eles caem com um baque no gramado, e ela nem mesmo vira a cabeça para acompanhar sua triste parábola. Apito mais. Aceno os braços.

— Mabel! — grito. — Venha cá!

Uma veneziana range. A janela do andar superior da enorme casa georgiana que ignoro deliberadamente. Uma empregada se debruça. Vestido preto, avental branco, chapéu branco. Nada a respeito disso causa estranhamento. Segui meu açor e caminhei de volta no tempo. Estamos em 1923. A qualquer instante agora, Poirot vai passar por mim cruzando o gramado. Apenas mais tarde percebo que provavelmente interrompi alguma aventura erótica vespertina.

— A senhora está bem? — pergunta ela.

— Peço desculpas! — grito de volta. — Perdi meu açor. — Aponto vagamente para o alto da árvore. — Estou tentando fazer com que volte. Peço *mil* desculpas por invadir o seu gramado; vou embora logo. Só estou desesperada para resgatá-lo.

— Ah?

Ela reflete por um segundo, olha para o alto da árvore. Depois volta a me fitar.

— Tudo... bem — diz ela. — Eu apenas queria saber se a senhora estava bem. — Ela bate a janela. A janela bate *com força*, e Mabel se mexe. Ela voa de árvore em árvore, levando-me para longe do gramado em direção aos limites do bosque. As árvores são mais altas; agora, meu açor parece do tamanho de um polegar. A luz brilha indistintamente de sua frente brilhante. Então, do nada, aparece uma cópia sua com metade do seu tamanho, seu *doppelgänger* em miniatura. Uma fêmea de gavião-da-europa se inclina para ela, gira e se inclina de novo. É como Peter Pan sendo atacado pela própria sombra. Minha ave voa para outra árvore. No momento, não tenho nenhum pensamento discernível. Sei que ela não vai descer. Tenho que segui-la, tropeçando pelos arbustos em um delírio quixotesco.

Sinforinas, penso, à medida que suas protuberâncias brancas esfregam contra meu colete de falcoaria. Os *guarda-caças da época vitoriana não as plantavam como uma cobertura para os faisões?* Ah. Ah, não. Assim que o

pensamento se firmou, vejo-a dar uma guinada para fora da árvore, desviar para evitar um galho e depois se inclinar em um ângulo de quarenta e cinco graus, as asas quase inteiramente fechadas. É emocionante e suficiente para me fazer prender a respiração, mas não tenho tempo: já estou correndo. Enfio-me por baixo de uma cerca elétrica e meu coração se contorce. Ela arremeteu para uma cidade de faisões. Há faisões *por toda parte*. Nós não deveríamos estar aqui. Não deveríamos estar aqui. Ouço o barulho do guizo. Onde ela estará? Atravessando o fosso enlameado, mata adentro. Puro silêncio com folhas e medo no ar. Então ouço faisões correndo. Vejo um, dois, três se agachando em um pavor mortal. E depois o tom de cobre vivo de um faisão macho de traseiro azul contra as folhas chacoalhadas atrás dele, fugindo pelo chão a uns dez metros. Mabel se aproxima por trás dele como uma rajada de vento trazendo o anjo da morte. Não posso interromper. Nada pode. Ela está se movendo mais rápido do que parece plausível, com toda a energia planando em uma aterrissagem que termina de repente: ela agarra o faisão com ambas as patas enquanto ele estende a cabeça em um monte de gravetos. E então o inferno se instala. Folhas voam, penas voam, asas de faisão batem, e eu me ponho a correr.

Estou quase a ponto de desmaiar, agachada, suja, coberta de lama e suor, vibrando com adrenalina. A ave também está cheia de adrenalina. Ela se esforça mais ainda para matar o faisão, embora ele já esteja morto. *Bate, bate, agarra, bate, pé, aberta, bate*. As folhas continuam voando enquanto Mabel faz sua dança. Os olhos dela ardem com uma luz profana, o bico está aberto. Ela tem uma aparência assustadora. Aos poucos vai se acalmando. Continuo a olhar para trás de mim. Ninguém à vista. Dou a ela toda a comida do meu colete, além da cabeça inteira e o pescoço do faisão. Coloco disfarçadamente o corpo do faisão no espaçoso bolso traseiro do colete, quebrando as longas penas da cauda pela metade de modo que não haja resquícios denunciadores para fora da abertura do bolso, e, cheia de culpa, amontoio folhas por toda a cena do crime. E então voltamos de modo discreto para onde está o carro.

Estou liquidada. Por todos os quatro cantos do campo que atravesso, de todos os lados, cada faisão macho das proximidades começa a gritar ao mesmo tempo. É um som terrível, ampliado, ecoado, como se um pedal de efeito de eco sustentasse uma nota, rolando para trás e para a frente no ar. Cresce em uma cacofonia das mais aterradoras, sustentadas, mais como o bombardeio de uma artilharia do que o canto de aves. É um grande alarme de acusação. Sinto-me cheia de culpa. Cacei sem licença um faisão de outra pessoa. *Eu não queria*, quase falo em voz alta. *Foi um acidente*. Fico aliviada quando o canto dos faisões vai diminuindo. Então, quando dou a volta para chegar até o carro, o som de artilharia recomeça. Mortificada e um tanto aflita, distancio-me com o carro, deixando os faisões para trás, apesar de a consciência estar zumbido nos meus ouvidos.

★ ★ ★

A paisagem está se transformando diante dos meus olhos. O que vejo é não apenas o inverno se transformando em primavera; é uma terra se enchendo lentamente com pontos e linhas de beleza. Hoje, hora do almoço, o sol brilha sobre a colina, e um fresco vento do oeste sopra. As pupilas de Mabel se contraem em alfinetadas entorpecentes quando coloco o capuz nela, ambos os olhos se estreitando de felicidade. Está excepcionalmente claro. A bandeira vermelha tremula ao longe com o vento e o som de rifles distantes; a antena de rádio no horizonte parece uma pintura a tinta sobre uma aquarela de sombras, linhas e porções de terra se ondulando até as colinas de giz diante de mim. Subimos a trilha. Do topo, dá

para avistar Cambridge inteira. A luz hoje está encantadora. Os telhados e os pináculos parecem estar ao alcance das mãos; uma cidade de tabuleiro de xadrez reluzindo entre árvores nuas, como se eu pudesse apanhar a torre bruta da biblioteca da universidade e movê-la seis casas ao norte.

Daqui a cidade é pequena e meiga, e parece feita de uma só peça com a paisagem em torno. A beleza de um ponto de observação como este é que as estradas e paredes com árvores ficam ocultadas, tornando Cambridge um tabuleiro em miniatura de blocos de floresta e pináculos. Nos últimos dias, quando vou até a cidade, estou cada vez mais encontrando pretextos para estacionar o carro no edifício-garagem, porque, do espaço aberto no quarto andar, consigo avistar os campos. Eles correm como uma coluna dorsal cruzando o horizonte, marcada com fileiras de matas e umedecida com sombras de nuvens. Algo esquisito acontece quando olho para eles. Como algo se duplicando. Debruçando-me sobre o parapeito, sinto como se estivesse de pé na colina distante. Há uma força terrível nessa sensação. É quase como se minha alma de fato estivesse lá, a vários quilômetros, de pé no barro cheio de cardos observando meu eu sem alma de pé no estacionamento, com óleo diesel e concreto no nariz, asfalto antiderrapante sob os pés. Com o meu eu do estacionamento pensando que, se olhasse com muita, muita atenção, talvez com um binóculo, pudesse se ver ao longe.

Sinto que posso estar lá porque agora a colina parece um lar. Eu a conheço intimamente. Cada fileira de cerca viva, cada trilha através da grama seca onde as lebres cruzam os limites do campo, cada peça descartada de uma máquina enferrujada, cada pedaço de terra, coelheira e árvore. Perto da estrada, dois quilômetros quadrados de lama cercada, marcadas com trilhas de pneus e água refletindo pedaços de céu. Alvéolos, paletes, tratores, um silo quebrado do lado, como um pedaço de foguete caído. Aqui no pasto das ovelhas há um campo de trevos, agora ceifado e deixado na terra. Mais adiante na trilha estão extensões de artemísia: mortas por causa da geada, as sementes agarradas a talos e galhos parecendo um bilhão de enfeites mofados em árvores de Natal molambentas. Pilhas de tijolos e cascalho seguem ao longo do lado esquerdo da trilha, e a terra entre eles é fofa e cheia de coelhos. Subindo a colina, as cercas vivas são mais altas e, no momento em que chego ao topo, a trilha se estreita para um terreno de grama. Cicuta. Cardos. Bardanas selvagens. O reluzir argiloso da terra seca. Rastros de giz por baixo. Escreveadeiras-amarelas ciscando nas sebes. Pedra acumulada. A linha marítima desta ilha, estabelecida sob um céu espelhado e iluminado pelo mar.

Não sou dona dessas terras. Apenas tenho a permissão de fazer minha ave voar aqui. Porém, ao caminhar por elas repetidas vezes e ao lhes conceder a maior das atenções, eu a fiz minha. Sei onde os animais vivem, e como se locomovem por aqui. Sei que as cotovias dormem no alto da colina, mas que vão se aquecer nos declives ao leste durante as manhãs ensolaradas. Que, quando o tempo está úmido e a chuva para de cair, os coelhos nas coelheiras perto das valas se dirigem para o leste até os campos mais secos para comer. Saber onde os animais estão é a coincidência da longa experiência com pistas inconscientemente anotadas. A incidência de luz em um campo de vegetação rasteira, e a pressão do vento nele. A cor precisa do chão. Eu me movimento em direção às cotovias como se pudesse vê-las.

Porém, o campo maior — aquele plantado com colza — não é como os outros. É um mistério. Caminhar por ele com Mabel é como jogar uma batalha naval histórico-natural. Qualquer coisa viva pode aparecer entre essas folhas espessas azuladas. Faisões, perdizes, lebres — até uma narceja-galega, que sai chiando com batidas de asas ágeis de uma parte enlameada perto da sebe. Parece ridículo pensar que tudo pode estar invisível em apenas cinco centímetros de vegetação. Mas é o que acontece. Há um

sentido de criação a respeito: quando a lebre pulou dos nossos pés hoje, foi como se tivesse sido criada pelo campo do nada. A lebre tinha um aliado: um forte vento nordeste. Mabel tentou capturá-la duas vezes, e, em ambas as vezes, a lebre se esquivou a favor do vento e Mabel a perdeu. É muito estranho observar um açor caçar um animal terrestre com um vento forte. A lebre tem uma vantagem: suas garras e patas peludas cavam nas folhas e na lama, e o animal usa o solo para se impulsionar para a frente. Porém, o açor se move só no ar. É como observar um elemento contra outro. Um mundo *versus* o outro, como um ganso-patola mergulhando no mar para pegar um peixe. Fiquei contente de ela não ter conseguido capturar a lebre.

Ali está a árvore de onde Mabel mergulhou para bater contra a minha cabeça. Ali está a linha invisível no ar ao longo da qual ela, pela primeira vez, perseguiu um faisão até o abrigo. Lá está a sebe onde ela se agarrou, com a cauda totalmente aberta e as asas pressionadas contra os gravetos, procurando um pombo que já havia fugido. Lá está o arbusto espinhoso que me fez tropeçar e cair em uma vala cheia. O açor e eu temos uma história compartilhada nesses campos. Há fantasmas aqui, mas não são de falcoeiros mortos há longo tempo. São os fantasmas dos acontecimentos.

É um mundo infantil, cheio de lugares. Dê-me um lápis e um papel agora e me peça para desenhar um mapa dos campos por onde vaguei quando era criança, e não vou conseguir. Mas mude a perspectiva, e me peça para enumerar o que estava lá e sou capaz de encher páginas. O ninho de formiga-de-madeira-vermelha. O lago da salamandra. O carvalho coberto de pedúnculos criados por vespas. As bétulas próximas da cerca da rodovia com cogumelos venenosos aos pés. Essas coisas eram os pontos de referência do meu mundo. E outros lugares se tornaram mágicos por coincidências. Quando encontrei uma enorme mariposa vermelha atrás da caixa de eletricidade no final da minha rua, aquela caixa se tornou um lugar mágico. Eu precisava checar atrás dela toda vez que passava por ali, embora nada estivesse lá. Corria para verificar o local onde, certa vez, tinha apanhado uma cobra-d'água, olhar para a árvore na qual em uma tarde ficara uma coruja empoleirada. Esses lugares tinham uma importância mágica, uma atração para mim que outros locais não compartilhavam, por mais desprovidos de vida que fossem em todas as visitas desde então.

Agora que estou liberando Mabel e deixando-a voar para onde quiser, descobri algo igualmente maravilhoso. Ela também está construindo uma paisagem de lugares mágicos. Ela faz desvios para checar em locais específicos se o coelho ou o faisão que estiveram lá na semana passada ainda estão lá. É uma superstição selvagem, uma heurística instintiva da mente caçadora, e funciona. Ela está aprendendo uma maneira particular de navegar no mundo, e seu mapa coincide com o meu. Memória, amor e magia. O que aconteceu ao longo dos anos com as minhas expedições de criança foi uma lenta transformação da minha paisagem, com o passar do tempo, para aquilo que os naturalistas chamam de “*local patch*”, um lugar específico reluzindo de memórias e significados. Mabel está fazendo a mesma coisa. Ela está fazendo com que a colina seja dela. Minha. Nossa.

Ficou frio; tanto que círculos de gelo jaziam na lama, claros e finos como pires de porcelana antiga. Tão frio que as sebes estavam vivas com melros do Báltico; tão frio que cada expiração se parecia com um nevoeiro marítimo no ar. O céu azul se enche com ele, e o guizo na perna de Mabel fica esmaecido por causa da condensação. Frio, frio, frio. Meus pés quebram o gelo na lama quando ando penosamente montanha acima. E, porque os guinchos e a harmonia rangida do gelo sendo partido soam, para Mabel, como um animal ferido, cada passo que dou é acompanhado por um aperto firme das suas patas. Onde o mundo não está branco de gelo, está listrado de verde e marrom sob a luz solar forte, de forma que a terra tenha tons diferentes em regiões diferentes e se mova para trás em direção ao amanhecer e para a frente em direção ao crepúsculo. A luz solar, agora, dura apenas seis horas.

É meu primeiro dia fora com a Mabel em uma semana. Estive ocupada entrevistando estudantes para minha antiga faculdade. Por quatro dias me sentei diante de rostos amedrontados, perguntando-lhes sobre suas pesquisas e, ao mesmo tempo, tentando deixá-los à vontade. Foi uma tarefa dura. Pareceu como os primeiros dias com Mabel. Agora as entrevistas já acabaram, e hoje fui seduzida pelo clima. Está um dia tão bonito, flamejante, ardendo com gelo e boas perspectivas, que não posso imaginar não estar na colina. Sei que minha ave está pesada demais. Também sei que, após quatro dias de descanso forçado, ela vai querer caçar de verdade. Além do mais, acabaram-se os franguinhos; Mabel só se alimenta de codornas há uma semana, o que a transformou em uma ave colérica, de cabeça quente, alucinada, protagonista-de-uma-tragédia-cheia-de-vingança. Ela está cheia de desejo inconstante sem poder extravasar. Anda para lá e para cá no poleiro. Fica irritadiça. Salta para a tigela com água, sai e depois entra de novo. Fixa o olhar com raiva. “Alimente com comida sangrenta apenas três vezes por semana”, dizem os livros antigos. Excesso de comida gordurosa resulta nisso.

Já consigo notar seu estado de espírito e suspeito que, se eu a deixar livre, ela vai voar direto para a árvore mais próxima e me ignorar. Então, a levo para o campo no topo da colina. Não há árvores. Se ela sair do punho, não haverá nenhum poleiro próximo para onde voar. Vai ficar vagueando pelos ares e depois voltar para mim. E ela faz isso, durante algum tempo, mas então começa a olhar para a sebe distante. Não consigo ver além dela. Mabel sabe que há faisões lá; pombos também, e tocas de coelhos ao longo da vala. Começa aquele curioso movimento de cabeça de quem vai-e-não-vai, e se comporta como se fosse partir. Eu a deixo ir. É uma atitude idiota da minha parte, mas faço assim mesmo.

Ela sacode as asas, desliza para longe e desaparece atrás da sebe. Estou estranhamente calma. Nem corro. Ando de forma tranquila até lá e percebo, com o coração aos pulos, que não faço ideia de onde ela possa estar. A sebe diante de mim é uma parede de lâminas de abrunheiro. É intransponível. Corro para cima e para baixo procurando uma passagem. *Ali*. Uma fenda do tamanho de uma portinhola entre dois ramos vigorosos. Eu me contorço para passar, fingindo que sou uma enguia. Há sangue nas minhas mãos

por causa dos espinhos no chão, e a alça do ombro de meu colete de falcoaria se engancha em um galho grosso. Estou presa. Tento com toda a minha força continuar seguindo. Não há tempo para me virar e verificar onde a alça agarrou. Apenas força bruta para tentar soltá-la. O galho estala, e eu sibilo para a frente pela fenda para aterrissar de joelhos e com as bases das palmas das mãos em um campo molhado de brotos de trigo. Não há sinal de Mabel.

Corro até o meio do campo e observo ao redor. O trigo está claro e magnífico no resplendor do sol de inverno. Colina abaixo, há outra sebe, atrás dela, outra, e além delas há cerca de dois quilômetros quadrados de pasto e um cavalo claro. Nada de Mabel. Fico imóvel e aguço os ouvidos com determinação. Nada de guizos. Nada. Apito e chamo. Nada. Apanho o receptor de telemetria pela primeira vez. *Blip, blip, blip*. O sinal é forte em todas as direções. Ondas de rádio se propagam, variam e me confundem. Corro sem rumo por tempos com a antena, tentando captar um sinal, e, no final, concluo que ela está naquela direção. Corro mais. Lá embaixo, perto do campo do cavalo, o chão ainda está com geada. Pó branco em terra escura dura. Mabel se perdeu. Sinto-me terrivelmente sozinha e com vertigens. Não é que eu esteja preocupada com ela. Mabel vai ficar bem. Vai voar em alto astral como um foguete por essa paisagem. Poderia viver aqui durante anos. E assim que tenho esse pensamento, vem o barulho de um tiro em resposta, ecoando de não muito longe. *Ah, Jesus*, penso. *Ela não viveria muito de jeito nenhum. Por favor, não deixe que ela seja atingida. Não deixe que esse barulho seja alguém atirando nela.* Eu me levanto, aflita, e é então, no silêncio que se segue ao tiro, que ouço os cacarejos. Cacarejos zangados. Graças a Deus. Sigo o barulho, e, obviamente, lá está Mabel. Sentada banhada pelo sol, no alto de uma sebe, na crista da colina seguinte. Está fulgurante — de propósito. Perseguiu alguma coisa até um abrigo; viu um faisão no voo seguinte e foi atrás dele até aqui. Atravesso o campo correndo na direção dela e dou uma espiada através da sebe para ver o local para onde ela está olhando. Sinto um aperto no coração. É uma selva de árvores novas com a altura até os meus ombros interconectadas com roseiras bravas e arbustos espinhosos. Espinhos, espinhos, espinhos. Não há possibilidade de eu fazer o faisão voar para fora daquilo. Ela faz alguns voos de reconhecimento sobre a moita, investidas tão lentas a ponto de paralisar, antes de retornar ao galho, estendendo o pescoço atrás de si. *Está ali*, ela está pensando. *Consigno ver*. Fico de pé, ofegante, observando-a por um tempo. Temos que sair. Este campo, e o outro mais além, não são do nosso terreno. Mesmo que eu pudesse fazer aquele faisão sair da moita para ela, seria uma caça não autorizada. E praticamos tanta caça não autorizada inadvertidamente que vale pela vida inteira.

Eu a chamo. Ela me ignora. Então espero. E, aos poucos, à medida que os minutos passam, seu ardor predatório arrefece. Agora ela voltou ao mundo que me inclui. Ela me vê de novo. *Ali*, pensa ela. *E ela tem uma codorna inteira no punho*. Ela desce do poleiro iluminado pela luz do sol para a mão que estendo na sombra de uma sebe, e sinto uma onda de alívio indescritível. Começo a tremer, de frio e calor ao mesmo tempo.

O diário que registra a longa batalha perdida de White com Gos não é meramente sobre o seu açor. Nas entrelinhas, é todo sobre história, sexualidade, infância, paisagem, maestria, medievalismo, guerra, magistério, aprendizagem e amor. Todas essas coisas estariam no livro que ele escrevia sobre a sua ave. Quando Gos se perdeu, ele abandonou a tentativa. Mas não inteiramente, porque o livro, de uma forma

diferente, ainda estava sendo concluído, e o açor não ficaria perdido para sempre.

No início de *A espada na pedra*, Kay, o filho de Sir Ector, leva Wart para praticar falcoaria. Ele apanha o açor Cully que estava na gaiola do castelo, o que não foi muito inteligente, pois o açor estava no meio da muda e totalmente sem condições. Após uma investida sobre um coelho, a ave se acomoda em um galho alto e ignora os chamados. Eles a seguem de árvore em árvore, assobiando e a seduzindo com iscas, mas ela não tem a intenção de voltar. Kay fica muito zangado e segue intempestivamente para casa, mas Wart permanece atrás da ave, porque não suporta a ideia de perdê-la. Ele a segue até o interior profundo da mata, onde fica cheio de medo.

Ler *A espada na pedra* após ler *The Goshawk* é muito curioso. Você começa a confundir qual floresta é qual. Uma delas é um emaranhado de mata virgem, da Grã-Bretanha de Artur, um refúgio para os marginais, aves de rapina e homens perversos. A outra é a floresta de plantas entrelaçadas em torno de Stowe. Também é um refúgio para os marginais, aves de rapina e homens perversos, o local que White esperava que lhe desse a liberdade para ser quem ele era. Como a floresta em *Sir Orfeo*, as florestas da imaginação de White existem em dois mundos ao mesmo tempo, e é para esses bosques estranhos, duplicados, que o açor conduz Wart. Ao segui-lo, o garoto é guiado para o seu destino, da mesma maneira como White foi empurrado para o próprio destino ao procurar por Gos.

A noite cai. Wart dorme embaixo de uma árvore e, na manhã seguinte, cruza com uma cabana de casa de campo, de coruchêu alto, em uma clareira do bosque. Do lado de fora da cabana, puxando água de um poço, está um homem alto e idoso, de óculos e uma longa barba branca, usando um camisolão manchado de dejetos e bordado com estrelas, folhas e símbolos místicos. É o seu professor, Merlin, o mago, e, quando Wart entra na casinha, descobre que é um tesouro cheio de coisas maravilhosas: milhares de livros, pássaros empalhados, cobras-d'água vivas em um aquário, filhotes de texugo, uma coruja chamada Arquimedes. Há vidro murano, um conjunto da *Enciclopédia Britânica*, estojos de tintas, fósseis, um frasco de verniz de lentisco, redes de armadilha e aramados, uma caixa de varas de pescar, iscas de salmão e uma máscara de raposa presa na parede. Quase todas essas coisas estavam na casa de campo de White enquanto ele escrevia. O livro era o “reino da parafernália” de White, escreveu Sylvia Townsend Warner, “onde havia lugar e reparo para qualquer coisa que ele quisesse colocar ali”¹. Mas há outra maneira de ler essa cena, uma interpretação bem menos mundana do que a diversão de um escritor em inserir no livro as coisas ao seu redor enquanto escreve: é que a cabana de Merlin na floresta é a própria casa de campo dele.

Nas estantes de White, havia uma seção inteira de livros sobre psicologia humana. Ele os leu, sublinhou trechos, fez anotações à margem das passagens sobre a patologia dos desvios sexuais. Na obra *Individual Psychology*, de Alfred Adler, encontrou um capítulo inteiro sobre homossexualidade. No livro há o argumento de que a atitude dos homossexuais é “aquela de pessoas desejosas de interferir no passar do tempo”.² Adler achava que os homossexuais eram irresponsáveis porque se recusavam a se desenvolver para a idade adulta heterossexual. Mas interferir no passar do tempo? Palavras lidas uma vez marcam na memória.

Pois White com certeza estava interferindo no tempo. Ele o estava fazendo andar de trás para a frente. Naquele montículo verde de uma sepultura, ele atingira a invisibilidade e, após emergir, sentiu que “havia virado o dia de St. Lucie”, o menor e mais escuro dia do ano, a partir do qual a Terra roda de volta para a primavera. Falava do tempo como um renascimento: escreveu que a vida “parecia estar se criando,

parecia que estava nas paredes vazias do caos descobrindo uma abertura ou uma partícula de luz.”³ Em sua imaginação, a sepultura era a sua dissolução. Ele perdera a guerra para Gos, e isso matara o homem que ele era. Mas agora, com sua visão infantil e apocalíptica da redenção, ele se via renascendo para o mundo com sabedoria. E renascendo, também, como um homem vivendo de trás para a frente no tempo. Eu costumava pensar em Merlin como uma magnífica criação literária, mas agora penso nele como uma invenção muito mais peculiar: o futuro ego imaginado por White. Merlin “nasceu na época errada do tempo”.⁴ Ele devia “viver para trás a partir da frente, enquanto estava cercado por uma porção de pessoas vivendo para a frente a partir de trás”. Essa vida para trás é o que dá a Merlin sua capacidade de prever o futuro — para ele, é sempre passado. Na conclusão escrita por White em 1941 de *O único e eterno rei*, obra publicada muito mais tarde como *O livro de Merlin*, Artur espera por sua batalha final. Agora ele está idoso, cansando e sem esperanças, e, quando Merlin aparece, fica se perguntando se o mago é um sonho. Merlin o repreende: “Quando eu era um professor de terceira categoria no século vinte⁵, cada garoto que conheci escreveu ensaios sobre mim que terminavam assim: ‘Então acordei.’”

Ser Merlin era o sonho de White, e isso torna *A espada na pedra* não apenas uma obra de ficção, mas também uma profecia. Tudo o que White precisa fazer é permanecer no mesmo lugar, esperar por quatrocentos anos, e Wart vai aparecer em sua porta. A cabana de Merlin e todas as coisas lá dentro são lembranças de um futuro distante. “Sempre tive medo das coisas”, escrevera White. “De me machucar e de morrer.” Agora, porém, ele estava se recriando como alguém que se tornaria — e que já era — imortalizado como uma lenda.

Na imaginação, tudo pode ser restaurado, tudo pode ser consertado, as feridas saradas, as histórias concluídas. White não conseguiu recuperar seu falcão perdido, mas, como Merlin, ele consegue concluir sua história com um aro de penas viradas para cima e uma linha de pesca, e o leva em triunfo de volta ao castelo com Wart. Dessa forma, White dá a si mesmo um novo pupilo para treinar: não um pássaro, mas o garoto que vai ser rei. Ele vai educá-lo na moralidade do poder, inspirá-lo para criar a Távola Redonda, para lutar, sempre, pela justiça sobre o poder. “O exemplo de um homem bom sempre instrui de fato os ignorantes e abrandando sua raiva, pouco a pouco ao longo das eras, até que o espírito das águas esteja satisfeito”⁶, diz a cobra-d’água para o rei no final de *O livro de Merlin*. Para um garotinho que ficou parado na frente de um castelo de brinquedo convicto de que seria morto, o fato de ser Merlin é o melhor sonho de todos. Ele vai esperar, resistir, e um dia será capaz de interromper a terrível violência antes mesmo que se inicie.

É véspera de Natal. Do lado de fora da minha janela, corre um rio gelado. Tudo o que não está debruado com prateado e pintado de preto-carvão está branco ou azul-cobalto. Os pontos se movendo são os patos enfrentando o inverno, e uma ave marinha desliza entre eles, como um submarino em um cruzeiro baixo até o mar. Tudo está pesado de neve. Estou cheia até a goela com panquecas e bacon glaceado e me sinto calma, mais tranquila agora do que em qualquer outra ocasião desde a morte do meu pai. Há um silêncio simples e profundo. Minha mãe dorme no quarto ao lado, meu irmão está em casa com a família dele, e Mabel está na casa de Stuart e Mandy, a quase cinco mil quilômetros.

Minha mãe e eu estamos passando o Natal nos Estados Unidos, a convite de meu amigo Erin e dos pais dele, Harriet e Jim, que administram uma pousada na costa sul do Maine. Conheci Erin anos atrás quando trabalhei criando falcões no País de Gales; um jovem surfista e falcoeiro, ele surgiu na estação de Carmarthen parecendo um completo peixe fora d'água, como um Cary Elwes barbeado no filme *A princesa prometida*. Ele tinha sido arrastado para a Grã-Bretanha sonhando em treinar falcões, mas trabalhou apenas lavando viveiros debaixo de chuva impetuosa. Porém, sobreviveu à melancolia e nos tornamos amigos. Amigos do peito. Do tipo de amizade que se faz uma ou duas vezes na vida. Eu o visitei muitas vezes ao longo dos anos, e por meio dele conheci um pessoal maravilhoso do Maine. Não são como meus amigos de Cambridge. São pescadores, caçadores, artesãos, professores, donos de pousada, guias. Produzem móveis, peças para iscas, belos vasos de cerâmica. Cozinham, lecionam, pescam lagostas, levam os turistas ao lago para pegar robalos-riscados. E a maior parte deles caça.

É claro que caçar no Maine nunca foi restrito a determinadas classes privilegiadas. Não há grandes caças a faisões com banqueiros competindo pelas bolsas mais cheias, nenhum brejo para caça de tetrazes para a elite ou rios para pesca de salmão. A terra toda pode servir para caça por virtude de uma lei comum, e os habitantes locais têm muito orgulho dessa tradição igualitária. Anos atrás, li um artigo em uma edição de 1942 de *Outdoor Life* que provocava o sentimento de guerra apelando para isso. “Um dos meus avôs veio do norte da Europa pelo simples motivo de que queria viver em um país onde pudesse tentar pescar um peixe sem precisar invadir sorrateiramente a propriedade de algum nobre, de onde as pessoas comuns eram excluídas”, afirmou um caçador. Na Alemanha e na Itália fascista, explicou o artigo, caçar era uma atividade limitada “aos grandes proprietários de terras, seus convidados, e os ricos e poderosos”. O artigo teve que abrandar um pouco, é claro, pois o mesmo acontecia na Grã-Bretanha. “Não representa nenhuma bofetada em nosso corajoso aliado”, explicava. “Mas não precisamos do seu sistema de administração das terras.”¹ E ainda mais, a caça é muito mais aceitável aqui do que na Grã-Bretanha. Um dos meus amigos no Maine é Scott McNeff, um ativista magro e cheio de energia que administra uma sorveteria no verão e passa o inverno treinando falcões. Ele me contou que poucas famílias em todo o estado não se sentem tocadas pela caçada aos veados que acontece em novembro.

Mesmo aqueles que pessoalmente não os caçam conhecem alguém que faz isso, e as geladeiras em todo o Maine estão abarrotadas de carne de veado caçada pelas famílias, tudo dividido e empacotado para oferecer a amigos e parentes. As pessoas trocam histórias de caça aqui da mesma maneira como as pessoas trocam histórias de bebedeira em minha terra.

Ontem Scott nos levou para praticar falcoaria com seu falcão macho de cauda vermelha, uma ave de um ano de idade chamada Yoder. É uma bela fera: a coroa e as costas são castanhas, as partes de baixo de um branco leitoso, esparsamente marcadas com um gorjal de pontos e traços. Não é tão bem equipado quanto um açor; os dedos das patas são mais curtos e grossos, mais como punhos do que os dedos de pianista com armaduras de Mabel. O falcão de Scott não tem nada da postura esguia de um açor, do instinto de caça de um leopardo, nem sua apreensão contagiante. Seus olhos são escuros; o rosto, suave e simpático. Um falcão amigável e atarracado. Um ave de rapina serena, retirada da vida selvagem. Yoder é um falcão capturado em seu primeiro ano de vida, já sabendo como caçar, que, nas semanas depois que deixou o ninho, teve que aprender cem modos diferentes de encontrar ar, chuva, vento e presa, e aprender rápido para sobreviver. Os falcoeiros americanos têm permissão para capturar e fazer voar uma ave no seu primeiro inverno, e depois libertá-la na primavera para voltar à vida selvagem e procriar. Eles podem fazer isso porque são testados e licenciados pelo Estado. É um bom sistema. Gostaria que o mesmo procedimento fosse adotado no meu país.

Scott tem o tipo de físico elegante que transforma tudo que faz em algo belo. Ele muda os jesses do falcão, verifica se há comida no bolso do colete surrado, e partimos. Há uma crosta profunda de neve sobre o chão. Tudo está em perfeito equilíbrio. O local é uma grande mata: milhares e milhares de acres de pinheiro, cicuta, abeto e carvalho. Mas não é para onde vamos. Atravessamos o que parece ser o pátio de uma escola. Yoder deixa o punho de Scott, voa até um brinquedo. Descemos com dificuldade por uma ladeira atrás de casas de madeira. O falcão nos segue. O ar abafa os sons, de forma que falar neste lugar faz sua voz parar trinta centímetros à frente do rosto em uma nuvem de vapor branco. *O que estamos fazendo aqui?*, penso desanimada. *Essa é uma área urbana.*

Lascas de cascas de árvore deslizam e caem por uns dez metros no ar. Uma família acena de uma janela no piso superior. Acenamos de volta. O falcão está galgando um pinheiro atrás da cerca do quintal deles, elevando-se em direção ao céu com saltos e floreios de falcão.

— Esquilo! — grita Scott.

Estou com neve na altura dos joelhos, tossindo, os ouvidos fatigados da viagem zumbindo no silêncio, tentando seguir o que está acontecendo acima da minha cabeça. A luminosidade no alto é completa por trás dos nós, troncos de gravetos e folhas de pinheiro. O voo é obra de duas criaturas lá em cima. Altitude, vantagem, fuga, evasão. O esquilo conhece os falcões de cauda vermelha. Eles vivem nos bosques. O falcão conhece os esquilos também, já os caçou em sua vida selvagem antes de Scott capturá-lo ainda no outono. Um galho fino verga e volta ao lugar quando o esquilo salta para a árvore seguinte, o falcão atrás dele. Estendemos o pescoço para ver a batalha, desenrolando-se como uma versão selvagem do filme *A raposa do mar*. O falcão dá uma guinada, o esquilo salta de novo, sua silhueta fica aparente no ar, preta contra o céu, patas esticadas, e então uma figura escura, borrada, o atinge. É o falcão. Ouço o impacto, vejo a queda desajeitada, como se fosse um paraquedas descendo dez metros pelo ar nevado e fragmentado, e ambos pousam batendo forte no chão. Scott vai andando no meio da neve espessa, e, quando chego lá, o esquilo está morto e o falcão está estendendo as asas abertas sobre a presa, o bico

aberto. Uma fina camada de fumaça sai de sua boca. O sangue já traçou uma linha fina na neve, patas e penas do falcão estão salpicados de uma mistura de neve e sangue que parece açúcar de confeitiro. O falcão olha para cima e em volta. Um quintal, garagens, cerca baixa. Uma grelha de churrasco afundada na neve. Um Papai Noel inflável montado em uma Harley Davidson inflável. Pedacos de gelo pendendo de decorações de Natal. O barulho de televisão vindo de algum lugar próximo, e além disso alguém cantando “Parabéns pra você”. Nunca vi algo tão violentamente silvestre e ao mesmo tempo familiar. Como pode estar aqui? Como pode a vida selvagem estar aqui nessa região no meio de uma cidade, entre casas, numa comunidade? Foi para ficar longe dessas coisas que eu viajei.

Foi a caça mais selvagem que já vi. Sentada perto da janela, observando a água do rio fluindo, começo a me perguntar se nossa casa pode ser em qualquer lugar, assim como a vida nas selvas pode se apresentar da maneira mais feroz em uma vizinhança suburbana, e um falcão pode considerar um brinquedo como um poleiro para observação mais útil do que o pinheiro mais distante. Maine me deu uma família para o Natal e me mostrou que um falcão também pode ser parte disso. Mostrou-me que você pode se reconciliar com a vida selvagem. Pode levá-la para casa com você.

★ ★ ★

É nossa última manhã. Erin, mamãe e eu estamos na praia caminhando contra o vento, ao longo da Parsons Beach. O dia tem um clima amargo, de um frio cortante; pisamos em areia congelada. Patos voam ao longe, distantes da orla, como linhas irregulares sobre feltro verde encharcado em água. O mar abaixo deles está cheio de lagostas; o estado do Maine é famoso por elas; cartazes de sanduíches de lagosta pendem por todo lado na cidade. O pai de Erin já foi pescador de lagosta, e fui pescar com eles anos atrás. O que significa dizer que fiquei sentada no deque do barco e observei enquanto puxavam as redes, mediam, classificavam e rotulavam as lagostas, enchiam as redes de iscas e as jogavam ao mar. Trabalharam por horas enquanto permaneci sentada, incapaz de ajudar, de fazer outra coisa senão observar. Estavam encantados que eu tivesse vindo acompanhá-los, e era um lindo dia, mas ainda assim me sentia culpada: eu era uma turista inglesa sem noção nenhuma daquilo. Ao caminhar na praia, lembrei-me daquela viagem de barco e me senti bastante desconfortável. Eu tinha passado meses com Mabel na colina. Tinha visto a colheita chegar, os tratores revolvendo a terra, os criadores tirando as ovelhas do campo por causa do inverno. E não tinha falado com ninguém. Absolutamente ninguém. Pensei nos turistas de verão que viriam aqui aos montes para fotografar os barcos de lagosta chegando, ou regulando as câmeras para captar a luz e a sombra torcidas sobre as pilhas de redes de lagostas no cais de Cape Porpoise. Será que eu era assim? Eu não queria ser uma turista com a minha ave. Não sentia aquilo como turismo. Mas com toda a certeza eu tinha evitado fazer parte daquela realidade.

Damos meia-volta, agora andando a favor do vento, pisando em algas marinhas com crostas de gelo e mandando bandos de maçaricos ao longo da linha da maré, fazendo-os girar. Estávamos na baixa temporada, e as ruas estavam desertas, os hotéis fechados, as persianas abaixadas, os cartazes de madeira balançando com o vento. Um falcão-do-tanoeiro está sentado no sinal luminoso de cabeça para baixo no cruzamento da Main Street com a Western Avenue, com a cabeça plana e penas fofas como a de Mabel, fitando a cidade vazia abaixo.

De volta à pousada, sentindo-me com frio e terrivelmente sóbria, bebo café e fico andando de um

lado para outro perto da lareira. Meu rosto está quente. Suponho que seja por causa do vento. Mamãe está fazendo as malas no andar de cima. Erin e o pai estão na cozinha. Posso ouvi-los rindo. *Não quero ir para casa*, penso. Eu tinha fugido da sociedade. Na homenagem para o meu pai, lembrei que ela existia. Agora estou de volta, no meio de uma grupo de pessoas, em uma casa de família, e não quero ir embora. Este lugar está consertando meu coração partido. Consigo senti-lo ser remendado e tenho medo do que vai acontecer quando eu partir. Não tenho certeza de como vou lidar com as coisas na volta à Inglaterra, de volta à minha cidadezinha antiga e solitária, sem emprego, sem esperança.

A porta dos fundos bate. Jim está saindo de caminhão para a oficina. *Não quero partir*. Fico amuada. Inquieta. Franço o cenho para o fogo, quente de autopiedade. Então ouço a porta abrir e surge no batente a cabeça de Erin, com os cabelos despenteados. Exibe uma expressão bastante conspiratória. Sinto que há um plano sendo preparado. E, um minuto depois, eu o ajudo a arrastar sua gigantesca árvore de Natal para fora da sala até o gramado coberto de neve, a ponta criando uma trilha irregular ao serpentear pelo chão, os galhos deslizando e cortando a crosta que brilha na luz escassa. Nós a enfiamos bem fundo na neve, como se ela tivesse crescido ali. Não faço ideia do que está acontecendo.

— Ok, Macca, vamos queimar a árvore! — diz ele.

Ar de surpresa.

— É uma tradição. É o que fazemos aqui. Nos *Estados Unidos*.

Não acredito nele nem por um segundo.

— Na Inglaterra nós despejamos a árvore na rua, *tradicionalmente* — retruco. — Sem dúvida, vamos botar fogo nela.

— Vou pegar o acendedor! — grita ele.

Posso sentir toda a loucura em sua alegria pagã contagiante. Ele volta correndo da casa, com uma garrafinha de plástico com gel combustível, e, no silêncio da paisagem nevada, névoa descendo ao nosso redor à medida que o degelo transforma o gelo em água que fica no ar aquecido, ele decora a árvore com correntes verdes grudentas que pingam e colam como uma guirlanda de ouropel pegajoso.

— Para trás! — ordena ele.

Risca um fósforo. Um galho pega fogo com um violento risco de chama. Por alguns momentos, é uma cena bonita: uma luz suave amarela na escuridão monocromática. Então há uma cascata explosiva, intensa, de chamas se elevando em um esplendor espantoso. As sobranceiras de Erin se erguem. Ele retrocede alguns bons passos. E agora estou rindo tanto que mal consigo ficar em pé.

— Jesus Cristo, Erin! — grito.

É como se ele tivesse preparado uma iluminação para o mundo inteiro: uma pirâmide de fogo de seis metros iluminando o gramado, a casa, o rio, o outro lado do rio, fazendo surgir sombras das árvores que um minuto antes estavam perdidas na escuridão, e nossos rostos estão dourados refletindo a chama laranja e furiosa. *Que diabo fizemos?* A fumaça se mistura com a névoa de modo que tudo, por toda parte, está queimando. A árvore incandescente, gravetos pretos incandescendo, estalando, desintegrando, e a fumaça, e Erin e eu agora vestindo a carapuça de quem vai se meter em sérias encrencas.

— Acho que o caminhão dos bombeiros vai chegar a qualquer minuto! — grita Erin, e nós dois viramos crianças de novo, encantados com o que fizemos e temerosos com o desastre.

E então o incêndio cessa. O esqueleto fica de pé na neve, toda a sua complexidade desaparecida. Apenas um tronco fino com alguns galhos carbonizados, já molhados no ar. Eu encaro o que resta da

árvore, respiro o vapor e a névoa do ar. Erin faz uma careta para mim, e eu retribuo com outra.

— Isso foi incrível — diz ele.

E foi. Um ritual de fogo, uma cerimônia de magia inusitada e protetora. Coisas ruins tinham fugido daquela árvore em chamas. Rimos em todo o caminho de volta para casa, deixando o esqueleto fincado na neve. Mais tarde naquele dia, mamãe e eu voltamos para Londres. Eu a levei até a casa dela, prometi que a veria em breve, depois tomei o caminho de Cambridge, da casa de Stuart e Mandy. Corri para a porta deles. Mal posso esperar para ver a minha ave. Lá está ela, pousada no jardim deles, gorda e feliz no meio de uma multidão de *pointers* abanando o rabo. Agradeço a Stuart por tomar conta dela enquanto eu estava fora. Ele está parado perto das portas do pátio, abatido e cansado de um modo estranho.

— Tudo correu bem — diz. — Não fiz muita coisa com ela, para ser franco. Tive uma gripe. Foi terrível. Fiquei de cama o Natal inteiro. Só jogava comida para ela.

— Pobre Stu — diz Mandy, vindo em direção à mesa com três xícaras de café e um pacote aberto de biscoitos. — Ele está exausto mesmo. — Olho para os meus amigos e meu coração se contrai. Eles passaram muitas horas me ajudando, me demonstraram muito amor. E eu nem dei a importância devida.

— Obrigada. MUITÍSSIMO obrigada — digo. — Amo vocês. De verdade. — Falo com a maior intensidade possível. Não é apenas por eles terem tomado conta do meu açor. Eu me levanto e dou um abraço em Stuart.

— Não vá pegar minha gripe — diz ele, recuando. Eu o abraço assim mesmo.

★ ★ ★

Em um dia de brisa soprando em agosto de 1939, White está na Irlanda escondido da guerra. Ele sabe que deveria se alistar, mas se convenceu de que sua fuga para lá não é mera covardia. Seria um desperdício como soldado, pensa ele. Tem algo mais importante a fazer — concluir seu épico sobre a Grã-Bretanha medieval, que, afinal, resolverá o mistério de por que os seres humanos lutam. E por esse motivo ele foi para o Condado de Mayo e alugou o Sheskin Lodge para escrever, um bangalô aristocrático com um jardim de inverno cercado de vidros, colocado no meio de acres de pinheiro e rododendro selvagem.

Ele está sentado na poltrona de couro rasgado na sala com paredes descascando. O som melancólico de guizos de falcão flutua através da janela aberta a cada vez que as aves se debatem em seus blocos no gramado. Cully morreu: enganchou-se em uma rede de morango no celeiro e acabou enforcada, mas desde então White treinou dois esmerilhões, e agora tem dois falcões-peregrinos: uma fêmea mal-humorada chamada Cressida, e um macho jovem e nervoso ainda sem nome. Na última meia hora, ele está registrando as etapas delicadas do seu treinamento em um diário encadernado em couro. Faz uma pausa. Um pensamento veio à mente dele, carregado pelo som de guizos. Talvez possa escrever um livro sobre aves de rapina, afinal de contas. Tinha tentado uma vez, e fracassado. Talvez tentasse de novo. Não seria o livro comum de um naturalista sobre as aves. Isso seria ludibriar, pensa. O livro dele seria literatura *autêntica*. Ele começa a delinear o motivo:

As cerimônias de iniciação, a cabana vodu do falcoeiro, os barulhos na escuridão mágica, os nós necromânticos. Os nós provavelmente eram os primeiros feitiços. Os dois falcões se consideram enfeitiçados nos seus blocos por minhas artes... Estou convencido de que, se ninguém nunca tivesse inventado nós, ninguém nunca teria imaginado os mágicos.²

Como falcoeiro, ele estaria no livro, desempenhando também todos os outros papéis na educação do falcão. Primeiro, será Torquemada, o temível inquisidor. Depois, o “doutor bruxo das cerimônias de puberdade”, e a presença aterradora que vai testá-los, o “deus-diabo da caverna”. Então, será Próspero, o mágico magistral que os liderou por todas as cerimônias e provações de sua adolescência falcoeira, pois White acha que sabe o que é a liberdade e o que significa crescer. Ele está envolvido com a mágica que é a espera do falcão pelo desejo do mágico, e sabe que no final do livro deve acontecer o maior mistério de todos. O falcão deve escapar. É claro que deve; pois a ave teria que “desfazer o feitiço, para escapar, para desacatar o necromante — apenas para descobrir que havia um feitiço dentro do feitiço, que o mago era um homem sagrado afinal de contas, bastante feliz com a fuga”. Ele termina o parágrafo e se vê profundamente comovido.

Lá ele ficaria, pequeno e invertido, olhando para cima a partir da terra rejeitada, seu planetário na capa voando ao vento, a mão defraudada, a barba branca flutuando. E Falco? Um triunfo, um ódio e uma gratidão. Sem lógica ou moral. Apenas a magia por si mesma, tecendo e não tecida.

Histórias de inverno

O céu está carregado de nuvens de frente fria sob tiras de cirro-estratos, e um vento envia as cotovias para cima como resíduos de cereais enquanto caminhamos pelos campos. Nuvens de pintarroxos emergem, meio mosquitos, meio notas musicais, ao longo das sebes que circundam minha antiga casa, tudo fora do lugar no que representa a noção de lar porque meu pai não está aqui. É o fim do inverno e estou de volta para a casa de minha mãe. As coisas caminham melhores agora, eu sei, e tenho vindo aqui com mais frequência, mas sempre me esqueço de como é difícil.

Os campos de inverno estão com o gramado amarelado com a relva taluda, comida pelos coelhos, salpicada com gralhas-calvas procurando por alimento. Posso fazer Mabel voar pelo espaço todo, até o fim destas terras, na ampla sebe inclinada, tão ampla que é quase um bosque, com uma cobertura de úsnea. Além da sebe, fica o terreno de outra pessoa; a *terra incognita*, mantendo o fascínio oprimido que temos por lugares além daquilo que conhecemos ou que deveríamos explorar. Fico de pé no topo da colina, troco os jesses de Mabel, retiro a leash, enfio o destorcedor, reponho a leash, e coloco-a no fundo do bolso. Estendo meu braço bem alto, espero enquanto ela olha em volta e a impulsiono para abandonar meu punho na direção do vento agitado. Ela desliza para baixo até a sebe distante, dá meia-volta para cima até um pequeno freixo, sacudindo a cauda. Eu a sigo e começamos a praticar a falcoaria apropriadamente, procurando coelhos em um conjunto de árvores aberto e com entradas amplas. Essa fileira de árvores não foi projetada como via de passagem de seres humanos. Há sabugueiros, gravetos verdes e galhos marcados com líquen. Há carvalhos caídos, arbustos espinhosos, telas de aveleira e hera subindo por cima de tocos, cobrindo-os e se estendendo para as árvores acima em busca desesperada por luz, de forma que o local todo é sombreado e decorado com escamas brilhantes de folhas de hera. O ar tem gosto de húmus e dejetos em decomposição. Cada passo parte gravetos e traz aquela qualidade ligeiramente insegura, estranhamente vazia, de caminhar em solo espesso de mata.

Mabel está se comportando de forma extraordinária. Antes, ela voava sobretudo em campo aberto. Agora assimilou a caça dentro da mata, e está incrivelmente atenta. Mais do que atenta. Fazer um açor voar em um local com obstáculos e ângulos de visão entrecortados torna bastante forte a conexão entre ele e seu falcoeiro. Ela se mete entre os galhos para vir até meu punho quando apito, e me segue enquanto caminho, movendo-se acima de mim como um anjo particular. Olho para o alto e a vejo se curvando, fitando-me com olhos redondos, pupilas dilatadas de excitação e atenção, com os dedos amarelos agarrando ramos secos de freixo. Ou a vejo flutuando por cima de mim, acima dos galhos, batendo as asas, deixando vento atrás de si.

Não existe uma narrativa para se contar. Existe o momento em que me viro e vejo o rosto tranquilo e obsessivo de um coelho jovem olhando na entrada de uma toca a três metros, orelhas para cima, focinho se mexendo. Uma pequena fêmea cinzenta. Não posso chamar atenção para ela. O mundo se posiciona e

paralisa. O coelho e eu nos entreolhamos. Ele percebe que esse olhar traz um envolvimento com a morte e desaparece. Mabel não o vê até o momento em que o coelho está prestes a desaparecer, voltando para o buraco, se transformando em ar, mas ela tem que voar de qualquer maneira até o rasto, afinal, quem sabe? E sai em disparada para baixo e esfrega o buraco com uma pata, antes de balançar para cima até o alto de uma árvore e sacudir a cauda, olhando para baixo. Há o momento em que estou correndo às cegas atrás da minha ave, e a vejo pisando em um galho a doze metros de altura em um castanheiro: um ataque fracassado a um esquilo cinzento, que sobe deslizando pelas estrias espiraladas do tronco, fugindo para a segurança do galho alto. Lascas de casca de árvore tombam ao meu redor como neve encerada e delicada assim que Mabel volta ao punho, quando a chamo, e fico bastante aliviada, porque os esquilos podem morder. Eles conseguem até arrancar o dedo da pata de um falcão. Não que eu os culpe, dadas as circunstâncias. Há o momento em que ela se aproxima de mim ao nível do chão, porque é a única maneira de atravessar uma grande barreira de sabugueiro, e, à medida que ela se aproxima, fico observando o modo como as penas de suas costas se elevam apenas um pouquinho quando ela diminui a velocidade para bater na luva — *blam* —, todas as oito garras segurando com força, depois relaxando. Ela olha direto para mim, em um esplendor de expectativa. Então, de repente, vê algo entre as árvores, lá longe no outro lado da sebe. Suas pupilas se dilatam. Ela serpenteia o pescoço e alisa a crista, e as pequeninas penas cinzentas em torno do bico e dos olhos franzem em uma expressão que aprendi que significa *tem alguma coisa ali*.

Resolvo investigar, mesmo não tendo permissão de ir lá com uma ave de rapina. Com cuidado, de modo a não encostar nada na calça — até agora já perdi três delas ao praticar falcoaria —, transponho a cerca de arame enferrujado. Eu me viro e me vejo afundando até a canela em uma vegetação da cor de fumo molhado. Estamos diante de um vasto vale. É lindo. Inspiro fundo e expiro, sentindo um frio na barriga por pisar em uma colina de giz.

★ ★ ★

Paisagens de giz têm esse efeito em mim; trazem uma sensação divertida, de leveza, de que alguma grande revelação está ao alcance das mãos, o que me faz sentir culpada. Há uma longa tradição de misticismo relacionada ao giz inserida na cultura e na natureza dos ingleses, e sei que o que estou sentindo aqui faz parte disso. Sinto-me culpada porque entendo que amar paisagens como esta envolve uma espécie de história interessada em pureza, uma sensação de profundo comprometimento com o sangue e com o tempo, e supõe que essas paisagens solitárias varridas pelo vento são melhores, de maior qualidade, do que as paisagens abaixo. “As pessoas que frequentam as colinas de giz estão ocupadas com coisas essenciais; com estrutura, formas e texturas”, escreveu H. J. Massingham, o ruralista adepto do culto ao giz na década de 1930. “No alto, elas estão conectadas com as formas nuas, arcaicas e grandiosas de tudo.”¹ Trata-se de uma paisagem análoga à dos olhos de um aviador.

Cresci numa área de florestas de pinheiros das planícies e charnecas arenosas de Surrey. Mas há uma fotografia minha, enrolada em um casaco quadriculado, pousando a mão de uma criança de cinco anos de idade em uma das pedras de Stonehenge, onde meu cérebro infantil primeiro captou as insinuações da história. E quando fiquei um pouco mais velha, trigueirões chiando pousados em estacas de cercas em um terreno elevado perto de Wantage, lembro-me de meu pai me contando que a trilha por onde

andávamos, a Ridgeway, era um caminho muito, muito antigo. Isso me impressionou bastante. Era a década de 1970, que vira mais um importante surto de história e culto ao giz: havia réplicas de aldeias da Idade de Bronze em Butser; programas de TV infantis assustadores sobre os círculos de pedra em Avebury; reintrodução da abetarda-comum em instalações militares ultrassecretas na planície de Salisbury. Agora, imagino o motivo. Será que foi em resposta à crise do petróleo? Crise econômica? Não sei. Porém, em Ridgeway, quando eu tinha nove ou dez anos de idade, foi quando, pela primeira vez, percebi a força que uma pessoa pode sentir ao se alinhar de forma profunda com a história. Apenas muito mais tarde entendi que tais chamados da história tiveram a própria história, mais sombria. Que o culto ao giz residia na presunção de conexões orgânicas com uma paisagem, um sentido de pertinência santificado através de um apelo à própria linhagem imaginada. Aquelas colinas de giz mantinham sua história, tanto nacional quanto natural. E foi muito depois também que percebi que esses mitos machucam. Que funcionam para enxotar outras culturas, outras histórias, outras maneiras de amar, trabalhar e estar em uma paisagem. Que eles levam delicadamente até a escuridão.²

★ ★ ★

Estou de pé na extremidade de minha conhecida sebe, olhando para esta *terra incognita* que é o grandioso encanto do século XX ao passado mítico da Inglaterra. Saio da vegetação e vou para onde o solo pedregoso está exposto, tão denso de giz que parece uma pasta branca; raízes finíssimas e sílex salpicados de chuva; minúsculos pedaços de pedra amontoados. O terreno desce até um vale seco; uma depressão do tamanho de uma aldeia, um matagal de faia pendendo cinzento do aclave da esquerda. É um campo de um milhão de pequeninos brotos — mudinhas de trigo. Eles conferem ao terreno calcário uma aparência peluda, como algas na frente de um penhasco. Mesmo nessa luz fraca, escura, o vale brilha de forma intensa. E avisto o que Mabel viu. Aproximadamente cem metros à nossa frente, agachada, está uma grande lebre castanha, as pontas das orelhas pretas apoiadas sobre as costas avermelhadas. Há mais, muito mais: lá embaixo, no fundo do vale, no local onde haveria um rio, se houvesse água, está um rebanho de trinta gamos. As costas têm a cor de uma toupeira, com *dégradé* até cinza-claro na parte inferior. Estão compactamente próximas, tremendo de indecisão. Estão me observando. Trinta cabeças erguidas. O rebanho é delicado e poderoso, e espera para ver o que vou fazer.

Não consigo resistir ao impulso que me invade. Seguro Mabel, que também os observa, e, como uma mulher possuída, caminho até eles, com aquela estranha sensação de desconectar cabeça e pés quando se desce um morro. Tecnicamente, estou invadindo uma propriedade, mas não consigo evitar. Quero interagir com aqueles animais de alguma forma. Quero chegar mais perto. E, quando o faço, a pressão da minha chegada iminente empurra um gamo para a direita, e eles andam, depois trotam, em uma fila comprida, ao longo do fundo do vale, subindo para o bosque no extremo oposto do campo, a uns oitocentos metros. São fascinantes. Mabel os observa. Ela ignora a lebre. Os gamos em procissão parecem pinturas de caverna em carvão manifestando-se fisicamente. A mágica da arte funcionando de trás para a frente. O giz atrás deles parece osso. E agora a lebre também corre, na direção oposta aos gamos. Os animais correm, e a paisagem parece estar se dividindo diante de mim. Gamos para um lado, lebre para o outro. E então todos desapareceram: a lebre à margem do campo no topo da colina à esquerda, os gamos no bosque no topo da colina à direita. Agora não há mais nada na minha frente além do vento, do giz e

do trigo.

Nada. O açor sacode as penas de novo e começa a alisar suas tetrizes. Os gamos e a lebre correndo. Legados de comércio e invasão, agricultura, caçadas, colonização. Acredita-se que as lebres foram introduzidas pelos romanos. Os gamos com certeza o foram. Os faisões também, trazidos em bandos da Ásia Menor. As perdizes que ocupavam este terreno eram originalmente da França, e as que vejo aqui foram chocadas em incubadoras em granjas. O esquilo no castanheiro? América do Norte. Coelhos? Introduzidos em época medieval. Feltro, carne, pelo, pena, de todos os cantos. Mas possuindo o terreno, de todo modo.

★ ★ ★

Prosseguimos, novamente, dessa vez para casa. No entanto, a chuva está mais forte, e os coelhos estão tão próximos de suas tocas que Mabel não consegue colocar um pé neles antes que desapareçam. Após perder um coelho por um fio em um buraco rochoso perto do conjunto de rosas selvagens, eu a chamo de volta e a alimento. Ela está cansada. Gotas de água pipocam em sua cabeça e nas pequeninas penas dos cílios. Caminhamos devagar de volta ao estacionamento. Também estou cansada, e feliz de ver pessoas andando em nossa direção. Eu já as conhecia: um casal aposentando da vila da minha mãe, passeando com seu cão terrier de focinho branco em uma coleira comprida. Ambos estão enrolados em cachecóis e pesados casacos fechados, e seus ombros estão tensionados por causa do frio e da umidade. Eu os encontro aqui com certa frequência. Sempre fico contente de vê-los. Não sei o nome deles, e eles não sabem o meu, embora saibam que minha ave se chama Mabel. Aceno, e eles param e acenam de volta.

— Olá — digo.

— Olá! Como está a ave? — perguntam.

— Está bem! — respondo com alegria. — Mas está cansada. Voou por todo lado. Está lindo aqui hoje. Vi os gamos! — falei, contente por ter alguém para contar. — Um grande rebanho, de pelo escuro, lá embaixo no fundo do vale.

— Sim — confirma ele. — Os gamos. São especiais, não são? Raros. Nós os vemos frequentemente. — Ele está sorrindo; estamos todos desfrutando nossos segredos compartilhados sobre o lugar. Ela também está fazendo um gesto afirmativo com a cabeça.

— Não são lindos? — pergunta ela. — Nós contamos quantos tinham uma vez, não foi?

Ele confirma.

— Em geral, são entre vinte e cinco e trinta.

— Exatamente trinta — digo.

— Lindo de se ver.

Concordo. Ela puxa o cachecol mais apertado quando começa uma rajada de vento. O marido aquiesce vigorosamente, a chuva escurecendo o tecido sobre os ombros dele.

— Um rebanho de gamos — diz, sorrindo, depois sua expressão assume algo que não consigo decifrar. — Não lhe dá esperança? — pergunta de repente.

— Esperança?

— Isso — responde. — Não é um alívio que ainda haja coisas assim, que ainda reste uma parte genuína da Velha Inglaterra, apesar de todos esses imigrantes chegando?

Não sei o que falar. As palavras dele pairam, e toda a estranheza é silenciosa. As folhas chacoalham nos troncos das aveleiras. Faço um sinal de adeus, terrivelmente triste, e Mabel e eu nos arrastamos para casa sob a chuva.

★ ★ ★

É uma caminhada terrível. Eu deveria ter respondido. Porém, o constrangimento conteve minha língua. Batendo os pés, começo a puxar a linha de escuridão que eles me lançaram. Penso na região rural e em seu culto ao giz, em todos os seus mitos de parentesco de sangue, e naquele detestável falcão de bronze, nos planos de Göring em excluir os judeus das florestas alemãs. Penso nos açores finlandeses que tornaram sua casa as Brecklands, e no meu avô, nascido nas Hébridais Exteriores da Escócia, que só falava gaélico até dez anos de idade. E no empreiteiro lituano que conheci colhendo cogumelos em um bosque, que me perguntou, espantado, por que ninguém que ele conheceu na Inglaterra sabia distinguir os que eram comestíveis dos que não eram. Penso em todas as histórias complexas que as paisagens têm, e em como é fácil anulá-las, e colocar histórias mais simples e seguras no lugar.

São seguras apenas para nós. Os campos onde Mabel voava comigo lá em Cambridge são cultivados organicamente, e estão fervilhando com vida. Os daqui, não. É verdade que os grandes animais estão aqui: os gamos, as raposas, os coelhos; os campos se parecem, as árvores também, mas olhando com mais atenção se vê que estas terras são vazias. Há pouca vegetação além das plantações, poucas abelhas ou borboletas, pois o solo é revestido e polvilhado com substâncias químicas mortais. Dez anos atrás havia rolas-comuns. Trinta anos atrás havia trigueirões e enormes bandos de abibes. Setenta anos atrás havia picanços-de-dorso-vermelho, torcicolos e narcejas. Duzentos anos atrás, corvos e galos-liras. Todos desapareceram.

A Velha Inglaterra é um lugar imaginário, uma paisagem construída com palavras, xilogravuras, filmes, pinturas, estampas pitorescas. É um lugar idealizado por pessoas, e pessoas não vivem muito tempo ou não olham com muita intensidade. Somos muitos ruins em gradações. As coisas que vivem no solo são pequenas demais para merecerem interesse; a mudança climática é ampla demais para ser mensurada. Somos ruins quanto ao tempo também. Não conseguimos nos lembrar do que vivia aqui antes de nós; não conseguimos amar o que não está, nem conseguimos imaginar o que estará diferente depois que morrermos. Sobrevivemos durante nosso tempo de vida, e fazemos nossas conexões somente para nós mesmos. Buscamos conforto nos quadros, e anulamos as colinas da história.

História e vida também. Aqui pode parecer a Velha Inglaterra, mas esta não tem nada a ver com a nação de quatrocentos anos atrás, de cem anos atrás. Estou quase chegando em casa, triste e zangada, e incrivelmente agitada. Gostaria que não lutássemos por paisagens que nos fazem recordar quem pensamos ser. Gostaria que, ao contrário, lutássemos por paisagens zumbindo e brilhando com vida em toda a sua variedade. Eu me sinto culpada também. Quis fugir da história correndo para o açor. Esquecer a escuridão, esquecer os falcões de Göring, esquecer a morte, esquecer todas as coisas que existiram antes. Porém, meu voo foi equivocado. Pior do que equivocado. Foi perigoso. *Tenho que lutar, sempre, contra o esquecimento*, pensei. E eu gostaria de ter corrido atrás daquele casal e explicado sobre os gamos. Gostaria de ter ficado ali, parada sobre a lama na chuva, acenando com uma das mãos, apoiando um açor na outra, esbravejando sobre história e sangue.

Mais tarde, naquela mesma noite, encontrei os diários de identificação de aviões de meu pai no fundo de suas estantes: seis cadernos de capa dura, encapados com tecido. Puxo um ao acaso. Ano de 1956. Ele tinha dezesseis anos. As páginas estão divididas em colunas, encabeçadas com palavras escritas cuidadosamente a tinta, em letras maiúsculas: HORA. NÚMERO DE AVIÕES. TIPO DE AVIÃO. OBSERVAÇÕES. NÚMERO DE REGISTRO. Olho a primeira coluna. No dia 25 de abril ele começou a observar às nove e quarenta da manhã e parou às sete da noite. No dia 26, começou às nove da manhã e terminou às nove da noite. *Doze horas olhando para o céu. Meu Deus.* Há centenas de páginas, e milhares e milhares de nomes de aeronaves no caderno. Vickers V70 Viscounts, F-86 Sabres, Airspeed Ambassadors, Lockheed Super Constellations, Gloster Meteors.

Eis o relatório de uma visita ao aeroporto de Croydon no final de maio: “Oito De Havilland Tiger Moths. Dois Auster Aiglet Trainers. Dois Taylorcraft Plus Ds. Um Auster 5. Três De Havilland 104 Doves.” Não faço a menor ideia de que aviões são esses. Encontro um instantâneo de um Tupolev Tu 104. Ele escreveu algumas coisas embaixo: “Esta aeronave sem dúvida é uma versão civil do Type 39 Badger, mas os russos disseram que era um avião completamente novo.” Tem todo o pedantismo ardente que me lembra da minha obsessão com os falcões na juventude. Subitamente, meu pai parece estar muito próximo. Outra fotografia cai. Eu a pego. *De Havilland 104 Dove, Aeroporto de Croydon, 2-4-56.* Comparo o número de registro e a lista. *G-AMYQ Serviços Aéreos Morton.* A extremidade da pista de pouso e decolagem se perde na névoa. Vejo um perfil diminuto dentro da cabine, a sugestão de um homem se inclinando para a frente para limpar a capota antes que o avião decole para o céu cinzento de abril.

É então que entendo o motivo por que meu pai observava aviões. Quando ele e seus amigos eram garotinhos correndo eufóricos entre os destroços de bombardeios em Londres, ele me contou, eles coletavam coisas. Pegavam qualquer coisa: estilhaços de explosivos, maços de cigarros, moedas; principalmente coisas que eram fabricadas em série. Objetos que poderiam ser combinados e compartilhados; conjuntos que poderiam ser completados. Coletar coisas assim, eu percebi, deve ter costurado seu mundo partido de ruínas, dava sentido a uma existência desorganizada pela guerra. E os aviões do meu pai também eram algo para se colecionar: uma série de coisas bonitas, que se movimentavam, com nomes e números, todas bastante preocupadas com perigo e sobrevivência. Mas havia mais. Os aviões tinham asas. Levantavam voo, e, se você os conhecesse, os observasse, compreendesse seus movimentos, de alguma maneira poderia também levantar voo; poderia observar aquele Tupolev 104 decolar e saber que ele cruzaria as fronteiras que você não pode cruzar a não ser na imaginação. Que em poucas horas estaria em um campo de pouso soviético coberto de neve. Ou em qualquer um de outros milhares. Ao observar os aviões, é possível voar com eles e fugir. Eles expandem o seu pequeno mundo e se espalham pelos mares.

Os cadernos estão cheios de uma atenção feroz para coisas que não conheço. Mas agora sei para que servem. São registros de uma transcendência organizada. O diário de um observador. O discurso de meu pai sobre paciência tinha contida toda a mágica que é esperar e olhar para o céu em movimento.

Coloco o caderno de volta ao lugar e, quando o faço, vejo um pedaço de papelão pardo entre dois cadernos na estante. Intrigada, puxo o cartão. É um pedaço vazio de papelão grosso cortado sem cuidado ao longo de uma extremidade. Eu o viro. Meu coração desacelera, porque preso no outro lado está uma

chave prateada embaixo de uma tira de fita durex de uns sete centímetros. E cinco palavras escritas a lápis:

Chave do apartamento.

Amor, Papai

Papai a tinha enviado para mim no ano passado para que eu ficasse no apartamento dele em Londres enquanto ele estivesse viajando. Eu a tinha perdido, é claro. “Minha filha, a professora de cabeça nas nuvens”, ele havia dito, revirando os olhos. “Não se preocupe. Vou mandar fazer outra.” Mas nunca chegou a fazer, e eu não tinha pensado nisso desde então. Não sei o que está fazendo guardada aqui. Leio as palavras de novo e penso em sua mão as escrevendo. E penso em meu pai segurando minha mão pequenina enquanto coloco a outra espalmada contra os blocos de pedra em Stonehenge, quando eu era muito pequena e não havia cercas para evitar que as pessoas caminhassem entre as pedras. Olhei para cima e avistei uma porta, mas não havia paredes atrás.

— É uma casa, papai? — perguntei.

— Ninguém sabe — respondeu ele. — É muito, muito antigo.

Segurei o papelão e senti sua extremidade cortante. E pela primeira vez entendi o formato do meu luto. Consegui sentir exatamente como era grande. Foi o sentimento mais estranho, como segurar algo do tamanho de uma montanha nos braços. *Você tem que ser paciente*, ele dissera. Se você quer muito ver algo, tem que ser paciente e esperar. Não havia paciência na minha espera, mas o tempo havia passado do mesmo jeito, e operou sua magia cuidadosa. E depois, segurando o cartão nas mãos e sentindo suas beiradas cortantes, todo o luto tinha se transformado em algo diferente. Era simplesmente amor. Coloquei o cartão de volta na estante.

— Também amo você, papai — sussurrei.

A chegada da primavera

Mandy abre a porta, dá uma olhada no meu rosto e o reflete em sua própria expressão horrorizada.

— O que aconteceu, Helen?

— Mabel — respondo com a voz fraca.

— Você a perdeu?

— Não! — Balanço a cabeça. — Ela está no carro. — E então três pedidos: — Mandy, você pode me ajudar? Cortei meu polegar. Posso usar seu telefone? Preciso de um cigarro.

Abençoada seja ela para sempre. Desabo em uma cadeira da cozinha. Meus joelhos doem. Um arbusto espinhoso? Não faço ideia. Meu polegar ainda está sangrando. Mandy passa iodo no ferimento, protege o machucado com adesivos curativos e esparadrapo, faz café, empurra um pacote de tabaco e papel para enrolar cigarro do outro lado da mesa. Depois espera que eu telefone para a faculdade na qual deveria estar dando aula naquele exato momento, para balbuciar algumas desculpas. Depois disso conto minha triste história para ela.

Eu vi sinais na semana passada, se tanto. Era mudança de estação. Uma mosca-varejeira azul no jardim; flores-do-açafrão roxas inertes no gramado. Salpicos de flores de cerejeira fora do muro de St. John's. E certa noite da semana passada, um bando de melros cantando com alegria para o céu que se abria, empoleirados em todos os pináculos góticos e pontas de coruchéus pela cidade inteira. A primavera estava chegando. Geralmente eu me regozijaria com o curioso tom azulado do céu e o prolongamento dos dias. No entanto, a primavera vai significar que não haverá mais Mabel. Ela estará em muda em um viveiro. Não a verei por meses. Meu coração dói só de pensar. Mas não estava pensando naquilo antes; ignorei as flores e as moscas. E isso era parte do problema, pois algo estava abalando o coração acipitrino de Mabel, e talvez fosse a primavera.

Eu tinha uma hora para voar com ela. Ia dar aulas extras na cidade naquela tarde, e sabia que tinha pouco tempo. Então decidi me dirigir de novo para aquele campo onde ficam os coelhos. *Nós pegaremos um coelho*, pensei, *depois vou deixar Mabel em casa, pegar o material da aula, e vou rapidamente para o compromisso*. O que poderia dar errado, afinal?

Tudo. Ela voa atrás de um coelho sem muita animação, pousa em uma sebe e olha em torno. Quando a chamo de volta, ela demora a obedecer. Os sinais de alerta já estavam lá, mas eu os ignorava. *Mais um voo*, eu dizia para mim mesma. Mas o que Mabel está fazendo é se deleitar ao calor do sol nas costas, e nas pequenas insinuações de que o ar morno está se elevando no céu firme e cinza-azulado. Ela persegue outro coelho, e continua a voar para longe, acomodando-se alto nas castanheiras, e percebo que está perdendo o interesse por mim. Fico aborrecida consigo mesma. Após o último fiasco, jurei que seria mais cuidadosa. As árvores ficam junto a uma estrada; há uma proximidade perturbadora de tratores e caminhões e carros em movimento: ela não quer mais ficar aqui. Atravessa a estrada até um cinturão de

árvores e estradas de pedrinhas. Eu a sigo. Os coelhos surgem por toda parte, assim como as placas de PROPRIEDADE PARTICULAR: PROIBIDA A ENTRADA. Ela ignora os coelhos e as placas. E a mim. Para em uma árvore uns sete metros acima e olha a paisagem em torno. Fico acenando a luva e apitando, mas é uma causa perdida. Ela afofa as penas do estômago e sacode a cauda: os sinais de felicidade e satisfação de um açor. Mas em um galho inacessível, com o tempo passando rápido, esses adoráveis sinais de relaxamento e calma trazem uma sensação de desastre. Percebo que me esqueci de levar o telefone. Os cigarros. E o receptor de telemetria, que ficou no carro.

Depois de um minuto mais ou menos, ela desliza para longe, além dos fundos do bosque, até um terreno do qual não conheço absolutamente nada. Então descubro que ali há um lindo e macio campo de grama amarelada e uma mata espessa cinzenta a cerca de trezentos metros. Nenhum açor à vista. Retorno para o carro, pego o rádio de telemetria e fico tempos tentando localizá-la. O sinal está em todos os lados. *Bip. Bip. Bip.* Em uma direção, o sinal forte é 5. Noutra, 7,5. Mas aí... 2? *O quê? Triangular! Triangular!* Posiciono a antena e giro em círculos. Será que ela está em movimento? Deve estar. E eu a vejo voando a distância. Ela está se deixando levar pelo ar ascendente, planando por cima do bosque em círculos amplos de voo aquecido pelo sol. Outra ave de rapina se aproxima, e as duas se movimentam e duelam por algum tempo. Eu começo a correr, é claro. No momento em que chego perto do bosque, não há mais sinal de nenhuma das duas, embora eu ouça o ruído de uma ave de rapina ao longe. Então, de súbito, ouço barulho de guizos. Em algum lugar por ali. Mergulho na mata. Os sinais não são bons. Não é uma mata espessa. Não é uma mata selvagem. É uma mata habitada. É a mata de soltura dos faisões, sem dúvida. Meu Deus, este açor vai fazer de mim uma criminosa.

Eu a localizo. Está pousada em um galho baixo de um carvalho coberto por hera, fitando fascinada um emaranhado de velhas caixas e embalagens de ração em cerca de três centímetros de água. Eu me aproximo. Ela está fazendo aqueles movimentos com a cabeça, insinuando o pescoço como quem vai e não vai, típicos de quando encontrou um alvo. Ela vai me ignorar até ter certeza, para sua satisfação, de que o alvo desapareceu. Talvez tenha. Eu me aproximo do ponto para onde ela está olhando, e, antes de me dar conta do que está acontecendo, um faisão macho molhado surge aos meus pés, jogando água em mim. Em câmara lenta, vejo o sol atravessar suas penas das pontas das asas, fragmentando-se em listras e sombras bruscas, e vejo Mabel dar uma reviravolta ágil e adiantar a pata esquerda; porém, suas garras posteriores de um centímetro e meio e sua pata de um tom amarelo-claro não o capturam por um triz. Ele se ergue por cima de uma cerca de galinheiro de três metros de altura — ah, que horror, eu não tinha visto — e se enterra em um enorme grupo de louros e teixos do outro lado. Ela mergulha atrás dele. Não consigo alcançá-los. Estão em um maldito cercado de soltura de faisões! *Merda!* É como levar um furão para uma exposição de coelhos. Nada bom. Nada bom mesmo. Posso ouvir as asas batendo, os guizos tocando, os sons de uma luta. Corro como um rato ao redor do perímetro, tentando achar uma maneira de entrar. Não era isso que eu queria que tivesse acontecido. *Ah, meu Deus. Ah, meu Deus.*

Encontro uma porta. Está aberta. Enfio o receptor em uma caixa de alimentação azul e corro para dentro. Mabel não está mais no meio do pé de louro. Está no topo. Ela se vira para longe de mim e, antes que eu consiga inspirar, decola de novo entre os galhos iluminados pelo sol, rápida e determinada. *Merda! Merda!* Começo a correr sobre os galhos, passando por pequenos abrigos ondulados, em cima de terra compactada pela ação de centenas de pés de faisões. A qualquer minuto agora, penso, vou ouvir o “Ei!” de um tratador infinitamente bravo. *Talvez ele tenha uma arma*, penso, enquanto observo Mabel colidir com

uma fêmea de faisão no canto mais distante do cercado, em uma explosão de asas batendo e de penas amarelas e cor de cappuccino. Quando a alcanço, ela está pousada em uma poça preta de água ácida de mata, estendendo as asas sobre o corpo da outra ave. E, à medida que me aproximo, mais uma fêmea de faisão emerge de baixo da sua asa, e Mabel também a agarra. Ela tem um faisão em cada pé. *Ah, meu Deus. Carnificina.* A cauda do açor está espalhada na poça, as patas enterrados em penas, e todo o seu ser parece vibrar em uma frequência improvável e ameaçadora.

Os faisões estão mortos. Um deles está no bolso do meu colete, o outro está sendo depenado por meu açor errante, levantando pufes de suaves penas que flutuam e grudam na cerca atrás dela. Precisamos sair daqui rápido, antes que eu tenha que me explicar. Tremendo de preocupação, retiro Mabel de sua presa, e depois me machuco horrivelmente. Ao cortar um tendão do faisão, retiro um naco largo e superficial da pele do meu polegar. E assim que coloco Mabel de volta na luva e guardo sua recompensa ilícita dentro do bolso, começo a me preocupar com a quantidade de sangue que estou perdendo. A minha mão não está apenas completamente vermelha; posso ouvir os pingos caindo no solo da mata. Pressiono a ferida com força no tecido do meu colete. Está repleto de germes, eu sei, mas preciso estancar o sangue. *Preciso. Estancar. O Sangue.* E este jorra de mim em todo o caminho de volta para o carro, e em todo o caminho para a casa de Stuart. *Não posso voltar lá nunca mais,* penso. Nunca, nunca mais.

★ ★ ★

Em março de 1949, o editor Wren Howard, da Jonathan Cape, viajou até as ilhas do Canal para ficar na nova casa de White, que tinha se mudado para a ilha de Alderney, um refúgio perfeito contra o fiscal de impostos e o mundo. Ele havia comprado uma casa branca de três andares em St. Anne, com muros cobertos de magnólias. Encheu a casa de objetos novos: suas pinturas surrealistas, um piano de cauda, candelabros de prata e uma estatueta do imperador Adriano. Havia cortinas escuras com desenhos de buquês de rosas prateadas espectrais, discos de jazz, cadeiras do século XVII e um sofá, no qual White convidou Howard a se sentar. Ele o fez. O sofá era incrivelmente desconfortável. Ele se levantou e examinou o assento. Havia alguma coisa por baixo da almofada. Ele estendeu o braço por baixo dela e puxou uma grossa pilha de papéis. Perguntou a White o que era. O autor pareceu preocupado. Era o manuscrito de um livro que ele havia escrito sobre falcões, explicou. Não queria que fosse publicado porque, depois de escrevê-lo, ele havia se tornado um bom falcoeiro, uma autoridade no assunto, e havia trechos que eram constrangedores de se lembrar. Além do mais, ele havia perdido a ave descrita no livro.

Howard folheou as primeiras páginas e ficou intrigado. Levou a obra para seu aposento e a leu durante a noite. De manhã, insistiu em levá-la para Londres, pois tinha certeza de que seria publicada. White rejeitou a ideia, mas, à medida que as semanas passaram, Howard e seus amigos o convenceram, e ele consentiria que fosse publicada com uma condição: escrever um pós-escrito explicando sobre como ele *deveria* ter treinado o açor, à luz de sua experiência posterior.

Quando *The Goshawk* foi publicado, em 1951, não foi um campeão de vendas, mas provocou um extraordinário número de cartas dos leitores. Algumas eram congratulatórias, outras eram esquisitas: uma delas oferecia uma águia para White. Diversas pessoas não gostaram nada do livro. E uma dessas cartas White nunca esqueceu. Tocava em um ponto muito delicado. Era de um homem que disse que, por trinta anos, havia dado aulas sobre aves e as observado. “O fato de você falar em amar um açor depois de

sujeitar nossas maravilhosas aves de rapina a tal tortura está além de uma mente normal”, dizia a carta. “Já não existe crueldade suficiente neste mundo sem contar com a diversão ou o hobby de um indivíduo?”¹

“Essa carta me deixou sem comer por três dias”, confessou White mais tarde, “embora eu a tivesse respondido com várias páginas de afeição, desculpas e explicações.” Ele esperou por uma resposta. Quando chegou, escreveu White, o escritor da carta “usou a palavra ‘normal’ cinco vezes, concluindo com a declaração de que não desejava ouvir falar de mim nunca mais. Pareceu-me educado deixar tudo como estava”.

★ ★ ★

Mudei de volta para a cidade, para uma casinha alugada em uma rua perto do rio, com um pequeno jardim ensolarado que termina em um emaranhado de arbustos espinhosos. Os gatos espreitam pela calçada do lado de fora, há pombos em todo o telhado; é bom estar em uma casa que posso chamar de minha por um tempo. Hoje, estou desembalando caixas e empilhando os livros nas estantes. Já terminei três caixas, faltam cinco. Abro a caixa seguinte. Dentro, em cima dos outros livros, está *The Goshawk*.

Ah, penso, ao apanhá-lo. É estranho vê-lo de novo, porque não tenho pensado em White há um tempo. À medida que eu ficava mais feliz, a presença dele diminuía, o mundo dele ficava cada vez mais distante do meu. Olho a lombada gasta, abro-o e o folheio até o final. Quero ler a última página, na qual White enumera tudo o que Gos era: um oficial prussiano, Átila, um hieróglifo egípcio, um touro alado assírio, “um dos duques ou cardeais lunáticos das peças elisabetanas de Webster”.² Uma litania de coisas humanas em pedra e armadura, em anotações nas páginas e vestígios de argila seca no sol. Pela janela empoeirada, dou uma olhada em Mabel no jardim. Ela se lavou e se alisou com o bico, e agora está inclinada para trás voltada para a glândula sebácea acima da cauda, lambendo-a com cuidado, depois puxando cada pena da cauda com o bico para mantê-las fora de contato com a água. Sei que ela está contente: o olhar feliz, semicerrado e o chacoalhar das penas são sinais de bom humor genuíno. Não sei o que ela está pensando, mas está bem animada.

Penso na lista de coisas de White e no final triste e esquisito. Juro a mim mesma, com o livro aberto na mão, que nunca reduzirei minha ave a um hieróglifo, uma figura histórica ou um vilão esquecido. É claro que não vou fazer isso. Não posso. Porque ela não é humana. De todas as lições que aprendi nos meses com Mabel, esta é a mais importante de todas: há um mundo de coisas lá fora — rochas, árvores, pedras, grama e tudo que rasteja, corre e voa. São coisas autônomas, mas as tornamos sensíveis a nós lhes dando significados que reforçam nossas próprias visões de mundo. No meu tempo com Mabel, aprendi como se sentir mais humana após descobrir, ainda que na imaginação, como é não sê-lo. E aprendi, também, o perigo em confundir a característica selvagem que conferimos a uma coisa com a característica selvagem que a inspira. Os açores são seres de morte, sangue e vísceras, mas não são desculpas para atrocidades. Temos que ter muito cuidado com sua falta de humanidade, pois o que fazem nada tem a ver conosco.

Coloco o livro de White na estante, preparo uma xícara de chá para mim. Estou em uma fase contemplativa. Trouxe uma ave de rapina para o meu mundo e depois fingi que habitava o mundo dela. Agora parece diferente: compartilhamos nossas vidas alegremente com toda a sua separação. Olho para minhas mãos. Há cicatrizes nelas agora. Finas linhas brancas. Uma é das garras de Mabel quando ela esteve furiosa e faminta; parece um aviso cravado na carne. Outra é um arranhão de abrunheiro da vez

em que me joguei contra uma sebe para encontrar o açor que pensava ter perdido. E havia outras cicatrizes também, mas não eram visíveis. Aquelas que ela não provocou, mas me ajudou a sarar.

Hoje é dia 27 de fevereiro, e estou me sentindo distintivamente trêmula. Amanhã levarei Mabel para a casa do meu amigo Tony. Ele é um velho conhecido, um falcoeiro talentoso e um homem profundamente generoso. Mora com a família em uma pequena casa cor de limão nas planícies ao sul de Suffolk, a meia hora do litoral. Estou ansiosa por vê-lo, mas hesitante também, porque não será uma visita em que Mabel vai apenas voar. Tony vai dar a Mabel um viveiro vazio para a estação de muda. Amanhã vou retornar para casa e deixá-la para trás.

Tenho que fazer isso. Chegou a hora de perder todas as penas, uma a uma, e esperar crescer novas. Ela precisa estar gorda e bem saciada para fazer a nova plumagem nascer; durante toda a semana eu a alimento com codorna e faisão à vontade. Ela agora está roliça como um peru, e uma parte de mim tem esperado que se torne selvagem. *Um açor gordo é um açor selvagem*, dizem os livros. Estão errados. É claro que estão. Mabel está menos propensa a tolerar estranhos nesse estado de saciedade, mas ainda é dócil como um gatinho comigo. Hoje de manhã brincamos de jogar e pegar bolinhas de papel, e faz uma hora que ela está cochilando sobre o meu punho enquanto assisto a programas ruins na TV.

— Certo, Mabel — digo. — Hora de dormir. — Eu a coloco no poleiro no outro quarto, apago a luz e subo a escada para ir para a cama.

Algumas coisas são aterrorizantes demais para entender. Podem se passar segundos de incredulidade à medida que o mundo onde você vive se transforma em uma mentira. Logo depois de uma da madrugada, estou tendo um dos piores pesadelos da minha vida. Nos últimos tempos, meus sonhos têm sido curtos e cheios de luz, mas, neste, alguém — algo, pois não pode ser humano — agarrou a ponta da minha cama e a está balançando, balançando com força, tentando me jogar no chão. O que mais me apavora é o que sinto no sonho. Não é como em um pesadelo. É pior. Acordo com um sobressalto.

Algo ainda está balançando a minha cama. Posso vê-la se mover, ouvi-la rangendo. Mas não há ninguém no quarto.

Cada centímetro de minha pele fervilha de terror. Estou balançando e incapaz de me mover. A perversidade é indescritível. O medo está caindo através de trezentos metros de ar. A cama ainda está balançando, insensata, violenta, horrível, impossivelmente.

E então ela para.

Por alguns segundos, fico ali deitada, perturbada. Eu não estava respirando, percebo. Inspiro longamente o ar trêmulo. O lustre acima de mim ainda está balançando em círculos.

Então vem um lampejo de compreensão.

Um terremoto. Foi um terremoto. Na Inglaterra. Mas eles são raros aqui, não são? Será que foi isso mesmo? Deve ter sido. *Sim.* Ainda não consigo acreditar. Pulo da cama e espio através das cortinas. As luzes estão acesas em todas as casas. Pessoas estão vagueando cheias de medo na rua. O telefone toca e eu

atendo. É Christina.

— Terremoto! — grita ela. — Você sentiu?

Solto um palavrão. Ela também. Palavras comuns nos faltam: balbuciamos obscenidades com o intuito de nos tranquilizarmos. Mas elas não são suficientes. Quando desligo, não consigo me acalmar. Estendo as mãos na minha frente, palmas para baixo. Ainda estão tremendo. *Não entre em pânico, Helen*, digo para mim mesma. *Está tudo bem. Nada quebrou. Está tudo bem.* Mas não está. O terremoto trouxe de volta todos aqueles medos infantis de apocalipse: aquela expectativa de que o mundo queimasse e fervesse. Trata-se de um terror arraigado, muito antigo, e agora parece que nunca desapareceu. O tecido do mundo está rasgado e não consigo costurá-lo. Então me lembro de Mabel. Ouvi todo tipo de história sobre animais fugindo de terremotos. *Ah, meu Deus. Ela deve estar apavorada.* Disparo para o andar de baixo, pulando de três em três degraus, cruzo a porta e acendo a luz no quarto. Ela está dormindo. Acorda, vira a cabeça e me fita com seus olhos claros. Fica surpresa em me ver. Boceja, mostrando a boca rosa como a de um gato e a língua em ponta de flecha com a extremidade preta. A parte debaixo do seu corpo é cor de creme e está sobre suas patas, de modo que apenas um dedo amarelo e uma garra preta-carvão estão descobertos. A outra pata está puxada bem para cima até o peito. Ela sentiu os tremores. E depois voltou a dormir, inteiramente alheia à Terra se movendo. O terremoto não trouxe para ela absolutamente nenhum pânico, nenhum medo, nenhum senso de inadequação. Ela está em casa no mundo. Está aqui. Abaixa a cabeça, satisfeita em me ver, sacode as penas em uma manifestação de contentamento e, então, quando me sento ao seu lado, ela aos poucos fecha os olhos, enfia a cabeça de volta dentro das penas e dorme. Ela não é um duque, nem um cardeal, nem um hieróglifo ou um animal mitológico, mas, neste exato momento, Mabel é mais do que um açor. Ela parece como um espírito protetor. Meu pequeno deus doméstico. Algumas coisas acontecem apenas uma ou duas vezes na vida. O mundo é cheio de sinais e maravilhas que vêm e vão, e, se você tiver sorte, pode estar vivo para vê-los. Eu havia pensado que o mundo estava acabando, mas meu açor me salvou, e todo o medo passou.

★ ★ ★

Mabel dorme no carro o caminho todo para Suffolk. A casa de Tony está entre árvores em uma estrada entre dois campos e fileiras de cerca viva de olmos. Paro na entrada, ponho Mabel sobre a luva e atravesso o gramado. Tony sai para me cumprimentar. Caminhamos juntos para o viveiro de muros altos e brancos por trás das gaiolas para falcões. Ele destranca a porta e eu entro. A nova casa de Mabel é enorme. Há galhos cobertos de casca de árvore e poleiros revestidos de grama sintética para massagear seus pés. Há uma bacia, um espaço por onde Tony vai jogar a comida; solo de vegetação baixa, cascalho, uma espécie de ninho em pedra para se deitar, uma faixa de sol morno. Acima do teto de aramado, o céu de Suffolk.

— Ben, Mabel — digo, tirando o capuz dela —, esta será a sua casa pelos próximos meses. — Ela olha para baixo, na direção da minha mão, que está tirando cada jesse de suas tornozelas: agora, a ave está de pé sobre meu punho sem jesses. Ela inclina o olhar para as nuvens que se movem, depois examina o ambiente. Segue a linha do teto até os cantos, perscruta as paredes de fundação feitas de tijolos de concreto. Por um momento, estamos de volta à sala em penumbra no dia em que nos conhecemos. Eu me lembro daquele momento em que a ave se esqueceu de mim pela primeira vez e me encolhi com a constatação de que agora ela se esqueceria de mim mais uma vez.

— Vou encontrar você depois do verão — eu me comprometo.

Esquecer. Lembrar. Estendo a mão, passo as pontas dos dedos por sua testa salpicada de gotas. As penas novas que vão crescer serão listradas de branco e cinza. Os tons de ocre e terra vão desaparecer. Os olhos dela, quando os vir de novo, terão o tom laranja de carvão queimando. Tudo muda. Tudo se move. Levanto a mão, lanço-a para o poleiro mais próximo. Ela voa, pousa, balança a cauda, vê um galho mais alto e pula para ele. Não está de frente para mim.

— Vou sentir sua falta — digo. Não há nenhuma reação dela, e não há nada a explicar.

Dou meia-volta e saio pela porta, deixando o açor para trás. Tony está esperando do lado de fora, os olhos enrugados com um sorriso.

— Venha para dentro — diz ele.

Tony sabe o que estou sentindo. Entro na casa, os cães esparramados na cozinha, abanando os rabos. A chaleira está apitando, e a casa é bem aquecida.

Eu precisava descobrir mais a respeito de White para escrever este livro. Dessa forma, passei uma semana no Harry Ransom Center, o arquivo no Texas onde são mantidos os documentos e diários de T. H. White. Ler sobre invernos ingleses enlameados enquanto me acomodava em uma biblioteca com ar condicionado foi uma experiência muito estranha; no lado de fora, abutres voavam com asas enviesadas em um calor de trinta e dois graus, e quiscalos saltitavam nas calçadas fervendo. Virei as páginas, analisei manuscritos com muita atenção, li trechos de livros que ele possuía, voltei para casa com pilhas de anotações e pensamentos. Mas não elas pareciam suficientes. Havia algo mais a fazer. Então, em um dia quente de julho, atravessei a Inglaterra para chegar a Stowe. Ainda é uma escola, mas o terreno está aberto ao público. Parei o carro no estacionamento do National Trust, paguei minha entrada, peguei um mapa e subi a comprida alameda que leva ao portão.

— Vire para a esquerda para ter as melhores vistas — disse o homem na casamata.

Virei para a direita por puro prazer em ser do contra e comecei minha busca, o grande palácio Palladiano brilhante no horizonte, tudo sob uma luz solar metálica que tornava as folhas de limoeiro pretas e a água do lago de um azul intenso e forte. As ninfeias reluziam na água em espessas constelações. Sombras escuras como tinta preta escoravam as árvores do parque. Andorinhões cortavam um ar tão denso que não batiam as asas contra a brisa. Esses eram os terrenos da escola onde White havia lecionado, paisagens de jardins que atraíram turistas por centenas de anos.

Depois de caminhar por uma hora, passando por templos com colunas estriadas e portas pintadas, cúpulas, obeliscos, pórticos e construções grandiosas e sem propósito, comecei a entrar em pânico. Nada fazia sentido. Templos gregos, templos romanos, deuses saxões em suportes rúnicos salpicados de líquen cor de laranja. Um amplo templo gótico em pedra avermelhada. Pontes Palladianas, grutas de tufo calcário e arcos dóricos. Nada aqui parece sólido e compreensível, salvo as árvores. Os prédios comprometiam a paisagem como se tivessem sido jogados por uma máquina do tempo maluca, e todos eles, percebi, estavam aqui para me ensinar uma lição. Esta era a paisagem da moral aristocrática, projetada e construída para ensinar aos visitantes sobre os perigos dos vícios modernos e os caminhos para as virtudes antigas. Poderia ser o sol, poderia ser um início de insolação, mas comecei a odiar aquilo. Eis o templo da Dignidade Britânica. Olhe tudo em volta. *Argh*. Dei meia-volta e comecei meu caminho de volta ao estacionamento. Eu estava me sentindo extremamente penalizada por White. Este era um lugar muito bonito, e uma aula maravilhosa de exercício do poder, mas eu teria me sentido irreal aqui; sim, eu também teria fugido daqui. E foi o que fiz. Fugi dos terrenos da escola. Entrei no carro e dirigi, estacionei e então fui aonde eu tinha que ir.

Lá estava a casinha de White, a cabana de Merlin, tranquila nas Ridings em cima da colina. Parecia muito comum; um lugar que não tinha absolutamente nada de mágico. Sombras de folhas pretas se movimentavam em seus altos coruchéus. Um cavalo cinzento pastava do lado de fora. Fios elétricos seguiam por estacas de cerca descendo as ladeiras gramadas. A floresta por trás da casa ainda estava lá.

Mas não toda: o bosque escuro onde viviam as ógeas desapareceu; agora era o circuito de corrida de Silverstone, e a capela por onde White tinha caminhado com Gos fora demolida havia muito tempo; como Chapel Corner, não passa de uma curva na trilha sob a qual dormem aqueles que se foram há muito. Porém, enquanto permaneci parada à luz do sol, houve um zumbido nos meus ouvidos. Foi um som estranhíssimo, como se naquele dia tranquilo eu pudesse ouvir o ronco marinho do vento em todos os carvalhos. Era a história de inverno. O tempo retrocedendo. Ou talvez insolação. Eu tinha que ter trazido água.

Fiquei ali imóvel por um tempo e olhei para a casa. Era uma propriedade privada. Não queria me aproximar; não queria me meter na vida da pessoa que morava lá. Mas vi que as árvores haviam crescido, que o celeiro agora era uma garagem. O poço ainda estaria lá. Então ouvi um barulho de arranhão, de raspagem, e congelei. Por trás de um arbusto no jardim, percebi um lampejo branco: uma camisa. Havia um homem ajoelhado no jardim, curvado sobre o chão. Será que estava plantando? Tirando o mato? Rezando? Eu estava longe. Podia ver os ombros dele, mas não o rosto, nem nada dele, a não ser que estava concentrado. Estremeci porque por um momento aquele homem poderia ser White plantando seus queridos gerânios. A sensação de que White me assombrava retornava. Fiquei pensando se deveria me aproximar e falar com o homem. Poderia fazer isso. Poderia falar com ele. Não era White, eu sabia, mas ainda havia pessoas aqui que o conheceram, e eu poderia conversar com elas. A casa de fazenda ainda estava lá, e, por trás dela, os lagos onde Gos se banhara e White pescara. Talvez as mesmas carpas ainda nadassem neles. Eu poderia descobrir mais sobre White, torná-lo vivo de novo, perseguir as recordações daqui. Por um momento, aquele antigo desejo de transpassar e trazer alguém de volta se acendeu tão brilhante quanto uma chama.

No entanto, coloquei este desejo de lado. Descartei-o e senti um alívio gigantesco, como se tivesse tirado um peso de meia tonelada de cima de mim e o jogado pelo gramado. White morreu. O açor fugiu. Respeite os vivos, honre os mortos. Deixe-os em paz. Saudei o homem, embora ele não conseguisse me ver. Foi um cumprimento tolo, hesitante, e mesmo enquanto o fazia, me senti boba. Então me virei e me afastei. Deixei o homem que não era um fantasma e caminhei para o sul. No horizonte brilhante, o céu nadava como água.

O local de publicação dos livros é Londres, a não ser que haja outra informação a respeito.

1: Paciência

1. John Evelyn, *Memoirs of John Evelyn*, org. William Bray, Henry Colburn, 1827, Vol. 2, p. 433.
2. Richard Blome, *Hawking or Faulconry*, The Cresset Press, 1929 (originalmente publicado como parte de *The Gentlemen's Recreation*, 1686), pp. 28-9.

3: Pequenos mundos

1. Frank Illingworth, *Falcons and Falconry*, Blandford Press, p.76.
2. Gilbert Blaine, *Falconry*, Philip Allan, 1936, pp. 229-30.
3. *Ibid*, p. 11.
4. Gace de la Bigne, citado em John Cummins, *The Hound and the Hawk*, Weidenfeld and Nicolson, 1988, p. 221.
5. Gilbert Blaine, *Falconry*, Philip Allan, 1936, p. 182.
6. Major Charles Hawkins Fisher, *Reminiscences of a Falconer*, John Nimmo, 1901, p. 17.
7. T. H. White, *The Goshawk*, Jonathan Cape, 1951, p. 11 (daqui por diante, *The Goshawk*).
8. Texto da contracapa, T. H. White, *The Goshawk*, Penguin Classics, 1979.
9. Anônimo, resenha de *The Goshawk*, *The Falconer*, Vol. II, Nº. 5, 1952, p. 30.
10. *The Goshawk*, p. 27.

4: Sr. White

1. T. H. White, manuscrito inédito “ETC”, Harry Ransom Humanities Research Center, Universidade do Texas em Austin.
2. Carta de T. H. White para L. Potts, 18 de janeiro de 1936, em *T. H. White, Letters to a Friend: The Correspondence between T. H. White and L. J. Potts*, org. François Gallix, Alan Sutton, 1984, pp. 62-3.
3. T. H. White, *England Have my Bones*, Collins, 1936, p. 80 (daqui por diante, *England Have my Bones*).
4. T. H. White, citado em Sylvia Townsend Warner, *T. H. White: A Biography*, Jonathan Cape, 1967, p. 27.
5. T. H. White, manuscrito inédito “ETC”, Harry Ransom Humanities Research Center, Universidade do Texas em Austin.

6. Sylvia Townsend Warner, manuscrito inédito de entrevista por François Gallix, 28 de março de 1974, Harry Ransom Humanities Research Center, Universidade do Texas em Austin, p. 1.
7. Sylvia Townsend Warner para William Maxwell, 22 de julho de 1967, em *The Elements of Lavishness: Letters of Sylvia Townsend Warner and William Maxwell 1938-1978*, org. Michael Steinmann, Counterpoint, Nova York, 2001, p. 179.
8. T. H. White, entrada de 7 de abril de 1939 no manuscrito inédito “Journal 1938-1939”, Harry Ransom Humanities Research Center, Universidade do Texas em Austin.
9. *England Have my Bones*, p. 59.
10. *Ibid.*, p.31.
11. David Garnett, *The White/Garnett Letters*, org. David Garnett, The Viking Press, Nova York, 1968, p. 8.
12. Henry Green, *Pack my Bag: A Self-Portrait*, Vintage, 2000 (primeira publicação em 1940), p. 58.
13. T. H. White, carta para Leonard Potts, 2 de fevereiro de 1931, em *T. H. White: Letters to a Friend*, p. 15.
14. T. H. White, carta inédita para Ronald McNair Scott, 2 de novembro de 1931, Harry Ransom Humanities Research Center, Universidade do Texas em Austin.
15. T. H. White, manuscrito inédito “Hunting Journal 1931-1933”, Harry Ransom Humanities Research Center, Universidade do Texas em Austin.
16. *England Have my Bones*, p. 15.
17. *Ibid.*, p. 120.
18. *Ibid.*, p. 105.
19. *Ibid.*, p. 121.
20. *Ibid.*, p. 107.
21. T. H. White, *The Once and Future King*, GP Putnam’s Sons, Nova York, 1958, p. 327.
22. T. H. White, manuscrito inédito “Hunting Journal 1931-1933”, Harry Ransom Humanities Research Center, Universidade do Texas em Austin.
23. T. H. White, manuscrito inédito “A Sort of Mania”, Harry Ransom Humanities Research Center, Universidade do Texas em Austin.
24. Harriet Hall, *Bill and Patience: An Eccentric Marriage at Stowe and Beyond*, Book Guild Ltd., 2000, p. 53.
25. T. H. White, manuscrito inédito “A Sort of Mania”, Harry Ransom Humanities Research Center, Universidade do Texas em Austin.
26. T. H. White, carta para Leonard Potts, 16 de maio de 1936, em *Letters to a Friend*, p. 70.
27. Denis Brogan, “Omens of 1936”, *Fortnightly Review*, 139 (Jan.-Jun. 1936), pp. 1-2.
28. T. H. White, manuscrito inédito “A Sort of Mania”, Harry Ransom Humanities Research Center, Universidade do Texas em Austin.
29. Gilbert Blaine, *Falconry*, Philip Allan, 1936, p. 181.
30. T. H. White, manuscrito inédito “A Sort of Mania”, Harry Ransom Humanities Research Center, Universidade do Texas em Austin.

6: *A caixa de estrelas*

1. Richard Blome, *Hawking or Falconry*, The Cresset Press, 1929, p. 28.
2. John Le Carré, *Tinker Tailor Soldier Spy*, Hodder and Stoughton, 2001, (primeira publicação em 1974), p. 16.
3. *The Goshawk*, pp. 11-12.
4. T. H. White, fragmento de manuscrito inédito “A Valentine”, Harry Ransom Humanities Research Center, Universidade do Texas em Austin.
5. T. H. White, manuscrito inédito “Journals, Volume 6”, entrada de 28 de novembro de 1957, Coleção T. H. White, Biblioteca do Queens’ College, Queens’ College, Cambridge.

7: *Invisibilidade*

1. *The Goshawk*, p. 15.
2. Henri Cartier Bresson, 1957, em Adam Bernstein, “The Acknowledged Master of the Moment”, *The Washington Post*, quinta-feira, 5 de agosto de 2004, p. A01.

8: *No interior de um Rembrandt*

1. *The Goshawk*, p. 36.
2. T. H. White, em Sylvia Townsend Warner, *T. H. White: A Biography*, p. 90.
3. T. H. White, manuscrito inédito “A Sort of Mania”, Harry Ransom Humanities Research Center, Universidade do Texas em Austin.
4. *The Goshawk*, p. 27.
5. T. H. White, manuscrito inédito “Horse”, entrada de 20 de janeiro de 1938, Harry Ransom Humanities Research Center, Universidade do Texas em Austin.
6. Edmund Bert, *An Approved Treatise of Hawkes and Hawking*. 1619, repr. Thames Valley Press, Maidenhead, 1972, p. 22
7. T. H. White, manuscrito inédito “A Sort of Mania”, Harry Ransom Humanities Research Center, Universidade do Texas em Austin.
8. *The Goshawk*, p. 16.
9. *Ibid.*, p. 28.
10. *Ibid.*, p. 64.

9: *O rito de passagem*

1. A. D. Hutter, “Poetry in psychoanalysis: Hopkins, Rosetti, Winnicott”, *International Review of Psycho-Analysis*, Vol. 9, 1982, pp. 303-16. Ver: John Keats, carta para Richard Woodhouse, 27 de outubro de 1818,

10: *Escuridão*

1. T. H. White, caderno manuscrito inédito “Flying Supplement”, Harry Ransom Humanities Research Center, Universidade do Texas em Austin.
2. *The Goshawk*, p. 68.
3. Gilbert Blaine, *Falconry*, Philip Allan, 1936, p. 181.
4. Edmund Michell, *The Art and Practice of Hawking*, Methuen, 1900, p. 83.
5. Edmund Bert, *An Approved Treatise of Hawkes and Hawking*, p. 16.

11: *Saindo de casa*

1. *The Goshawk*, p. 52.
2. T. H. White, manuscrito inédito “Flying Supplement”, entrada em quinta-feira, 30 de julho, Harry Ransom Humanities Research Center, Universidade do Texas em Austin.
3. *The Goshawk*, p. 101.
4. *Ibid.*, p. 53.
5. Sobre a moda pastoral como uma recuperação cultural, ver Jed Esty, *A Shrinking Island: Modernism and National Culture in England*, Princeton University Press, 2003.
6. *The Goshawk*, p. 81.

12: *Foras da lei*

1. Humphrey Ap Evans, *Falconry For You*, John Gifford, 1960, p. 36.
2. Gilbert Blaine, *Falconry*, Philip Allan, 1936, p. 179.
3. Frank Illingworth, *Falcons and Falconry*, Blandford Press Ltd., 1948, p. 74.
4. Charles Hawkins Fisher, *Reminiscences of a Falconer*, John Nimmo, 1901, p. 17.
5. Gage Earl Freeman e Francis Henry Salvin, *Falconry: Its Claims, History and Practice*, Longman, Green, Longman and Robert, 1859, p. 216.
6. Simon Latham, *Lathams New and Second Booke of Falconry*, Roger Jackson, 1618, p. 3.
7. Edmund Bert, *An Approved Treatise of Hawkes and Hawking*, pp. 41-2.
8. *The Goshawk*, pp. 146-7.
9. *Ibid.*, p. 37.
10. T. H. White, manuscrito inédito “Flying Supplement”, entrada de 14 de agosto de 1936, Harry Ransom Humanities Research Center, Universidade do Texas em Austin.

11. Lord Tweedsmuir, “Gos and Others”, *Spectator Harvest*, org. Henry Wilson Harris, Ayer Publishing, 1970, pp. 7-9.
12. Gilbert Blaine, *Falconry*, Philip Allan, 1936, p. 13.
13. T. H. White, manuscrito inédito “A Sort of Mania”, Harry Ransom Humanities Research Center, Universidade do Texas em Austin.
14. *The Goshawk*, p. 18.
15. J. Wentworth Day, *Sporting Adventure*, Harrap, 1937, p. 205.
16. Gage Earl Freeman e Francis Henry Salvin, *Falconry: Its Claims, History and Practice*, pp. 3-4.

13: *Alice, caindo*

1. *The Goshawk*, p. 100.
2. *Ibid.*, p. 95.
3. *Ibid.*, p. 105.
4. *Ibid.*, p. 106.
5. *Ibid.*, p. 107.
6. *England Have my Bones*, pp. 349-50.
7. T. H. White, manuscrito inédito “Horse”, entrada de quinta-feira, 27 de agosto, Harry Ransom Humanities Research Center, Universidade do Texas em Austin.
8. T. H. White, manuscrito inédito “You Can’t Keep a Good Man Down”, pp. 261-2, Harry Ransom Humanities Research Center, Universidade do Texas em Austin.
9. *Ibid.*, p. 271.
10. *Ibid.*, p. 263.

15: *Por quem os guizos...*

1. T. H. White, manuscrito inédito “Horse”, entrada de 25 de agosto de 1936, Harry Ransom Humanities Research Center, Universidade do Texas em Austin.

16: *Chuva*

1. *The Goshawk*, p. 124.
2. *Ibid.*, p. 123.
3. *Ibid.*, p. 124.

17: *Calor*

1. T. H. White, manuscrito inédito “Horse”, entrada de 2 de setembro de 1936, Harry Ransom Humanities Research Center, Universidade do Texas em Austin.
2. *Ibid.*
3. Sylvia Townsend Warner, *T. H. White: A Life*, p. 29.
4. T. H. White, manuscrito inédito “Horse”, entrada de 2 de setembro de 1936, Harry Ransom Humanities Research Center, Universidade do Texas em Austin.

18: *Voando livre*

1. Gilbert Blaine, *Falconry*, Philip Allan, 1936, p. 199.
2. *The Goshawk*, p. 136.
3. William Blake, “The Clod and the Pebble”, citado equivocadamente em *The Goshawk*, p. 147.

19: *Extinção*

1. A exposição foi a excelente *Three Days of the Condor*, de Henrik Håkansson, Kettle’s Yard, Cambridge.

20: *Esconderijo*

1. W. H. Auden, “Consider this” (primeira publicação em 1930), em *The English Auden*, org. Edward Mendelson, Faber & Faber, 1978, p. 46.
2. T. H. White, caderno manuscrito inédito “ETC”, Harry Ransom Humanities Research Center, Universidade do Texas em Austin.
3. *The Goshawk*, p. 214.
4. Siegfried Sassoon, carta inédita para T. H. White, 15 de outubro de 1952, p. 1, Harry Ransom Humanities Research Center, Universidade do Texas em Austin.
5. *The Goshawk*, p. 212.
6. T. H. White, “The Hastings Caves”, *Time and Tide Magazine*, 8 de dezembro de 1956, p. 152.
7. T. H. White, *The Once and Future King*, G. P. Putnam’s Sons, Nova York, 1958, p. 228.

21: *Medo*

1. *The Goshawk*, p. 187.
2. T. H. White, notas em *Treatise of Hawkes and Hawking*, de Edmund Bert, Harry Ransom Humanities Research Center, Universidade do Texas em Austin.
3. T. H. White, carta para John Moore, em Sylvia Townsend Warner, *T. H. White: A Biography*, p. 92.
4. *The Goshawk*, p. 204.

1. Rane Willerslev, “Not Animal, Not Not-Animal: Hunting, Imitation and Empathetic Knowledge among the Siberian Yukaghirs”. *The Journal of the Royal Anthropological Institute*, Vol. 10, Nº. 3 (setembro de 2004), pp. 629-52, p. 659.

23: *Homenagem*

1. John Muir, *John of the Mountains: The Unpublished Journals of John Muir*; ed. Linnie Marsh Wolfe, 1938, repr. University of Wisconsin Press, Madison, Wisconsin, 1979, p. 208.
2. *Ibid.*, p. 99.
3. Sobre o luto em crianças e adultos, ver Melanie Klein, “Mourning and its relation to manic depressive states”. Em *The Writings of Melanie Klein. Vol. 1. Love, Guilt and Reparation*, The Hogarth Press, 1940, pp. 344-69.

24: *Drogas*

1. *Sir Orfeo and Sir Launfal*, org. Lesley Johnson e Elizabeth Williams, The University of Leeds School of English, Leeds, 1984, p. 11.
2. Geoffrey of Monmouth, *Vita Merlini*, org. e trad. John J. Parry, *Illinois Studies in Language and Literature* 10, 1925, pp. 243-380.
3. T. H. White, “King Arthur in the Cottage”. *Readers’ News*, Vol. 2, Nº. 3, agosto de 1939, pp. 26-7.
4. Carta para L. J. Potts, 14 de janeiro de 1938, em T. H. White, *Letters to a Friend*, pp. 86-7.
5. John Cheever, *The Journals*, Jonathan Cape, 1990, p. 219.
6. A história está em T. H. White, manuscrito inédito “A Valentine”, Harry Ransom Humanities Research Center, Universidade do Texas em Austin.

26: *O voo do tempo*

1. Sylvia Townsend Warner, *T. H. White: A Life*, p. 99.
2. Alfred Adler, *The Practice and Theory of Individual Psychology*, Kegan Paul, Trench, Trubner & Co., 1924, p. 196.
3. *The Goshawk*, p. 186.
4. T. H. White, *The Sword in the Stone*, Collins, 1938, p. 46.
5. T. H. White, *The Book of Merlyn: The Unpublished Conclusion to The Once and Future King*, University of Texas Press, Austin, 1977, p. 3.
6. *Ibid.*, p. 128.

27: *O novo mundo*

1. Logan J. Bennett, “This is Ours to Fight For”, *Outdoor Life*, novembro de 1942, Vol. 90, Nº. 3, pp. 32-3, 52.
2. T. H. White, manuscrito inédito “Journal 1938-1939”, entrada de de 22 de agosto de 1939, Harry Ransom Humanities Research Center, Universidade do Texas em Austin.

28: *Histórias de inverno*

1. H. J. Massingham, *English Downland*, BT Batsford, 1936, p. 5.
2. Para os cultos ao giz da Inglaterra entre guerras, ver o excelente *The Village that Died for England*, de Patrick Wright, Jonathan Cape, 1995.

29: *A chegada da primavera*

1. T. H. White, manuscrito inédito “The Merlins”, p. 20, Harry Ransom Humanities Research Center, Universidade do Texas em Austin.
2. *The Goshawk*, p. 215.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos vão, em primeiro lugar, para as pessoas que tornaram este livro possível, duas em particular: minha maravilhosa agente, Jessica Woollard, por sua amizade, seu conhecimento técnico e seu apoio de longa data, e meu inspirador e extraordinário editor Dan Franlin, da Jonathan Cape. Agradeço também a todos da Marsh Agency, e a Clare Bullock, Rith Waldram, Joe Pickering e todos da editora Jonathan Cape que trabalharam nos bastidores deste livro.

Por sua paciência, sua gentileza e seu conhecimento técnico durante minha visita ao Harry Ransom Humanities Research Center, da Universidade do Texas em Austin, gostaria de agradecer a Jean M. Cannon, Pat Fox, Margi Tenney e Richard Workman. E, em Buckinghamshire, agradecimentos especiais a William Goldsmith, que me acompanhou na minha passagem pela Escola Stowe.

Meu mais profundo amor e meus agradecimentos para minha mãe, meu irmão, Cheryl, Aimee, Bea e o restante da família, é claro, por me deixarem contar esta história sem sequer uma gota de preocupação sobre o que eu poderia dizer. Meu amor e minha gratidão também para Christina McLeish, a melhor das amigas e uma grande subfalcoeira, que foi uma fonte de apoio tanto após o falecimento do meu pai quanto durante a redação deste livro, e para Olivia Laing, cujos livros foram uma inspiração constante, e cujos bom humor e recomendações sábias mantiveram-me escrevendo; para Stuart Fall e Amanda Lingham, que me ajudaram em tempos sombrios; e para a minha família substituta americana: Erin Gott, Paige Parkhill, Jim e Harriet Gott, Wyatt e Curran Gott, que sempre me fizeram sentir em casa.

Muitas pessoas me auxiliaram com amizade, amor, inspiração, encorajamento ou de outras maneiras durante o tempo em que escrevi este livro. Devo agradecimentos a todas elas: Pat Baylis, Steve Bodio, Lee Brindley, Tim Button, Tracy Carmichael, Jake Daum, Tim Dee, Steve Delaney, John Gallagher, Andrew Hunter, Tony James, Polly Appleby e Archie James, Conor Jameson, Boris Jardine, Nick Jardine, Bill Jones, Lauren Kassell, Tim Lewens e Emma Gilby, Josh Lida, Greg Liebenhals, John Loft, Robert Macfarlane e Julia Lovell, Robert e Margaret Mair, Scott McNeff, Gordon Mellor, Toby Metcalf, Patricia Monk, Adam Norrie, Rebecca O'Connor, Ian Patterson, Robert Penney, John Pitmann, Marzena Pogorzaly, Joanna Rabiger, Mike Rampey, Joe Ryan por seus tentilhões, Katharine Stubbs e Lydia Wilson. Agradecimentos especiais para Andrew Metcalf e Fiona Mozley. E para Chris Wormell, pela belíssima imagem da capa.

Por último, principalmente, gostaria de agradecer ao meu pai, que me ensinou como amar o mundo em movimento, e ao meu lindo açor, que me ensinou a voar no mundo depois que ele se foi. Mabel voou por muitas outras temporadas até ser acometida por uma infecção súbita e não tratável — aspergilose, um terrível fungo transportado pelo ar — que a levou de seu viveiro para os bosques escuros onde habitam os mortos e os perdidos. Ela faz muita falta.

SOBRE A AUTORA



© Marzena Pogorzaly

HELEN MACDONALD é escritora premiada, poeta, ilustradora, historiadora, exímia falcoeira e pesquisadora afiliada ao Departamento de História e Filosofia da Ciência da Universidade de Cambridge. Também é autora de *Falcon*, uma importante obra sobre a história cultural dos falcões, e de três coletâneas de poesia.

LEIA TAMBÉM



Uma vida no escuro
Anna Lyndsey



Destinos e fúrias
Lauren Groff



Toda luz que não podemos ver
Anthony Doerr



Alucinadamente feliz
Jenny Lawson